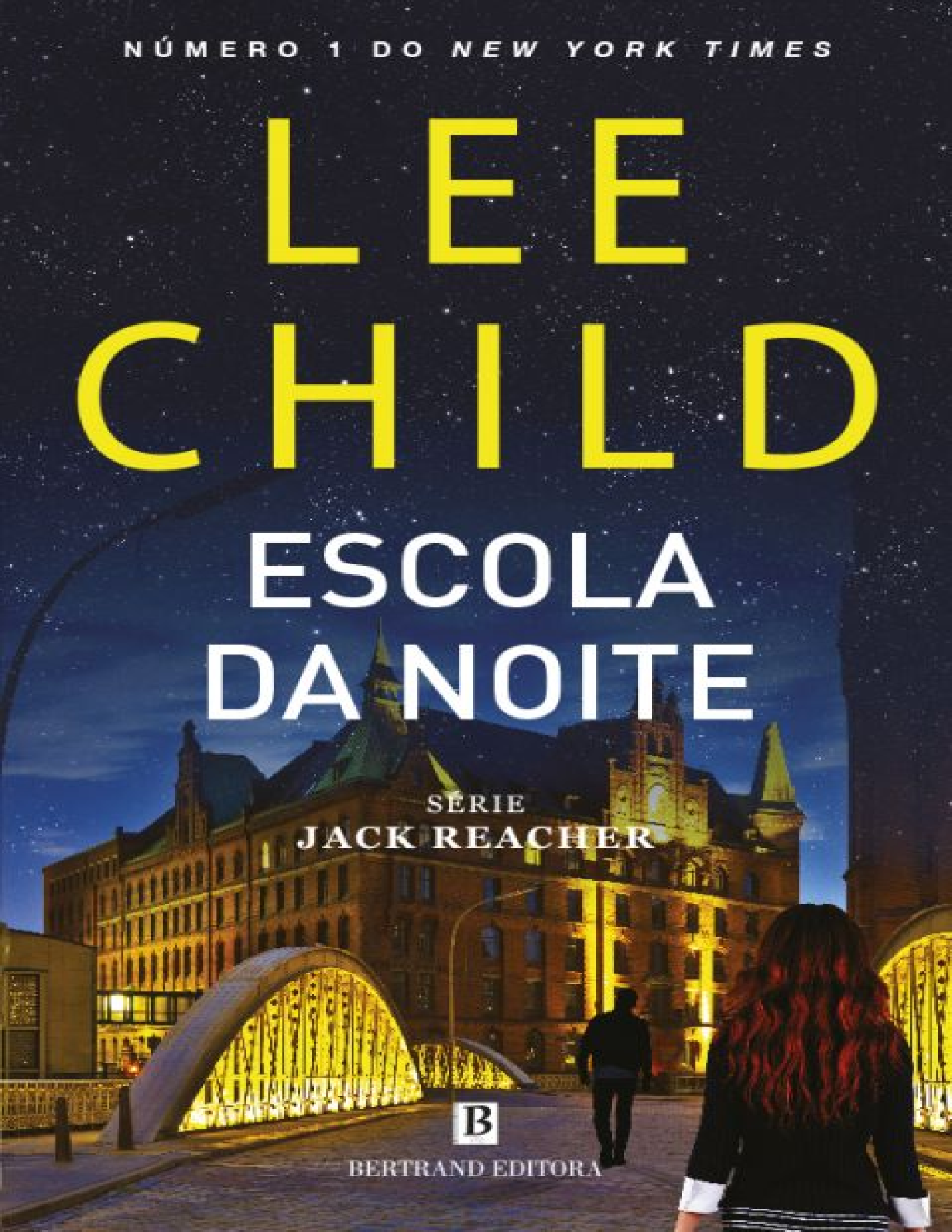
NÚMERO 1 DO *NEW YORK TIMES*

LEE CHILD

ESCOLA DA NOITE

SÉRIE
JACK REACHER



BERTRAND EDITORA


NÚMERO 1 DO NEW YORK TIMES
LEE CHILD
ESCOLA DA NOITE
SÉRIE
JACK REACHER
BERTRAND EDITORA



© Giovanni Giovannetti/Egie/Writer Pictures

Lee Child nasceu em Inglaterra em 1954. Estudou Direito e trabalhou no teatro e como diretor de programação televisiva. Foi despedido aos 40 anos na sequência de um processo de restruturação. Sempre fora um leitor voraz e decidiu ver nessa reviravolta da sua vida uma oportunidade para fazer algo interessante. Foi assim que escreveu o primeiro livro da série Jack Reacher, que conheceu um êxito estrondoso.
A série conta hoje com mais de 90 milhões de exemplares vendidos e está publicada em 97 países e 42 línguas. Jack Reacher foi protagonizado no cinema em 2012 por Tom Cruise e novamente em 2016, numa adaptação do livro *Nunca Voltes Atrás*.
Lee divide o seu tempo entre Manhattan e as suas casas de campo em Inglaterra e no sul de França. É casado e tem uma filha.

http://www.leechild.com/

Título original: Night School
1.ª edição em papel: janeiro de 2018
Autor: Lee Child
Tradução: Vasco Teles de Menezes
Revisão: João Pedro Tapada
Design da capa: Ana Monteiro
Imagens da capa: Shutterstock Images

© Lee Child 2016
All Rights Reserved.
[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.° 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
editora@bertrand.pt
Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-3552-6

Dedicado, com grande apreço, aos homens e mulheres
que fazem estas coisas a sério no mundo inteiro.

1

De manhã, deram uma medalha a Reacher e à tarde fizeram-no voltar para a escola. A medalha era mais uma Legião de Mérito. A segunda. Era uma peça bonita, esmaltada a branco, com uma fita a meio caminho entre o púrpura e o vermelho. O Regulamento Militar 600-8-22 autorizava a sua atribuição em virtude de uma conduta excecionalmente meritória no desempenho de serviços de monta para os Estados Unidos num cargo de responsabilidade fulcral. Estatuto a que Reacher considerava ter tecnicamente direito. Embora imaginasse que a verdadeira razão para a ter recebido fosse precisamente a mesma que já o tinha levado a recebê-la. Era uma transação. Uma oferta contratual. *Fica com a bugiganga e não abras a boca em relação ao que te pedimos para fazer em troca disso.* O que Reacher teria feito sempre. Não tinha sido nada de que se gabasse. Os Balcãs, um pouco de trabalho policial, uma busca por dois homens da zona com segredos do tempo da guerra, ambos rapidamente identificados, localizados, alvos de uma visita e de um tiro na cabeça. Tudo parte do processo de paz. Serviram-se determinados interesses e a região acalmou um bocadinho. Duas semanas da sua vida… Quatro balas gastas. Nada de especial.

O Regulamento Militar 600-8-22 era surpreendentemente vago quanto à forma exata como as medalhas deviam ser entregues. Explicitava apenas que as condecorações deviam ser atribuídas num ambiente de formalidade condizente e obedecendo a um ritual apropriado. O que, por norma, implicava uma sala ampla, com mobília dourada e umas quantas bandeiras. Mais um oficial de patente superior em relação ao destinatário. Reacher era major, já com doze anos de serviço, mas, nessa manhã, estavam a ser concedidos outros galardões, incluindo três a um trio de coronéis e dois a um par de generais de uma estrela, por isso, o figurão presente era um de três estrelas vindo do Pentágono e que Reacher conhecia já de há muitos anos, quando o tipo fora comandante de batalhão do Criminal Investigation Command, CID, colocado em Fort Myer. Um pensador. E, de certeza, suficientemente pensador para perceber por que motivo um major da PM estava a receber uma Legião de Mérito. Exibia uma expressão particular. Meio irónica e meio séria, do género vamos-lá-a-fechar-o-negócio. *Fica com a bugiganga e não abras a boca*. Se calhar, no passado, até já tinha feito a mesma coisa. Se calhar, mais do que uma vez. Exibia uma autêntica catrefada de fitas no peito, do lado esquerdo do casaco de Classe A. Incluindo duas Legiões de Mérito.

A sala adequadamente formal ficava bem no interior de Fort Belvoir, na Virgínia. Que ficava perto do Pentágono, o que era conveniente para o das três estrelas. E conveniente também para Reacher, já que se encontrava mais ou menos à mesma distância de Rock Creek, onde ele andava a matar tempo desde que regressara. Mas já não era assim tão conveniente para os outros oficiais, que tinham vindo de avião da Alemanha.

Houve umas andanças de um lado para o outro, umas conversas de circunstância e uns apertos de mão, e, a seguir, toda a gente se calou, alinhando-se e pondo-se em sentido. Houve troca de continências e penduraram-se ou prenderam-se medalhas, e depois houve mais um pouco de andanças, conversas de circunstância e apertos de mão. Reacher foi-se aproximando da porta, desejoso de se ir embora, mas o homem das três estrelas apanhou-o antes de ele conseguir sair dali. Apertou-lhe a mão e ficou a agarrar-lhe o cotovelo, afirmando:

— Ouvi dizer que vai receber novas ordens.

E Reacher respondeu:

— Ninguém me avisou. Ainda não. Onde é que o senhor ouviu dizer isso?

— Foi o meu primeiro-sargento. Eles falam todos uns com os outros. Não há coscuvilhice mais eficaz do que a dos oficiais subalternos do exército americano. Nunca deixa de me espantar.

— E para onde é que eles dizem que eu vou?

— Não sabem ao certo. Mas não é para longe. Em todo o caso, será para ir de carro. Parece que requisitaram um dos veículos da frota automóvel.

— E quando é que está previsto que eu seja informado?

— Durante o dia de hoje.

— Obrigado — retorquiu Reacher. — É bom saber.

O tipo das três estrelas largou-lhe o cotovelo e Reacher seguiu caminho, em direção à porta, atravessando-a e entrando num corredor, onde um sargento de primeira classe parou de repente, escorregando, e lhe fez continência. Estava sem fôlego, como se tivesse corrido imenso. Talvez vindo de uma parte longínqua das instalações, onde se fazia o trabalho a sério.

— Meu major, o general Garber envia-lhe cumprimentos e pede-lhe que passe pelo gabinete dele assim que puder — disse.

— Para onde é que eu vou, soldado? — retorquiu Reacher.

— Dá para ir de carro, meu major — respondeu o outro. — Mas, por estas bandas, isso pode querer dizer uma data de coisas diferentes.

O gabinete de Garber era no Pentágono, por isso Reacher apanhou boleia de dois capitães que viviam em Belvoir, mas tinham turnos à tarde no corredor anelar B. Garber possuía um espaço só para ele, separado por uma parede, dois corredores mais à frente e dois andares acima, com um sargento de vigia à entrada, atrás de uma secretária. Sargento esse que se levantou e fez entrar Reacher, anunciando o nome dele como um mordomo à moda antiga num filme. A seguir, deu um passo para o lado e fez menção de se retirar, mas Garber deteve-o, dizendo:

— Sargento, gostava que ficasse.

E o outro assim fez, ficando à vontade, com os pés plantados no linóleo reluzente.

Uma testemunha.

— Sente-se, Reacher — disse Garber.

E foi o que Reacher fez, numa cadeira para as visitas, com pernas tubulares e que afundou um pouco com o peso dele, inclinando-o para trás, como se estivesse a soprar um vento forte.

Garber anunciou:

— Tem novas ordens.

— O quê e quando? — retorquiu Reacher.

— Vai voltar para a escola.

Reacher ficou calado.

— Desiludido? — perguntou Garber.

E daí a testemunha, calculou Reacher. Não era uma conversa privada. Teria de se portar bem.

Respondeu:

— Como sempre, meu general, vou de bom grado para onde o exército me envia.

— Não me parece contente. Mas devia estar. Progredir na carreira é uma coisa maravilhosa.

— Qual é a escola?

— Os pormenores estão a ser entregues no seu gabinete neste preciso momento.

— E quanto tempo vou estar ausente?

— Isso depende do esforço que fizer. Mas imagino que seja o tempo que for necessário.

Reacher apanhou um autocarro no parque de estacionamento do Pentágono e andou duas paragens até à base da colina por baixo do quartel-general de Rock Creek. Subiu a encosta e seguiu diretamente para o gabinete. Estava uma pasta fininha bem no centro da secretária. Tinha o nome dele lá escrito, mais alguns números e o título de um curso: *Impacto das Recentes Inovações Forenses na Cooperação entre Agências*. Lá dentro, estavam várias folhas, ainda quentes da fotocopiadora, incluindo um aviso formal de destacamento temporário para um local que aparentava corresponder a umas instalações arrendadas num parque empresarial de McLean, na Virgínia. As ordens eram para se apresentar lá antes das cinco da tarde. Vestido à civil. O

aboletamento seria no próprio local. E ser-lhe-ia providenciado um veículo pessoal. Sem motorista.

Reacher enfiou a pasta debaixo do braço e saiu do edifício. Ninguém ficou a vê-lo a ir-se embora. Não interessava a ninguém. Agora, já não. Constituía uma desilusão. Um anticlímax. A coscuvilhice dos oficiais subalternos tinha ficado em suspenso, na expectativa, e tudo o que lhe tinham servido fora um curso inútil, com um título da treta. Nada entusiasmante. Por isso, ele agora era uma não pessoa. Estava fora de circulação. Longe da vista, longe do coração. Como um jogador de basebol na lista dos lesionados. Dali a um mês, talvez alguém se lembrasse subitamente de Reacher por um instante, e se interrogasse quando ou se regressaria, para depois se voltar a esquecer dele com a mesma rapidez.

O sargento que se encontrava de serviço levantou os olhos e a seguir desviou-os, entediado.

Reacher tinha muito pouca coisa para se vestir à civil e parte dessa roupa não era verdadeiramente à paisana. As calças que usava quando estava de folga eram dos fuzileiros, de caqui e já com uns trinta anos. Conhecia um tipo que conhecia outro que trabalhava num armazém, onde dizia haver um fardo com coisas velhas que tinham sido entregues por engano no tempo em que LBJ ainda era o presidente, situação que depois nunca chegara a ser corrigida. E, pelos vistos, a razão de ser da história era que umas calças velhas dos fuzileiros eram exatamente iguais a umas calças novas da Ralph Lauren. Não é que Reacher se importasse com o aspeto das calças. Mas cinco dólares eram um preço convidativo. E as calças estavam ótimas. Nunca tinham sido usadas nem

distribuídas, com os vincos bem feitos e a cheirar um bocadinho a mofo, mas boas para, no mínimo, mais outros trinta anos.

As *t-shirts* que usava fora de serviço também não eram muito à paisana, antigos produtos militares, já pálidos e esbatidos das lavagens. Só o casaco é que era cem por cento não militar. Um blusão de ganga castanho-claro da *Levi's*, completamente genuíno em todos os aspetos, incluindo a etiqueta, mas cosido pela mãe de uma ex-namorada numa cave de Seul.

Mudou de roupa e guardou o resto das coisas numa mochila e num porta-fatos, que levantou com esforço até à borda do passeio, onde se encontrava estacionado um *Chevy Caprice* preto. Pressupôs que se tratasse de um antigo carro da PM, entretanto reformado, já sem os decalques e com os buracos onde antes estavam as luzes de emergência e sirenes de aviso e as antenas, tudo coberto com tampões de borracha. A chave estava lá dentro. O assento já estava gasto. Mas o motor funcionava, a caixa de velocidades também, e os travões estavam perfeitos. Reacher fez inversão de marcha, manobrando aquela coisa como se fosse um couraçado, e dirigiu-se para McLean, na Virgínia, com os vidros das janelas para baixo e o rádio a tocar.

O parque empresarial era um entre muitos, todos iguais, castanhos e beges, com letras discretas, relvados arranjados, alguma vegetação perene e *campi* de dois e três edifícios que se estendiam por terrenos desocupados, empregando gente que se escondia por trás de nomes anódinos e modestos e dos vidros fumados das janelas dos escritórios. Reacher deu com o sítio certo pelo número da rua e avançou, passando por um letreiro à altura do

joelho que dizia *Educational Solutions Incorporated* numa letra tão simples que parecia infantil.

Estavam mais dois *Chevys Caprice* parados à porta. Um era preto e o outro, azul-marinho. Eram ambos mais novos do que o de Reacher. E tinham um aspeto realmente à paisana, no sentido em que não possuíam tampões de borracha nem portas pintadas com um pincel. Eram dois carros governamentais, não havia dúvidas, lavados e reluzentes, tanto um como o outro com mais duas antenas do que uma pessoa precisava para ouvir o relato da bola. Mas as duas antenas extra não eram iguais de um automóvel para o outro. As do carro preto eram pequenas, tipo agulha, e as do azul, mais compridas, tipo chicote, com uma configuração diferente. Numa frequência diferente. Duas organizações diferentes.

Cooperação entre Agências.

Reacher estacionou ao lado deles e deixou os pertences dentro do carro. Abriu a porta e entrou para um átrio deserto, com uma alcatifa cinzenta e resistente e fetos verdes em vasos encostados às paredes, aqui e ali. Numa porta, estava escrito *Gabinete*. E noutra, *Sala de Aulas*. Reacher abriu-a. Havia um quadro verde à entrada da sala e vinte carteiras de faculdade, em quatro filas de cinco, cada uma com um pequeno rebordo à direita para papel e lápis.

Sentados atrás de duas das carteiras, estavam dois homens, ambos de fato. Um fato era preto e o outro, azul-marinho. Como os carros. Os dois estavam a olhar em frente, como se tivessem estado a conversar, mas já não tivessem mais nada para dizer. Deviam ser mais ou menos da idade de Reacher. O do fato preto tinha pele clara e cabelo escuro perigosamente comprido para uma pessoa com um carro governamental. O do fato azul tinha pele clara e cabelo descolorido cortado à escovinha. Como um astronauta. E

com uma constituição de astronauta, ou de um ginasta acabado de abandonar a atividade.

Reacher entrou na sala e os dois homens voltaram-se para trás.

O do cabelo escuro perguntou:

— Quem és tu?

E Reacher respondeu:

— Isso depende de quem vocês são.

— A tua identidade depende da minha?

— Se ta digo ou não. Aqueles carros lá fora são vossos?

— E isso é relevante?

— Sugestivo.

— Em que sentido?

— Por serem diferentes.

— Sim — afirmou o homem —, aqueles carros são nossos. E, sim, estás numa sala de aulas com dois representantes de duas agências governamentais. Na escola da cooperação. Onde nos vão ensinar tudo o que é preciso para nos darmos bem com outras organizações. Por favor, não me digas que és de uma delas.

— Polícia Militar — retorquiu Reacher. — Mas não se preocupem. De certeza que, até às cinco da tarde, já vamos ter bastantes pessoas civilizadas aqui. E podem desistir de mim e dar-se antes bem com elas.

O do cabelo à escovinha levantou a cabeça e disse:

— Não, acho que somos só nós. Acho que vai girar tudo à nossa volta. Só há três quartos feitos. Já dei uma vista de olhos.

— Mas que raio de escola governamental é que só tem três alunos? Nunca ouvi falar disso — atirou Reacher.

— Se calhar, somos o corpo docente. Se calhar, os alunos vivem noutro sítio.

O do cabelo escuro disse:

— Sim, isso faria mais sentido.

Reacher lembrou-se da conversa no gabinete de Garber. E disse:

— O meu tipo chamou-lhe progredir na carreira. E fiquei com a sensação bem nítida de que seria eu a receber e não a dar. A seguir, pareceu sugerir que eu me podia despachar se me esforçasse. Tudo somado, não acho que faça parte do corpo docente. As vossas ordens foram muito diferentes disto?

O do corte à escovinha respondeu:

— Nem por isso.

O outro, do cabelo mais comprido, não disse nada, limitando-se a encolher os ombros de forma longa e especulativa, o que parecia permitir que uma pessoa com grande imaginação pudesse interpretar que as ordens dele não tinham sido propriamente dignas de registo.

— Chamo-me Casey Waterman, do FBI — anunciou o homem do cabelo à escovinha.

— Jack Reacher, Exército dos Estados Unidos.

— John White, CIA — disse o do cabelo mais comprido.

Apertaram a mão uns aos outros e depois instalou-se o mesmo silêncio que Reacher ouvira ao entrar. Já não tinham mais nada para dizer. Reacher sentou-se numa carteira perto do fundo da sala. Waterman estava à frente dele, à esquerda, e White estava à frente dele, à direita. Waterman mostrava-se muito quieto. Mas atento. Estava a passar o tempo e a conservar as energias. Já o tinha feito. Era um agente experimentado. Não tinha nada de principiante. Nem White, apesar de ser diferente em tudo o resto. White não parava quieto. Tinha tiques, contorcia-se e apertava as mãos, fitava o

espaço, focando alternadamente algo mais longe ou mais perto, e, noutras ocasiões, semicerrava os olhos e fazia uma careta, olhando para a esquerda e para a direita, como que preso numa sequência de pensamentos tortuosa, sem fuga possível. Um analista, imaginou Reacher, após muitos anos passados num mundo de dados duvidosos e *bluffs* duplos, triplos e quádruplos. Tinha direito a ter um ar um bocadinho nervoso.

Ninguém falou.

Cinco minutos mais tarde, Reacher quebrou o silêncio e perguntou:

— Há algum passado de más relações entre nós? Quer dizer, entre o FBI, a CIA e a PM. Não tenho noção de nada de especial. E vocês?

Waterman disse:

— Acho que estás a tirar conclusões erradas. Isto não tem que ver com o passado. Tem que ver com o futuro. Eles sabem que nós já cooperamos uns com os outros. O que lhes possibilita aproveitarem-se de nós. Pensa na primeira metade do título do curso. Isto tem tanto que ver com inovações forenses como com cooperação. E inovação significa que vão poupar dinheiro. Vamos todos cooperar ainda mais no futuro. Partilhando espaço laboratorial. Vão construir um sítio novo e vamos todos utilizá-lo. O meu palpite é esse. Estamos aqui para nos explicarem como é que isso deve funcionar.

— Isso é de doidos — retorquiu Reacher. — Não sei nada de laboratórios nem de calendarização. Sou a pessoa menos indicada para isso.

— E eu também — respondeu Waterman. — Não é um ponto forte meu, para ser sincero.

— Isto é pior do que uma coisa de doidos — acrescentou White. — É uma perda de tempo colossal. Há imensas coisas bem mais importantes a acontecer.

Cheio de tiques, a contorcer-se e a apertar as mãos.

— Tiraram-te de uma missão para te meter aqui? Tens assuntos por resolver? — perguntou Reacher.

— Por acaso, até não. Estava previsto um turno novo. Acabei de fechar uma coisa. Com êxito, pensei eu, mas a minha recompensa foi isto.

— Vê o lado bom da coisa. Podes descontrair. Levar tudo nas calmas. Ir jogar golfe. Não precisas de aprender como é que isto deve funcionar. A CIA quer lá saber de laboratórios. Raramente os usa.

— Vou ficar com três meses de atraso na missão que devia estar a começar nesta precisa altura.

— E que é qual?

— Não posso dizer.

— E agora quem a vai fazer?

— Também não posso dizer isso.

— Um bom analista?

— Não é suficientemente bom. Vai deixar escapar coisas. Que podem ser vitais. Estas coisas são impossíveis de prever.

— Quais coisas?

— Não posso dizer.

— Mas são coisas importantes, certo?

— Bem mais importantes do que isto.

— E que foi que acabaste de fechar?

— Não posso dizer.

— Foi algum serviço de monta para os Estados Unidos num cargo de responsabilidade fulcral?

— O quê?

— Ou algo do género.

— Sim, diria que sim.

— Mas a tua recompensa foi isto.

Waterman interveio:

— E a minha também. Estou no mesmo barco. Podia dizer cada palavra que ele acabou de dizer. Estava à espera de uma promoção. E não disto.

— Uma promoção devido a quê? Ou a seguir a quê?

— Fechámos um caso importante.

— Que tipo de caso?

— Uma caça ao homem, basicamente. Já com uma série de anos e sem pistas nenhumas. Mas conseguimos.

— Um serviço à nossa nação?

— Mas afinal que é isto?

— Estou a compará-los. E não há grande diferença. São os dois muito bons agentes, já com um estatuto razoável, considerados leais, fiáveis e de confiança, e daí terem-lhes dado coisas úteis para fazer. Mas depois a vossa recompensa por o terem feito é isto. O que quer dizer uma de duas coisas.

— Que são? — perguntou White.

— Se calhar, o que tu fizeste foi motivo de constrangimento em determinados círculos. Se calhar, agora precisa de poder ser negado. Se calhar, precisam de te esconder algures. Longe da vista, longe do coração.

White abanou a cabeça. E disse:

— Não, foi bem-visto. E vai ser assim durante vários anos. Recebi uma condecoração secreta. E uma carta pessoal do secretário de Estado. E, seja como for, não precisa de poder ser negado porque foi completamente secreto. Nesses círculos, ninguém soube nada disso.

Reacher olhou para Waterman e perguntou:

— Houve alguma coisa de constrangedor na vossa caça ao homem?

Waterman abanou a cabeça e retorquiu:

— E qual é a segunda possibilidade?

— Que isto não seja uma escola.

— Então é o quê?

— Um sítio para onde mandam bons agentes saidinhos de uma grande vitória.

Waterman deteve-se por um instante. Ocorreu-lhe algo. Perguntou:

— És igual a nós? Não estou a ver razão para que não sejas. Porquê selecionar dois iguais e não três?

Reacher assentiu com a cabeça.

— Sou igual. Saidinho de uma grande vitória. Disso não há dúvida, caraças. Recebi uma medalha hoje de manhã. Presa a uma fita que me puseram ao pescoço. Por um serviço bem feito. Limpinho, limpinho. Sem motivos para constrangimentos.

— E que tipo de serviço foi?

— Tenho a certeza de que é confidencial. Mas sei de fonte segura que é capaz de ter tido que ver com uma pessoa a arrombar uma casa e a espetar duas balas na cabeça a quem lá estava.

— Onde?

— Uma na testa e outra atrás da orelha. Nunca falha.

— Não, onde era a casa?

— Tenho a certeza de que isso também é confidencial. Mas suponho que no estrangeiro. E sei de fonte segura que o nome do sítio tinha muitas consoantes. E praticamente nenhuma vogal. E depois essa mesma pessoa fez o mesmo na noite seguinte. Noutra casa. Tudo por boas razões. O que, tudo somado, significa que eu esperaria que ele tivesse depois direito a mais do que isto. Esperaria que tivesse, pelo menos, direito a participar na decisão quanto ao destacamento seguinte. Se calhar, até uma escolha.

— Exato — retorquiu White. — E a minha escolha não teria sido isto. Teria sido fazer o que devia estar a fazer neste preciso momento.

— Parece ser um desafio.

— Bastante grande.

— O que é típico. Como recompensa, queremos um desafio. Não queremos as ordens fáceis. Queremos progredir.

— Exato.

— E, se calhar, até progredimos — afirmou Reacher. — Deixa-me perguntar-te uma coisa. Lembras-te de quando recebeste estas ordens. Foi cara a cara ou por escrito?

— Cara a cara. Tinha de ser, para uma coisa destas.

— E havia uma terceira pessoa na sala?

White respondeu:

— Por acaso, até havia. Foi humilhante. Uma assistente administrativa, à espera para entregar um monte de papelada. Ele disse-lhe para ela não se ir embora. E ela ficou simplesmente ali parada.

Reacher olhou para Waterman, que disse:

— Comigo foi o mesmo. Ele manteve a secretária na sala. O que, por norma, não faria. Como soubeste?

— Porque me aconteceu a mesma coisa. O sargento dele. Uma testemunha. Mas também um mexeriqueiro. E a ideia era mesmo essa. Eles falam todos uns com os outros. Passados uns segundos, já toda a gente sabia que eu não ia para lado nenhum interessante. Era só um curso inútil, com um título da treta. Passei automaticamente à história. Desapareci imediatamente do radar. E de certeza que a notícia já se espalhou pelos quatro cantos. Sou uma não pessoa. Sumi-me no nevoeiro burocrático. E, se calhar, vocês também. Se calhar, as assistentes administrativas e as secretárias do FBI também têm redes próprias. E se isso for verdade, então nós os três somos neste momento as pessoas mais invisíveis do planeta. Ninguém anda a perguntar por nós. Ninguém tem curiosidade em relação a nós. Ninguém se consegue lembrar sequer de nós. Não há nada mais chato do que o sítio onde estamos agora.

— Estás a dizer que puseram três agentes sem ligação mas em forma completamente fora do radar. Porquê?

— Fora do radar não capta a essência da coisa. Viemos aqui para ter aulas. Estamos completamente invisíveis.

— Porquê? E porquê nós os três? Qual é a ligação?

— Não sei. Mas tenho a certeza de que se trata de um projeto desafiante. Possivelmente, o género de coisa que três agentes em forma poderão considerar uma recompensa satisfatória pelos serviços prestados.

— E que sítio é este?

— Não sei — repetiu Reacher. — Mas uma escola não é. Isso é certinho, caraças.

Às cinco horas em ponto, duas carrinhas pretas surgiram da estrada, passando pelo letreiro à altura do joelho e estacionando atrás dos três *Caprices*, como numa barricada, encurralando-os. Dois homens de fato saíram de cada uma das carrinhas. Serviços Secretos ou U.S. Marshals. Os dois pares de homens olharam em redor rapidamente, indicaram uns aos outros que não havia perigo e voltaram a enfiar-se nas carrinhas para retirar de lá os superiores.

Da segunda carrinha, saiu uma mulher. Com uma pasta numa mão e uma pilha de papéis na outra. Trazia um vestido preto elegante. Pelo joelho. Era daquelas coisas que podia funcionar duplamente, durante o dia, com pérolas, em gabinetes silenciosos em andares altos, e à noite, com diamantes, em *cocktails* e receções. Era mais velha do que Reacher, talvez para cima de dez anos. Na casa dos quarenta, mas bem conservada. Com um ar impecável. Era loira e tinha cabelo nem muito curto nem muito comprido, num estilo natural e sem dúvida penteado com os dedos. Era mais alta do que a média, mas nem por isso mais larga.

E foi então que saiu da primeira carrinha alguém que Reacher reconheceu logo. A cara dele aparecia no jornal uma vez por semana, e na televisão mais do que isso, já que, além de ter um negócio próprio com muita cobertura noticiosa, surgia em imensas fotografias de arquivo e em excertos de reuniões do governo e de debates tensos e intensos na Sala Oval. Tratava-se de Alfred Ratcliffe, o conselheiro de Segurança Nacional. O número um do presidente, sempre que se falava em coisas que podiam acabar mal. O tipo com quem se ia ter. O braço-direito. Segundo os rumores, já tinha praticamente setenta anos, mas não parecia. Era um velho sobrevivente do Departamento de Estado, que ao longo dos tempos foi caindo e deixando de cair nas boas graças conforme

os ventos mudavam e ele não, mas que se aguentara por tempo suficiente até que, finalmente, o carácter revelado lhe valera o melhor emprego de todos.

A mulher foi ter com ele e avançaram juntos, rodeados pelos quatro tipos de fato, até às portas do átrio, que Reacher ouviu abrirem-se, para depois escutar passos na alcatifa resistente, e a seguir entraram todos na sala de aulas, com dois dos homens de fato mais atrás e os outros dois na dianteira, dirigindo-se para o quadro, seguidos de Ratcliffe e da mulher, e dando meia-volta quando já não podiam prosseguir mais, ficando de frente para a sala, exatamente como um professor no começo da aula.

Ratcliffe olhou para White, depois para Waterman e, por fim, para Reacher, bem lá no fundo.

E disse:

— Isto não é uma escola.

2

A mulher baixou-se com decoro, fletindo os joelhos, e pousou a pasta e a pilha de papéis no chão. Ratcliffe deu um passo em frente e disse:

— Como é evidente, vocês os três foram trazidos para cá sob falsos pretextos. Mas não queríamos grande alarido. Foi melhor usar um subterfugiozinho. Queremos evitar atenções, se possível. Pelo menos, no início.

E, a seguir, fez uma pausa, para criar efeito dramático, como se estivesse a solicitar perguntas, mas ninguém fez nenhuma. Nem sequer: o início de quê? Mais valia ouvir a conversa toda até ao fim. Era sempre mais seguro, quando as ordens vinham lá de cima.

Ratcliffe perguntou:

— Há aqui alguém que seja capaz de descrever a política desta administração em matéria de segurança nacional numa linguagem simples e clara?

Ninguém disse nada.

E Ratcliffe perguntou:

— Porque não estão a responder?

Waterman refugiou-se atrás de um olhar longínquo, ao passo que White encolheu os ombros, como que a querer dizer que as

imensas complexidades impossibilitavam obviamente qualquer linguagem normal, e, em todo o caso, não eram as noções de simplicidade e clareza inteiramente subjetivas e, por conseguinte, manifestamente dependentes de uma discussão preliminar para conciliar definições?

— É uma pergunta com rasteira — soltou Reacher.

— Acha que a nossa política não pode ser explicada de uma forma simples? — retorquiu Ratcliffe.

— Acho que não existe.

— Acha que somos incompetentes?

— Não, acho que o mundo está a mudar. É melhor mantermo-nos flexíveis.

— Você é que é o PM?

— Sim, senhor conselheiro.

Ratcliffe fez nova pausa e disse:

— Há pouco mais de três anos, explodiu uma bomba numa garagem por baixo de um prédio muito alto em Nova Iorque. Uma tragédia, em termos pessoais, para quem morreu ou ficou ferido, claro, mas, de um ponto de vista global, não foi nada por aí além. Só que, nesse momento, o mundo enlouqueceu. Quanto mais de perto olhávamos, menos víamos e menos compreendíamos. Pelos vistos, tínhamos inimigos por toda a parte, mas não sabíamos ao certo quem eram, onde estavam ou porque o eram, nem qual a relação entre eles ou o que queriam, tal como não fazíamos ideia nenhuma do que iriam fazer a seguir. Estávamos completamente a leste. Mas, pelo menos, reconhecemos isso a nós próprios. E, portanto, não perdemos tempo a desenvolver políticas sobre coisas de que nem sequer tínhamos ainda ouvido falar. Pareceu-nos que isso desencadearia um falso sentimento de segurança. Ou seja,

atualmente, o nosso procedimento habitual é andar num caos constante, a tentar perceber o que se passa e a lidar com dez coisas ao mesmo tempo, à medida que e quando aparecem. Andamos atrás de tudo porque tem de ser. Daqui a pouco mais de três anos vai ser o novo milénio, e não há capital que não vá estar a celebrar sem parar, o que faz desse único dia o maior alvo propagandístico em toda a história do planeta Terra. Precisamos de saber quem são estes gajos com bastante antecedência. Todos. Por isso, não ignoramos nada.

Ninguém disse nada.

E Ratcliffe continuou:

— Não é que precise de me estar a justificar a si. Mas precisa de compreender a teoria. Não fazemos suposições nenhumas nem deixamos pedra por virar.

Ninguém perguntou nada. Nem sequer: e está a pensar em alguma pedra em concreto no nosso caso? Era sempre mais seguro falar apenas quando tal era solicitado. O melhor era esperar simplesmente.

Mas foi então que Ratcliffe se voltou para a mulher e disse:

— Apresento-lhes a doutora Marian Sinclair, a minha adjunta principal. Que vai finalizar este encontro. Todas as palavras que ela disser têm o meu apoio e, por conseguinte, também o do presidente. Sem exceção. Isto pode ser um autêntico desperdício de tempo e não dar em nada, mas, até termos a certeza, vamos dar-lhe exatamente a mesma prioridade que a tudo o resto. Não há que poupar esforços. Vão ter direito a tudo aquilo de que precisarem.

E foi-se embora de rompante, ladeado por dois dos homens de fato, a apressarem-se para o acompanhar. Reacher ouviu-os sair do átrio e ouviu a carrinha começar a trabalhar e arrancar. A doutora

Marian Sinclair pegou numa das carteiras da fila da frente e rodou-a até estar virada para o resto da sala, sentando-se depois, toda ela braços tonificados, meias de *nylon* escuras e sapatos bons. Cruzou as pernas e disse:

— Aproximem-se.

Reacher avançou para a terceira fila e enfiou-se a custo numa carteira que o deixou num semicírculo, preciso e atento, com Waterman e White. Sinclair tinha uma expressão aberta e sincera, mas atormentada pelo stresse e pela preocupação. Passava-se uma merda qualquer grave. Isso era evidente. Talvez Garber lhe tivesse dado uma dica. *Não me parece contente. Mas devia estar.* Talvez nem tudo estivesse perdido. Reacher pressupôs que White estivesse a chegar à mesma conclusão. Estava a inclinar-se para a frente, sem mexer os olhos. Waterman estava imóvel. A conservar as energias.

Sinclair prosseguiu:

— Há um apartamento em Hamburgo, na Alemanha. Num bairro elegante, razoavelmente central e bastante caro, mas talvez um bocadinho de transição e empresarial. Durante o último ano, esse apartamento tem estado arrendado a quatro homens na casa dos vinte anos. Não são alemães. Três são sauditas e o quarto é iraniano. Parecem ser todos muito seculares. Barba feita, cabelo curto, bem vestidos. Têm uma predileção por polos de cores pastel com a insígnia do crocodilo. Usam relógios *Rolex* de ouro e sapatos italianos. Andam de *BMW* e vão às discotecas. Mas não vão trabalhar.

Reacher viu White a assentir com a cabeça, como se estivesse familiarizado com situações daquelas. Waterman não reagiu.

Sinclair explicou:

— No bairro, os quatro rapazes são considerados *playboys* de pouca monta. Possivelmente, com ligações a ramos afastados de famílias ricas e preeminentes. A pintar a manta enquanto são novos e não têm de voltar para casa, a caminho do ministério do petróleo. Por outras palavras, nada mais do que *eurotrash*. Mas nós sabemos que não é assim. Sabemos que foram recrutados nos países natais e enviados para a Alemanha através do Iémen e do Afeganistão por uma nova organização da qual não sabemos ainda grande coisa. Exceto que parece ser bem financiada, fortemente jiadista, maioritariamente paramilitar nos métodos de treino e indiferente a nacionalidades. Sauditas e iranianos a trabalhar em conjunto é invulgar. Mas é precisamente isso que estão a fazer. Gozavam de boa reputação nos campos de treino e enviaram-nos há um ano para Hamburgo. Tinham como missão infiltrarem-se no Ocidente, viver tranquilamente e aguardar novas ordens. Que até agora ainda não receberam. Ou seja, por outras palavras, são uma célula inativa.

Waterman ganhou vida e perguntou:

— E como sabemos isto tudo?

— O iraniano é nosso — respondeu Sinclair. — É um agente duplo. A CIA controla-o a partir do consulado em Hamburgo.

— Um puto corajoso.

Sinclair assentiu.

— E os putos corajosos são difíceis de encontrar. É uma das maneiras em que o mundo mudou. Dantes, os ativos entravam-nos pela porta da embaixada dentro. Escreviam-nos cartas suplicantes. Até mandávamos alguns embora. Mas isso eram comunistas velhos. Agora, precisamos de árabes novos e não conhecemos nenhum.

— Então para que precisam de nós? — perguntou Waterman. — A situação é estável. Eles não vão a lado nenhum. Vocês vão receber a ordem de ativação para aí um minuto a seguir a eles. Partindo do princípio de que o consulado está em cima do acontecimento vinte e quatro horas por dia.

Mais valia ouvir a conversa toda até ao fim.

Sinclair respondeu:

— A situação é estável, sim. Nunca acontece nada. Mas, de repente, aconteceu. Há uns dias. Só uma colisãozinha acidental. Tiveram uma visita.

Por sugestão de Sinclair, mudaram-se da sala de aulas para o gabinete. Ela disse que a sala de aulas era desconfortável por causa das carteiras, o que era verdade, sobretudo para Reacher, que media um metro e noventa e cinco e pesava cento e treze quilos. Não tinha estado propriamente sentado na carteira, mas todo enfiado nela. Em contraste, o gabinete possuía uma mesa de conferências com quatro cadeiras de couro reclináveis. Um nível de conforto superior que Sinclair pareceu prever por completo. O que fazia sentido. Afinal de contas, tinha sido ela a arrendar o espaço, provavelmente na véspera, ou então pedira a algum adjunto de hierarquia inferior para o fazer. Três quartos, mais quatro cadeiras para as reuniões.

Os homens de fato ficaram à espera lá fora e Sinclair disse:

— Espremem os todos os pormenores possíveis do nosso ativo e julgamos poder confiar nas conclusões dele. A visita foi outro saudita. Da mesma idade deles. E vestido da mesma maneira. Uma coisa qualquer aplicada no cabelo, um fio de ouro e o crocodilo no

polo. Não estavam à espera dele. Foi uma absoluta surpresa. Mas têm uma coisa ao estilo da Máfia, em que lhes pode ser pedido que desempenhem um serviço. E a visita aludiu a isso. Veio a revelar-se que ele era aquilo a que chamam um estafeta. Não tinha nada que ver com eles. Era uma outra coisa completamente diferente. Só que ele tinha um assunto para tratar na Alemanha e precisava de uma casa segura. Que é sempre a opção preferida de um estafeta. Os hotéis acabam por deixar um rasto. Eles são muito paranoicos, já que estas novas redes estão muito espalhadas. O que quer dizer que, em teoria, as comunicações seguras são muito difíceis. Acham que conseguimos ouvir o que dizem ao telemóvel, e provavelmente conseguimos, e acham que lhes conseguimos ler os *e-mails*, o que não duvido que vamos conseguir fazer em breve, e sabem que abrimos o correio normal deles com vapor. Por isso, resolvem utilizar estafetas, que, no fundo, correspondem a mensageiros. Não trazem pastas presas ao pulso. Trazem perguntas e respostas verbais na cabeça. Andam para a frente e para trás, de continente em continente, pergunta, resposta, pergunta, resposta. Muito lento, mas totalmente seguro. Não há impressões digitais eletrónicas em lado nenhum, não há nada apontado e não há nada para ver a não ser um tipo com um fio de ouro a passar num aeroporto, ao lado de milhões de outros iguaizinhos.

— E sabemos se o destino final dele era Hamburgo? Ou estaria a fazer uma pausa na viagem para outro sítio da Alemanha? — perguntou White.

— O assunto que ele tinha para tratar era em Hamburgo — respondeu Sinclair.

— Mas não era com os rapazes da casa.

— Não, era com outra pessoa.

— E sabemos quem o enviou? Partimos do princípio de que foram os mesmos tipos do Iémen e do Afeganistão?

— Acreditamos piamente que foram os mesmos. Devido a outra circunstância.

— Que foi qual? — perguntou Waterman.

— Por uma coincidência estatisticamente não muito incrível, o mensageiro conhecia um dos sauditas da casa. Tinham passado três meses juntos no Iémen, a trepar cordas e a disparar *AK47*. O mundo é pequeno. Por isso, os dois tiveram umas conversas curtas e o iraniano ouviu algumas.

— Que foi que ouviu?

— Ele estava à espera de um encontro dali a dois dias. O local nunca foi referido, ou pelo menos ouvido, mas o contexto dava a entender que era razoavelmente próximo da casa segura. Não tinha nenhuma mensagem a dar. Estava ali para lhe dizerem alguma coisa. Uma declaração de abertura, segundo o iraniano. Uma espécie de posição inicial. Disse que pelo contexto isso era claro. O objetivo era o mensageiro ouvir essa declaração e levá-la na cabeça.

— Dá a ideia de ser o começo de uma negociação. Uma espécie de proposta inicial.

Sinclair assentiu.

— Contamos que o mensageiro regresse. Pelo menos, uma vez, com uma resposta positiva ou negativa.

— E fazemos alguma ideia de qual seja o assunto?

Sinclair abanou a cabeça.

— Mas é uma coisa importante. O iraniano tem a certeza disso porque o mensageiro era um guerreiro de elite, tal como ele. Devia gozar de boa reputação nos campos, caso contrário, como podia ter

arranjado os polos, os sapatos italianos e quatro passaportes? Não era daqueles tipos utilizados pela arraia-miúda, de um lado ou do outro da rede. Era o género de mensageiro exclusivo dos manda-chuvas.

— E o encontro chegou a acontecer?

— Ao final da tarde do segundo dia. Ele saiu durante cinquenta minutos.

— E a seguir?

— Foi-se embora, logo de manhãzinha.

— Sem haver mais conversas?

— Só uma. E das boas. Deu com a língua nos dentes. Aquilo saiu-lhe. Revelou ao amigo a informação que ia levar para casa. Assim, sem mais nem menos. Foi mais forte que ele. Por ter ficado impressionado com a coisa, pensamos nós. Pela escala disso. O iraniano disse que ele parecia muito excitado. Estamos a falar de rapazes de vinte e tal anos.

— E qual era a informação?

— Foi uma declaração de abertura. Uma posição inicial. Tal e qual como o iraniano julgou que seria. Curta e sucinta.

— E que dizia?

— O americano quer cem milhões de dólares.

3

Sinclair endireitou-se na cadeira e aproximou-se um pouco mais da mesa, como se quisesse enfatizar o que estava a dizer, explicando:

— Segundo a opinião geral, o iraniano é muito inteligente, eloquente e sensível às nuances da língua, e o chefe da base fartou-se de analisar a coisa com ele, por isso, acreditamos piamente tratar-se de uma simples declaração. Durante esses cinquenta minutos, o mensageiro encontrou-se cara a cara com um americano. Um homem, já que não houve nenhum comentário no sentido de ser uma mulher, o que teria acontecido, diz o iraniano. Tem a certeza absoluta disso. E durante esse encontro, o americano disse ao mensageiro que queria cem milhões de dólares. Era o preço de qualquer coisa. O contexto foi notoriamente esse. Mas isso foi o final da comunicação. Que americano, não sabemos. Cem milhões pelo quê, não sabemos. De quem, não sabemos.

White disse:

— Mas cem milhões restringem as possibilidades. Mesmo que seja uma proposta inicial que acabe reduzida para cinquenta, continua a ser muito dinheiro. E quem tem esse dinheiro? Muito boa

gente, dir-me-iam, mas pelo menos conseguem enfiá-la toda num Rolodex.

— Estás a ver isso pelo prisma errado — retorquiu Reacher. — De certeza que é melhor descobrir o vendedor do que o comprador. Que tipo de coisa uns gajos que trepam cordas no Iémen pagariam cem milhões de dólares para ter? E que tipo de americano em Hamburgo tem uma coisa dessas para vender?

Waterman disse:

— Cem milhões é imenso dinheiro. Um preço desses deixar-me-ia um bocadinho preocupado.

Sinclair assentiu e afirmou:

— Um preço desses deixa-nos bastante preocupados. Parece ser uma coisa extremamente séria. É mais do que já tivemos notícia. Por isso mesmo, estamos a utilizar todos os canais possíveis. Já alertámos todos os nossos ativos no mundo inteiro. Centenas de pessoas já estão a trabalhar no duro. Mas precisamos de mais. A vossa missão é encontrar esse americano. Se ele continuar no estrangeiro, a jurisdição pertence à CIA e o senhor White chefiará a iniciativa. Se já tiver voltado para os Estados Unidos, então é o FBI que tem a jurisdição e será o agente especial Waterman a avançar. E como as estatísticas nos dizem que a imensa maioria dos americanos que se encontram na Alemanha num determinado momento corresponde a militares em serviço, julgamos poder vir a precisar que o major Reacher trabalhe com um dos dois ou com ambos.

Reacher olhou para Waterman, e a seguir para White, viu-lhes dúvidas nos olhos e teve a certeza de que viam a mesma coisa nos dele.

Sinclair explicou:

— Vão receber pessoal e material amanhã de manhã. Podem ter tudo o que quiserem, quando quiserem. Mas só vão falar comigo, com o senhor Ratcliffe ou com o presidente. Isto é uma unidade em quarentena. Mesmo que só queiram uma caixa de lápis, têm de passar por mim, pelo senhor Ratcliffe ou pelo presidente. Ou seja, na prática, por mim. A papelada subsequente será gerada a partir da Ala Oeste. Não podem ser identificados a título pessoal. Porque cem milhões de dólares é imenso dinheiro. Não é impossível que o governo esteja envolvido. O americano pode ser do Departamento de Estado, da Justiça, ou trabalhar no Pentágono. Pode acontecer falarem com a pessoa errada por engano. Portanto, não falem com ninguém. É a regra número dois.

— E qual era a regra número um? — retorquiu Waterman.

— A regra número um é que o iraniano não pode ficar queimado. Não podemos fazer nada que possa conduzir a ele. Investimos muito nele e vamos precisar dele, já que não fazemos mesmo ideia nenhuma do que aí vem.

A seguir, Sinclair empurrou a cadeira para trás, levantou-se e dirigiu-se para a porta. Ao sair, atirou:

— Não se esqueçam, atenção constante.

Reacher recostou-se na cadeira de couro, e White olhou para ele e disse:

— Só podem ser tanques e aviões.

Reacher respondeu:

— Os nossos tanques mais próximos estão a mais de mil quilómetros do Iémen ou do Afeganistão e são precisas várias semanas e milhares de pessoas para os deslocar. Era mais fácil

levar o Iémen ou o Afeganistão até junto deles. E também mais rápido e menos visível.

— Então, são aviões.

— Suponho que cem milhões sejam capazes de fazer um ou dois pilotos passar para o outro lado. Se calhar, três ou quatro. Duvido é que o Afeganistão tenha pistas suficientemente grandes. Mas talvez o Iémen tenha. Portanto, teoricamente, é possível. Só que os aviões não lhes servem para nada. Iam precisar de centenas de toneladas de peças sobressalentes, mais centenas de engenheiros e técnicos de manutenção. E de centenas de horas de formação. E íamos encontrá-los à mesma passados cinco minutos e destrui-los-íamos em terra com mísseis. Ou, se calhar, até já somos capazes de fazer isso à distância.

— Então outro *hardware* militar qualquer.

— Mas qual? Um milhão de espingardas a cem dólares cada? Não temos assim tantas.

Waterman disse:

— Pode ser um segredo, uma senha, uma palavra-passe, uma fórmula, um mapa, uma planta ou um diagrama, uma lista, um esquema com a segurança informática completa do sistema financeiro mundial, uma receita comercial ou o valor final de todos os subornos necessários para aprovar legislação nos nossos cinquenta estados.

— Achas que são dados? — retorquiu White.

— Que mais pode ser comprado e vendido discretamente e valer assim tanto? Talvez diamantes, mas esses estão em Antuérpia e não em Hamburgo. Talvez drogas, mas nenhum americano tem material no valor de cem milhões de dólares pronto a despachar.

Isso é na América do Sul e Central. E o Afeganistão também tem papoilas.

— E qual é o pior cenário possível?

— Isso já fica acima das minhas competências. Pergunta ao Ratcliffe. Ou ao presidente.

— Mas na tua opinião?

— E na tua?

— Sou especialista no Médio Oriente. Para mim, é sempre o pior cenário possível.

— O vírus da varíola — afirmou Waterman. — Isso é o meu pior cenário possível. Ou qualquer coisa do género. Uma epidemia. Uma arma biológica. Ou o ébola. Ou um antídoto. Ou uma vacina. O que implicaria que eles já possuiriam o vírus.

Reacher fitou o teto.

Coisas que podiam acabar mal.

Não me pareces contente. Mas devias estar.

O tempo que for necessário.

Garber mais parecia estar a fazer palavras-cruzadas.

White olhou para ele e perguntou:

— Em que estás a pensar?

Reacher respondeu:

— Na contradição entre a primeira regra e o resto da coisa. Não podemos deixar o iraniano queimado. O que quer dizer que não nos podemos aproximar minimamente do mensageiro. Nem sequer podemos vigiar um local a que o mensageiro nos conduza. Porque não sabemos que o mensageiro existe. A não ser que alguém de dentro nos sussurre isso.

— Isso é um impedimento — corrigiu Waterman. — Não é uma contradição. Arranjamos maneira de contornar isso. Eles precisam

desse tipo.

— É uma questão de eficiência. Precisam de saber quem são estes gajos com antecedência. Precisam de localizar redes e construir bases de dados. Por isso mesmo, com certeza que se focarão nos mensageiros. Perguntas e respostas verbais na cabeça, para a frente e para trás, de continente em continente, pergunta, resposta, pergunta, resposta. Sabem tudo. São como cassetes. Valem cem infiltrados. Por conhecerem a história toda. E o que tem o iraniano? Nicles, a não ser quatro paredes em Hamburgo e nada para fazer.

— Mas não pode ser simplesmente sacrificado.

— Podiam arrancá-lo de lá ao mesmo tempo que atacassem o mensageiro. Podiam dar-lhe uma casa na Florida.

White retorquiu:

— O mensageiro não ia falar. Isto é uma coisa tribal, já com mil anos. Eles não se iam chibar uns aos outros. Com o pouco que estamos autorizados a fazer-lhes, de certeza que não. Por isso, é uma decisão inteligente deixar o infiltrado onde está. Eles não sabem mesmo o que aí vem. Uma dica antecipada dava jeito. E até mesmo parte de uma pista.

— E tu sabes o que aí vem? — perguntou Reacher.

— Um desvario qualquer. As coisas já não são iguais ao que eram.

— E já trabalhaste com o Ratcliffe? Ou com a Sinclair?

— Nunca. E tu?

Waterman interveio:

— Eles não nos escolheram por nos conhecerem. Escolheram-nos porque não estávamos em Hamburgo na altura crucial.

Estávamos em serviço noutro sítio. Por isso mesmo, não podemos ser as pessoas erradas com quem falar.

Uma unidade em quarentena, tinha dito Sinclair, e a sensação era mesmo essa. Três tipos numa sala, isolados do mundo exterior por estarem todos infetados com um álibi.

Às sete da tarde, Reacher foi buscar as malas ao carro e levou-as para o quarto, que era o último de uma sequência de três, num corredor com aspeto de corredor de escritórios, o que podia bem ter sido na véspera. O quarto era espaçoso e incluía uma casa de banho. Uma suíte para um executivo. Pensado para uma secretária e não para uma cama, mas funcionava.

Para comer foi uma questão de pôr o velho *Caprice* a trabalhar e dar uma volta por McLean, virando por instinto no género de ruas que pudessem ter o género de eventuais terrenos nos arrabaldes que pudessem ter o género de restaurantes de que andava à procura. Que não fossem uma escolha habitual. O metabolismo dele ajudou-o. Viu um anúncio luminoso mais adiante, e alumínio reluzente, ao lado de uma bomba de gasolina, ao lado de uma rampa de acesso à autoestrada. Um *diner*, suficientemente antigo para ser quase autêntico. Algumas mossas e manchas. Alguma rodagem.

Virou para lá e estacionou, abrindo com esforço a porta cromada e entrando. A atmosfera era fria e clara, devido às luzes fluorescentes. A primeira pessoa que viu foi uma mulher que conhecia. Completamente sozinha num reservado. Da penúltima missão que tinha executado. O melhor soldado com quem já trabalhara. Possivelmente, a pessoa que era mais amiga dele, de

um modo circunspecto, se a amizade permitia deixar coisas por dizer.

Primeiro, achou que era mais uma coincidência não muito incrível. O mundo era pequeno e, perto do Pentágono, ficava ainda mais pequeno. Depois, reavaliou a situação. Ela tinha sido a primeiro-sargento dele durante os anos de glória da 110 da PM. Tinha desempenhado um papel tão importante como qualquer outra pessoa, e maior ainda do que algumas. Maior do que a maioria. Maior do que ele, provavelmente.

Revelando-se muito inteligente.

Muitíssimo inteligente para se tratar de uma coincidência.

Aproximou-se da mesa dela. A mulher não se mexeu. Estava a observá-lo na parte de trás de uma colher virada ao contrário. Reacher sentou-se à frente dela e disse:

— Olá, Neagley.

4

A sargento Frances Neagley levantou os olhos da colher e disse:

— De todos os *diners* em todas as terrinhas. Quais eram as probabilidades de nos cruzarmos?

— Meticulosamente calculadas, tenho a certeza — respondeu Reacher.

— Calculei que fosse provável que viajasses para oeste, já que, no teu subconsciente, ias querer manter D.C. atrás de ti. Imaginei as voltas que ias dar, o que significava que isto era basicamente o único sítio óbvio. E esta é a hora óbvia. Pressupus duas horas de reunião e, a seguir, uma pausa para o jantar.

— É uma escola.

— Não é, não. O título do curso nem sequer faz sentido.

— Nunca fazem sentido.

— Mas este é pior do que o costume.

— É uma escola.

— Eles não te iam fazer isso. Enquanto o Garber estiver vivinho da silva, não.

— Não posso falar disso. É demasiado chato.

— Deixa-me arriscar um palpite marado. É um disfarce para qualquer coisa. E, tendo em conta a tua atual taxa de êxito, essa

qualquer coisa é de nível elevado. O que quer dizer que te vão dar tudo o que pedires. Sobretudo, em matéria de pessoal. Por isso, já me ias ligar de manhã de qualquer das formas. Porque não dizer-me doze horas antes?

Ela usava um uniforme militar normal castanho e verde, com as mangas bem arregaçadas e os antebraços apoiados na mesa. Tinha cabelo escuro e curto, olhos escuros e um bronzeado. A pele parecia macia, mas ele estava convencido de que não era. Já a tinha visto em ação. Era rápida e excecionalmente forte. Seria dura e sólida por baixo da pele. Mas ele não sabia. Nunca lhe tinha tocado. Nem sequer lhe apertara a mão.

Reacher disse:

— Não sei ao certo do que vamos precisar. À partida, a decisão mais sensata seria começar a fazer listas. De ordens de destacamento. Pessoal no ativo e fisicamente presente na Alemanha num determinado dia. E os civis também, a partir dos registos dos passaportes.

— Porquê?

— Precisamos de encontrar um determinado americano que estava em Hamburgo numa determinada janela de tempo de cinquenta minutos.

— Porquê?

— Está a planear vender uma coisa que vale cem milhões de dólares a um bando de mauzões da nova guarda do Iémen e do Afeganistão.

— E sabemos o que ele vai vender?

— Não fazemos ideia.

— As fronteiras terrestres são capazes de ser um problema. Acho que dá para as cruzar pura e simplesmente de carro. Por

causa da União Europeia. Os registos dos passaportes podem ser incompletos.

— Exato. É só a decisão mais sensata, não quer dizer que funcione. Mas podemos ajudar a aumentar as probabilidades. Podemos analisar quem andava a entrar e a sair da Suíça, talvez uma semana antes. Na altura em que o tipo estava a tomar a decisão final. Ia vender. Estava prestes a dar início às negociações. Que sabia que não podiam durar para sempre. Por isso, precisava de se antecipar. Por isso, abriu uma conta bancária secreta na Suíça. Provavelmente, em Zurique. Ali quietinha à espera. A seguir, voltou para Hamburgo e disse o preço que queria.

— O que também é apenas uma conjetura. Logo, não pode servir de fator de exclusão. Pode ser uma conta antiga, já com uma série de anos. Podemos não estar a falar de um mauzão que se está agora a estrear. Ou então a conta secreta pode ser noutro sítio. No Luxemburgo, se calhar.

— E é por isso que eu disse que não sei ao certo do que vamos precisar.

— Achas que é um militar?

— É possível. As probabilidades apontam nesse sentido. Como os americanos na Coreia ou em Okinawa. Portanto, é mais uma lista de que precisamos, só por via das dúvidas. E que pode um militar estar a vender? Serão informações secretas? Ou será *hardware*? E, nesse caso, pensa num contentor, numa carrinha grande ou num camião pequeno, qualquer coisa discreta, e faz uma lista do que poderia caber lá dentro e valer cem milhões de dólares.

— Teria de ser uma coisa fiável e fácil de manusear. Não vai vir com tropas de apoio.

— *Okay*, tem isso em conta. Prepara uma lista mestra de todas as outras listas. É a única coisa que podemos fazer para já. Tens de estar pronta para entrar em ação por volta das nove da manhã. Não os estou a ver a despacharem-se mais depressa. A seguir, passar tudo pelo NSC, através de uma mulher chamada Marian Sinclair.

— Já ouvi falar dela — retorquiu Neagley. — É a adjunta principal de Alfred Ratcliffe.

— Prepara as coisas que precisas que ela nos faça. É melhor não perdermos tempo.

— Esta coisa é um grande problema?

— Acho que é possível que seja. Se for o que julgamos ser. Que pode não ser. É uma frase arrancada do ar. Pode ser uma brincadeira. Ou uma espécie de sarcasmo para iniciados. É possível que seja calão obscuro de iemenitas que trepam cordas que não queira dizer grande coisa. Mas, se for real, então, sim, o preço indicia um problema.

A empregada apareceu e fizeram o pedido. Neagley disse:

— Parabéns pela medalha.

E Reacher respondeu:

— Obrigado.

— Estás bem?

— Melhor do que nunca.

— De certeza?

— Mas és a minha mãe ou quê?

— O que achaste da Sinclair?

— Gostei dela.

— E quem mais temos?

— Um tipo chamado Waterman, do FBI. É um daqueles gajos furtivos da velha guarda. Mais um tipo chamado White, da CIA. É

um sujeito extremamente nervoso. Provavelmente, com boas razões. Até agora, têm-se mostrado à altura, sob diversos aspetos. Têm tido coisas ajuizadas para dizer. Presumo que também vão chamar o seu pessoal próprio. E presumo que, acima de todos nós, estará um supervisor qualquer do National Security Council, a servir de ama-seca e a transmitir as nossas mensagens à Sinclair.

— Porque gostaste dela?

— Foi sincera. E o Ratcliffe também. Andam numa roda-viva, a tentar perceber o que se passa.

— Devias ligar ao teu irmão. Para as Finanças. Podia ficar à coca de transferências bancárias. Cem milhões de dólares são capazes de ser visíveis a nível do governo.

— Ia ter de passar pela Sinclair primeiro.

— E vais obedecer a isso?

Reacher respondeu:

— Ela acha que pode ser qualquer pessoa. Não quer que revelemos nada à pessoa errada. Mas há uma coisa que ela não está a perceber. Não é qualquer pessoa. É toda a gente. Mais ou menos. A amplitude da coisa é imensa. Não há dúvida de que o nosso homem se vai revelar um entre muitos. Vamos apanhar gente de toda a espécie a entrar e a sair de reuniões secretas e a entrar e a sair da Suíça com malas cheias de dinheiro, e nada disso será coisa boa, gente a comprar, a vender e a trocar todo o género de coisas. Vamos fazer uma data de inimigos. Militares e civis. Mas não nos podemos dar ao luxo de ter muito ruído de fundo. Pelo menos, para já. O sigilo da coisa vai adiar isso. Portanto, neste momento, acho que não devíamos abdicar da Sinclair. Depois reconsideramos se e quando tiver de ser.

— Entendido — retorquiu Neagley.

A empregada trouxe-lhes os pratos e começaram a comer. Oito horas da noite em McLean, na Virgínia.

Oito horas da noite em McLean na Virgínia, eram duas horas da manhã do dia seguinte em Hamburgo, na Alemanha. Tarde, mas o americano ainda estava acordado. Estava deitado de costas numa cama, de olhos postos num teto que nunca tinha visto. Tinha uma prostituta nua apoiada na curva do braço dele. O apartamento era dela. Era limpo, arrumado e perfumado, dando a entender que a dona tinha orgulho nele. Não era barato, mas a verdade é que ela também não. Não havia problema. Estava prestes a tornar-se um homem muito rico. Por isso mesmo, tinha-se justificado uma pequena comemoração. E ele gostava de mulheres caras. Davam-lhe mais pica. Tinha gostos razoavelmente simples. O nível de entusiasmo é que contava. E ela tinha demonstrado bastante. E depois tinham conversado. Conversa de travesseiro, literalmente. Enroscaram-se um no outro. Ela tinha-se interessado por ele. Fora boa ouvinte.

E ele falara demasiado.

Calculou que as prostitutas fossem melhores psicólogos do que os verdadeiros psicólogos, capazes de perceber a diferença entre fanfarronice, gabarolice, tretas e sonhos tresloucados. Sobrava uma pequena dose de verdade. Não era uma verdade confessional. Era mais felicidade. Era mais uma verdade de-quem-está-mortinho-por-contar-a-alguém. Saiu-lhe e pronto, numa onda de excitação. Estava a sentir-se ótimo. Ela valia bem o dinheiro. Ele estava nas nuvens. Falara-lhe do plano que tinha para comprar um rancho na Argentina. Mais ou menos maior do que Rhode Island, dissera-lhe.

O que não queria dizer grande coisa, mas ela iria lembrar-se. E, na Alemanha, as prostitutas não tinham medo dos polícias. Era um estado-providência. Tolerava-se tudo, desde que fosse regulamentado. Por isso, quando a caçada começasse, ela passaria de bom grado pela polícia para falar aos agentes do americano que tinha conhecido e que se estava a preparar para comprar um rancho nas Pampas maior do que Rhode Island. Uma espécie de compensação, diria ela. Uma coisa para o levar a sério. Porque nunca se mostrara verdadeiramente duro. E depois os polícias, sendo alemães, apontariam tudo e, a seguir, ligariam a alguém conhecedor e, dessa forma, descobririam que um rancho nas Pampas maior do que Rhode Island era uma compra muito dispendiosa.

Uma simples pesquisa das transações imobiliárias correntes num único país do mundo levá-los-ia à porta da casa dele novinha em folha.

Estúpido.

Tudo por culpa própria.

Mentalmente, deslocou-se pelo quarto, recordando os passos que tinha dado, enumerando aquilo em que tocara. O que não era muito, tirando ela. Teria as impressões digitais na pele dela? Duvidava. E, em todo o caso, estariam esborratadas. Tinha o ADN no estômago dela, mas estava a ser atacado por ácidos e enzimas digestivas poderosos. E a ciência ainda estava na infância. Ainda na fase de relações-públicas. Não se avançaria com um caso, sob pena de um fracasso público.

Tranquilo.

O que era uma loucura.

Mas também lógico. Perdido por cem, perdido por mil. Ou tudo ou nada. Estava decidido. Tinha-se interrogado qual seria a sensação. Veio a revelar-se ser igual a estar a cair. Como saltar de paraquedas, talvez. A longuíssima queda livre antes de o paraquedas se abrir. A cair sem parar. Não foi capaz de resistir. Tudo o que conseguiu foi respirar fundo, descontrair e render-se.

Tinha saído do hotel sem que ninguém o visse, pelo parque de estacionamento. Por nenhuma razão, só um atalho para outro bar que conhecia. E ela estava a chegar de carro, pronta para começar a trabalhar. Início da noite, gente sofisticada e gastadora. Um mundo diferente. Mas agora já não. Ele podia ter tudo o que quisesse. Perguntar fazia parte da diversão. Ali mesmo, no parque. E se estivesse enganado? Mas não estava. Já a tinha visto noutra ocasião. Ela sorriu e pediu uma quantia muito elevada. Ele teria pago dez vezes mais, só pelo aspeto dela. E ela tinha acabado de tomar duche. Não era virgem, mas era o mais parecido possível, numa apreciação geral.

Levou-o de carro para o sítio de onde tinha acabado de vir.

Haveria câmaras de segurança no parque de estacionamento?

Achava que não. Era um tipo que lidava com pormenores. Era observador. Reparava em tudo. Tinha de ser. Fazia parte do trabalho. E, no teto do parque, vira espuma à prova de fogo, ligações elétricas, bueiros com pouco mais de dez centímetros e um sistema de extintores.

Nada de câmaras.

Tranquilo.

O que era uma loucura.

Mas também lógico.

Ensaiou a coisa mentalmente e, a seguir, fê-la depressa. De início, ela julgou tratar-se de alguma fantasia. Como se estivesse a pôr em prática o que tinha visto num filme. Atirou-a de barriga para baixo e sentou-se em cima dela de pernas escarranchadas, prendendo-lhe os cotovelos com os joelhos, o rabo colado ao dela, agachado como um jóquei montado num cavalo, com ela a gemer como fazem todas e ele a inclinar-se para a frente e a estrangulá-la por trás, despachando tudo em dois tempos. Ela tentou dar um pinote e levantar-se com um puxão, mas mal era capaz de se mexer. Apenas os pés, na realidade, a tentar acertar-lhe nas costas com os calcanhares, mas sem conseguir lá chegar, por isso limitaram-se a agitar-se violenta mas inutilmente para cima e para baixo, como se ela estivesse a nadar. E, a seguir, pararam, e ele continuou a apertar até ter a certeza, e depois ainda mais um bocado, até que, por fim, a largou e se pôs a milhas.

Ou tudo ou nada.

5

Reacher dormiu bem na cama de executivo, mas acordou cedo e já andava lá fora quando, às sete da manhã, uma carrinha de *catering* veio entregar doses industriais de café, mais um tabuleiro com produtos de pastelaria para o pequeno-almoço mais ou menos do tamanho de uma meia-lua num campo de futebol. Muito mais do que três pessoas poderiam comer. O que significava que o pessoal se encontrava a caminho.

Chegou às sete e meia, sob a forma de dois quadros de nível médio do National Security Council. Que Sinclair conhecia pessoalmente, explicou a própria em jeito de introdução, e nos quais presumivelmente confiava. Eram ambos homens, na casa dos trinta e de ar severo, como se os dados com que lidavam os esgotassem. Às oito, já estavam de operações montadas, com linhas telefónicas seguras criadas, e Reacher antecipou-se a Waterman e a White no pedido de pessoal, sendo que, às nove, Neagley já lá se encontrava, suficientemente cedo para já estar a pedir uma batelada de informações pelo NSC antes de o funcionário de Waterman sequer lá chegar, vinte minutos antes do de White. E esses dois recém-chegados também eram homens. Pareciam versões mais

novas dos chefes. O homem de Waterman chamava-se Landry, e o de White, Vanderbilt, sem ligação ao ricaço dos livros de História.

Carregaram mobília de um lado para o outro e instalaram um comando central conjunto tripartido, dirigido por Neagley, Landry e Vanderbilt. As amas-secas do NSC ficaram no gabinete, com Reacher, Waterman e White a participar em reuniões telefónicas sentados à mesa, nas cadeiras de couro. Às onze, o sítio já estava em ebulição. Ao meio-dia, já possuía alguns dados. Sinclair convocou-os para saber das novidades.

E Reacher disse:

— Naquele dia, havia quase duzentos mil cidadãos americanos na Alemanha. Cerca de sessenta mil militares em serviço, mais praticamente o dobro se contarmos famílias e militares recentemente aposentados e que ainda não tinham voltado para casa, além de uns mil civis de férias e de outros bons cinco mil em convenções e em reuniões de conselhos de administração.

— São imensos americanos.

— Devíamos ir a Hamburgo — retorquiu Reacher.

— Quando?

— Já.

— E porquê já?

— Vamos ter de ir a certa altura. Não podemos resolver isto no papel.

— O que acha, agente Waterman? — perguntou Sinclair.

Waterman respondeu:

— O que eu acho depende da rapidez com que esses mensageiros andam para a frente e para trás. Parece ser um processo lento. Quando é que o nosso tipo espera uma resposta? Qual seria um intervalo de tempo típico?

— Noutros lados, parece ser à volta de duas semanas. Talvez um dia ou dois menos.

— Queremos estar por perto quando o negócio estiver feito. Não há dúvida nenhuma. Mas, ao que parece, temos tempo. Eu iria a Hamburgo na próxima semana. Primeiro, iria querer mais análises de fundo. Isso pode poupar-nos algum trabalho a longo prazo.

— Senhor White?

White disse:

— Eu partiria pura e simplesmente do princípio de que não vou a Hamburgo. Quem iria precisar de mim lá, a acompanhar o caçador de homens e o assassino? Resolver as coisas no papel é exatamente o que eu faço. Só saio da Costa Leste quando é estritamente necessário.

Sinclair perguntou:

— Major Reacher, quer ir a Hamburgo já com base em quê?

E Reacher respondeu:

— Com base no facto de o senhor Ratcliffe ter dito que tínhamos direito a tudo o que quiséssemos.

— O agente Waterman ou o senhor White levantariam alguma objeção se o major Reacher fosse a Hamburgo sozinho? — perguntou Sinclair.

— Não — respondeu White.

— Desde que vá com a condição de não fazer mal a ninguém.

Uma vantagem de comunicar por intermédio da Ala Oeste cifrava-se num êxito instantâneo quanto a companhias aéreas e hotéis. Passados trinta minutos, Reacher e Neagley já tinham dois voos diretos na Lufthansa para essa mesma noite e quartos

reservados num hotel de negócios de Hamburgo não muito longe do apartamento em questão, no bairro elegante que Sinclair tinha descrito, razoavelmente central e bastante caro.

Ficaram o resto da tarde em McLean, concentrando-se em eliminar militares comparando relatórios de operações e nomes. Um tipo não podia estar a conduzir um tanque nas planícies orientais e a andar por Hamburgo, tudo ao mesmo tempo. O número de possibilidades caiu a pique. O que dava a ideia de progressos. A seguir, começaram a chegar os primeiros relatórios das companhias aéreas relativamente a Zurique. Vanderbilt, o homem de White, parecia ter percebido a essência da coisa e ofereceu-se para ficar a trabalhar até tarde nessas verificações enquanto eles viajavam, para depois lhes ligar quando aterrassem se surgisse algo importante.

A escola da cooperação, pensou Reacher. Quem diria?

Neagley levou-os até ao aeroporto no *Caprice* de Reacher e deixou o carro no parque para estacionamentos de curta duração, às custas do governo. A versão dela de roupa à paisana correspondia a óculos de sol espelhados e um casaco de cabedal maltratado por cima de uma *t-shirt*, com umas calças que Reacher julgou serem sobras dos fuzileiros como as dele, mas que afinal se revelaram autênticas *Ralph Lauren*. Ela trazia uma mala, e ele, não. Os lugares eram em classe turística, mas luxuosos comparados com bancos de lona num transporte militar. Comeram, reclinaram-se um nadinha e adormeceram.

Vinte e quatro horas depois de o americano se ter ido embora, o apartamento da prostituta encontrava-se bem menos perfumado do que já tinha estado. Ou mais perfumado, rigorosamente falando, só que com o odor errado. Que se começava a notar no corredor e através da ventilação da cozinha. Os vizinhos, que já estavam de má vontade, chamaram a polícia a meio da noite. A central enviou um carro-patrulha para dar uma olhadela. Ou, mais propriamente, uma cheiradela. O que fez com que o porteiro fosse acordado, com uma chave mestra. O que levou a quatro horas de detetives, perguntas, fitas de segurança, técnicos forenses no local do crime e, por fim, uma ambulância e um saco de plástico da morgue.

Boas e más notícias, do ponto de vista da polícia. Hamburgo era uma cidade portuária turbulenta, com uma zona de prostituição mundialmente famosa, além de drogas e grafítis na estação de comboios, mas, ainda assim, o homicídio era uma coisa relativamente rara. Menos de um por semana. Um cadáver continuava a ser um acontecimento. Podiam construir-se carreiras. E a polícia reivindicava uma taxa de sucesso próxima dos noventa por cento. Essa era a parte boa. A má era que os restantes dez por cento por resolver tinham que ver com agarrados esfaqueados ou prostitutas estranguladas. Ossos do ofício. Não era provável que aquele crime fosse dar que falar. O mais certo era o autor já estar em pleno oceano, num beliche de um navio, a cento e muitos quilómetros de distância, a caminho do mar alto.

Reacher e Neagley tinham dinheiro da Ala Oeste nos bolsos para propósitos operacionais, por isso, foram de táxi, num *Mercedes*, do aeroporto para a cidade, sob um sol deslavado e no meio do trânsito

matinal. A rua do hotel era sossegada e frondosa, cheia de edifícios de vidro e tijolo claro estrangeiro, com filas de automóveis, pequenos mas caros, de ambos os lados. Hamburgo era uma cidade hanseática muito antiga, já com mais de um milhar de anos de história, mas nenhum dos telhados que Reacher conseguia ver tinha mais de cinquenta anos. A Alemanha bombardeara o Reino Unido e o Reino Unido retribuíra na mesma moeda, tornando-se bastante bom nisso. Em 1943, tinha desencadeado uma tempestade de fogo que praticamente dizimou Hamburgo. Chamas com centenas de metros, temperaturas acima dos quinhentos graus, o ar a arder, as estradas a arder, rios e canais a ferver. Quarenta mil mortos num único ataque. O Reino Unido tinha perdido sessenta mil na guerra inteira. *Semearam ventos, colherão tempestades*. Oseias, um dos doze profetas menores, mas que, naquele caso, acertou em cheio.

O telefone do quarto tocou. Neagley, para combinar tomarem o pequeno-almoço juntos. E, a seguir, tocou outra vez. Vanderbilt, de pé a altas horas da noite em McLean, na Virgínia, com os nomes de trinta e seis americanos que tinham viajado de Hamburgo para Zurique na semana em questão. Vamos apanhar gente de toda a espécie, tinha avisado Reacher.

Desceu para o *buffet* do pequeno-almoço, que era muito europeu, com carnes fumadas, queijos curados e pastelaria exótica. Sentou-se ao lado de Neagley, numa mesa junto à janela. Às nove da manhã de Hamburgo, na Alemanha.

Nove da manhã em Hamburgo, na Alemanha, era meio-dia e meia em Jalalabad, no Afeganistão. Na cozinha de uma casa de

adobe, o almoço estava a ser preparado. Lá fora, estava um clima quente de deserto, como no Arizona. O mensageiro estava à espera. Tinha chegado durante a noite, depois de quatro aviões comerciais e perto de quinhentos duros quilómetros numa carrinha *Toyota* de caixa aberta. Deram-lhe o pequeno-almoço e conduziram-no a uma antecâmara. Já lá tinha esperado, muitas vezes. Para a frente e para trás, para a frente e para trás. A vida dele era assim. Era o único homem naquela casa sem barba nem uma *AK47*.

Acabaram por levá-lo para uma sala pequena e quente. O ar estava repleto de moscas, a deslocarem-se lentamente. Havia dois homens sentados em almofadas, ambos barbudos, um, pequeno e gordo, e o outro, alto e magro. Traziam os dois túnicas e turbantes brancos lisos.

O mensageiro disse:

— O americano quer cem milhões de dólares.

Os homens das túnicas assentiram. O alto retorquiu:

— Vamos discutir o assunto hoje à noite, ao jantar. Volta cá logo de manhãzinha, para saberes a nossa resposta.

Neagley tinha ido buscar uma planta das ruas de Hamburgo à receção. Abriu-a, inclinando-a para apanhar a luz que entrava pela janela. E disse:

— Uma ausência de cinquenta minutos indicia um raio de cerca de um quilómetro e meio, não achas? Vinte minutos até lá, dez minutos de conversa, vinte minutos para regressar. Que género de sítio utilizariam?

— Um bar, um café ou um banco de jardim — retorquiu Reacher.

Encontraram o apartamento arrendado na planta. Neagley esticou o indicador e o polegar e delineou um raio de um quilómetro e meio. O círculo daí resultante abarcava um enxame de ruas que Reacher imaginou serem sobretudo residenciais, mas também um bocadinho comerciais. Já tinha estado em imensas cidades e sabia como funcionavam. Naquela parte do mundo, e naquela parte da cidade, haveria prédios baixos, com apartamentos a partir do primeiro andar e lojas e escritórios discretos ao nível da rua. Mercearias, evidentemente, em pouca quantidade, e talvez joalharias, lavandarias e companhias de seguros. Mais padarias, pastelarias, cafés, restaurantes e bares. Um bairro. Além disso, havia quatro miniparques, o que implicava talvez uns oito bancos disponíveis e, provavelmente, pombos aos quais dar de comer, que era o que os espiões faziam nos filmes que ele via.

Neagley disse:

— Está um belo dia para um passeio.

Um raio de um quilómetro e meio implicava uma área de praticamente cinco quilómetros, o que correspondia a mais de oitocentos hectares. Deram com o prédio de apartamentos bem no centro disso e passaram por ele sem olhar, parando a seguir em esquinas aleatórias, com o seu mapa, como se fossem turistas. Dos quais havia mais. Não se destacavam.

Desde o primeiro momento, foram acumulando uma possibilidade atrás da outra, incluindo, só nas cinco ruas iniciais, uma padaria de luxo com duas mesas douradas, três cafés normais e dois bares.

— Mas o encontro foi ao fim da tarde. O que quer dizer que uma padaria não dá. As padarias são sítios matinais. Acho que se encontraram num bar — afirmou Reacher.

— Ou num parque.

— E onde se iria o americano sentir numa posição de domínio? Estamos a pressupor que se trata de uma negociação. Ele iria querer ter uma vantagem psicológica. Iria querer estar à vontade, tal como iria querer que o outro estivesse pouco à vontade.

— Estamos a partir do princípio de que ele é branco?

— As probabilidades dizem isso mesmo.

— Então, num bar de *skinheads*.

— E há algum num bairro destes?

— Não põem um letreiro cá fora. É uma atitude.

Reacher olhou para a planta, à procura das formas certas, de ruas largas que se cruzassem, onde o trânsito seria pior e as rendas mais baixas, com ruas secundárias boas para estacionar. Encontrou um local possível. E, pelo caminho, podiam passar por dois parques.

— Está um belo dia para um passeio — atirou.

Os parques foram uma desilusão, numa perspetiva hortícola. Eram quase exclusivamente pavimentados, com vasos e flores da cor de batons brilhantes. Mas possuíam bancos, dois cada, e uma certa sensação de isolamento. Um tipo poder-se-ia ter sentado num banco e o outro no outro, e o primeiro poderia ter falado e a seguir ter-se levantado para se ir embora, sem que ninguém se apercebesse de nada. Apenas uma pessoa num banco. E depois outra. Uma chega e a outra vai-se embora.

Os parques eram uma possibilidade.

Na área de maior trânsito, a diferença não era como da noite para o dia, mas havia um bocadinho mais de bulício e barulho. Os espaços comerciais prolongavam-se da artéria principal para as ruas secundárias, uns quantos prédios mais para dentro. Um era um bar, com quatro homens à porta, a beber cerveja. Dez da manhã. Os quatro com cabeças rapadas. Uma coisa toda grosseira e cheia de crostas, como se tivessem sido eles a fazer aquilo com uma faca e estivessem orgulhosos. Eram novos, talvez com uns dezoito ou vinte anos, mas grandes. Como quatro pedaços de carne. Não eram do bairro, pensou Reacher. O que levantava questões territoriais. Estariam a reivindicar alguma coisa?

Neagley disse:

— Vamos beber um café.

— Aqui?

— Aqueles rapazes têm qualquer coisa para nos dizer.

— Como sabes?

— É só um pressentimento. Estão a olhar para nós.

Reacher virou-se e eles fitaram-no. Um olhar tribal, com uma pontinha de desafio e outra de medo. E também animal, com as pupilas dilatadas numa resposta de luta ou foge. Como se o momento da verdade aí viesse.

— Qual é o problema deles? — perguntou Reacher.

— Vamos lá descobrir — respondeu Neagley.

E Reacher avançou, direito à porta.

Os quatro rapazes cerraram fileiras.

O da frente perguntou:

— São americanos?

Reacher retorquiu:

— Como soubeste?

E o rapaz disse:

— Não deixamos entrar americanos neste bar.

6

Mais tarde, Reacher admitiu que, se um tipo da sua idade lhe tivesse dito aquilo, lhe teria dado logo um sopapo, *bangue*, antes sequer de a última palavra ter esmorecido no silêncio, pois para quê deixar um tipo que queria começar a andar à pancada fazê-lo quando mais lhe conviesse? Mas tratava-se de um miúdo e a compaixão exigiu-lhe, no mínimo, uma segunda hipótese. Por isso, Reacher acabou por perguntar, muito lentamente:

— Falas inglês?

— *Estou* a falar inglês — respondeu o rapaz.

— É que te enganaste nas palavras que disseste ainda agora. Saiu tudo trocado. Parecia que achavas que havia bares na Alemanha onde os americanos não podem entrar à vontadinha e sentir-se em casa. E de certeza que não era isso que querias dizer. Posso ensinar-te as palavras certas, se quiseres.

— A Alemanha é dos alemães.

— Por mim, tudo bem — retorquiu Reacher. — Mas, seja como for, aqui estou eu. Simplesmente de passagem. A querer beber um café. A tentar dar-te uma oportunidade de te afastares sem ficares malvisto nem levares um enxerto de porrada.

— Nós somos quatro.

— E quanto tempo demoraste a contar até um número assim tão alto? Não, a sério, estou curioso.

Surgiu um rosto à janela do bar. A olhar fixamente lá para fora e depois a esconder-se.

Neagley disse:

— Já nos podemos ir embora. Não é este. O nosso tipo não ia conseguir entrar.

Reacher retorquiu:

— Então e o nosso café?

— Provavelmente, é horrível.

E o rapaz disse:

— Não é horrível. Aqui, o café é bom.

— Acabaste de me convencer. Agora, sai-me da frente.

Coisa que o rapaz não fez.

Preferiu afirmar:

— Aqui, nós é que dizemos o que acontece. Não são vocês. A ocupação americana já terminou. A Alemanha é dos alemães.

— Até parece que te estás a preparar para lutar comigo por causa disso.

O miúdo deu um passo em frente.

E disse:

— Não temos medo.

Parecia um mauzão de um filme antigo a preto-e-branco a falar.

— Achas que o amanhã vos pertence? — perguntou Reacher.

— Acho que sim.

— E não sabes que é uma loucura fazer a mesma coisa vezes sem conta e ficar a contar com um desfecho diferente? Nunca ouviste falar disso? É o que os médicos andam a dizer agora. Parece que vem do Einstein. Que era alemão, certo? Vê lá tu!

— É melhor irem-se embora.

— Vou contar até três, puto. Sai-me da frente.

Nenhuma resposta.

— Um.

Nenhuma reação.

Reacher acertou-lhe quando chegou ao dois. Uma batotice, tecnicamente, mas porque não, caraças? A segunda hipótese já se tinha esfumado há muito. Bem-vindo ao mundo real, puto. Uma direita em cheio, no plexo solar. Um ato humanitário. O mesmo que atordoar uma vaca. O segundo tipo já não teve tanta sorte. Tinha o ímpeto contra ele. Desamparado, foi de encontro ao cotovelo de Reacher, bem no meio dos olhos, e, ao cair, retardou o quarto rapaz, apenas o suficiente para que Reacher tivesse tempo de atingir o terceiro, com o mesmo cotovelo a retroceder, formando um arco e descendo violentamente como uma faca, o que deixou o quarto miúdo basicamente à mercê de uma variedade de opções. Reacher escolheu um pontapé nos tomates, para obter o máximo proveito com um mínimo de esforço.

Passou por cima do emaranhado de pernas e entrou no bar. Estava um velhote ao balcão. Não havia clientes. O velhote devia ter uns setenta anos. Como Ratcliffe. Mas em muito pior estado. Tinha a cara vincada e enrugada e era grisalho e curvado.

Reacher perguntou:

— Fala inglês?

E o velhote respondeu:

— Sim.

— Vi-o a espreitar pela janela.

— Ai viu?

— Sabia daqueles rapazes ali fora.

— Sabia o quê?

— Que eles só querem clientes alemães aqui dentro. Concorda com isso?

— Tenho o direito de escolher quem sirvo.

— E quer servir-me?

— Não, mas sirvo, se tiver de ser.

— O seu café vale alguma coisa?

— É ótimo.

— Não quero nada disso. Só quero que me responda a uma pergunta. Uma coisa que sempre quis saber.

— E qual é?

— Qual é a sensação de perder uma guerra?

Seguiram caminho e desistiram passadas cinco ruas. Havia demasiados locais plausíveis. Estar a conjeturar gostos e preferências pessoais diminuía as possibilidades, mas continuavam a restar múltiplas opções para cada cenário. Não havia maneira de prever onde os dois homens se encontrariam.

Reacher disse:

— Vamos ter de fazer isto ao contrário. Vamos ter de nos manter quietinhos e esperar que o mensageiro volte, para depois o seguir até ao ponto de encontro. E ver com quem ele se reúne. O que, tudo somado, vai ser muito difícil. Vai ser necessário muita arte, nestas ruas. E muita gente. Vamos precisar de uma equipa especializada em vigilância.

E Neagley retorquiu:

— Seja como for, não podemos. Não podemos queimar o iraniano.

— Mas não faríamos nada. Limitávamo-nos a esperar. O tempo que fosse necessário. Agora só precisamos de ver a pessoa com quem ele se vai encontrar. Se soubermos quem é, podemos voltar a ela mais tarde, de outro ângulo. Podemos ficcionar uma investigação que nos conduza a ela de outra maneira qualquer. Ou inverter a ordem de uma investigação verdadeira. Tanto num caso como no outro, daria a ideia de que o mensageiro não estaria envolvido. O estatuto do iraniano não se alteraria.

— E ainda há sequer quem tenha equipas especializadas em vigilância?

— De certeza que a CIA tem.

— Em todos os consulados? Ainda? Duvido. É melhor contares só contigo e comigo. E isso vai ser muito difícil. Como tu disseste. Sobretudo porque o prédio tem quase de certeza uma entrada de serviço. Vamos ficar separados desde o início.

Reacher retorquiu:

— Talvez o Waterman tenha gente.

— Isto devia ser uma operação maior.

— Podemos ter tudo o que quisermos. Foi o que o homem disse.

— Mas não sei ao certo se ele estava a falar a sério. Vai dizer que só vigiar o apartamento já é um risco para o iraniano. Coisa que é. Podem ser duas semanas inteiras. Ao mínimo deslize ou se virem o mesmo tipo duas vezes, a casa segura fica comprometida e vão perceber porquê. Estamos de mãos atadas.

Reacher ficou calado.

Começaram a dirigir-se para o hotel e, numa rua a dois quarteirões dele, viram quatro carros da polícia estacionados em fila

junto ao passeio, com oito polícias fardados em plena atividade, a deslocarem-se de prédio em prédio, tocando às campainhas, falando com pessoas à entrada e avançando depois para a morada seguinte. Uma investigação porta a porta. Qualquer coisa má.

Teriam simplesmente prosseguido, mas um polícia deteve-os, perguntando em alemão:

— Os senhores vivem nesta rua?

— O senhor fala inglês? — retorquiu Reacher.

E o tipo repetiu, dessa vez em inglês:

— Os senhores vivem nesta rua?

Reacher apontou em frente.

— Estamos hospedados no hotel.

— E há quanto tempo lá estão?

— Chegámos hoje de manhã.

— Um voo noturno?

— Sim.

— Da América?

— Como percebeu?

— Pela maneira como estão vestidos e pela atitude. Qual é o propósito da vossa visita?

— Turismo.

E o tipo disse:

— Os vossos documentos, por favor.

— A sério? — retorquiu Reacher.

— Na Alemanha, a lei exige que se identifiquem à polícia quando solicitados.

Reacher encolheu os ombros e enfiou a mão no bolso, à procura da identificação militar. Era fácil de encontrar. Não havia muito mais coisas lá dentro. Entregou-a. E Neagley fez o mesmo. O polícia

apontou os nomes deles no bloco de notas e devolveu-lhes os cartões, educadamente.

— Obrigado — disse.

— Que aconteceu? — perguntou Reacher.

— Uma prostituta foi estrangulada. Antes de os senhores cá chegarem. Tenham um bom dia.

O tipo afastou-se, deixando-os sozinhos no passeio.

Nesse momento, o americano encontrava-se a menos de quinhentos metros de distância, a alugar um carro num pequeno *franchisado* entalado entre dois rés do chão, numa rua paralela com apartamentos baixos. Queria sair da cidade. Só por uns dias. Ou até por umas horas. Sabia que era uma reação imatura. Como uma criança. *Não vos posso ver, por isso também não me podem ver*. Não é que estivesse preocupado. De maneira nenhuma. Não havia impressões digitais, nem ADN, nem câmaras. Ela era apenas uma prostituta. Iam desistir rapidamente. Tinha a certeza disso. Mas, entretanto, era escusado ficar por ali. Talvez fosse de carro até Amesterdão. E depois voltaria. Era como estar a cair. Já não havia forma de parar.

Reacher e Neagley regressaram ao hotel e o rececionista informou-os de que um cavalheiro chamado Waterman tinha telefonado duas vezes da América. Meio-dia em Hamburgo. Seis da manhã na Costa Leste. Um assunto urgente qualquer. Subiram para o quarto de Neagley, que ficava mais perto, e ligaram de lá. Landry,

o homem de Waterman, atendeu. Já estavam todos a trabalhar. A seguir, o próprio Waterman surgiu na linha e disse:

— Têm de voltar para cá. Acabaram de apanhar mais conversa. Acham que está tudo a mudar.

7

Apanharam um voo da Lufthansa ao início da noite, ficando sentados ao lado um do outro no meio de gente essencialmente jovem e a viajar sozinha, alguns com aspeto desmazelado, outros com um ar esquisito e outros que pareciam saídos de uma visita de estudo de pós-graduação. O avião fê-los regressar aos Estados Unidos duas horas depois de terem saído da Alemanha, a meio da noite, oito horas de voo menos seis fusos horários, e a seguir foram buscar o velho *Caprice* ao parque de estacionamentos de curta duração, atravessaram a escuridão nele até McLean e pararam ao lado dos *Caprices* mais novos, que pareciam não ter saído do mesmo sítio. Junto deles, encontravam-se duas carrinhas pretas. Entraram e deram com toda a gente, incluindo Ratcliffe e Sinclair, atafulhada no gabinete. À espera deles. Mas não tinham esperado muito tempo. Um posto elevado tinha as suas vantagens. Ratcliffe disse:

— Chegaram mesmo a horas. A FAA foi-nos informando do voo da Lufthansa e a polícia manteve-nos ao corrente do trânsito.

E Reacher retorquiu:

— O que perdemos?

Ratcliffe respondeu:

— Uma peça do quebra-cabeças. O que sabe o major de computadores?

— Já vi um uma vez.

— Têm todos uma coisa lá dentro que define a data e a hora. Um circuitozinho. Muito simples, muito barato e desenvolvido há imenso tempo, na altura em que os cartões perfurados constituíam o modelo de excelência e os dados tinham de ser espremidos num máximo de oitenta colunas. Para poupar *bits*, escreveram os anos com dois dígitos em vez de quatro. Ou seja, 1960 foi escrito como 60, 1961 ficou 61. E por em diante. Tinham de economizar espaço. Nenhum problema com isso. Só que as coisas foram avançando e, enquanto o diabo esfrega um olho, 1999 vai passar a ser 2000 e ninguém sabe se os sistemas dos dois dígitos se vão portar como deve ser. São capazes de julgar que é outra vez 1900. Ou 19 100. Ou zero. Ou são capazes de paralisar por completo. Pode haver quebras catastróficas no mundo inteiro. Podemos ficar sem serviços públicos e infraestruturas. As cidades podem ficar às escuras. Os bancos podem entrar em colapso. Pode ver o seu dinheiro todo esfumar-se. Ou nem isso.

— Não tenho dinheiro nenhum — retorquiu Reacher.

— Mas entende o que quero dizer.

— E quem concebeu esse circuito? O que é que eles dizem?

— Já se reformaram todos há muito ou também já morreram há muito. E, de qualquer forma, não estavam a contar que os programas durassem mais do que uns anos. Por isso, não existe documentação. Aquilo era tudo basicamente um bando de *geeks* à volta de uma bancada de laboratório, a tentar perceber como funcionavam as coisas. Ninguém se lembra dos pormenores exatos. Ninguém é suficientemente inteligente para voltar a descobrir tudo

invertendo a ordem da coisa. E há o pressentimento de que podem ter compreendido mal o calendário gregoriano. São capazes de se ter esquecido de que 2000 é um ano bissexto. Normalmente, nada que se possa dividir por cem é. Mas uma coisa que se possa dividir por 400 já é. Portanto, é uma trapalhada mesmo grande.

— E qual é a ligação disto tudo?

— O mundo depende cada vez mais dos computadores. A Internet pode vir a ser uma coisa muito importante no ano 2000. O que multiplicaria o problema, já que tudo estaria interligado a tudo e mais alguma coisa. Portanto, a parada está a subir. As pessoas começam a preocupar-se. Estão a acordar para os perigos. E, em consequência disso, os empreendedores espertalhões estão a tentar escrever correções de *software*.

— Que são o quê?

— Iguais a soluções mágicas. Instalamos esse novo código e resolvemos o problema. Há muito dinheiro a ganhar com isso. O mercado é enorme. Pelo mundo inteiro, há milhões de pessoas que precisam que lhes façam isso com antecedência. É urgente. Tão urgente que prevemos que as pessoas instalem primeiro e pensem depois. O que as deixa vulneráveis.

— A quê?

— Outro fragmento de conversa. Apanhámos uns sussurros sobre uma correção já terminada e à venda. Supostamente, parece boa, mas não é. É um cavalo de Troia. Género um vírus ou um *worm*, mas não é bem igual. Trata-se de um calendário de quatro dígitos, que pode ser parado remotamente, a mando de alguém. Pela Internet. Que vai crescendo a cada dia que passa. Os computadores do mundo inteiro vão crachar. Governo, serviços públicos, empresas e indivíduos. Imagine o poder que isso dá a uma

pessoa. Imagine o caos. Imagine o potencial em matéria de chantagem. Haveria quem pagasse cem milhões para obter uma capacidade dessas.

— Isso já é um bocado abusivo — respondeu Reacher. — Não acha? As pessoas pagariam cem milhões para obter uma série de coisas. Porquê partir do princípio de que é esta coisa em concreto?

Mais valia ouvir a conversa toda até ao fim.

Ratcliffe respondeu:

— É necessário um determinado tipo de talento para escrever uma coisa dessas. E também um determinado tipo de cabeça. Uma espécie de sensibilidade de fora da lei. Não é que eles vejam a coisa assim, claro. Para eles, é mais uma coisa *hipster*. E isso, pelo que me dizem, não se trata de um tipo incomum no mundo dos programadores de *software*. E à volta de quatrocentos acabaram de se reunir numa convenção no estrangeiro. Quatrocentos dos *geeks* mais *hipsters* do mundo. E cerca de metade era pessoal americano.

— Onde?

— A convenção foi em Hamburgo, na Alemanha. Estiveram lá enquanto os senhores lá estiveram. A convenção terminou esta manhã. Foram-se todos embora hoje.

Reacher assentiu.

— Acho que vimos uns quantos no avião. Novos e desmazelados.

— Mas a convenção ainda estava a todo o gás no dia do encontro do mensageiro. Havia duzentos programadores americanos ali na cidade. Se calhar, um deles escapuliu-se durante uma hora.

Reacher ficou calado.

E Ratcliffe continuou:

— A nossa gente informou-me de que, na Europa Ocidental, essas convenções têm um toque diferente. Costumam atrair os excêntricos e os radicais.

A seguir, Ratcliffe foi-se embora, com os guarda-costas, na carrinha preta. Sinclair prosseguiu com a reunião. Explicou que o foco se passaria a centrar nos programadores informáticos. Explicou que o FBI possuía uma nova equipa dedicada a tais assuntos. Waterman faria a ligação com essa equipa, mas apenas por intermédio dela, de Ratcliffe ou do presidente, ou então de quem mais pudesse ser útil, mas, de novo, sem ser de forma direta. White identificaria os tais duzentos americanos e começaria a verificar os respetivos antecedentes. Reacher não desempenharia nenhum papel no imediato, mas deveria permanecer nas instalações. Só por via das dúvidas. O Departamento de Defesa tinha computadores, e programadores, e, na realidade, as primeiras verdadeiras preocupações com a questão da data tinham partido de lá. Talvez o mauzão tivesse estado a atrair procura antes de se ocupar da oferta.

Waterman e White puseram-se ao trabalho, mas Reacher deixou-se ficar no gabinete. Ele e Sinclair, completamente sozinhos. Ela olhou para ele, de cima a baixo, e atirou:

— Tem alguma pergunta que me queira fazer?

Reacher pensou: *Já jantou?* Sinclair trazia outro vestido preto, pelo joelho, que se lhe colava ao corpo, de novo com meias de *nylon* escuras e sapatos bons. Mais a cara e o cabelo, o estilo natural, penteado com os dedos. E sem aliança.

Mas retorquiu:

— Acha mesmo que isto é alguma coisa que uns gajos que trepam cordas no Iémen iam querer comprar?

— Não vejo porque não. Não deixam de ser sofisticados. De certa forma, o preço comprova-o. Isso só pode ser apoio de uma empresa corrupta, ou financiamento de um governo corrupto, ou então acesso ao capital de uma família muito rica. E qualquer uma dessas possibilidades indiciaria uma familiaridade com a modernidade, incluindo com certeza sistemas informáticos.

— Isso é uma profecia que se realiza a si mesma. Estão a querer convencer-se disso.

— E onde é que quer chegar?

— Improvisar é bom. Mas entrar em pânico é mau. Estão a tentar agarrar-se a qualquer coisa. E são capazes de não ter razão. O que aconteceu a não deixar pedra por virar?

— E o major tem alguma outra sugestão viável de investigação?

— De momento, não.

— Que aconteceu em Hamburgo? — perguntou Sinclair.

— Pouca coisa — respondeu Reacher. — Vimos o apartamento. Como está o iraniano?

— Está ótimo. Deu notícias hoje de manhã. Nada feito. Houve alguma agitação ali a quatro ruas do prédio. Uma prostituta foi assassinada.

— Nós vimos isso — retorquiu Reacher. — Vimos uma data de coisas. Incluindo demasiados destinos possíveis. Não podemos começar pelo extremo oposto. Vamos ter de seguir o mensageiro do apartamento até ao encontro.

— Demasiado arriscado.

— Não há outra hipótese.

— O major podia encontrar o americano antes de se dar sequer o encontro. Isso seria outra hipótese. E, provavelmente, uma hipótese melhor para todos os envolvidos.

— Estão a pressionar-vos lá em cima.

— Sim, a administração teria todo o interesse em encerrar o assunto rapidamente.

— E daí saber bem diminuir as possibilidades. Sabe a progressos. Duzentos sabe melhor do que duzentos mil. Compreendo isso. Mas nem sempre o que sabe bem equivale a uma decisão inteligente.

Sinclair ficou calada durante um longo momento. E depois disse:

— *Okay*, quando os outros não precisarem de si, está livre para trabalhar por sua conta.

O que era uma restrição de outra espécie. A gravidade excluía a liberdade. Era como se só tivesse uma oportunidade e mais nada. Uma tentativa para comprovar uma teoria.

Neagley afirmou:

— Cada possibilidade desemboca na mesmíssima pergunta. Que está ele a vender?

— Concordo — retorquiu Reacher.

— Então o que é?

— Tu é que escreveste a lista.

— Não escrevi. A lista está em branco. Que tipo de informações secretas iriam querer de nós? O que vale para eles cem milhões de dólares? Já sabem o que precisam de saber. Podem ler isso no jornal. O nosso exército é maior do que o exército deles. Fim da história. Se a coisa chegar a isso, damos-lhes um enxerto de

porrada. Para que iriam gastar cem milhões de dólares para descobrir ao certo como e até que ponto levariam? O que ganhariam com isso?

— Então é *hardware*.

— Mas o quê? Das duas, uma, as coisas são demasiado baratas e abundantes ou então eles precisam de um autêntico regimento de engenheiros para as pôr a funcionar. Não existe meio-termo. Cem milhões é um preço de retalho estranho.

Reacher assentiu.

— Disse a mesma coisa ao White. Ele pensou em tanques e aviões.

— Que *hardware* iriam querer de nós? Dá-me um bom exemplo. Uma coisa qualquer concebida para ser utilizada no terreno, obviamente, no calor da batalha, por um típico soldado de infantaria. Porque deve ser o *standard* a que estão a apontar. Qualquer coisa simples, tosca e fiável. Qualquer coisa com um grande interruptor vermelho. E uma grande seta amarela a apontar para a frente. Porque não têm formação especializada nem um regimento de engenheiros.

— Há uma data de coisas.

— Concordo. Mísseis terra-ar portáteis carregados ao ombro seriam úteis. Seriam capazes de derrubar aviões civis de passageiros. A sobrevoar cidades. Só que eles já têm milhares. Demos milhares aos rebeldes e os soviéticos deixaram ficar outros tantos milhares quando saíram de lá. E agora a nova Rússia anda a dedicar-se a vender os milhares que ainda trouxe. E se isso não chegar, podem sempre arranjar umas imitações baratas chinesas. Ou norte-coreanas. Seria fisicamente impossível gastar cem milhões de dólares em mísseis que se carregam ao ombro. São demasiado

comuns. Demasiado baratos. É o bê-á-bá da economia. Seria o mesmo que gastar cem milhões de dólares em lixo.

— Então é o quê?

— Não há nada. Não temos teoria nenhuma.

Dez da noite em McLean, na Virgínia.

O que correspondia às sete e meia da manhã seguinte em Jalalabad, no Afeganistão. O mensageiro encontrava-se uma vez mais na antecâmara. O sol do início da manhã entrava por uma janela alta, incidindo sobre partículas de pó e despertando moscas recém-nascidas. Na cozinha, estavam a preparar chá.

O mensageiro acabou por ser conduzido à mesma sala pequena e quente. Que também possuía uma janela alta, por onde entrava igualmente um feixe de sol matinal, pó a dançar e moscas a acordar. Os mesmos dois homens estavam sentados sob o raio de sol, nas mesmas duas almofadas. Ambos barbudos, um, pequeno e gordo, e o outro, alto e magro, os dois com as mesmas túnicas brancas lisas e os mesmos turbantes brancos lisos.

O homem alto afirmou:

— Hoje vais partir com a nossa resposta.

O mensageiro inclinou a cabeça, respeitosamente.

O homem alto prosseguiu:

— O mundo tem por hábito regatear. Mas não estamos a comprar camelos. Portanto, a nossa resposta é simples.

O mensageiro inclinou de novo a cabeça, virando-a um pouco, como se estivesse a mostrar a orelha.

O homem alto rematou:

— Diz ao americano que vamos pagar o que ele pede.

8

Quatro horas mais tarde, eram oito da manhã em Hamburgo, na Alemanha, e o médico-legista da cidade estava a entrar ao serviço na morgue central. Na véspera, tinha terminado a autópsia já tarde, ao início da noite. Horas extraordinárias não pagas, mas um homicídio era raro e podia construir-se uma carreira com isso. E agora queria rever os apontamentos antes de apresentar as conclusões.

A vítima era uma mulher branca e alta de pele clara. De acordo com os documentos, tinha trinta e seis anos e oito meses à altura da morte. O que era consistente com os indícios físicos. A mulher estava em boa forma. Era adepta de dietas, a julgar pela baixa gordura corporal. E ia ao ginásio, a julgar pelos músculos tonificados. Comera uma salada de cuscuz cerca de seis horas antes de morrer e engolira sémen mais ou menos uma hora antes. A seguir, tinha sido estrangulada por trás, selvaticamente, por um agressor destro. As lesões nos tecidos eram ligeiramente maiores do lado direito, o que indiciava dedos mais fortes.

A pele clara da vítima tinha possibilitado hematomas *perimortem* noutros locais. Nada de dramático, mas bem definido. Em particular, havia contusões incipientes na parte de trás dos cotovelos, devido

aos joelhos do agressor. Prendera-a no chão, sentando-se em cima dela de pernas escarranchadas, montando-a como se fosse um pónei. E as nádegas dela encontravam-se levemente pisadas, devido à pressão das dele. Segundo o médico-legista, era um homem descarnado. Forte, mas seco. De mãos e joelhos cortantes. Um tipo escanzelado, diriam na televisão. Possivelmente, carregado de energia; possivelmente, de comportamento nervoso e capaz de explosões de violência.

Estava a formar-se um retrato.

E o melhor de tudo era que a medida linear entre as lesões nas nádegas e nos cotovelos da vítima correspondia, de forma evidente, à distância exata entre a base pontiaguda da cintura pélvica do agressor e as rótulas deste. O que, após as deduções da praxe relativas às articulações em causa, veio a indicar o comprimento exato do fémur do homem. E o comprimento do fémur era considerado um guia infalível para a altura de uma pessoa.

O agressor media um metro e setenta e três. Em termos americanos, cinco pés e oito polegadas. E o fator americano devia ser tido em conta, já que a vítima era prostituta. Os soldados ainda tinham dinheiro para gastar. Mas, em todo o caso, não se tratava de um anão nem de um gigante.

O médico-legista anexou uma nota pessoal às costas do processo. Não era uma prática habitual, mas deixou-se levar um pouco pelo entusiasmo. A nota dizia que, na opinião dele, o culpado era um homem destro de estatura média, e provavelmente com peso inferior ao normal, dotado de uma estrutura óssea pronunciada e de um físico forte, mas seco em vez de musculoso. Talvez como um corredor de fundo.

A seguir, o médico-legista selou o processo dentro de um envelope e pediu que o entregassem de imediato, por bicicleta, na polícia, ao chefe dos detetives da cidade.

O chefe dos detetives não ficou radiante por recebê-lo. De início, não. Ficou mais entusiasmado depois. Chamava-se Griezman. Consideravam-no bem-sucedido. O departamento dele possuía uma impressionante taxa de êxito de noventa por cento. Mas, naquele caso, Griezman não queria nada impressionante. Queria uma investigação curta e depois queria ver o assunto bem longe, do outro lado do fosso, bem dentro dos dez por cento de falhanços antigos e esquecidos.

Tinha lido as notas dos detetives. Uma dizia que, por norma, a vítima saía de casa para o hotel de carro, ao início da noite, estacionava no parque e atuava no bar. Mas, nessa noite, ninguém a tinha visto chegar. Por norma, o cliente recorreria ao quarto de hotel dele. E, por norma, ela ir-se-ia embora a meio da noite ou, por vezes, de manhãzinha. Os *barmen* e o pessoal do serviço de limpeza talvez fossem capazes de fornecer uma lista dos homens com quem ela tinha sido vista.

Outra nota dizia que era invulgar ela receber clientes no próprio apartamento. Era invulgar para as prostitutas de hotel em geral. Talvez o cliente já tivesse utilizado os serviços dela. Fosse conhecido e de confiança. E, nesse caso, talvez valesse a pena investigar minuciosamente os clientes habituais. Ao longo do último ano ou talvez dos dois últimos. Partia-se do princípio de que a relação tinha começado no bar. Talvez os empregados do hotel se

recordassem do encontro inicial. A maioria já lá trabalhava há imenso tempo.

Uma terceira nota dizia que ela era muito cara.

Griezman fechou os olhos.

Já sabia isso. E sabia que ela atuava no bar. As notas estavam erradas em relação a alguns aspetos. Não era invulgar ela servir-se do próprio apartamento. De maneira nenhuma. Às vezes, com toda a naturalidade, travava conhecimento com gente no bar que não se encontrava hospedada no hotel. Cavalheiros ali da zona, talvez a descomprimir após um dia difícil no escritório. Com casas próprias nas redondezas, mas, claro, não as poderiam utilizar. Por causa das mulheres, das famílias e por aí adiante.

Cavalheiros ali da zona, como ele.

Tinha sido cliente dela. Quase um ano antes. Três vezes. Pronto, quatro. Em casa dela. Da primeira vez, até a partir do hotel. *Qual é o número do teu quarto? A verdade é que não estou cá hospedado. Só cá vim beber um copo*. Tinham saído cada um no seu carro. Ele tinha uma apólice de seguro, recentemente vencida e paga, com um bónus, sendo que deveria ir tudo para a conta-poupança. Para as crianças. E agora ela estava morta. Assassinada. Ele faria parte da lista de homens com quem tinha sido vista. Uma investigação minuciosa seria um desastre. Alguém se lembraria. E ele seria despedido, evidentemente. E ficaria divorciado, claro. E cairia em desgraça.

Abriu o envelope do médico-legista. Leu os factos nus e crus. Conhecia aquele pescoço. Era comprido, esguio e delicadamente claro. Sabia que ela gostava de cuscuz. E sabia que ela engolia.

Virou a última página e viu a nota pessoal. Destro, estatura média, peso inferior ao normal, estrutura óssea pronunciada, seco

em vez de musculoso.

Como um corredor de fundo.

Griezman sorriu.

Media dois metros e pesava 136 quilos. Em termos americanos, seis pés e seis polegadas e trezentas libras. Quase tudo gordura. Comia salsichas com puré de batata ao pequeno-almoço. A última vez que tinha visto um osso tinha sido num raio X.

Nada que ver com um corredor de fundo.

Disse à secretária para convocar uma reunião. A equipa foi chamada. Os detetives dele. Disse:

— Está na altura de definir alguns novos parâmetros. Vamos presumir que a vítima foi de carro até ao hotel, mas que a engataram antes de lá entrar. Talvez um encontro fortuito no próprio parque de estacionamento. Possivelmente, um cliente habitual. Possivelmente, uma daquelas coisas já-não-nos-vemos-há-tanto-tempo. O que nos diz que ele tem dinheiro que chegue para lhe pagar, mas que não fica hospedado no hotel, caso contrário, ela ter-lhe-ia proposto o quarto dele como primeira preferência. Por isso, o tipo morava ali na zona ou então estava a dormir noutro sítio. A questão é: teria carro? Provavelmente, já que estava no parque de estacionamento. Mas, possivelmente, não, já que o parque também funciona como atalho para o outro lado do quarteirão. E, nesse caso, é possível que tenha sido a própria vítima a levá-lo para casa. E, nesse caso, devíamos ver que impressões digitais encontramos dentro do carro. Pelo menos, nos puxadores das portas e no fecho do cinto de segurança.

Os detetives foram tirando apontamentos.

E Griezman prosseguiu:

— E o melhor de tudo é que agora temos informações superconsistentes do patologista. O criminoso é de estatura média e magro. Estamos a falar de informações científicas. E é disso que estamos à procura. De mais nada. Esqueçam os clientes antigos, a não ser que por acaso sejam de estatura média e magros. Não estamos interessados em mais ninguém. De certeza que vai ser uma perda de tempo porque de certeza que se trata de um marinheiro com ordenados em atraso, que já vai pelo oceano fora, mas tem de parecer que estamos a fazer alguma coisa. Mas concentrem-se. Não percam tempo. Estatura média, descarnado, impressões digitais dele no carro. Confiram esses itens. E mais nada. Não se ponham a caçar gambozinos. Poupem energias para a próxima coisa.

Os detetives saíram em fila indiana e Griezman soltou um suspiro, recostando-se na cadeira.

Nesse momento, o americano estava em Amesterdão a tomar duche. Tinha-se levantado tarde. Encontrava-se hospedado num hotel a uma rua da zona mais concorrida. Era pequeno e limpo e alguns dos hóspedes eram pilotos de aviação. Era um sítio desse estilo. Tinha descido para tomar café e vira os jornais alemães na sala do pequeno-almoço. Nenhum cabeçalho. Não havia nada em lado nenhum. Estava a salvo.

Nesse momento, o mensageiro ia numa carrinha *Toyota* de caixa aberta, apenas a oito quilómetros de completar uma viagem de perto de quinhentos. A que se seguiriam quatro aeroportos e três

casas seguras. Tudo isso era árduo, mas o pior vinha primeiro. A estrada era dura. Custosa para a carrinha e custosa para o passageiro. Era extenuante. Havia sítios em que praticamente não era sequer uma estrada. Havia sítios em que mais parecia o leito de um rio extinto. Mas era esse o preço do isolamento.

O sol avançou para oeste, iluminando primeiro a costa do Delaware, depois o litoral leste do Maryland e, por fim, D.C. propriamente dita, surgindo a cidade temporariamente esplendorosa sob a luz inicial da manhã, como se tivesse sido concebida especificamente para esse momento único do dia. A seguir, o amanhecer chegou a McLean, com a carrinha de *catering* a fazer o mesmo em relação ao parque empresarial, trazendo café e o pequeno-almoço. Toda a gente estava acordada e à espera. Os aposentos de Landry, Vanderbilt e Neagley ficavam no segundo dos três edifícios do *campus* da Educational Solutions. O mesmo esquema, camas onde antes tinham estado carteiras. No terceiro edifício, os tipos do NSC faziam turnos entre si, sempre com um de serviço e o outro a dormir.

White revelou:

— Tirando dez, os programadores já voltaram todos para os Estados Unidos ou estão a caminho. Os dez que faltam são expatriados. Vivem na Europa e na Ásia. E há um que vive precisamente em Hamburgo.

— Parabéns — soltou Reacher. — Resolveste o caso.

— É uma questão de prioridades. É mais provável ou não que um expatriado seja um mauzão? Devemos olhar para eles em primeiro ou segundo lugar?

— E quem é esse tipo de Hamburgo?

— Temos uma fotografia. É um tipo da contracultura. Meteu-se nos computadores em tenra idade. Diz que, mais tarde ou mais cedo, vão tornar o mundo mais democrático. O que quer dizer que ele rouba e parte coisas e chama-lhe política em vez de crime. Ou artes performativas.

Vanderbilt mostrou-lhes a imagem. Era uma foto tipo passe no canto esquerdo superior de uma página arrancada de uma revista. Um artigo de opinião, no que aparentava ser uma publicação *underground*. E uma fotografia de um branco escanzelado, com uma guedelha enorme e toda espetada. Como se tivesse um dedo enfiado numa tomada. Em parte professor louco e em parte brincalhão alegre. Tinha quarenta anos.

White disse:

— O chefe da base de Hamburgo fez uma pequena vigilância a pé. Não está de momento em casa.

E Reacher respondeu:

— Mas se ele vive lá, porque marcou o primeiro encontro numa altura que coincidia com a convenção? Estamos a falar de uma semana movimentada. E há pessoal que o conhece. São capazes de reparar. É melhor fazer isso antes ou depois.

— Portanto, na tua opinião, o momento demonstra que foi alguém que visitou a convenção.

— Na minha opinião, isto é tudo um bocado a Alice no País das Maravilhas.

— Até ao momento, não temos mais nada.

— Esses mensageiros viajam até muito longe? — perguntou Reacher.

— Ainda não chegam aqui. Pelo menos, para já. Tanto quanto sabemos. Mas percorrem a Europa Ocidental, a Escandinávia e o Norte de África. Além do Médio Oriente, claro.

— Ou seja, o melhor que têm a fazer é vigiar os programadores que regressaram a casa e aguardar que um volte a partir, para o segundo encontro. Para a resposta positiva ou negativa. Mas não necessariamente para Hamburgo. A vossa teoria diz que, da primeira vez, Hamburgo foi conveniente por causa da convenção. Por isso mesmo, outro sítio qualquer também poderá ser mais conveniente da segunda vez. Paris ou Londres. Ou Marraquexe. A vossa teoria não prevê nada em relação ao local.

— Vamos saber qual foi o bilhete que ele comprou. Vamos saber para onde vai.

— Ele vai comprar à última da hora.

— Mas vamos saber à mesma em que avião entrou.

— Só que demasiado tarde. E o que vão fazer depois? Apanham o avião seguinte e chegam quatro horas depois de o acordo ficar fechado?

— Pões mesmo uma pessoa a sentir-se esperançosa, sabias?

— A vossa teoria diz que, ao mesmo tempo, o mensageiro também vai estar em movimento. A caminho do mesmo destino.

— Não sabemos que nome ele vai usar nem de onde virá. Nem que passaporte vai utilizar. Paquistanês, possivelmente. Ou britânico. Ou francês. Há demasiadas variáveis. Olhámos dois dias para trás em relação ao primeiro encontro e, só a passar pelo aeroporto de Hamburgo, já havia quinhentos candidatos plausíveis. Não conseguimos distinguir ninguém no papel. Não iríamos saber quem vigiar.

— Bebam mais café — atirou Reacher. — Isso costuma resolver o assunto.

Em Hamburgo, era hora de almoço, e o chefe dos detetives Griezman estava a poucos minutos de um belo repasto num restaurante numa cave relativamente perto do departamento. Mas primeiro ainda tinha trabalho para terminar. Uma das funções que desempenhava como chefe consistia em transmitir informações a quem delas necessitava. Como um editor ou curador. Alguém tinha de assumir a responsabilidade. E era o couro desse alguém rechonchudo que seria despedido caso a bota não desse com a perdigota. Era por isso que ele recebia aquele carcanhol todo, como diziam na televisão.

Naturalmente, tendia a ser cauteloso. Mais valia prevenir do que remediar. Era praticamente tudo enviado algures. Todos os dias, antes do almoço. Analisava duplicados e fotocópias e fazia pilhas identificadas, para cada determinada agência. A secretária mandava entregar tudo de bicicleta, enquanto ele almoçava.

Quase no início da pilha, estava mais um relatório relacionado com o inquérito à morte da prostituta. Entre os nomes recolhidos durante a investigação porta a porta na rua dela, encontravam-se os de um major do exército dos Estados Unidos e de uma militar sem patente de oficial, que tinham alegado estar de visita à cidade em turismo. O agente responsável pela informação fizera uma verificação posterior nos registos do controlo fronteiriço no aeroporto. E descobrira que os dois americanos tinham chegado de facto naquela manhã, conforme alegaram. Por conseguinte, podiam

ser eliminados como suspeitos, mas o agente quis realçar que não tinham aspeto de turistas.

Mais valia prevenir do que remediar. Griezman atirou o relatório para o espaço identificado como *QG do Comando Militar dos EUA em Estugarda*, no qual correspondia até então à única entrada do dia.

A seguir, leu uma declaração rotineira de um parágrafo, destinada a proteger o próprio couro, por parte da divisão fardada. Dizia que, há já vários dias, um determinado cidadão a tinha contactado telefonicamente para relatar que, ao final da tarde, tinha visto um americano a conversar com um homem moreno provavelmente do Médio Oriente, num bar logo à saída da Baixa. O cidadão afirmou que o homem moreno se estava a comportar de forma nervosa, inquestionavelmente devido a segredos de vida ou morte relacionados com perturbações regionais derivadas de injustiças históricas. Mas os agentes daquela zona foram lestos a revelar que o informador em causa era famoso por ser paranoico e fanático e conhecido por efetuar com frequência telefonemas de conteúdo semelhante, vaticinando catástrofes globais, e, em todo o caso, o indivíduo do Médio Oriente tinha direito a comportar-se de forma nervosa, já que se encontrava num bar da pesada, onde não teria sido bem-vindo nem tolerado por muito tempo. Ainda assim, tudo somado, considerou-se que valia a pena registar o assunto.

E, por isso mesmo, valia a pena transmiti-lo a esferas mais altas, decidiu Griezman. Se um podia proteger o próprio couro, dois também podiam. Mas transmiti-lo a quem? Ao consulado americano, claro. Em parte, como uma alusão ao *bullying* ocorrido. Por que razão havia um americano de convidar um árabe para um bar daqueles? De certeza que o convite não poderia ter sido ao

contrário. Não poderia ter sido o local de eleição de um indivíduo do Médio Oriente. Qual teria sido o propósito?

Mas, sobretudo, resolveu transmiti-lo por se tratar de um americano a conversar com um árabe. De repente, andavam muito interessados em coisas dessas. Havia créditos a ganhar com isso. E carreiras que se podiam construir.

Atirou o parágrafo para o espaço identificado como *Consulado dos EUA em Hamburgo*, no qual correspondia igualmente à única entrada do dia.

9

Reacher e Neagley instalaram-se no comando central na sala de aulas. Concentraram-se nos relatórios de operações. Puseram de parte cem, duzentos, quinhentos nomes de uma só vez. As forças armadas sabiam muito bem como estar a par do paradeiro das pessoas. Exceto das pessoas que se encontravam de licença. Tempo com a família, nos subúrbios alemães. Ou com voos baratos de regresso a casa. Ou férias ou aventuras. Gente pelo mundo inteiro. No mínimo, aos milhares de cada vez.

Nenhuma informação.

Neagley disse:

— E também temos ao barulho três que abandonaram o respetivo posto sem autorização. Mais um O-5 que se recusa a dizer onde esteve nesse dia.

Um tenente-coronel.

— E quem são os ausentes sem autorização? — perguntou Reacher.

— São todos soldados. Um da infantaria, outro da divisão blindada e outro do corpo médico.

Soldados de primeira classe.

E Reacher retorquiu:

— Mas agora também já se deserta do corpo médico? Quando é que isso começou? E há quanto tempo desapareceram?

— O do corpo médico, há uma semana, o da infantaria, há uma semana e meia, e o da divisão blindada, há quatro meses.

— Quatro meses é bastante tempo.

— Não o conseguem encontrar. Ainda não tentou utilizar o passaporte. Por isso, é provável que continue na Alemanha. Só que agora aquilo é um país grande.

— E quem é o O-5 que não quer dizer onde estava?

— Um comandante de infantaria.

— Perguntaste por aí?

Não havia coscuvilhice mais eficaz.

— O tipo é de confiança — respondeu Neagley. — Mas não viu grande ação no Golfo e agora não tira os olhos do Leste, à procura dos soviéticos através da neblina, só que eles já se foram há muito. Portanto, anda frustrado. E, de vez em quando, mostra-se bastante ruidoso quanto a isso.

— Um descontente.

— Mas não o pior de sempre.

— E porque não sabem onde ele esteve?

— Ele arranjou maneira de ter carta-branca. Investigação de armas e táticas novas. Umas tretas desse género. No futuro, as coisas vão ser flexíveis e leves. Por isso, viaja imenso. E, normalmente, não tem de dizer para onde. Só que desta vez perguntaram-lhe e não lhe conseguiram arrancar nada.

— E agora onde é que ele está?

— Mandaram-no para casa. Porque a pergunta veio da Ala Oeste. É o presidente que está a perguntar. Ninguém sabe o que fazer a seguir. Ninguém sabe se é alguma coisa ou se não é nada.

— Devíamos pôr essas palavras na insígnia da nossa unidade. Como um lema num rolo de pergaminho, por baixo de dois pontos de interrogação cruzados.

— De certeza que o aboletamento dele fica perto do Pentágono. Posso garantir que o futuro dele inclui conversas de importância elevada. Podemos localizá-lo, se quiseres falar com ele.

E depois ela disse:

— Espera.

Pôs-se a vasculhar no monte de listas.

E soltou:

— Espera lá um minuto, raios.

Deu com a lista certa. Verificou-a uma vez e, a seguir, verificou-a novamente.

— Sei onde ele esteve uma semana antes — afirmou.

Reacher leu a lista invertida. Nomes e números de voos. Trinta e seis americanos. A contribuição de Vanderbilt.

— Zurique — afirmou.

Neagley assentiu.

— Precisamente sete dias antes do encontro, chegando a tempo do café da tarde e voltando também já tarde, depois do jantar. Mas não pode ser o nosso homem. O nosso teria uma história de cobertura para o dia em questão. Não teria? Mentiria. Não se limitaria a ficar de boca fechada. Que julga ele que vamos fazer? Acreditar na palavra dele por ser um cavalheiro?

Reacher retorquiu:

— Descobre onde ele está. Certifica-te de que sabem que é o presidente que está a perguntar. Diz-lhes que vamos lá buscar o tipo. Diz-lhes que vamos dar uma volta ao quarteirão com ele no banco de trás do nosso carro.

O homem estava em Myer, num quarto para os oficiais de visita. Reacher calculou que as novas ordens para entrar no carro teriam lá chegado uns vinte minutos antes, provavelmente através do estado-maior general. O que teria aumentado a seriedade das mesmas. Calculou que o tipo teria fugido logo de imediato ou então que se teria preparado. E veio a revelar-se que se preparara. Saiu da casa onde estava instalado assim que o *Caprice* preto encostou ao passeio.

Neagley ia a guiar e Reacher estava no banco de trás, do lado direito. O homem entrou para o carro e sentou-se atrás de Neagley, em posição vertical e de costas direitas, com as mãos nos joelhos, como se estivesse num banco de igreja com toda a gente a observá-lo. Chamava-se Bartley. Tinha quarenta e tal anos, mas os cinquenta ainda vinham longe. Era de estatura média e magro. Um homem cheio de estamina. Resistência, em vez de força. E a começar a perdê-la. Um dirigente de homens, mas não tão inquestionavelmente credível como fora em tempos. Trazia o uniforme militar vestido, com os vincos bem marcados. Cheirava a sabão.

Reacher disse:

— Faça o favor de me repetir as suas ordens, meu coronel.

E Bartley respondeu:

— Devo entrar num veículo onde se encontram dois polícias militares e, para evitar quaisquer dúvidas, devo considerar-me em todos os momentos sob a legítima jurisdição desses mesmos oficiais, bem como responder com sinceridade e o melhor que me for possível às questões que me apresentarem, pois, para evitar quaisquer dúvidas adicionais, devo considerar tais ordens provenientes do próprio presidente.

— Ele tem jeito para as palavras, não tem?

— Foi advogado.

— Foram todos advogados.

— Que questões têm para mim?

Reacher retorquiu:

— O meu coronel escolheu o dia errado para desaparecer.

— Não tenho nada para dizer acerca disso.

— Nem sequer se for o presidente a perguntar?

— É uma questão de privacidade. Esse dia não tem nada que ver com o meu desempenho profissional. Nada que ver com os meus deveres.

— É bom saber. Mas acho que a questão é mesmo essa. Querem saber o que faz nos tempos livres. O senhor é um oficial superior. Existem consequências. Estas coisas podem ser boas ou más. E o senhor devia dizer-nos. Está a arriscar dar rédea solta à nossa imaginação.

— Não tenho nada para dizer.

— Isso é um erro tático. Está a chamar a atenção. Não há fumo sem fogo. Está a entrar no ponto de não retorno, meu coronel. Daqui em diante, vai descambar tudo. Possivelmente, sem motivo. Possivelmente, por causa de uma coisinha que outras pessoas já fizeram e se safaram. Mas o senhor vai estender-se ao comprido. Na melhor das hipóteses, vai ficar a marcar passo. Na melhor das hipóteses, vão pôr para sempre um asterisco a seguir ao seu nome. Do género, não podemos confiar nesse tipo.

Bartley esfregou as palmas das mãos nas pernas das calças e ficou calado.

E Reacher continuou:

— Não me interessa o que o senhor fez. A não ser que tenha sido uma coisa em concreto. Mas não me parece que tenha sido. Quer dizer, quais são as probabilidades disso?

— De certeza que não foi essa coisa.

— Ora bem.

— Não há razão para estar interessado em mim.

— De certeza que tem razão. Mas vou ter de fitar as pessoas nos olhos e dar-lhes a minha opinião sincera. Se não tiver sido essa coisa, digo-lhes isso mesmo com todo o gosto e mais nada. É com todo o gosto que lhes digo para não perguntarem porque foi outra coisa completamente diferente. E o seu segredo morre comigo. Mas, primeiro, preciso de saber que género de outra coisa foi. Porque preciso de ser convincente. Preciso de falar com a confiança e a autoridade que se fundam consistentemente em factos.

— Não foi nada de importante.

— É agora ou nunca, meu coronel. Quando se está num buraco, é melhor parar de cavar. Não me interessa mesmo o que seja. Nem sequer vou participar isso. Sexo, drogas ou *rock and roll*, estou a marimbar-me. Desde que não seja a tal coisa em concreto. O que ambos concordamos ser improvável. No fundo, só lhe quero perguntar outra coisa. Outra coisa completamente diferente.

— Que coisa?

— A pergunta ainda não é esta, *okay*? Isto ainda é só uma coisinha suplementar. Uma questão menor. Uma espécie de aquecimento antes de ir a jogo. O senhor vai todas as semanas a Zurique?

O tipo ficou calado.

E Reacher insistiu:

— A resposta é simples, meu coronel. A verdade pode pô-lo a salvo. Uma palavrinha só e pode continuar a subir sem ficar com a reputação manchada. Ou não.

Bartley respondeu:

— Vou quase todas as semanas.

— Incluindo no dia sobre o qual andam a fazer perguntas?

— Sim.

— Ainda tem o bilhete de avião?

— Sim.

— Chega depois do almoço e regressa a seguir ao jantar?

— Sim.

— E vai a algum banco?

— Sim.

— Com quê?

— Dinheiro, claro. Mas é todo meu. É tudo legal.

— E importa-se de explicar?

— O que acontece se o fizer?

— Depende do que seja. Depende se desrespeita ou não o uniforme.

— E se desrespeitar?

— É um risco que corre.

Bartley ficou calado.

E Reacher prosseguiu:

— Meu coronel, pense lá um pouco. É um tipo inteligente. De certeza que tem uma pós-graduação. Não estamos a falar de uma coisa propriamente complexa. As ordens para entrar neste carro vieram da Casa Branca, por intermédio do estado-maior general. Logo, estamos ao serviço de quem?

— Do National Security Council.

— Que o pode prejudicar assim tanto?

— Muitíssimo.

— Nem imagina como. Vai ser um milhão de vezes pior do que um escândalo por estar a levar dinheiro para a Suíça. Se é que é um escândalo. Que pode não ser. Se o dinheiro for todo seu e for tudo legal, não. Conforme o senhor afirmou.

— Estou a escondê-lo da minha mulher. Vou divorciar-me dela.

— Ela enganou-o?

— Não.

— Mas, mesmo assim, vai tirar-lhe o dinheiro.

— Ganhei-o.

— Ganhou o quê? O senhor é um O-5. Eu sei o que recebe. E, com todo o respeito, duvido que as suas poupanças não deixem dormir os banqueiros suíços à noite. E não venha com a história do grão a grão. Não faz sentido estar a levar todas as semanas dois dólares para Zurique. O bilhete de avião começaria a pesar na equação.

— E pesa, de facto. Tal como as comissões. Mas já fiz as contas.

— Que dinheiro é esse?

— A nossa casa. Aqui na América. Hipotecas, sobretudo. Quero ficar com o capital. Transfiro-o tão depressa quanto possível. Tiro-o da Alemanha em dinheiro. Por essa altura, já deixou de existir no papel. E guardo-o num cofre-forte.

— O meu coronel é um príncipe entre os homens. Disso não há dúvidas, caraças. Mas o que eu preciso realmente de saber é quem mais o senhor viu. Em Zurique. Talvez de um lado para o outro, como o senhor. Ou novos tipos, só uma vez. Já conheceu mais alguém?

— Como assim?

— Outros americanos.

— É uma situação pessoal. Não vemos necessariamente outras pessoas.

— Então e no aeroporto? Ou na rua?

Bartley não respondeu.

E Reacher disse:

— Preciso de uma lista, meu coronel. Datas e descrições. Militares e civis. A melhor que lhe seja possível.

— E que vai fazer? A quem vai contar? O que vai dizer?

— O presidente vai dizer ao estado-maior general que o senhor não interessa ao NSC. Neste assunto, não. Depois disso, é imprevisível. Imagino que dependa de com quem tenha de falar. E do barulho que a sua mulher resolva fazer.

Deixaram-no junto ao passeio, à porta da casa, e depois arrancaram de volta a McLean.

Inimigos de toda a espécie.

Registaram a conversa com Bartley, incluindo-a no arquivo central. A seguir, Neagley atendeu um telefonema e informou Reacher de que o homem que estava ausente sem autorização há quatro meses se chamava Wiley. Era do Texas. Fazia parte de uma equipa de cinco homens responsáveis por uma bateria de mísseis antiaéreos *Chaparral*. Ao todo, doze mísseis num veículo com lagartas. Quatro já instalados, prontos a disparar, e outros oito à espera. Para proteger veículos blindados e tropas no extremo mais avançado do campo de batalha. A ideia era permanecer atrás da linha da frente dos tanques e recorrer ao radar e aos binóculos para sondar a linha do horizonte adiante. À procura de caças-

bombardeiros e de helicópteros de ataque. E, a seguir, disparar e esquecer. Mísseis guiados pelo calor, como os velhos *Sidewinder*, mas melhores. Concebidos exclusivamente para baixa altitude. Quando o inimigo descia a pique para desferir o golpe fatal.

Reacher disse:

— Uma coisa perfeita para derrubar aviões civis de passageiros a sobrevoar cidades. Durante a descolagem ou aterragem. Quando ainda estão a baixa altitude.

E Neagley retorquiu:

— É muito grande. Só os mísseis têm três metros. O camião é gigantesco. E, além do mais, tem lagartas e está pintado de cores de camuflado. As pessoas iam reparar, no parque de estacionamento do aeroporto. E aquilo também vem com um radar de aviso local. E os sensores infravermelhos são complexos. Houve uma atualização. É o mesmo problema. Estamos a falar de conhecimentos especializados. Com o devido respeito, um campo de treino no Iémen não é a mesma coisa que a Ford Aerospace. E o problema também vale para o preço. Doze mísseis por veículo. Velocidade máxima inferior a sessenta e cinco quilómetros por hora. Era preciso um comboio dessas coisas a andar o dia inteiro para se chegar a um valor de cem milhões de dólares. Como um desfile na Praça Vermelha. Ainda para mais, o tipo já desapareceu há quatro meses. Agora não pode pôr-se a voltar para organizar tudo. Prendiam-no logo.

— Seja como for, mantém-no debaixo de olho — respondeu Reacher. — Não gosto desses quatro meses. É vergonhoso. Alguém precisa que lhe cheguem a roupa ao pelo. Mas que raio se está a passar ali?

A noite estava a cair em Hamburgo. O iraniano tinha ido dar uma volta. Um passeio ao final da tarde, com um jornal enfiado debaixo do braço. As luzes estavam a acender-se nas lojas, nos escritórios e mercearias, nas joalharias, lavandarias e companhias de seguros. Luzes brancas, brilhantes, claras e nítidas. Mas não demasiado vivas. Um néon mais suave. Mais europeu. As padarias e as pastelarias encontravam-se às escuras. Já tinham dado o dia por encerrado. Os restaurantes e os bares tinham uma iluminação âmbar, baixa e convidativa, como se fossem todos sítios acolhedores a meia-luz, com painéis de carvalho. Nas ruas, o trânsito fluía. Os carros iam passando, cada pormenor daquele cenário resplandecente devidamente refletido na carroçaria encerada, os novos faróis a perscrutarem o espaço adiante, impacientemente, artificialmente azuis.

O iraniano chegou a um miniparque e sentou-se num banco. Recostou-se e apoiou os braços nas costas do assento. Os carros continuaram a passar. Olhou em frente. Não havia peões.

Esperou.

E depois levantou-se outra vez, sem pressas, e, como um cidadão consciencioso, enfiou o jornal dentro do caixote do lixo e saiu do parque, voltando para trás pelo mesmo caminho e ao mesmo ritmo.

Passados trinta segundos, o chefe de base da CIA emergiu das sombras e atravessou a rua. Foi direito ao caixote do lixo e tirou de lá o jornal, enfiando-o também debaixo do braço e afastando-se.

Trinta minutos mais tarde, estava a telefonar para McLean, na Virgínia, a partir do consulado.

10

Vanderbilt atendeu a chamada e passou o telefone a White. White ficou a ouvir, com os olhos a fazerem todo o seu reportório, fitando algo mais longe, focando algo mais perto, por vezes semicerrados, umas vezes voltados para a esquerda e outras para a direita. Foi tomando notas numa folha de papel. Dois assuntos diferentes, pressupôs Reacher. Dois títulos diferentes. Dois apanhados de letra bonita e cursiva.

Ao fim de algum tempo, White acabou por desligar o telefone, dizendo:

— Duas novidades. O iraniano pediu um local secreto para entregar informações. Há meia hora. Deixou um relatório escondido dentro de um jornal. Poder-se-á considerar uma coisa algo especulativa. Em parte, trata-se de uma análise cultural. Quase um ensaio. Diz que o saudita que conhece o mensageiro anda muito entusiasmado. Como se fosse acontecer uma coisa importante. Mais importante do que podiam sonhar. Ligada aos cem milhões de dólares, evidentemente. Como se tivessem chegado onde nunca contassem chegar. O iraniano sublinha que não possui pormenores concretos, tal como o miúdo saudita. É mais uma questão de fé. Toda a gente tem a sensação de que o panorama mudou

radicalmente. Diz que o miúdo saudita anda a sorrir como se estivesse a olhar para a terra prometida.

Reacher perguntou:

— E qual foi a segunda novidade?

— O consulado recebeu um relatório, para proteger o próprio couro, de uns polícias de Hamburgo de pouca monta sobre um americano ter estado à conversa com um árabe num bar. Uma coisa qualquer esquisita. Só que foi exatamente no mesmo dia e exatamente à mesma hora. É possível que o primeiro encontro tenha sido testemunhado.

White ligou para o consulado e deram-lhe os números de que precisaria para Hamburgo, incluindo dois relativos ao manda-chuva, que, pelos vistos, era um tipo grande e gordo chamado Griezman. O chefe dos detetives. No consulado, conheciam-no bem. Já passava do horário de trabalho normal em Hamburgo, mas ele ainda estava no gabinete. Continuava à secretária. Atendeu de imediato. White pôs o telefone em alta-voz e questionou-o acerca do relatório policial. Reacher ouviu-o passar em revista um monte de papelada. Não se lembrava disso. E depois chegou lá. Aquela coisa esquisita com o árabe no bar.

Que tinha ido parar ao Consulado dos EUA.

O que significava que havia créditos a ganhar com isso.

O homem perguntou em inglês e muito educadamente:

— Em que lhes posso ser útil?

Como o porteiro de um hotel.

White respondeu:

— Precisamos do nome e morada da testemunha. E o mesmo para o bar. Informações de fundo relativamente a ambos. E, possivelmente, vigilância a ambos.

— Não sei.

— Posso fazer com que o seu chanceler lhe ligue. O seu chefe de Estado. E, nessa altura, já vai saber.

— Não, o que eu quero dizer é que não sei. Não sei os pormenores. Sou o chefe dos detetives. Esses relatórios passam-me pelo gabinete e mais nada. E, em todo o caso, diz aqui que a testemunha é lunática.

— Mas é capaz de ver as horas, não?

— *Okay*, arranjo-lhes os pormenores. Com certeza. Amanhã, ao final do dia.

— Está a gozar comigo? Tem uma hora. E não conte a ninguém o que está a fazer nem porquê. Considere este assunto ultrassecreto. E mantenha esta linha disponível para quando eu precisar de lhe voltar a ligar.

Em Hamburgo, Griezman soltou um suspiro e olhou para a escuridão do início da noite lá fora. A seguir, lançou-se ao trabalho. Não era extenuante. Era simplesmente uma sequência de telefonemas. Um número levava a outro. Como um caminho neural. Uma organização em ação. Um motivo de orgulho. A validação de uma teoria. O mais granular que ele quisesse. Griezman poderia ir retrocedendo até chegar ao desafortunado agente que atendeu a chamada inicial. Se quisesse. E quis. Com perguntas felizmente simples. Nomes e moradas de uma pessoa e de um sítio.

Na Virgínia, Landry, o homem de Waterman, disse:

— Mais importante do que sonhariam sequer não me soa lá muito bem. Nem soa a que vão matar alguém. Soa a uma coisa muito pior do que isso.

Reacher retorquiu:

— Isto é um diz que disse. Não podemos avaliar o tom.

— Mas?

— Ouvi as palavras e o panorama mudou radicalmente. Como se fosse uma grande evolução. Como se fosse uma coisa tão inesperada que até parecia acidental. Como se tivessem deixado cair uma moeda de cinco cêntimos e tivessem encontrado outra de vinte e cinco. De tal forma que rapazes de vinte e tal anos, que calçam sapatos italianos e vão a discotecas, andam todos entusiasmados. A mim, parece-me uma coisa erótica. E os computadores são assim tão importantes?

Landry respondeu:

— Achamos que são. E não há dúvida de que o serão no futuro. Mesmo atualmente, os danos seriam catastróficos. Morreria uma data de gente. Mas, concordo, não é erótico.

Vanderbilt acrescentou:

— E também não é um ato grandioso. Que é uma coisa a que por hábito dão valor. Não é igual a explodir um prédio. Não há um momento único de clímax. É um bocadinho técnico de mais.

Reacher afirmou:

— Então concordamos todos que estamos a perder tempo com computadores.

— E por onde havíamos de começar?

— O que está o tipo a vender?

— Já discutimos isso.

— Já passou uma hora — avisou Waterman.

White marcou novamente o número de Hamburgo. Griezman atendeu. Tinha nomes e moradas, para a testemunha e para o bar. A testemunha era um funcionário municipal. Entrava ao trabalho de manhãzinha e saía após o almoço. E daí o bar à tarde. Era um homem de convicções fortes. Algumas eram ofensivas e todas estavam erradas. O bar ficava a cinco ruas da casa segura. Dizia-se que era um sítio da pesada. Mas isso não era visível. Tinha um aspeto civilizado. Austero, mas discreto. Homens de fato, sobretudo, com cortes de cabelo normais. E ainda não antiamericano, desde que o americano fosse branco.

Terminada a chamada, Neagley descobriu o bar na planta de Hamburgo. E disse:

— Não é o sítio de que gostámos tanto. Fica numa zona melhor do bairro. E é muito fácil lá chegar a pé do apartamento. Menos de vinte minutos. O momento bate certo. Acham que foi o ponto de encontro?

Reacher respondeu:

— Era o sítio certo, à hora certa. E com o ambiente certo.

— Precisamos de uma descrição por parte da testemunha. Talvez um retrato-robô.

— E podemos confiar na polícia de Hamburgo? Ou é melhor irmos lá fazê-lo nós?

— Não temos quem nos faça esse retrato. E talvez a testemunha não fale inglês. Vamos ter de confiar na polícia. Seja como for, o Departamento de Estado insistiria nisso. Caso contrário, a coisa ainda se transformava num incidente diplomático.

Reacher assentiu. Já tinha lidado com polícias alemães. Militares e civis. Nem sempre era fácil. Sobretudo, devido a perceções

diferentes. Os alemães achavam que lhes tinha sido dado um país e os americanos achavam que tinham comprado uma grande base militar com criados.

Ouviu-se o barulho de um veículo no caminho de acesso. A entrar de rompante, passando pelo letreiro à altura do joelho. E depois outro. Dois veículos. Duas carrinhas, sem dúvida. De cor preta. Passado um minuto, dois homens de fato atravessaram a porta, seguidos por Ratcliffe e Sinclair, com mais dois homens de fato logo atrás. Ratcliffe estava sem fôlego. E Sinclair, um pouco corada. No pescoço e bem no meio das bochechas. Trazia outro vestido preto, com o mesmo bom aspeto de sempre. Se calhar, ainda melhor. Se calhar, o rubor ajudava.

— Ouvi dizer que temos uma testemunha — afirmou Ratcliffe.

— É a nossa atual suposição operacional — retorquiu Reacher.

— Vamos arriscar. Você e a sargento Neagley vão regressar à Alemanha hoje à noite. O Departamento de Estado vai dar-lhes fotografias dos passaportes de todos os duzentos programadores. Incluindo os expatriados. E, logo de manhãzinha, entrevistarão a testemunha. Neste preciso momento, estamos a apertar com o departamento policial de Hamburgo. A seguir, mal a testemunha se decida por uma fotografia, ligam para aqui com o nome e vamos a casa do tipo prendê-lo. O que será uma conclusão simples e oportuna.

Reacher ficou calado.

Apanharam o mesmo voo da Lufthansa. Partida ao fim da tarde, seis fusos horários, chegada prevista para o início do dia de trabalho. Neagley trazia a mala. E, dessa vez, Reacher também não

ia de mãos a abanar. Trazia um saco de lona vermelho do Museu do Ar e Espaço. Presumivelmente, a marmita de algum membro do pessoal do Departamento de Estado, requisitada de emergência, com duzentas fotografias de passaporte lá dentro. O que era uma grande quantidade. Cada fotografia estava colada a um ficheiro, com um nome e um número de passaporte. Reacher e Neagley olharam para algumas. Foram-nas passando entre eles como se fossem cartas de jogar. Deram com o expatriado residente em Hamburgo. O tal da contracultura, com a guedelha toda espetada. A foto oficial tinha melhor qualidade do que a da publicação *underground*. Mais lustrosa e muito mais nítida. De tamanho normal, com fundo em branco. O tipo tinha os olhos fixos em frente, cheios de provocação. Uma cabeça grande e um pescoço fino.

— Não é ele — atirou Reacher.

— E porque não? — retorquiu Neagley.

— Por causa do cabelo. Ele tem de fazer alguma coisa para o pôr assim. Nem que seja não fazer absolutamente nada. É uma opção. É uma afirmação. Está a dizer, olhem para mim, tenho um cabelo interessante. Como os tipos que usam chapéu. Estão a dizer, olhem para mim, tenho um chapéu interessante. É tudo um bocadinho desesperado, não achas? Insegurança, calculo. Como se o que estivesse cá dentro acabasse por não ser suficiente. E essas pessoas não escrevem correções de *software* capazes de rebentar com o universo conforme o conhecemos. E se formos suficientemente inteligentes para escrever uma coisa dessas, e suficientemente inteligentes para a vender por cem milhões de dólares, tudo em segredo, então não somos inseguros. Nem sequer um bocadinho de nada. Somos os melhores de todos os tempos. Somos os reis do mundo.

Guardaram as fotos no saco e comeram a refeição. Neagley estava sentada à janela e adormeceu afastada de Reacher, com a cabeça encostada à parede da fuselagem. Assim havia menos perigo de contactos acidentais. Reacher deixou-se ficar acordado. Estava a pensar na testemunha. O funcionário municipal com as opiniões ofensivas. Possivelmente, um desperdício de tempo. E, possivelmente, o homem que acaba por salvar o universo conforme o conhecemos. Reacher queria olhar para ele. Sentia-se como o avião, a acelerar para leste, ao encontro da alvorada.

O americano estava a escovar o cabelo, ao espelho da casa de banho, no hotel em Amesterdão. Tinha-se levantado cedo. Por nenhuma razão. Tinha dormido. Estava calmo. Mas estava na altura de regressar. Iria tomar duche, tratar das malas e fazer-se à estrada antes do começo do tráfego matinal. Depois disso, não haveria problemas.

Mas, primeiro, queria café, por isso vestiu a roupa da véspera e escovou o cabelo. Estava espetado no cimo da cabeça, por causa da almofada. Usou água para o alisar. Viu-se ao espelho. Aceitável. Era só uma viagenzinha para baixo e para cima no elevador. No átrio, pegou numa embalagem para levar e tirou café de um samovar prateado em cima de uma mesa à entrada da sala do pequeno-almoço. Numa mesa igual, do outro lado da porta, estavam jornais. Holandeses, obviamente, e também britânicos, franceses, belgas, alemães e o *Herald Tribune* americano. Todos meticulosamente dispostos, todos perfeitamente ordenados.

Não havia nada no jornal berlinense. Nenhum cabeçalho, nenhum artigo. E também não havia nada na capa do jornal de

Hamburgo. Nem na segunda página. Nem na terceira.

Havia um cabeçalho na quarta página.

Bem lá no fundo e não muito grande. Com um artigo mínimo. Quase tudo oriundo de agências noticiosas. A polícia afirmava que o caso estava a receber a máxima atenção e que se estavam a fazer progressos.

Concretamente, iam ver que impressões digitais encontrariam dentro do carro da vítima.

O americano voltou a pousar o jornal na pilha. Fechou os olhos. Ela tinha concordado logo ali no parque de estacionamento. Tinha dado meia-volta, de forma entusiástica e teatral, e tinha-o chamado para o carro, com urgência e um sorriso cúmplice, como se não pudesse esperar. A seguir, tinha-o levado para casa dela. Num bonito *coupé* de três portas, pequenino, mas robusto como uma caixa-forte.

Embrenhou-se de novo na própria mente. O puxador exterior. Acabamento preto, ligeiramente rugoso. Desportivo. Talvez não fosse um problema. O puxador interior era de cabedal. Parte da moldagem. Um buraco para os dedos. Provavelmente, havia ali vinil, para poupar dinheiro. Mas áspero e irregular, como as áreas visíveis. Granulado, como devia ser. Talvez não fosse uma superfície ideal para impressões digitais. Talvez não houvesse problema.

A lingueta do cinto de segurança tinha o feitio de um T. O travessão era de plástico preto, granulado como lixa fina. Para poder ser agarrado, supôs. Uma norma qualquer. Tranquilo. E depois, mais tarde, o botão do fecho. O polegar esquerdo. Lembrou-se de carregar nele. O cotovelo para trás, o polegar trapalhão. Uma barra vermelha de plástico, firme e com arestas.

Uma coisa parcial, na pior das hipóteses. Talvez esborratada quando a ponta do casaco lhe passou por cima. Lembrou-se sobretudo de fazer pressão com a unha. Para baixo e na vertical. Sem pressas. Pausado. Lento, até. Um cliquezinho preciso, para não destoar do carro, que mais parecia uma peça de joalharia. E para deixar que a expectativa crescesse. Antes de desembrulhar o presente. De muitas maneiras, os momentos preferidos dele.

O fecho do cinto de segurança era tranquilo.

Mas o fecho da porta, não. O fecho da porta era uma pequena barra cromada, fria, com um espaço por trás destinado aos dedos. No caso dele, o dedo médio da mão direita. Enfiado ali, sozinho, elegantemente, achou, até sugestivamente, e, a seguir, deixado lá ficar durante um educado segundo, do género vamos?, com a almofada inteira da ponta do dedo a carregar com força a parte de trás do cromado, e depois ainda com mais força, para destrancar a porta, outro clique preciso e respeitoso, com o dedo a libertar-se por fim, com igual elegância, pensou.

Nada esborratado.

Um cromado liso e frio.

Estúpido.

Culpa dele.

11

Evidentemente, os serviços de imigração alemães já tinham sido avisados de antemão, pois, assim que Neagley entregou o passaporte, o funcionário que se encontrava na cabina fez um sinal e um homem grande e gordo levantou-se de uma cadeira dura no átrio logo a seguir, preparado para os cumprimentar. Disse que se chamava Griezman. Disse que reconhecia os nomes de Reacher e de Neagley. Tinham sido registados por um polícia de giro e descritos como turistas. Mas, obviamente, não eram. Compreendia-o agora. Disse que teria todo o gosto em ajudar no que fosse possível. Disse que a testemunha já se encontrava à espera na esquadra. Cheia de vontade e de expectativa. Tinham-lhe explicado que lhe iam pedir a opinião num assunto de segurança nacional. E estava de folga. Mas a receber, já que ia desempenhar um dever cívico. Griezman disse que o tipo não falava inglês. Estaria um tradutor presente. E, sim, era normal na Alemanha mostrar fotografias de possíveis suspeitos a uma testemunha.

Griezman tinha um *Mercedes* do departamento parado junto ao passeio, numa zona de estacionamento proibido. Entraram no carro, e Griezman sentou-se ao volante. O banco foi todo para trás com o seu peso. Era um homem enorme. Uns centímetros mais alto do

que Reacher e com quase trinta quilos a mais. Acima do dobro do peso de Neagley. Mas a maior parte era gordura. Só constituía um perigo para ele e mais ninguém.

Reacher disse:

— Ontem, ao telefone, chamou lunática à testemunha.

E Griezman respondeu:

— Não no sentido literal, claro. É só que é obcecado com determinadas coisas. O que tem, sem dúvida, raízes em patologias racistas e xenófobas e surge exacerbado por medos irracionais. Mas, fora isso, trata-se de uma pessoa bastante normal.

— E acreditaria na palavra dele num tribunal?

— Com certeza.

— E um juiz e um júri também?

— Com certeza — repetiu Griezman. — No dia a dia, o homem funciona muito bem. Afinal de contas, trabalha para o município. Como eu.

A esquadra revelou-se a melhor de Hamburgo. Era grande, nova e moderna. E integrada. Tinha laboratórios incorporados. Lá fora, os caminhos encontravam-se repletos de letreiros a cada esquina, a indicar este e aquele departamento. Lá dentro, a mesma coisa. Era um complexo. Mais parecia um hospital municipal. Ou uma universidade. Griezman estacionou o *Mercedes* num lugar reservado e saíram todos. Neagley levou a mala e Reacher, o saco. Entraram no edifício a seguir a Griezman, virando à esquerda e à direita depois dele, percorrendo corredores amplos e limpos, até chegarem a uma sala de entrevistas com uma porta que tinha um postigo com uma rede de arame. Lá dentro, estava um homem sentado a uma mesa, com café e bolos diante dele e migalhas espalhadas por todo o lado. O homem teria talvez uns quarenta

anos. Trazia um fato cinzento que talvez fosse de poliéster. E tinha cabelo grisalho, ralo e colado ao couro cabeludo com óleo. Usava óculos com armação de aço. Tinha olhos claros por trás das lentes. E uma pele clara. A única cor que havia nele vinha da gravata. Era um turbilhão de amarelo e laranja. Era larga e curta, como se tivesse um peixe pendurado ao pescoço.

Griezman disse:

— Chama-se Helmut Klopp. É do Leste. Veio para o Ocidente a seguir à reunificação. Muita gente fez isso. À procura de trabalho, percebem?

Reacher continuava a olhar para o tipo. Possivelmente, um desperdício de tempo, e, possivelmente, o salvador do universo conforme o conhecemos. Griezman não fez nenhuma menção de entrar na sala. Pelo contrário, puxou o punho da camisa e olhou para o relógio. Ao fazê-lo, uma mulher apareceu à esquina e dirigiu-se para eles. Griezman viu-a e recolocou rapidamente o punho no sítio, satisfeito. Mesmo em ponto. Precisão germânica.

— A nossa tradutora — anunciou.

Era uma mulher pequena e forte, de idade indeterminada, com cabelo lacado, a formar um globo amplo à volta da cabeça, como um capacete de mota dourado. Trazia um vestido cinzento, uma espécie de gabardina grossa, tão resistente como uma túnica militar, meias de lã igualmente grossas e uns sapatos capazes quase de pesar um quilo cada.

Disse-lhes «Bom dia», com uma voz de estrela de cinema.

— Entramos? — perguntou Griezman.

— O que faz o senhor Klopp para o município? — retorquiu Reacher.

— Qual é o trabalho dele? É um supervisor administrativo. De momento, no Departamento de Esgotos.

— E gosta do emprego?

— Está num escritório. Não é uma posição em que suje propriamente as mãos. Parece satisfeito. As avaliações ao desempenho são boas. Consideram-no meticuloso.

— E porquê o horário esquisito?

— Acha esquisito?

— Disse-nos que ele entra cedo e que sai a seguir ao almoço. Parece-me uma coisa manual e não administrativa.

Griezman disse uma palavra comprida em alemão, o nome de uma coisa, e a tradutora explicou:

— Houve uma proposta para reduzir a poluição reduzindo os engarrafamentos nas horas de ponta. Encorajaram-se os trabalhadores a escalonar as horas de serviço. Naturalmente, esperava-se que o governo local desse o exemplo. E é evidente que o Departamento de Esgotos optou por começar e terminar mais cedo. Ou então teve de levar com isso. Mas, seja como for, o município anunciou que já são visíveis os benefícios. Os últimos testes demonstram que as emissões de partículas diminuíram em mais de dezassete por cento.

Dito por ela, parecia a melhor coisa de sempre. Como num filme dos anos 40, a preto-e-branco, num ecrã gigantesco, com o tipo atinadinho a aceitar fazer a pior coisa possível, só pela maneira ofegante como ela lhe pediu.

— Prontos? — perguntou Griezman.

Entraram e Helmut Klopp levantou a cabeça. Conforme Griezman afirmara, parecia satisfeito. Por uma vez na vida, estava no centro das atenções. E preparado para desfrutar disso.

Provavelmente, era um homem frustrado. Alemão, mas um homem do leste no oeste, com todos os ressentimentos de um imigrante. Griezman fez uma declaração inicial em alemão, a que Klopp respondeu. A tradutora explicou:

— Os senhores foram apresentados como agentes de topo vindos urgentemente da América.

Reacher perguntou:

— E como é que o senhor Klopp respondeu?

— Disse que estava pronto para ajudar em tudo o que fosse possível.

— Não me parece que tenha dito.

— O senhor fala alemão?

— Se calhar, apanhei qualquer coisa. Já cá tinha estado. Compreendo que a senhora está apenas a querer ser educada, mas eu e a minha sargento já ouvimos coisas piores do que o que este homem possa dizer. E a exatidão é mais importante do que os nossos sentimentos. Isto pode ser uma situação muito grave.

A tradutora olhou de relance para Griezman, que assentiu.

— A testemunha disse-nos que estava aliviada por terem enviado brancos — revelou ela.

— Muito bem — retorquiu Reacher. — Explique ao senhor Klopp que ele é uma figura importante numa operação que se encontra em curso. Explique-lhe que pretendemos recolher o testemunho dele, de forma minuciosa, em relação a todas as áreas relevantes. Explique-lhe que queremos ouvir as opiniões e os conselhos dele. Mas temos de começar por algum lado e é sempre melhor pelo princípio, por isso, o nosso foco inicial vai recair numa descrição física e comportamental pormenorizada de ambos os homens. Começando, aleatoriamente, pelo americano. Primeiro, queremos

ouvi-la nas palavras dele, e, a seguir, vamos mostrar-lhe algumas fotografias.

A tradutora repetiu tudo em alemão, virada para Klopp, de forma enérgica e com uma enunciação cuidada. Klopp foi acompanhando, assentindo solenemente, como se contemplasse uma longa tarefa de grande dificuldade, mas se encontrasse disposto a dar o melhor.

Reacher perguntou:

— O senhor Klopp costuma ir muito àquele bar?

A tradutora traduziu, Klopp respondeu, de forma bastante longa, e a tradutora explicou:

— Costuma lá ir duas ou três vezes por semana. Tem dois bares preferidos, que vai rodando de acordo com os cinco dias úteis de trabalho.

— E há quanto tempo já vai àquele bar?

— Há quase dois anos.

— E já lá tinha visto o americano?

Seguiu-se uma pausa. Tempo para pensar. E depois, um pouco de alemão e:

— Sim, acha que já lá o viu há dois ou possivelmente três meses.

— Acha?

— Tem a máxima certeza possível. O cavalheiro em que ele está a pensar, de há dois ou três meses, estava na altura de chapéu. O que torna difícil ter a certeza. Admitiria de bom grado a possibilidade de estar enganado.

— Que tipo de chapéu?

— Um boné de basebol.

— Com alguma coisa?

— Acha que com uma estrela vermelha. Mas era difícil perceber.

— E também já foi há muito tempo.

— Ele lembra-se por causa do tempo.

— Mas, seja como for, o americano não é um cliente habitual.

— Não, não é.

— E como é que ele sabe que o tipo é americano?

Seguiu-se uma consulta demorada. E uma lista demorada. A tradutora afirmou:

— O homem estava a falar inglês. O sotaque. O volume intenso da voz. A maneira como estava vestido. A maneira como se mexia.

— Muito bem — retorquiu Reacher. — E agora precisamos de uma descrição. Ele viu o americano em pé ou sentado?

— As duas coisas. A entrar, sentado sozinho, sentado ao lado do árabe, sentado outra vez sozinho e a sair.

— E qual é a altura do americano?

— Um metro e setenta, um metro e setenta e cinco.

— Cinco pés e oito polegadas — acrescentou Griezman. — Completamente normal.

Reacher perguntou:

— E é gordo ou magro?

A tradutora respondeu:

— Nem uma coisa nem outra.

— Compacto?

— Não propriamente.

— Forte ou franzino?

— Bastante forte.

— Se fosse um desportista, que desporto faria?

Klopp não respondeu.

Reacher insistiu:

— Pense no que passa na televisão. Pense nos Jogos Olímpicos. Que desporto ele faria?

Klopp matutou durante bastante tempo, como se estivesse a passar em revista o calendário desportivo inteiro, com o máximo detalhe. Acabou por responder em alemão, uma longa especulação, argumentos a favor e contra, um bocadinho disto e um bocadinho daquilo. A tradutora disse:

— Na opinião dele, provavelmente um corredor de meio-fundo. Talvez dos mil e quinhentos metros para cima. Talvez mesmo um corredor de fundo, até aos dez mil metros. Mas não era nenhum bicho-pau contranatura como um maratonista.

— Um bicho-pau africano, certo?

— Sim, ele acrescentou isso.

— Diga-me tudo, *okay*?

— Peço desculpa.

— Portanto, o americano é de estatura média, com um peso normal, mas mais para o seco, e talvez cheio de vitalidade e de energia? Algo assim desse género?

— Sim, não parava quieto.

— E quanto tempo ele lá esteve antes de aparecer o saudita?

— Talvez uns cinco minutos. Era só um homem num bar. Ninguém estava interessado nele.

— E o que bebeu?

— Meio litro de *lager*, bastante devagar. No final do encontro, ainda não tinha bebido quase nada.

— E quanto tempo ele lá ficou depois de o saudita se ter ido embora?

— Talvez uns trinta minutos.

— E que bebeu o saudita?

— Não bebeu nada. Não o teriam servido.

— E como é o cabelo do americano?

Klopp encolheu os ombros para a tradutora e ela repreendeu-o, mandando-o pensar. Klopp disse qualquer coisa, com pouca convicção, não era claramente a especialidade dele, mas depois prosseguiu, decidido a recordar-se de todos os pormenores possíveis. Acabou por ser um longo discurso. Até que, por fim, a tradutora disse:

— O americano tinha cabelo loiro, da cor do feno ou da palha no verão. O cabelo era bastante normal dos lados, mas muito mais comprido em cima. Tipo um estilo. Como se pudesse fazê-lo mexer-se de um lado para o outro. Como o Elvis Presley.

— E estava bem arranjado?

— Sim, estava bem penteado.

— Com algum produto?

— Desculpe?

— Com óleo, como ele usa. Ou cera, ou outra coisa qualquer.

— Não, simplesmente natural.

— E os olhos?

A cara descrita não destoava do cabelo nem da constituição física. Olhos azuis encovados, testa sem rugas, maçãs do rosto proeminentes, nariz fino, dentes brancos, boca séria e queixo firme. Sem estragos visíveis. Nada de cicatrizes importantes nem de tatuagens. Um bronzeado velho e umas quantas rugas à volta dos olhos. Muito provavelmente, por os semicerrar, e não rugas de riso ou por ter o sobrolho franzido. Um sulco numa face. Devido à articulação contraída do maxilar e talvez à falta de um dente. Mas tudo aquilo um só bloco. Estreito, mas tudo horizontal. Os sobrolhos, os olhos, as maçãs do rosto protuberantes, o corte fino da boca, o

esgar tenso e permanente. Devia estar mais próximo dos trinta e tal anos do que dos vinte e tal.

Reacher disse:

— Avise o senhor Klopp de que vamos querer que ele repita isso tudo ao desenhador.

A tradutora transmitiu a mensagem e Klopp assentiu.

Reacher perguntou:

— O que trazia o americano vestido?

Klopp respondeu e a tradutora explicou:

— Por acaso, um blusão da *Levi's* igual ao seu.

— Igualzinho?

— Idêntico.

— O mundo é pequeno — soltou Reacher. — E agora pergunte-lhe porque é que ele acha que o saudita estava nervoso. Só nos interessam coisas em primeira mão. Só o que ele viu ou ouviu. Diga-lhe para deixar a análise política para outras núpcias.

Seguiu-se um longo debate em alemão, em que Griezman interveio, com muita conversa para ficar tudo perfeitamente esclarecido, e depois a tradutora disse:

— Pensando melhor, o senhor Klopp considera que excitado talvez seja mais adequado do que nervoso. Excitado e inquieto. O americano disse qualquer coisa ao árabe e o árabe reagiu dessa maneira.

— E o senhor Klopp ouviu o que foi dito?

— Não.

— E quanto tempo durou essa parte da conversa?

— Talvez um minuto.

— E quanto tempo o saudita ainda lá ficou?

— Foi-se embora logo a seguir.

— E o americano continuou lá mais trinta minutos?

— Quase certos.

— *Okay* — retorquiu Reacher. — Diga ao senhor Klopp que está na altura de olhar para as fotografias.

Reacher pousou o saco em cima da mesa. E disse:

— Explique ao senhor Klopp que são muitas fotografias. Ele que esteja à vontade para fazer uma pausa sempre que precisar. Peça-lhe para ter em conta tudo o que nos disse da cara do homem, todos aqueles pormenores, e para os utilizar como uma lista de verificação mental para quando estiver a decidir. Explique-lhe que o cabelo pode mudar, mas que os olhos e as orelhas nunca o fazem. Explique-lhe que não faz mal não ter a certeza. Pode juntar um monte com possíveis candidatos e voltar a verificá-los depois. Mas peça-lhe para não se enganar.

Neagley abriu o saco. Duzentas fotografias. Separou-as em cinco pilhas de quarenta. Assim era menos intimidante. Empurrou a primeira pilha na direção de Klopp. Que se pôs ao trabalho, sem entusiasmo visível, mas com eficiência. Como um supervisor administrativo. Reacher observou-lhe os olhos. Parecia estar a seguir a sugestão da lista de verificação. Um item de cada vez. Olhos, nariz, maçãs do rosto, boca, queixo. Cada passo era uma decisão independente, sim ou não. A maioria dos candidatos ficava pelo caminho cedo. O monte dos rejeitados foi crescendo. Caras gordas, caras redondas, olhos escuros, lábios cheios. Na primeira pilha, ninguém conseguiu sobreviver. Nem sequer como uma possibilidade.

Neagley empurrou a segunda pilha. Piscou o olho a Reacher ao cruzar o olhar com o dele. E ele assentiu. O expatriado de Hamburgo era o primeiro da pilha. O tipo da contracultura, com a guedelha toda espetada. Klopp rejeitou-o de imediato. E Reacher percebeu porquê. Não tinha maçãs do rosto e tinha uns lábios carnudos, que pareciam fazer beicinho, em vez de um corte fino e taciturno.

O monte dos rejeitados foi aumentando.

Não havia monte com possíveis candidatos.

Neagley empurrou a terceira pilha. E Klopp lançou-se ao trabalho. A tradutora estava sentada, calada. Griezman saiu da sala e regressou, sendo que, passado um minuto, apareceu um homem com uma cafeteira e cinco chávenas. Klopp não fez nenhuma pausa. Foi tirando fotografias da pilha de Neagley, uma de cada vez, com o polegar e o indicador esquerdos, aproximando-as de si e olhando para elas, para depois as deixar cair com força em cima da mesa, uma atrás da outra.

O monte dos rejeitados continuou a aumentar.

Ainda não havia monte com possíveis candidatos.

Klopp disse qualquer coisa em alemão e a tradutora explicou:

— Ele pede desculpa por não estar a ajudar mais.

E Reacher retorquiu:

— Pergunte-lhe se tem a certeza dos que rejeitou.

Ela assim fez e disse:

— Cem por cento.

— É impressionante.

— Ele diz que a cabeça dele é assim.

Depois, ela fez uma pausa. Lançou um olhar a Reacher, que lhe tinha dito para lhe dizer tudo, e, a seguir, a Griezman, como se

estivesse a pedir autorização para o fazer. Disse:

— O senhor Klopp teve formação como auditor, na Alemanha de Leste, e era o número dois de uma fábrica muito grande perto da fronteira com a Polónia. Quer que compreendamos que é sobrequalificado para a posição que ocupa. Mas, aqui no oeste, os melhores empregos estão todos vedados aos alemães étnicos e são dados aos turcos.

— E ele não quererá fazer uma pausa? Ainda lhe falta olhar para umas oitenta.

Ela perguntou-lhe, ele respondeu e ela disse:

— Tem todo o gosto em continuar. Tem a cara do americano fixada na cabeça. Ou está aqui ou não está. Solicita-vos que comparem a descrição feita com o retrato que ele vai produzir com o nosso desenhador. Acha que vão considerar as conclusões dele exatas.

— *Okay*, diga-lhe que se despache.

Não havia nada na quarta pilha. Nem sequer uma possibilidade. Cento e sessenta já tinham ido. Neagley empurrou as últimas quarenta. Reacher observou Klopp. Uma fotografia de cada vez, polegar e indicador esquerdos, agarrada de forma descontraída, nem de muito perto nem de muito longe. Uma visão razoável, com os óculos postos. E autêntica concentração. Não era um olhar fixo inexpressivo e entediado nem um ar de desprezo impaciente. Uma atenção calma. Estava a interrogar as fotografias, uma a uma, item a item. Olhos, maçãs do rosto, boca. Sim ou não.

Não, uma e outra vez. Sempre não. As cartas deixadas cair com força em cima da mesa. Por essa altura, Reacher já tinha visto mais de cento e setenta versões do que o homem não era. O que começava a definir o que era. E que correspondia ao que Klopp

dissera. Olhos azuis encovados, maçãs do rosto proeminentes, nariz fino, boca séria e queixo firme. Não restavam mais variáveis. E tudo com um cabelo atualmente da cor da palha e atualmente normal dos lados e comprido em cima. Tipo um estilo.

Reacher continuou a observar.

O monte dos rejeitados não parava de aumentar.

E ainda não havia monte com possíveis candidatos.

Foi então que Klopp pegou na última foto, olhou para ela, com a mesma atenção dedicada a todas as outras, e a pôs no monte dos rejeitados.

Reacher ligou do gabinete de Griezman. Quem atendeu foi Landry, que chamou Vanderbilt, que chamou White, que estava com uma voz ensonada. Eram cinco da manhã na Virgínia. Reacher disse:

— O tipo assistiu ao encontro. Não há dúvida disso. A coreografia bate exatamente certo. As probabilidades de o mesmo género de coisa ter acontecido no mesmo bairro ao mesmo tempo são menos que ínfimas.

— E ele identificou o americano?

— Não — respondeu Reacher. — O Ratcliffe está enganado. Isto não tem que ver com computadores. Ele juntou dois sussurros sem razão nenhuma. Não há ligação. São coisas independentes. Calhou assim, pronto.

— *Okay*, é melhor dizermos-lhe. É melhor voltarem para aqui.

— Não — retorquiu Reacher. — Ficamos cá.

12

O desenhador queria trabalhar a sós, por isso, Griezman fez uma visita guiada à esquadra a Reacher e Neagley. Viram mais salas de entrevistas, gabinetes para os agentes, salas de reunião, a zona de processamento, as celas, a sala das provas e uma cafetaria. Em todo o lado, havia gente sisuda a trabalhar no duro. Griezman parecia orgulhoso de tudo. E Reacher achou que ele devia. Era impressionante.

Atravessaram uma porta e entraram numa ponte pedonal que levava, já no primeiro andar, a uma parte nova do complexo. O centro científico. Os laboratórios forenses. Logo a abrir, havia uma grande sala branca, com filas de computadores em cima de bancadas brancas compridas. Griezman disse:

— Achamos que é assim que as pessoas se vão roubar umas às outras no futuro. Três por cento dos alemães já utilizam a Internet. E, no vosso país, mais de quinze por cento. E estamos convencidos de que essas percentagens vão aumentar.

Continuaram, passando por salas imaculadas, com portas pneumáticas. Como blocos operatórios de um hospital. Análises químicas, armas de fogo, sangue, tecido, ADN. Bancadas de

laboratório, centenas de provetas, máquinas esquisitas de toda a espécie. O orçamento devia ter sido gigantesco. Griezman explicou:

— A universidade cofinancia uma parte. Os cientistas dela trabalham cá. O que é bom para ambas as partes. E também recebemos bastante dinheiro federal. São instalações partilhadas. Também com o exército alemão, em determinadas circunstâncias.

Reacher assentiu. Tal como Waterman tinha dito, na escola da cooperação.

Desceram por umas escadas até ao rés do chão. O ar era mais fresco, como se houvesse acesso direto ao exterior. Atravessaram uma porta e entraram num espaço com automóveis. Como uma estação de serviço ou uma oficina, mas imaculadamente limpa. Quase antissética. Tinta branca lustrosa no chão, azulejo branco nas paredes, luz branca forte. Nada de manchas de óleo, sujidade ou desordem. Estavam lá dois automóveis. Um era um *sedan* grande, com uma mossa no canto dianteiro. Pior do que uma amolgadela, mas não completamente destruído. Ainda tinha conserto. Griezman disse:

— Houve um acidente com atropelamento e fuga. Uma criança ficou gravemente ferida. O condutor não parou. Achamos que foi este o carro. O dono nega-o. Esperamos encontrar sangue e fibras. Mas vai ser um desafio.

O outro carro que ali se encontrava era um *coupé* bonitinho, com as portas abertas. Um homem de bata branca estava a espreitar lá para dentro. Griezman revelou:

— Estamos a ver que impressões digitais encontramos dentro do carro. Houve um homicídio. Achamos que o autor poderá ter sido o último passageiro da vítima. Era uma prostituta. Pode ser uma profissão perigosa.

Reacher aproximou-se e deu uma olhadela. Era um carro giro, sobretudo se comparado com o seu *Caprice* reciclado. E imaculado. Cintilava sob as luzes. Condizia perfeitamente com o ambiente antissético.

— Isto é um automóvel limpíssimo — afirmou Reacher.

— E o apartamento dela também era — retorquiu Griezman.

— Ela tinha empregada?

— Julgo que era um serviço.

— Então, provavelmente também mandava lavar o carro. E, se calhar, com regularidade. Encerado e sem deixar escapar nada. Por dentro e por fora. O que é bom. Poucas impressões antigas.

Griezman falou em alemão com o homem da bata branca. Possivelmente, a pedir-lhe um relatório dos progressos. O outro respondeu e apontou para aqui e para acolá. Griezman enfiou a cabeça dentro do carro para ver melhor. E depois recuou, ponderosamente, dizendo:

— Achamos que há uma impressão digital parcial de um polegar esquerdo no botão do fecho do cinto de segurança. Mas é uma coisa ínfima, porque o botão tem arestas. E, por uma razão ou outra, está esborratada. Possivelmente, acontece a mesma coisa na lingueta do cinto, mas a superfície é para esquecer. Plástico duro, com umas borbulhinhas para poder ser agarrado. Uma norma, sem dúvida. Devíamos falar com o departamento responsável. Não nos estão a ajudar.

Reacher perguntou:

— Que tipo de carro é este?

E Griezman respondeu:

— Um *Audi*.

— Então a Audi já vos ajudou. Um amigo meu teve o mesmo problema. Mais ou menos há um ano. Em Fort Hood, que é mais ou menos do mesmo tamanho de Hamburgo. Nos aposentos fora da base para os militares casados. Era um *Jaguar* e não um *Audi*, mas são ambas marcas de topo. Põem cromado nas alavancas dos fechos das portas. Dá um ar caro, a sensação é ótima e aquilo brilha no escuro para o podermos encontrar. E tudo isso contribui para melhorar aquilo a que eles chamam a experiência do utilizador. O passageiro enfia o dedo e puxa. Não é o mindinho, porque a pessoa julga que é demasiado fraco, nem o anular, porque a pessoa julga que é demasiado desajeitado, nem o indicador, porque iria ter de rodar o pulso mais uns vinte cinco por cento, o que já raia o desconfortável. É sempre o dedo médio. Por isso, precisam de desmontar a porta e ver que impressões digitais encontram na parte de trás do fecho. Era o que o meu amigo diria.

O da bata disse qualquer coisa a Griezman. Palavras desconhecidas, mas num tom de indignação. Obviamente, era capaz de acompanhar uma conversa em inglês. E Griezman disse:

— Isso já ia ser o nosso passo seguinte. E o seu amigo conseguiu uma condenação?

— Não — respondeu Reacher. — A cadeia de provas foi quebrada. Conseguiu provar que o homem tinha a impressão digital no fecho, mas não conseguiu provar que era o fecho do carro da ex-mulher. O advogado de defesa alegou que podia ser de outro sítio qualquer.

— E o que é que ele devia ter feito?

— Antes de começar, devia ter gravado as iniciais na parte da frente do fecho. Enquanto ainda não o tinham arrancado da porta. Com uma broca de dentista. E devia ter mandado tirarem-lhe

fotografias a fazer isso. Planos gerais, para apanhar o carro, e depois grandes planos.

Griezman falou em alemão, uma longa lista de ordens. Reacher percebeu a palavra *Zahnarzt*, que sabia querer dizer *dentista* por ter tido uma dor de dentes em Frankfurt. O da bata branca ouviu e assentiu.

Ao regressarem à sala de entrevistas, Klopp estava prestes a ir-se embora. O desenhador deu-lhes uma cópia de um retrato feito com lápis de cor. Griezman informou-os de que enviaria uma cópia adicional por faxe para McLean, na Virgínia, e que, a seguir, guardaria o original no processo.

Reacher e Neagley levaram a cópia que lhes coube para junto da porta, onde a rede de arame deixava entrar alguma luz natural. O americano era exatamente igual à descrição de Klopp. O desenhador tinha captado as palavras dele muitíssimo bem. A onda de cabelo loiro. E, logo abaixo, a pele toda esticada da testa sem rugas. A testa e as maçãs do rosto, horizontais, paralelas e juntas, como duas barras de um capacete de futebol americano à moda antiga, com os olhos a brilhar desde lá muito atrás. A boca, como um rasgão. Mais duas linhas verticais, o nariz como uma lâmina e um vinco na face direita, como se o máximo que a boca se movesse fosse para formar um sorriso torto e sardónico. O tipo estava desenhado com um blusão igual ao de Reacher. De ganga e claro, completamente autêntico em todos os aspetos. E, por baixo, tinha uma *t-shirt* branca. As clavículas sobressaíam, tal como as maçãs do rosto. Os tendões do pescoço eram bem visíveis. Um homem de aspeto duro e que já não era novo.

— Tropa? — perguntou Neagley.

— Não dá para perceber — respondeu Reacher.

— Então porque vamos cá ficar?

— Não sei. O Ratcliffe disse que podíamos ter tudo o que quiséssemos. E acho que o que eu quero é não ficar preso no erro de outra pessoa.

— O segundo encontro pode nem ser em Hamburgo.

— Concordo. As probabilidades devem ser de um em dez. O que quer dizer que, se ficarmos por cá, temos uma possibilidade em dez de estar no sítio certo à hora certa. Ao passo que, se voltarmos para a Virgínia, essa possibilidade passa a zero. Não se vão encontrar no Monumento de Washington. Isso é certinho, caraças.

A tradutora aproximou-se e disse:

— O senhor Klopp pergunta para quando querem marcar o resto da entrevista.

E Reacher respondeu:

— Diga ao senhor Klopp que já não precisamos dele. Diga-lhe que, se alguma vez o voltar a ver, espeto-lhe a unha do polegar nos olhos, um a seguir ao outro.

Nessa altura, Griezman juntou-se a eles e perguntou:

— Posso convidá-los para almoçar?

Meio-dia, em Hamburgo, na Alemanha.

O que correspondia à uma da tarde em Kiev, na Ucrânia. O mensageiro estava a sair de um avião. Tinham-no levado pelas montanhas até Peshawar, no Paquistão, e apanhara um voo para Karachi, e depois outro para Kiev. Servira-se de um passaporte diferente para cada voo e mudara uma vez de camisa, passando de

cor-de-rosa para preta, acrescentando ainda uns óculos escuros e um boné do Shakhtar Donetsk. Estava indetetável e anónimo. Não teve problemas nenhuns no controlo fronteiriço ucraniano. Passou pela zona de recolha de bagagem e saiu do terminal. Juntou-se à fila para os táxis e fumou um cigarro enquanto esperava.

O táxi era um velho *Skoda* checo e ele indicou ao taxista a morada pretendida, que correspondia a um mercado de flores a cinco ruas do verdadeiro destino final, que era um pequeno apartamento ocupado por quatro fiéis do Turquemenistão e da Somália. Uma casa segura. Era sempre melhor fazer a abordagem derradeira a pé. Os taxistas lembravam-se de coisas, como toda a gente. Alguns até tiravam apontamentos. Registos de quilometragem, consumo de combustível, moradas. Não conhecia esses quatro tipos. Mas estavam à espera dele. Kiev não era a mesma coisa que Hamburgo. Não podia entrar simplesmente por ali. Tinha sido enviado um mensageiro. Antes do próprio mensageiro. As precauções necessárias assim obrigavam.

Saiu do *Skoda* no mercado de flores. Avançou pelo meio de barracas apinhadas de flores resplandecentes, entrando num corredor húmido cheio de exemplares mais raros, e quando de lá saiu, na outra ponta, já trazia outra vez a camisa cor-de-rosa e o boné e os óculos de sol tinham desaparecido.

Fez os últimos cinco quarteirões a pé e deu com o edifício certo. Era uma torre de betão, baixa e larga, descentrada em relação a uma fila de edifícios mais antigos e elegantes. Como um dente falso. Como se, há muito tempo, uma bomba tivesse caído, aleatoriamente, e aberto um espaço. E talvez tivesse mesmo. O átrio cheirava a amoníaco. O elevador andava, mas fazia barulhos desagradáveis. Lá em cima, os corredores eram estreitos.

Bateu à porta e aguardou. Contou os segundos mentalmente. Já tinha batido a uma série de portas. Sabia como aquilo funcionava. Um, ouvem-no a bater, dois, levantam-se do sofá, três, abrem caminho pelo meio da confusão, quatro, avançam para a porta, e cinco, abrem-na.

A porta abriu-se. Viu-se diante de um homem. Sozinho, com o silêncio por trás.

O mensageiro disse:

— Estão à minha espera.

E o outro respondeu:

— Temos de sair.

— Quando?

— Agora.

O tipo era somali, pensou o mensageiro. Vinte e tal anos, mas já só pele e tendões acinzentados. Primitivo, como um antepassado do homem. O mensageiro disse:

— Não quero sair. Estou cansado. Tenho de me ir embora logo de manhãzinha. Tenho de apanhar um voo de ligação.

— Não há escolha. Temos de sair.

— Uma casa segura serve para eu não ter de sair.

— A equipa de futebol de Kiev joga ao início da noite em Moscovo. Os bares vão passar o jogo na televisão. Começa daqui a pouco, por causa da diferença horária. Seria esquisito não irmos. Daríamos nas vistas.

— Vocês podem ir.

— Não podemos ter ninguém no apartamento. Hoje à tarde, não. Alguém iria reparar. É uma rivalidade grande. É tipo uma coisa patriótica. A ideia é integrarmo-nos aqui.

O mensageiro encolheu os ombros. As precauções necessárias assim obrigavam. E o futebol não era mau de todo. Uma vez, já o tinha visto ser jogado com uma cabeça humana.

— *Okay* — disse.

Desceram pelas escadas, um acordo tácito no sentido de não arriscarem o elevador. Afastaram-se do mercado de flores, seguindo noutra direção, passando por prédios de apartamentos imponentes, mas deteriorados, com ferro forjado enferrujado e fachadas de estuque a descascar, e entrando, por entre dois deles, numa viela que o somali afirmou ser um atalho. Era uma passagem estreita de tijolo, ecoante e quase desconfortável, mas que, a seguir a um dos edifícios, abria para um pequeno pátio, não muito maior do que uma sala e que se encontrava cercado pelas partes de trás insípidas de outros edifícios, de quatro andares. Lá bem no alto, via-se um pequeno pedaço de céu. Essa insipidez das paredes dos prédios era interrompida por janelas falsas ou caiadas, além de caleiras gordas e das espirais erráticas dos cabos das antenas.

Estavam três homens no pátio.

O mensageiro achou que um podia ser primo do somali. Os outros dois também constituíam um par. Sem dúvida, do Turquemenistão. Os homens da casa segura. Por um segundo feliz, o mensageiro julgou que se tinham ido encontrar todos ali para depois seguirem juntos para o bar. E foi então que reparou que o pátio não tinha outra saída.

Não era um atalho.

Era uma armadilha.

E, nesse momento, compreendeu. Era claro como a água. E perfeitamente lógico. Ele era um risco em matéria de segurança. Por saber o preço. Cem milhões de dólares. O que, por si só, constituía

a componente mais perigosa de todo aquele empreendimento. Uma quantia tão avultada faria soar alarmes por todo o lado. Quem quer que a conhecesse correspondia automaticamente a uma potencial fuga de informação. Uma teoria clássica. Tinham-na estudado nos campos, com exemplos hipotéticos. Tinham ensaiado as várias possibilidades. Uma pena, tinham dito. Mas necessário. Uma luta grandiosa exigia sacrifícios grandiosos. Uma luta grandiosa exigia mentes limpas e corações frios. O tipo que enviaram à frente dele não tinha pedido para arejarem e prepararem os aposentos das visitas. A ordem que trouxera era outra.

O mensageiro não se mexeu. Nunca falaria. Ele, não. Com certeza que saberiam isso. Depois de tudo o que tinha feito. Era diferente. Estava a salvo. Não estava?

Não, aqueles homens jogavam futebol com cabeças humanas. Não tinham espaço para sentimentos.

O somali disse:

— Lamento, irmão.

O mensageiro fechou os olhos. Não usariam pistolas, pensou. No centro de Kiev, não. Usariam facas.

Enganou-se. Usaram um martelo.

Em Jalalabad, eram quatro e meia da manhã. Na casa branca de adobe, estavam a servir chá. O novo mensageiro tinha sido conduzido à sala pequena e quente. Era uma mulher. De vinte e quatro anos, com cabelos pretos compridos e pele da cor do chá. Trazia uma camisa de explorador branca, cheia de presilhas e de bolsos, calças de caqui e botas do deserto. Estava em sentido

defronte dos dois homens, que se encontravam sentados nas almofadas.

O alto disse:

— O assunto não é especialmente importante, mas é necessário agir depressa. Por isso, vais apanhar um avião diretamente de Karachi. Não são necessárias cautelas. Até ao momento, ninguém te viu. Vais encontrar-te com um americano e vais dizer-lhe que aceitamos o preço dele. Repito, aceitamos o preço dele. Entendes?

— Sim, senhor — respondeu a mulher.

O gordo acrescentou:

— O americano não vai referir o preço nem tu vais perguntar. Tem de permanecer um segredo. Porque ele tem vergonha de o termos conseguido vergar tão baixo e, pela nossa parte, não queremos que os outros julguem que estamos falidos e que só podemos pagar isso.

A mulher inclinou a cabeça.

— E quando devo partir? — perguntou.

— Imediatamente — respondeu o alto. — Conduz a noite inteira. Apanha o avião da manhã.

13

A seguir ao almoço, Griezman levou Reacher e Neagley de carro até ao hotel que já tinham utilizado. Agradeceram-lhe e despediram-se, mas não chegaram a fazer o *check-in*. Reacher não gostava de ficar no mesmo sítio duas vezes. Um hábito. Desnecessário, segundo alguns. Ele preferia dizer que tinha trinta e cinco anos e continuava vivo. Alguma coisa quereria dizer.

Olharam para a planta de Neagley. Ela pôs a unha em cima da casa segura. E disse:

— Claro que podem ter mais do que uma.

— É possível — respondeu Reacher. — Esta coisa toda é uma questão de probabilidades.

Começaram a andar e deram com a rua que já tinham visto, onde os quatro carros da polícia tinham estado estacionados. Onde a prostituta tinha sido morta. Viraram à esquerda, no sentido da casa segura, perto, mas não em demasia, e foram inspecionando as ruas secundárias à medida que avançavam. Não era fácil. Não era como em certas partes do mundo. Não havia tabuletas grandes. Não havia néons a piscar, nem letreiros a abanar ao vento. Proibido, presumivelmente. Por motivos de bom gosto. Cada espaço comercial tinha de ser verificado individualmente. Viram um

franchisado de aluguer de automóveis a ocupar dois endereços lado a lado. Havia outras atividades evidentes. Mas outras, nem tanto. Reacher entrou num átrio com poltronas e uma receção, julgando tratar-se de um hotel, mas afinal era um solário, com as cabinas nos fundos. A rececionista riu-se, tentando, a seguir, suprimir isso mesmo e, para reparar ainda mais a situação, referindo um *boutique* hotel a um quarteirão dali. E que se veio a revelar um sítio com bom aspeto. Havia um homem com uma cartola à entrada, pronto para lhes abrir a porta.

— Tens dinheiro? — perguntou Neagley.

— O Ratcliffe paga — retorquiu Reacher.

— Ele não sabe que aqui estamos.

— Telefonamos-lhe. Seja como for, devíamos fazer isso.

— De onde?

— De um quarto. Do teu ou do meu.

— Não vamos ter quarto nenhum. Não nos vão deixar fazer o *check-in* sem termos dinheiro.

Reacher sacou do maço de dinheiro que tinha para as despesas quotidianas. Registado como levado, mas nunca como devolvido. Uma quantia modesta. Neagley trazia a mesma coisa.

Reacher afirmou:

— Arranjamos um quarto. Para já. Até o NSC ligar para o hotel.

Neagley hesitou por uns instantes e, a seguir, disse:

— *Okay*.

Entraram.

Nesse momento, o americano encontrava-se a três ruas de distância, a abrandar o carro para parar à porta do franchisado de

aluguer de automóveis que tinham acabado de ver. Fizera uma pausa para almoçar em Groningen. Copo de vinho incluído. Por isso mesmo, tinha deixado passar algum tempo, para que o efeito esmorecesse. Só por via das dúvidas. As leis eram duras. Por isso, foi dar um passeio. Era uma cidade bonita. E depois tinha prosseguido viagem, atravessando a fronteira, simbólica, e apanhou a autoestrada que passava por Bremen. Desfrutou de cada quilómetro. Como que um sentimento de nostalgia prematuro. Não voltaria a ver a Europa nos tempos mais próximos. Se calhar, nunca mais.

Devolveu a chave e afastou-se, saindo do bairro, em direção à água. E ao apartamento. Arrendado, já com menos de um mês até terminar o contrato. No poupar é que está o ganho. Bom sentido de oportunidade.

O quarto que lhes deram tinha papel de parede verde-escuro e apontamentos cinzento-escuros por todo o lado. Mas o telefone funcionava. Reacher apanhou o tipo do NSC que estava de serviço, que se encarregou de financiar a estada deles por meio do consulado. A seguir, White surgiu na linha e anunciou:

— O Vanderbilt retrocedeu quatro anos com aquilo da Suíça. E depois verificou tudo. Naquele dia, estavam precisamente cem americanos na Alemanha que já tinham ido a Zurique.

— Boas informações — retorquiu Reacher —, mas não são conclusivas. Ele é capaz de ter usado as Ilhas Caimão. Ou o Luxemburgo. Ou o Mónaco. Ou, se calhar, foi a Zurique de férias. Eu já fui, uma vez, e podem ter a certezinha de que não fui a nenhum banco enquanto lá estive.

— Entendido — respondeu White.

— Mas agradece ao Vanderbilt.

A seguir, surgiu Waterman, que disse:

— Eles estão nervosos por causa de vocês.

— Quem está nervoso? — retorquiu Reacher.

— O Ratcliffe e a Sinclair.

— Ele disse que devíamos arriscar. Não vale a pena estarmos todos a fazer isso no mesmo sítio.

— E estão a chegar a algum lado?

— Vocês estão?

— Não chegámos a lado nenhum.

— Nem nós. Mas também não vale a pena não chegarmos todos a lado nenhum no mesmo sítio.

— A Sinclair vai querer falar contigo.

— Diz-lhe que dou notícias mais tarde. Depois de o consulado tratar do assunto. Pode ser que isso lhes dê um incentivo.

— E a sargento Neagley tem aqui correio do Departamento do Exército.

— Urgente?

— Não me parece.

— Então espera até eu falar com a Sinclair.

— E podemos combinar uma hora?

— Diz-lhe que fica marcado para daqui a duas horas — respondeu Reacher.

Foram à procura do bar onde Helmut Klopp tinha presenciado o encontro. Ficava a vinte minutos do hotel, a mesma distância a que se encontrava da casa segura, mas num vetor diferente. Como dois

raios da mesma roda. Passaram pelo bar, sem abrandar nem acelerar, a olhar sempre em frente, inspecionando o sítio de esguelha. Era no rés do chão de um edifício de pedra mais antigo, que poderia ter sido em tempos um prédio de habitação ou uma fábrica, provavelmente carbonizado durante a tempestade de fogo da Segunda Guerra, mas considerado reparável. O bar tinha uma porta central, numa fachada de tábuas de madeira. Mas não era um aspeto rústico. Não parecia a parede lateral de um celeiro no meio do campo. As tábuas eram de madeira verdadeira e estavam coladas umas às outras e perfeitamente aplainadas. Tinham uma cor dourado-escura, estavam muitíssimo envernizadas e reluzentes, lembrando um barco a remos num lago de um parque. Havia janelas pequenas, com cortinas de renda creme cor de café penduradas por trás das metades inferiores e espirais de bandeirinhas de papel presas com fios por trás das superiores. As bandeirinhas de papel eram todas alemãs. A luz lá dentro era fraca e ambarina.

Neagley disse:

— Temos duas pessoas a seguir-nos.

E Reacher retorquiu:

— Onde?

— Lá atrás, à esquina, a uns cinquenta metros de nós.

Ele não olhou.

E perguntou:

— Quem?

— Dois homens entre os trinta e os quarenta. Maiores do que eu e mais pequenos do que tu. Provavelmente, não são alemães. Parecem americanos a andar.

— E como é que os americanos andam?

— Como nós.

— E já lá estão há quanto tempo?

— Não sei bem.

— Maçãs do rosto?

— Não. E também são altos de mais.

— *Okay* — retorquiu Reacher. — Vamos beber um café.

Continuaram a avançar, ao mesmo ritmo descontraído, e foram ter a uma pastelaria com uma vitrina repleta de doces, mais uma máquina de café expresso e quatro mesinhas com duas cadeiras cada. As mesas e as cadeiras eram de metal e pintadas de prateado. Estavam encostadas às janelas, com uma boa vista da rua. Neagley sentou-se e Reacher dirigiu-se ao balcão. Pediu dois cafés expresso duplos e gritou:

— Queres um bolo?

— Pode ser — respondeu Neagley. — Um *strudel* de maçã.

— Dois — disse Reacher à mulher da caixa registadora.

A velha regra da tropa. Comer quando se pode. A próxima oportunidade pode ser vários dias depois. A mulher explicou por gestos que Reacher se devia ir sentar e que ela lhes traria um tabuleiro. Reacher explicou-lhe também por gestos que queria pagar de imediato. Uma regra dele. Podia acontecer ser preciso sair de repente e não gostava de não pagar o que era devido a gente simples e trabalhadora. Recebeu o troco, aproximou-se da mesa e sentou-se, com Neagley a esticar o pescoço, muito discretamente, e a dizer:

— Eles viram-nos a entrar. E aceleraram o passo. Já os vamos ver daqui a nada.

Reacher sondou o panorama em redor, à esquerda e à direita. Havia outro café do outro lado da rua, vinte metros em frente. Mesas junto à janela. Uma boa vista. Qualquer pessoa com bom senso

pararia ali. Eles podiam ficar ali dentro o tempo que fosse preciso, sem levantar nenhumas suspeitas, e depois podiam retomar a perseguição assim que as presas se deslocassem.

— Ali estão eles — afirmou Neagley.

Reacher viu dois tipos, conforme anunciado, na casa dos trinta, maiores do que ela e mais pequenos do que ele. Talvez com pouco mais de um metro e oitenta e uns noventa quilos. Cabelo curto. A andarem como americanos. E vestidos como americanos. Concretamente, para o olhar experimentado dele, vestidos como militares americanos de folga. Se um civil vestir um uniforme, nem que seja por uma hora, para um papel num filme ou para um baile de máscaras, por uma razão ou outra, aquilo não lhe cai bem e ele parece pouco à vontade, como se não estivesse habituado. Da mesma forma, se um tipo que passou os últimos dez anos de uniforme vestir umas calças de ganga e um casaco, aquilo também não lhe cai bem. Também não está habituado. Uma postura errada, demasiado perfeita, com os vincos demasiado visíveis, sem andar de ombros caídos nem arrastar os pés.

Os dois homens avançaram, tal como Reacher e Neagley tinha feito ao passar pelo bar, sem abrandar nem acelerar, a olhar sempre em frente, a tomar o pulso à situação pelo canto do olho. Caras grandes e duras, mãos marcadas. Oficial subalterno, provavelmente. Uma vida inteira, a julgar pelas aparências. Seguiram caminho, com um a murmurar qualquer coisa ao outro e este a assentir, e enfiaram-se no café vinte metros mais à frente, do outro lado da rua. Os carros iam passando, tanto num sentido como no outro, com as pessoas que andavam nas compras e os trabalhadores dos escritórios a apressarem-se nos passeios. Escolheram uma mesa à janela e sentaram-se lá, fingindo não estar

a olhar para Reacher e Neagley, assim como Reacher e Neagley estavam a fingir não estar a olhar para eles.

— Quem são aqueles gajos? — perguntou Reacher.

— Não dá para perceber só pelo aspeto — respondeu Neagley.

— Um palpitezinho?

— Exército, claro. No máximo, sargentos. Provavelmente, não são tropas de combate. Os velhos sargentos calejados das batalhas têm um ar diferente. Aqueles são outra coisa.

— Mas não são administrativos.

— Pois não. São trabalhadores manuais.

— Também acho. São tropas de apoio, de um género ou outro. Transportes, se calhar. Se calhar, carregam camiões. E descarregam-nos.

— Em que estás a pensar?

— Estou cá a perguntar a mim mesmo porque estarão aqui — respondeu Reacher. — Como sabiam?

— O Griezman? Se calhar, fez um telefonema. Mal nos deixou no hotel.

— Só que nós não ficámos nesse hotel. Eles não nos seguiram de lá. Porque nós não começámos a partir de lá.

— O que quer dizer que a fuga de informação veio do NSC. Mais ninguém sabia em que hotel estávamos. O que é ridículo.

— Também acho. Por isso mesmo, não nos seguiram de nenhum dos hotéis. Nós é que viemos ter com eles. Estavam aqui à espera.

— Porquê?

— Se calhar, aquele bar é mais do que um simples sítio para gente com as mesmas opiniões. Se calhar, é um ponto de encontro para gente de toda a espécie. Se calhar, ganha-se dinheiro lá. Portanto, o que acontece quando dois polícias militares aparecem

na cidade sem explicação? Posicionam sentinelas, só por via das dúvidas. E aqui estamos nós. Acabámos de fazer disparar a armadilha deles.

— Mas eles não sabem que somos polícias militares. Não sabem os nossos nomes. Ninguém sabe sequer que estamos neste país.

— E como soubemos nós do Helmut Klopp?

— O Griezman transmitiu um relatório policial idiota qualquer. Ao consulado.

— Por ser um nobre cidadão?

— Não, por querer proteger o couro bastante considerável dele.

— E um tipo desses também transmitiria um relatório policial idiota sobre dois militares que foram parte integrante da investigação de um homicídio. A passar pela cena do crime e a afirmar serem turistas. Os nossos nomes estão ali escarrapachados, preto no branco. Por isso, teve de transmitir a coisa. O mais certo é ter sido diretamente para o quartel-general em Estugarda. Onde alguém foi ver quem éramos, com a Cento e Dez a aparecer no nosso passado recente, e carregou num alarme secreto qualquer. Como num banco. Ninguém ouviu nada, mas desatou tudo em grande rebuliço pela cidade inteira. Viemos cá por causa de quem? A amplitude da coisa é imensa. Vamos chatear gente de toda a espécie.

— E se esta gente for a certa?

— Se ficares com o da esquerda, a Legião de Mérito é tua.

— Eles nunca dariam uma Legião de Mérito a um sargento.

— Esta gente não é a certa. Sou sortudo, mas não assim tanto.

— Então quem são estes tipos?

— Não dá para perceber só pelo aspeto — respondeu Reacher.

Debicaram as últimas migalhas de *strudel* que tinham nos pratos, sorveram o café até já só restar aquela pasta turva no fundo das chávenas e, a seguir, levantaram-se rapidamente e apressaram-se porta fora.

14

Reacher e Neagley desviaram-se dos peões no passeio e dos carros na estrada, dirigindo-se, na diagonal, para o segundo café, do outro lado da rua. Pela janela, viram o ar surpreendido dos dois homens, que se endireitaram nas cadeiras. Demasiado tarde. Estavam sentados ao lado um do outro, no canto mais afastado de uma mesa para quatro, onde o ângulo de visão era bom. Sobravam assim duas cadeiras desocupadas entre eles e o resto do café. Neagley foi a primeira a entrar, sentando-se numa das cadeiras. Reacher entrou a seguir e sentou-se na outra. O que significava que os dois homens estavam encurralados. Tudo muito tranquilo, cortês e civilizado, mas não tinham por onde escapar. A não ser que Reacher e Neagley se levantassem para os deixar passar. O que não estava nos planos futuros deles.

Reacher disse:

— Prestem atenção, rapazes, porque só vou dizer isto uma única vez. Temos uma oferta especial irrepetível. Se pudermos, vamos ajudá-los. Penas mínimas, se nos contarem tudinho. A não ser que seja aquela coisa em que estamos interessados. Mas não me parece que seja. Acho que vocês não são os tipos certos para isso.

— Desapareçam — atirou o da esquerda.

Estava mais perto dos quarenta do que dos trinta, com o cabelo curto preto a caminho do grisalho e uma cara que mais parecia um bloco, pastosa como um pão por cozer. Tinha olhos escuros e calos nas mãos. O sotaque era do Arkansas, do Tennessee ou talvez do Mississípi.

Reacher continuou:

— Vocês sabem os nossos nomes porque alguém se foi informar e fez soar o alarme. Portanto, sabem que somos PM. Considerem-se presos a partir deste momento.

— Não podem fazer isso.

— Olha que ficava muito espantado se não pudéssemos. É o Código de Justiça Militar que o diz. Se quiséssemos, podíamos prender o chefe do estado-maior. Íamos precisar de uma argumentação bem sólida, mas, teoricamente, podíamos fazer isso. E vocês constituem um problema muito menor.

— Não têm jurisdição.

— Isso é uma palavra cara.

— Não somos militares.

— Eu acho que são.

— Nem somos americanos.

— Eu acho que são.

— Estás enganado.

— Provem-no. Mostrem-me a identificação.

— Desapareçam — repetiu o homem.

— Na Alemanha, a lei exige que se identifiquem à polícia quando solicitados.

— À polícia alemã. E não a vocês.

— Estão a fazer isto tudo mal. Daqui a nada, vão apanhar penas máximas.

O tipo ficou calado. E o outro estava a acompanhar a conversa, com os olhos a deslocarem-se de um lado para o outro, como no ténis.

Reacher repetiu:

— Mostrem-me a identificação.

E o da esquerda respondeu:

— Se não se importam, gostávamos de nos ir embora. Afastem-se, por favor.

— Não vai acontecer.

— Podíamos fazer com que acontecesse.

— Podiam tentar — retorquiu Reacher. — Mas iam acabar por se magoar. Isto é muita areia para a vossa camioneta. Vão enfrentar uma coisa como nunca viram na vida.

— Tens-te em muitíssimo boa conta.

Reacher apontou com a cabeça para Neagley.

— Estou a falar dela. Só cá vim para limpar os estragos.

Eles olharam para Neagley. Cabelo escuro, olhos escuros, bronzeada. Uma mulher bonita. Ela sorriu-lhes. Tinha os antebraços pousados em cima da mesa. Reacher reparou nas unhas dela. Reluziam do verniz claro e estavam bem limadas. Até as da direita, que ela devia ter feito com a mão esquerda. Não iria a um salão. Não suportava que lhe tocassem nas mãos. Olhou para um dos homens e depois para o outro.

O da esquerda encolheu os ombros, levantando-se muito ligeiramente da cadeira e enfiando a mão no bolso de trás das calças. O outro fez o mesmo. Reacher observou-os. Tranquilo. Ninguém andava com uma arma no bolso de trás das calças. Desconfortável. E de difícil acesso.

Os tipos puxaram de dois documentos de identificação cada. De plástico, do tamanho de cartões de crédito. Só que não eram. Eram cartões de identidade nacional e cartas de condução. Tinham ambos *Bundesrepublik Deutschland* escrito na parte de cima. Alemanha. A República Federal. As fotografias batiam certo. O da esquerda chamava-se Bernd Durnberger e o da direita, Klaus Augenthaler.

— Vocês são cidadãos alemães? — perguntou Reacher.

O homem da esquerda recolheu os cartões que lhe cabiam e assentiu.

— Naturalizados?

Assentiu outra vez.

— E tiveram de passar algum teste?

— Claro.

— E foi difícil?

— Nem por isso.

— Em que Estado estamos?

— Na Alemanha.

— Isso é o país. Isto é um sistema federal. O facto de dizer *Bundesrepublik* é uma pista. Quer dizer que tem estados, como a América. Só tem dezasseis e não cinquenta, mas o princípio é o mesmo.

— Devo ter-me esquecido.

— Hamburgo — afirmou Reacher.

— Isso é a cidade.

— E o Estado também. Como Nova Iorque. Junto a Schleswig-Holstein e a Bremen. E a seguir vem a Baixa Saxónia. Mudaste de nome?

— E porque não?

— E porquê Durnberger?

— Gosto da sonoridade.

— E mantiveram a nacionalidade americana?

— Não, renunciámos. Não temos dupla nacionalidade. Por isso, não podem fazer nada.

— Podemos ser indelicados.

— O quê?

— É o que os americanos costumam ser no estrangeiro. Vocês, europeus, estão sempre a queixar-se disso. Podíamos ficar simplesmente aqui sentados no vosso caminho.

— Não, agora vamo-nos embora.

— Porquê?

— Porque queremos.

— Precisam de ir à casa de banho?

— Não.

— Têm algum compromisso urgente?

— Temos liberdade de circulação.

— Claro que têm. Como uma pessoa em Times Square, a tentar chegar ao emprego a horas. Não há hipótese nenhuma, a não ser que atropele o turista que tem pela frente.

O tipo ficou calado.

Reacher olhou para o outro e perguntou:

— E como escolheste o teu nome?

— Foi igual — respondeu ele. — Gostei da sonoridade.

— Ai sim? Então di-lo lá para eu ouvir.

O homem não respondeu.

— Di-lo lá para eu ouvir — repetiu Reacher. — Deixa lá ver como soa bem.

Nenhuma resposta.

— Di-lo lá para eu ouvir.

Nada.

Reacher enganchou os polegares por baixo do rebordo do tampo e segurou a mesa com toda a força. Inclinou-se para a frente. E insistiu:

— Diz o teu nome para eu ouvir.

O homem não foi capaz.

Reacher disse:

— Portanto, temos um tipo que não se consegue lembrar de que a Alemanha tem Estados e outro que nem sequer se consegue lembrar do próprio nome. Não se estão a sair lá grande coisa a tentar convencer-me.

Estava a agarrar a mesa e a inclinar-se para a frente não por uma questão de efeito dramático mas para estar preparado para o que vinha a seguir. E que veio naquele preciso instante. O da direita empurrou a mesa com força, à procura de a espetar na barriga de Reacher, como um soco, ou mesmo de o fazer cair para trás na cadeira, mas Reacher estava preparado e ripostou com um empurrão dez vezes mais forte, enfiando o rebordo de madeira na pança do tipo. Um golpe satisfatório, mas a deslocação da mobília deu ao da esquerda uma aberta para se levantar, o que fez, escapulindo-se depois por trás de Reacher, que ainda estava sentado, e apressando-se para a porta da rua. Só que, por essa altura, Neagley também já estava em pé e a avançar para a esquerda, com o ombro para a frente, a aproximar-se dele, e, a seguir, a rodar violentamente e a aplicar-lhe uma direita em arco no peito, em cheio no plexo solar, o que o fez parar, em pânico e ofegante, como se tivesse engolido uma vara elétrica para gado. O que deu a Neagley tempo mais do que suficiente para se decidir

pelo passo seguinte. Que foi espetar-lhe o joelho esquerdo na virilha, e depois o direito na cara, e o homem caiu desamparado diante dela.

Reacher manteve o outro preso atrás da mesa. E disse:

— Estás a ver o que eu dizia? Agora tenho de limpar aquilo.

Virou a cabeça e viu uma velha ao balcão a preparar-se para gritar, desmaiar ou agarrar o telefone. Gritou-lhe «*Sexueller Angriff*», que sabia, por ter levado um prisioneiro a um tribunal civil em Frankfurt, querer dizer *agressão sexual*. Apontou para si próprio e acrescentou «*Militärpolizei*», que sabia querer dizer *polícia militar*. A mulher acalmou-se um bocadinho. As forças da ordem tinham a situação sob controlo. E, na verdade, não se tinha partido nada. O homem caíra sem acertar em nada. Neagley era uma adepta da precisão. Havia sangue no chão, mas não muito. Nada que um minuto com uma esfregona não resolvesse. No fundo, se não há dano, não há problema.

Reacher disse a Neagley:

— Pede para usar o telefone dela. Liga para Estugarda e descobre quem conhecemos que possa chegar cá ainda hoje.

— Por causa destes gajos?

— O ruído de fundo está a começar. Vamos precisar de quem nos trate do lixo.

— Mas sem ser através da Sinclair?

— Isto é um assunto militar. É melhor não a chatearmos com os pormenores.

Neagley sabia tanto alemão como Reacher e, por isso, imitou, com as sobrancelhas arqueadas e o polegar e o mindinho da mão direita, o gesto universal de falar ao telefone, com a velhota a acorrer à outra ponta do balcão e a regressar com um velho

aparelho preto ligado a um fio. Neagley marcou o número, esperou e começou a falar.

Reacher voltou-se de novo para o homem preso à mesa. Estava pálido. Tinha cabelo curto um pouco mais crescido à frente e buracos antigos de acne nas bochechas. Ia olhando alternadamente para Reacher e para o amigo deitado no chão. Para um lado e para o outro, como um metrónomo. Pânico estampado nos olhos.

Reacher disse:

— Vou dar um palpite marado e dizer que não és o cérebro desta operação. O que te deixa numa posição vulnerável. Mas tens a sorte do teu lado. Sou um homem razoável. Aquela oferta especial irrepetível ainda continua válida. Só para ti. Pena mínima, se nos contares tudinho. Vou contar até três. E depois foi-se.

Mais pânico estampado nos olhos do homem. Abriu a boca, mas não foi capaz de falar. Não era lá muito inteligente. Não era lá muito verbal.

— Quem te disse para estares aqui hoje? — perguntou Reacher.

O homem apontou para o amigo deitado no chão.

E disse:

— Foi ele.

— Porquê? — retorquiu Reacher.

— Vendemos coisas.

— Onde?

— No bar.

— Que género de coisas?

Nenhuma resposta.

— Grandes ou pequenas? — perguntou Reacher.

— Pequenas.

— Pistolas?

Ele assentiu.

— *Berettas M9*?

Assentiu de novo.

— E mais alguma coisa? — insistiu Reacher.

— Não.

— *Okay*, vocês vendem pistolas a *skinheads*. Parabéns. Novas ou usadas?

— Só usadas.

— De onde?

— Vamos buscá-las aos camiões com o refugo.

Reacher assentiu. Inventário descontinuado do exército dos EUA, registado como gasto, defeituoso ou destruído, mas sem nunca chegar a ser fundido. Não era invulgar. Perguntou:

— E munições também?

— Sim — respondeu o homem.

— Nesse mesmo bar?

— Sim — repetiu.

— E onde arranjaram as identificações da tanga?

— No mesmo sítio. Nesse bar. Há um alemão.

— E que mais acontece lá?

— Negócios de toda a espécie.

— E vão lá muito?

O tipo olhou para o amigo deitado no chão. Assentiu. E disse:

— É onde vendemos coisas.

Reacher tirou o retrato-robô do bolso. O americano. O sobrolho, as maçãs do rosto, os olhos azuis encovados. O cabelo que se podia mexer de um lado para o outro. Desdobrou o desenho, alisou-o e virou-o para a frente, em cima da mesa.

— Já viste este homem lá dentro? — perguntou.

O homem deu uma olhada.
E respondeu:
— Sim, já o vi.

15

Neagley pousou o telefone e fez um gesto de agradecimento à velha, voltando depois para a mesa. Reacher disse:

— Este viu o nosso homem no bar.

— Quantas vezes? — perguntou Neagley.

— Umas três — respondeu o homem.

— Ao longo de quanto tempo?

— Nos últimos meses, mais coisa, menos coisa. Às vezes, vem de boné.

— Um boné de que género?

— De uma equipa desportiva, acho. Talvez da NFL. Uma coisa qualquer com uma estrela vermelha.

— E sabes o nome dele?

— Não.

— E que faz ele no bar?

— Nada de especial.

— E é militar?

— Da última vez que o vi, não trazia boné e tinha o cabelo demasiado comprido.

— E quando foi isso?

— Há umas duas semanas.

— E que estava ele a fazer há duas semanas?

— Estava sentado à mesa, perto da janela, a beber cerveja sozinho.

Nesse momento, o americano estava à espera para apanhar um autocarro municipal e dirigir-se para a cidade. Tinha coisas para fazer. Tratar de tarefas de última hora e uma lista de compras. Hamburgo era um porto que recebia muitos passageiros, com *ferries* e cruzeiros a entrar e a sair, portanto, não era difícil arranjar mantimentos. E roupa adequada, para uma longa viagem. Tudo compras com dinheiro vivo e tudo de sítios diferentes. Um horário rigoroso, mas necessário. Cada segundo era precioso.

O autocarro chegou e o americano apanhou-o.

Reacher levantou o tipo do chão do café e empurrou-o para o passeio. Neagley ficou com o parceiro. Olharam para a planta de Neagley e seguiram para um miniparque. O homem em que Neagley tinha batido coxeava e arrastava os pés. Tinha o nariz partido, da segunda joelhada dela. Não o favorecia em nada. Nem deixava de favorecer.

Chegaram ao parque e ocuparam dois bancos. Neagley e o lerdo sentaram-se num e Reacher e a vítima, no outro. Esperaram. O lerdo deixou-se ficar muito quietinho. Parecia com medo de Neagley. Talvez não fosse tão lerdo. O estropiado foi melhorando lentamente. Reacher sentiu-o a ficar agitado. Sentiu-o a olhar em redor, calculando os ângulos e medindo as possibilidades. A certa altura, um autocarro municipal passou estrepitosamente por eles, devagar

e perto, enorme e barulhento, cheio de passageiros a caminho da cidade, e Reacher sentiu o homem a ganhar vida, como se o ruído e a confusão constituíssem uma oportunidade, por isso, pousou-lhe a mão na nuca, como num gesto amigável, e apertou. O homem ganiu em silêncio e o autocarro desapareceu em seguida.

Esperaram. Foi entardecendo. Até que um carro azul encostou junto ao passeio. Um grande *sedan* da Opel. Um produto da General Motors. Ao volante, estava um tipo com um uniforme militar. E, ao lado, vinha outro. Atrás deles, uma divisória de plástico ia do chão ao tejadilho. Um carro da polícia.

O passageiro saiu. Pequeno, largo e moreno. Manuel Orozco. Nos últimos tempos, da 110. *Ninguém se mete com os investigadores especiais*. A frase era dele. Um bom amigo. Disse:

— Achava que te tinham enterrado numa escola algures.

— Foi isso que ouviste dizer? — retorquiu Reacher.

— Meu, andava toda a gente a falar disso. Como se tivesses morrido.

— O NSC pediu-nos para fazer uma coisa secreta. Estamos a abanar uma árvore. E anda a cair mais uma data de tretas. Vais ter de tratar de limpar isso. Sem referir o nosso envolvimento. Podes dizer que é tudo teu, se quiseres. E ganhas mais uma medalha. Começa por estes dois. Andam a vender *M9* de refugo a *skinheads* num bar.

— Não me vão dar uma medalha por isso.

— O bar é que interessa. Pode ser só a ponta do icebergue.

— E que aconteceu ao nariz deste?

— Foi a Neagley.

— Notável.

— Precisamos de informações de fundo sobre o bar. Pelos vistos, acontecem lá negócios de toda a espécie. Regista isso num relatório à parte, *okay*? E depois estás à vontade para ir pescar. Mas só quando nós dissermos. Andamos a observar um tipo em concreto e não o queremos afugentar. Partindo do princípio de que ele está a pensar sequer em voltar. O que, provavelmente, não vai fazer.

— Deixa comigo, chefe — atirou Orozco.

— Já não sou teu chefe.

— De certeza que ainda és chefe de alguma coisa.

Orozco enfiou os dois homens no banco traseiro do carro, atrás da divisória de plástico, e sentou-se outra vez ao lado do condutor. Reacher e Neagley acenaram-lhes. A seguir, regressaram ao *boutique* hotel, onde o rececionista confirmou que o consulado tratara de facto do assunto, sendo que tinham agora dois quartos, melhores e ao lado um do outro, no último andar. Foram primeiro ao de Neagley, de onde telefonaram para McLean, na Virgínia, para prestar contas a Sinclair.

Nesse momento, na garagem da polícia, o técnico das impressões digitais estava ao telefone com o chefe dos detetives Griezman. Informou-o de que tinha conseguido retirar uma ótima impressão do cromado na parte de trás do fecho da porta. Clara como água. Tendo em conta a forma, e de acordo com o olhar experimentado dele, era o dedo médio de uma mão direita, de tamanho normal para um homem ou grande para uma mulher. Não havia correspondências em nenhuma das bases de dados federais. Logo, quase de certeza que o autor do crime não era alemão.

Os quartos melhores possuíam telefones de consola luxuosos, e Neagley pôs o dela em alta-voz e sentou-se na cama. Reacher sentou-se numa cadeira. Em McLean, o telefone também estava em alta-voz. Reacher ouviu o eco distante e, a seguir, ouviu Sinclair a dizer olá, depois Waterman e, por fim, White. Calculou que estivessem todos no gabinete, à mesa de conferências, sentados nas cadeiras de couro.

— Já conseguiram chegar a algum lado? — perguntou Sinclair.

Parecia cansada.

E Reacher respondeu:

— A testemunha alemã era um homem chamado Klopp, que nos fez uma boa descrição, do que resultou um bom retrato-robô. Que vos foi enviado por faxe. O Klopp diz que já viu o tipo duas vezes. E, depois disso, houve uma outra testemunha que já viu o tipo três vezes. Sempre no mesmo bar. Que parece ser, em parte, um antro político de extrema-direita e, em parte, um mercado clandestino. Negócios de toda a espécie, pelos vistos.

— E isso vai ser o local do segundo encontro?

— As probabilidades estão contra. Eles podem escolher todo e qualquer sítio, da Escandinávia ao Norte de África.

White juntou-se à conversa e disse:

— Estamos a comparar listas de várias formas possíveis. O Departamento do Estado disponibilizou uns grandes computadores. Estamos atentos a cerca de quatrocentos nomes americanos. O que é, de longe, demasiada coisa para ser útil. E os destinos de viagem recentes desses nomes incluem uns quarenta países. O que também é demasiada coisa para ser útil.

Reacher retorquiu:

— Vamos dar sempre à mesma pergunta. Que está o tipo a vender?

Nenhuma resposta.

— Recebemos uma notícia estranha — afirmou Sinclair. — Do nosso pessoal na Ucrânia. Um típico registo de ocorrências policial. A polícia de Kiev relatou o aparecimento de um árabe morto numa viela da Baixa. Assassinado com golpes desferidos na cabeça, provavelmente com um martelo de carpinteiro. Andava na casa dos vinte e trazia um polo cor-de-rosa com um crocodilo à frente. E foi isso que nos chamou a atenção. Provavelmente, não é nada. A polícia de Kiev diz que passou um jogo de futebol na televisão. A equipa local perdeu com a de Moscovo. Muitos rapazes descontentes nos bares. E um árabe sozinho, com um polo cor-de-rosa, pode ter sido irresistível.

— Ou?

— É estúpido estarmos a basear-nos no polo. Mas talvez o tipo fosse um deles. Talvez haja uma guerra civil em curso.

— E isso muda o nosso plano?

— Não, devemos partir do pressuposto de que o mensageiro continua a caminho. Devemos agir considerando que o segundo encontro continua iminente. O que precisamos de perceber é se o major e a sargento Neagley devem continuar em Hamburgo ou voltar para aqui.

— Eles não se vão encontrar em McLean, na Virgínia. Isso é certo. Ao passo que talvez se encontrem outra vez em Hamburgo. Pelo menos, é uma possibilidade. Uma pequena hipótese, se calhar, mas pouco é melhor do que nada, com certeza.

Sinclair ficou calada durante um longo momento. Na linha, apenas se ouviam o eco e a estática. Foi então que ela disse:

— *Okay*, mas não se aproximem da casa segura.

— Mesmo que isso implique deixar passar o encontro?

— Preocupamo-nos com isso na altura devida. Isto precisa de ficar bem esclarecido. A decisão não é vossa.

Em Jalalabad, o jantar já terminara e a louça fora levantada. Os homens das túnicas brancas já tinham voltado para a sala pequena e quente. Metade da conversa entre ambos foi composta por cuidadosas e ritualísticas advertências de que ainda não tinham alcançado nada. Em definitivo, não. Com toda a segurança, não. Estavam perto, mas não era certo. Citaram-se provérbios antigos, velhas recitações tribais na linha de não se contar com os ovos na barriga da galinha. Mas, na outra metade da conversa, não fizeram mais do que contar com esses mesmos ovos. Contaram-nos uma e outra vez. Especulações gloriosas e sonhadoras. Fizeram listas e reviram-nas sem parar, sorrindo e baloiçando-se nas almofadas. Era o mais próximo de erótico a que aqueles tipos chegavam.

Tinham de escolher dez cidades. Concordaram que Washington, D.C., Nova Iorque e Londres tinham de estar incluídas. Não eram negociáveis. Restavam outras sete. Paris poderia ser a quarta. E depois Bruxelas, por causa do quartel-general da NATO e do Parlamento Europeu. E Berlim, porque… porque não? Sobravam quatro. Moscovo talvez fosse importante para os irmãos do leste da Europa. E Telavive, evidentemente, embora isso fosse, no fundo, uma questão à parte. Faltavam duas. Amesterdão? Chicago? Los Angeles? Madrid?

Foi então que fizeram questão de se recordar de novo que não podiam contar com os ovos. Essa resolução durou menos de um

minuto. Baloiçaram-se em silêncio e, a seguir, recomeçaram a partir do quarto sítio. Será que São Francisco deveria ficar à frente de Paris? A Golden Gate Bridge?

O americano saiu do autocarro no coração da zona comercial da Baixa. Exibia um sorrisozinho no rosto. O autocarro tinha reduzido a velocidade para virar perto de um miniparque e ele vislumbrara, pela janela do outro lado do corredor, dois tipos com quem tinha feito negócios no bar. Estavam sentados em bancos. O mundo era pequeno. Estavam acompanhados por dois amigos, um homem e uma mulher. E o homem trazia um blusão de ganga igualzinho ao dele. O mundo afinal ainda era mais pequeno. Quais eram as probabilidades?

Atravessou uma praça pavimentada com seixos e parou numa agência de câmbios. Trocou um punhado de marcos alemães e de dólares por pesos argentinos. A seguir, fez a mesma coisa noutra agência, uma rua à frente, e depois, noutra. Sempre notas usadas e amarrotadas, de diversos valores. Sempre dinheiro vivo por dinheiro vivo. Nada de quantias enormes. Nada de memorável. Nenhum registo.

Trocou o último maço na estação de comboio. Que, atualmente, era um sítio triste. Havia sem-abrigo e gente perturbada um pouco por todo o lado. Havia homens furtivos, com olhos que não paravam quietos e de mãos enterradas em bolsos volumosos. Havia grafítis pintados com latas de *spray* nas paredes. Nada que se comparasse a South Bronx, aos bairros degradados de Detroit ou a South Central, em Los Angeles. Mas pouco habitual para a Alemanha. A reunificação tinha constituído um esforço. Económica e socialmente.

E mentalmente. Ele assistira ao processo. Foi como viver uma vida confortável numa casinha simpática com a família. E, de repente, uma série de familiares muda-se para lá. De um sítio qualquer onde não sabem bem usar uma faca e um garfo. Gente ignorante e atrofiada. Mas alemã à mesma. Como se um irmão tivesse sido levado à nascença e trancado num armário. E depois, já com quarenta e tal anos, sai de lá todo titubeante, pálido, curvado e a pestanejar. Uma situação difícil de gerir.

Avaliou os pesos, segurando-os entre o indicador e o polegar, satisfeito. Destinavam-se exclusivamente a despesas menores e nada mais. O banqueiro é que se chegaria à frente, conforme combinado, por telegrama ou telex, ou lá que outra maneira secreta tivessem para o fazer. O dinheiro era para gorjetas, táxis e bagageiros no aeroporto. Só isso.

A seguir, roupa. Depois, uma farmácia. E depois, uma loja de ferragens, uma de campismo e outra de brinquedos.

Reacher e Neagley foram jantar fora cedo. Tinham visto bastantes opções no bairro. Escolheram um sítio de comida simples e caseira, logo ao lado do hotel, numa cave. Tinha painéis de madeira castanhos e música de acordeão a sair de colunas no teto.

— Marian Sinclair vai apanhar um avião para aqui — disse Neagley.

— E porque havia ela de fazer isso? — retorquiu Reacher.

— Acho que a convenceste com aquilo do pouco ser melhor do que nada.

— Não devia ser preciso convencer ninguém.

— E quer manter-te debaixo de olho.

— Ela sabia no que se estava a meter. De certeza que o Garber lhe explicou.

— Aposto dez dólares que ela vai estar cá amanhã.

— E tens fundos para saldar a dívida?

— Não vou precisar. E não me dês dinheiro do Estado. Vê lá se é mesmo do teu.

— Ela não vai aparecer — afirmou Reacher. — Seria o mesmo que apostar num cavalo. E essa gente não faz isso.

Foi então que as luzes pareceram diminuir, no momento em que o chefe dos detetives Griezman se aproximou da mesa deles. Dois metros e cento e trinta e seis quilos. Um fato cinzento ondulante do tamanho de uma tenda. O chão rangeu. E Griezman disse:

— Peço imensa desculpa por interrompê-los.

— Tem fome? — perguntou Reacher.

Griezman hesitou por uns segundos e, a seguir, respondeu:

— Sim, por acaso, até tenho um bocadinho.

Mas que pontaria, pensou Reacher.

— Então junte-se a nós. O Pentágono convida — disse.

— Não, nunca permitiria isso. Na minha própria cidade, não. Tenho de ser eu a convidá-los.

— *Okay* — respondeu Reacher. — Muito obrigado. As Finanças dos Estados Unidos agradecem.

Griezman sentou-se. Um empregado apressou-se a trazer talheres para uma terceira pessoa. Serviram-lhes água e trouxeram-lhes pão.

— Quero pedir-lhes um favor — disse Griezman.

— Primeiro, conte-nos como descobriu que estávamos aqui — retorquiu Reacher.

— O vosso hotel informou-nos de onde estavam. É uma obrigação. Qualquer reserva feita por uma embaixada, consulado ou missão diplomática possui potenciais implicações de segurança. Portanto, agora há um sistema. E depois destaquei homens em carros estacionados, com rádios. Passaram-vos de uns para os outros até que entraram aqui. Não quis que eles os tentassem seguir a pé. Achei que seriam descobertos.

— E fizemos alguma coisa errada?

— Preciso de lhes pedir um favor importante. Pessoalmente, cara a cara.

— Que tipo de favor importante?

— Descobrimos uma impressão digital, no carro da prostituta morta. Lembra-se? Exatamente no sítio onde disse que descobriríamos. No cromado na parte de trás do fecho da porta. O dedo médio de uma mão direita.

— Parabéns.

— Não há correspondências em nenhuma das nossas bases.

— E isso é normal?

— Se for a impressão digital de um estrangeiro, é.

Reacher ficou calado.

— São capazes de a verificar nos vossos sistemas por mim? — perguntou Griezman.

— Isso é um favor enorme — soltou Neagley.

Reacher assentiu.

— E é uma coisa política. Uma caixinha de Pandora. Provavelmente, mete ao barulho uma série de tretas da NATO, além da Quarta Emenda. Estamos atolados de relações-públicas e de advogados. Iriam demorar um ano inteiro só para pensar nisso.

Griezman suspirou e disse:

— O meu problema é sempre esse. Não sou dado a coisas políticas. Sou um simples detetive, esperançado de que outro me faça um favor.

— O tanas — atirou Reacher. — Está a pagar-nos este jantar porque eu disse a palavra Pentágono. Se calhar, um dia ainda se vai candidatar a presidente da câmara. Estamos numa cidade liberal da Europa Ocidental. Os eleitores não iriam gostar de saber que os belicistas bárbaros lhe ofereceram uma refeição. Portanto, prefere ter uma discussão sobre despesas amanhã do que uma situação embaraçosa daqui a dez anos. Eu cá chamaria a isso uma coisa bastante política, numa escala de um a dez.

— Só estou a tentar apanhar um mauzão.

— E porque havia ele de ser americano?

— É uma questão de estatística. Tem que ver com os números relacionados com crimes.

— E acha que iríamos admitir isso alto e bom som? Do género, têm uma prostituta morta, por isso, claro, faz todo o sentido reunir os suspeitos americanos todos. Não podemos pura e simplesmente aceitar como uns cordeirinhos uma presunção de culpa. Não iria ser bem visto na América. Esta cena já fica bem acima das minhas competências.

— Pessoalmente, concordo consigo. Acho que foi um marinheiro. Entre uma centena de nacionalidades possíveis. Mas vocês correspondem a um grande grupo de estrangeiros na Alemanha. Eu poderia eliminar um grande número de possibilidades.

— Então agora já acha que não foi um americano?

— Gostaria de poder provar isso, sim. Vão estar à espera de que eu faça um esforço antes de o caso morrer. Que, sinceramente, é o que eu quero, o mais depressa possível.

— Porquê?

— Bom, logo para começar, estamos a perder demasiado tempo com ele.

— Porque ela era prostituta?

— Ao fim e ao cabo, sim. Mas isso é simplesmente o que nos diz a experiência e muitos dados infelizes. A maioria dos homicídios de prostitutas é cometida por gente itinerante. É um facto. De certeza que este tipo já deve ter atravessado meio Atlântico. Todo contente por se ter safado.

Não sou dado a coisas políticas. Reacher sentiu-se manipulado. E disse:

— Vou pensar nisso. Mande entregar uma cópia da impressão ao hotel, só por via das dúvidas.

— Não é preciso — respondeu Griezman.

Tirou um pequeno envelope do bolso interior.

— Está aqui uma cópia em película. E um cartão com o meu número.

Reacher pegou no envelope e guardou-o no bolso.

A seguir ao jantar, preferiram regressar ao hotel a pé e, por isso, Griezman foi-se embora sem eles, no *Mercedes* do departamento. Fizeram um desvio pela casa segura. Um simples passeio noturno. Um simples vislumbre pelo canto do olho, ao passarem. Não é que soubessem qual seria o apartamento. Havia quinze janelas plausivelmente relacionadas com o átrio em questão. Algumas estavam às escuras. Numas, via-se o brilho azul da televisão. E, noutras, uma luz baixa e acolhedora. Não havia gente à vista. Havia

carros na rua, e um ou outro peão. O início da noite, em plena cidade. Continuaram a andar.

Estava um carro azul parado à entrada do hotel. Um *sedan* da Opel. O carro da polícia de Manuel Orozco. Que estava à espera deles no átrio.

— Preciso de lhes contar uma coisa.

16

Voltaram lá para fora e encostaram-se ao carro de Orozco. Estava uma noite fria e húmida. Dava para sentir a água nas proximidades.

Reacher disse:

— Podias ter ligado.

— Não — respondeu Orozco. — É melhor fazer isto cara a cara do que por telefone.

— Porquê?

— Só me deste a versão simplificada. Passaste ao lado da coisa a sério.

— Andam a vender algo que seja pior?

— Não, foram só à volta de quarenta *M9* de refugo para aí durante seis meses. Mais mil cartuchos. Não é o fim do mundo. Já vimos todos pior.

— Então qual é a coisa a sério?

— A identificação deles era autêntica.

— São cidadãos alemães de verdade?

— Não, são americanos até à medula. Do Arkansas e do Kentucky. Mal falam sequer inglês, quanto mais alemão. Chamam-se Billy Bob e Jimmy Lee. Ou coisa que o valha.

— Então a identificação deles era mesmo da tanga.

— Nesse sentido, sim. Mas também era autêntica. No sentido em que era demasiado boa para ser falsa. Tão boa que achamos que é capaz de lhes ter sido fabricada pelo próprio governo alemão. Nas instalações habituais. Juntamente com todas as outras cenas boches habituais.

— Disseram que tinha sido um tipo num bar que lhas tinha arranjado.

— Também me disseram isso.

— E?

— E acredito neles?

— Então?

— Onde é que o tipo do bar as foi arranjar?

— Tens mesmo a certeza disto?

— Andei a perguntar. Discutimos o assunto. Há quem diga que é complicado porque quando o Muro caiu, uma data de falsificadores comunistas ficou sem trabalho. E eram muitíssimo bons. Havia documentos contrafeitos de toda a espécie a sair da antiga Alemanha de Leste. Por isso, esses tipos agora andam a trabalhar para outros patrões. Na melhor das hipóteses, para o crime organizado. E, na pior, para os novos serviços secretos alemães. Seja como for, o melhor é deixar isto de fora das linhas telefónicas. Não sabemos quem está a ouvir.

— Os serviços secretos alemães são capazes de arranjar pistolas sozinhos. Não iriam precisar de mandar fazer identificações da tanga para um par de vigaristas de segunda.

— Concordo. Mas vamos partir do princípio de que os serviços secretos têm uma divisão para a criação de documentos. Como têm todos. E que os tipos que lá trabalham são os excêntricos da praxe.

Como são todos. Então e se um deles for corrupto? E se fizer negócios nesse bar? A julgar pelo Billy Bob e pelo Jimmy Lee, aquele sítio parece a bolsa. Compra-se, vende-se, troca-se, tudo o que se quiser.

Reacher disse:

— A primeira testemunha a ver o nosso tipo trabalha para o governo. Imagino que possa haver lá outros.

Orozco assentiu.

— É melhor terem cuidado. Se continuarem a abanar essa árvore, podem cair tretas de toda a espécie. E algumas podem ser bem sérias.

Orozco foi-se embora e Reacher foi ao quarto de Neagley telefonar para a Virgínia, para falar com White. Disse-lhe:

— Estamos a receber informações de confiança de que andam a vender documentos de identificação alemães autênticos naquele bar. Para já, vimos bilhetes de identidade e cartas de condução. Nada nos diz que não se possa arranjar também passaportes. Nada nos diz que o nosso tipo não tenha comprado um. Portanto, estarmos atentos a quatrocentos nomes americanos é um desperdício de tempo. Podes apostar que ele vai viajar com um nome falso alemão.

White ficou calado durante bastante tempo. E, a seguir, retorquiu:

— Vocês já aí estão e tudo. Podiam descobrir quem lhe vendeu o quê e, já agora, que nome ele deu. A data de nascimento e o número do passaporte também davam jeito. Normalmente, vendedores desse género guardam registos. Por questões de segurança, e para chantagem.

— Isso vai ser tudo ou nada — respondeu Reacher. — Vão entrar em pânico se fizermos uma investida àquele bar. A notícia vai espalhar-se depressa. O nosso tipo vai esconder-se logo. E, se calhar, tem mais do que um passaporte. Há mais do que um bar. A nossa testemunha divide o tempo entre dois.

— Continua a ser a nossa melhor hipótese.

— Falem com a Ratcliffe. Gostava de saber se estou mesmo por minha conta.

A seguir, Reacher foi para o quarto para se deitar. Estava cansado. Estava acordado há mais de trinta horas. Pôs os sapatos lado a lado, debaixo da janela, estendendo as meias em cima deles. Dobrou as calças costura contra costura e esticou-as debaixo do colchão para as desamarrotar. Despiu o casaco e pendurou-o nas costas de uma cadeira. Um dos bolsos estalou. O envelope de Griezman. A impressão digital. Tinha pensado em dá-la a Orozco, mas esquecera-se.

Talvez da próxima vez.

Tomou duche, tirou uma dúzia de almofadas de brocado verdes de cima da cama e depois enfiou-se nela e adormeceu.

A rotina do americano à hora de deitar era a mesma há já vários dias. Começava com dez minutos de prazer e depois seguiam-se vinte minutos de trabalho. O prazer vinha de um mapa da Argentina. Em grande escala, com as linhas bem demarcadas, com imenso detalhe. O rancho que ia comprar ficava mesmo no meio. Era uma enorme parcela de terreno quadrada, com perto de cinquenta

quilómetros de lado. Uma hora de viagem, à velocidade máxima permitida nas cidades, de um canto ao outro. Num total de dois mil e trezentos quilómetros quadrados. Quase duzentos e cinquenta mil hectares. Praticamente visível do espaço. Embora, na verdade, não fosse maior do que Rhode Island, que tinha mais de três mil e cem quilómetros quadrados. Mas ultrapassava a maior propriedade ininterrupta do Texas, que se ficava pelos dois mil e setenta quilómetros quadrados. Tanto uma como a outra minguavam perante a fazenda de gado Anna Creek, na Austrália, que excedia os *vinte e três mil e trezentos* quilómetros quadrados. Perto de dois milhões e quinhentos mil hectares. Mais ou menos do mesmo tamanho que o Massachusetts. Tinha lido uma notícia sobre o dono. O tipo tinha feito mais de cento e sessenta mil quilómetros com o camião sem sair uma única vez da propriedade. Mas, ainda assim, esse novo sítio na Argentina entraria para o *top ten* mundial. Era uma área grande como tudo. Não havia dúvidas. A casa iria ficar a uns vinte e cinco quilómetros da vedação. E era desse isolamento que ele iria precisar, no novo mundo que estava a ajudar a criar.

Dobrou o mapa e deu início aos vinte minutos de trabalho, que tinha tudo que ver com aperfeiçoar o espanhol, ouvindo cassetes. Iria precisar de trabalhadores e não podia estar a contar que aprendessem inglês. Por isso, ficou deitado na cama com auriculares de espuma colados aos ouvidos, a ouvir, a repetir, a aprender, até o cérebro se cansar e ele adormecer.

Neagley bateu à porta de Reacher às oito horas da manhã seguinte. Ele estava acordado. Tinha tomado duche e já se vestira. Estava pronto para o café. O elevador parecia uma gaiola dourada

presa por uma corrente, dentro de um poço em ferro forjado trabalhado em filigrana. Ouviram-no a subir até ao andar deles. Entraram. Estava um cartão de crédito no chão. Ou uma carta de condução. Ou qualquer coisa. Virada para baixo. Provavelmente, deixada cair sem querer. Mas não era um bilhete de identidade da Bundesrepublik Deutschland. Tinha a cor errada.

Neagley baixou-se e apanhou-o.

Olhou para ele.

E disse:

— Deves-me dez dólares.

Era um documento de identificação americano. Uma carta de condução da Virgínia. A foto era nítida. De uma mulher. Uma expressão aberta e sincera. Loira, cabelo nem muito curto nem muito comprido, num estilo natural e sem dúvida penteado com os dedos. Marian Sinclair. Tinha quarenta e quatro anos e morava em Alexandria. Uma casa suburbana, a julgar pelo número da rua.

Reacher sacou dinheiro do bolso. Tirou duas notas de cinco dólares do maço e entregou-as. Disse:

— Ela deve ter acabado de fazer o *check-in*. Depois do voo da noite. Estou a perder o jeito. Não achei que ela viesse. E, sobretudo, não achei que fosse pessoa para perder a carta de condução num elevador. É a número dois do NSC, por amor de Deus! O futuro do mundo depende dela.

O elevador chegou ao rés do chão. Saíram. O pequeno-almoço era na cave. Desceram por uma escada de caracol e entraram numa sala bonita, com portas duplas de vidro abertas, que davam para um pátio, num nível mais baixo. Sinclair estava mesmo ali em frente, sentada a uma mesa lá fora, sob o sol matinal. A beber café.

E a comer um bolo. Com um vestido preto. Foram ter com ela e disseram:

— Bom dia.

Sinclair levantou a cabeça.

E respondeu:

— Igualmente. Sentem-se, por favor.

Assim fizeram. Reacher perguntou-lhe:

— Porque veio cá?

Ela fitou-o e respondeu:

— Pouco é melhor do que nada.

— Deixou cair a carta de condução no elevador.

— Deixei?

Entregou-lha. E ela pousou-a na mesa, ao lado da chávena. Disse:

— Obrigado. Foi muito descuidado da minha parte. Foi uma sorte terem-na encontrado. Não estou a usar o meu nome verdadeiro no hotel. Não saberiam a quem a devolver. Acabaram de me poupar a uma data de papelada na DMV.

— E porque não está a usar o seu nome verdadeiro?

— Os hotéis informam a polícia. O meu nome iria dar origem a um alerta diplomático. E, oficialmente, não estou cá.

— Tem uma identidade alternativa?

— Várias. Temos uma divisão para a criação de documentação. Tal e qual os alemães. Falei com o major Orozco hoje de manhã e fiquei a saber de tudo. Naturalmente, estávamos atentos aos seus amigos. E você desobedeceu-me. Disse-lhe que era apenas eu, o senhor Ratcliffe ou o presidente.

— Era um assunto privado.

— Não há assuntos privados. Nesta questão, não. Mas, por favor, não culpe o seu amigo por ter dado com a língua nos dentes. Não teve escolha. E também não vale a pena ficar a sentir-se muito mal porque tanto o senhor White como o agente especial Waterman já fizeram a mesma coisa. Com os amigos deles. Nada de inesperado. Informámo-nos em relação ao historial de cada um.

— Não era relevante.

— Era, por causa das identificações. Isso muda tudo. Identificações que estejam à venda e sejam suficientemente boas para conseguir passar por múltiplas fronteiras são uma coisa muito rara. Não incluímos isso nos fatores a ter em conta. E agora somos obrigados a fazê-lo, o que reduz as nossas hipóteses a menos do que zero. O nosso americano vai ser uma de entre dez milhões de pessoas anónimas em viagem para um entre dez mil lugares possíveis.

— As nossas hipóteses são melhores do que zero — retorquiu Reacher. — O tipo vai querer um lugar onde se sinta em casa, ao contrário do mensageiro. O que implica uma grande cidade ocidental. Com voos diretos. Não vai querer viajar mais do que for necessário. E já conhece Hamburgo. É capaz de voltar cá. Se calhar, as nossas hipóteses são de uma em dez.

— Está a fazer pressão para que se vigie a casa segura.

— Acho que temos de o fazer.

— São capazes de ter mais do que uma.

Reacher assentiu.

— São capazes de ter dez em cada cidade no mundo inteiro. Isto é tudo uma questão de probabilidades. Temos de começar algures.

Sinclair assentiu também.

— Estamos a estudar essa possibilidade. Seja como for, vamos ser avisados mal o mensageiro chegue. Se isso chegar a acontecer. E, nessa altura, logo vemos. Da última vez, o tempo de espera antes do encontro foi de quarenta e oito horas. Vamos ter oportunidade para tomar uma decisão.

— E como é que o iraniano comunica?

— Pelo telefone, se possível. Se for seguro. Ou através de um local secreto para entregar informações. E o chefe da base de Hamburgo acabou de combinar um pré-aviso muito simples. Dadas as circunstâncias, considerámos que era necessário. Se o iraniano não conseguir telefonar nem combinar um local secreto, desloca um candeeiro no peitoril da janela do quarto. Da ponta para o meio. Assim que o mensageiro aparecer. O quarto dá para as traseiras do prédio e vê-se a janela da rua seguinte. O chefe da base anda a passar lá de carro quatro vezes por dia.

Surgiu uma empregada com tranças amarelas para recolher os pedidos dos recém-chegados à mesa. Sinclair enfiou a mão na mala e tirou de lá um grande envelope castanho. Passou-o a Neagley, dizendo:

— Tem aqui o correio que o Departamento do Exército lhe enviou.

Neagley respondeu «Obrigado, minha senhora» e abriu o envelope. Examinou o que lá vinha, voltou a guardá-lo e fez um sorriso, como quem diz «só o exército».

— O que foi? — perguntou Reacher.

— Nada.

Sinclair disse:

— Pode falar à vontade à minha frente, sargento. Tenho autorização para ter acesso a questões de segurança.

— Não, minha senhora, é que não é mesmo nada. Não é minimamente relevante. A não ser, digo eu, o facto de provar uma vez mais que a unidade militar mais eficiente é a sala de imprensa. Pedi informações sobre um caso de ausência sem autorização, já com quatro meses, que nos chegou aos ouvidos. Uma investigação puramente tangencial. Nada que ver com nada. Mas o major Reacher pediu-me para o manter a par da situação.

— Porquê?

— Essa pergunta pressupõe uma ordem que eu quero evitar — afirmou Reacher.

— E a sala de imprensa respondeu?

Neagley explicou:

— Enviaram dois artigos de jornal genéricos sobre a unidade do tipo. Foi o melhor que conseguiram fazer. Estão a tentar ajudar. Aliás, uma dessas coisas nem sequer é um artigo. É um anúncio. Porque, como é óbvio, não sabem nada sobre a pessoa. Porque são só a sala de imprensa. Mas são muito prestáveis e muito rápidos.

— E não recebeu nada das unidades que sabem de facto alguma coisa sobre o tipo?

— Ainda não.

— E quatro meses são uma coisa invulgar?

— Numa unidade de que fiz parte, seriam.

— Agora andam a pôr gente em anúncios? — soltou Reacher.

Pela segunda vez, Neagley tirou o que estava dentro do envelope. Um exemplar antigo do *Army Times* e um folheto de uma feira comercial. O *Times* tinha um artigo anódino acerca da retirada progressiva de pessoal militar do desfiladeiro de Fulda, perto de Frankfurt, onde, em tempos, haviam sido previstas grandes e estonteantes batalhas de tanques. Agora, o inimigo desaparecera e

a fronteira avançara centenas de quilómetros para leste, como na maré baixa, deixando as unidades da linha da frente desamparadas como peixes na praia. Algumas tinham continuado a avançar, só por via das dúvidas, enquanto outras tinham recuado em direção a gigantescos armazéns, onde tinham sido postas na prateleira. Somente cinco equipas responsáveis por baterias *Chaparral* continuavam ativas, incluindo a do militar ausente sem autorização, que aparecia numa fotografia na parte de cima da notícia.

A fotografia não era um instantâneo, com a câmara instalada num ângulo baixo, por trás dos homens e do respetivo veículo, tanto num caso como no outro, voltados de costas, na direção de uma imaginada ameaça iminente. Os mísseis no camião estavam prontos a disparar e apontados para a linha do horizonte, com os tipos a olhar fixamente para o mesmo ponto no céu, uns com binóculos e outros com as mãos a proteger-lhes os olhos, como se o sol estivesse a subir. Como se quem estivesse a ver a fotografia se encontrasse encolhido de medo vinte metros atrás deles, sob a sua proteção máscula e vigilante. Vistos de trás, os homens pareciam formar um grupo recomendável, vigorosos, determinados e enérgicos. Reacher conhecia gente de unidades semelhantes. A experiência dizia-lhe que eles se comportavam a meio caminho entre artilheiros normais e as equipas nos conveses de voo dos porta-aviões da marinha, em grande atividade, misturado com um toquezinho de aviador rebelde à *Top Gun*. Olhavam para os camiões como aviões estacionados. O moral e a coesão da equipa costumavam ser elevados. Aqueles tipos em concreto tinham moicanas, com penachos de cinco centímetros de largura a atravessarem-lhes os crânios de outro modo rapados, tudo espetado com sabão ou cera. Não era propriamente legal, de

acordo com o Regulamento Militar 670-3-2, que indicava que os cortes de cabelo deviam ser impecáveis e conservadores e que estilos extremos, excêntricos ou caprichosos não eram autorizados. Mas, evidentemente, um comandante sensato tinha preferido não fazer caso daquilo. Havia batalhas que não valia a pena travar, sobretudo quando havia literalmente batalhas mais importantes no horizonte.

O folheto da feira comercial tinha sido concebido para se parecer com um artigo de jornal, por um fabricante de uniformes a tecer loas a um novo padrão de camuflagem urbano. Possivelmente, direcionado para o Departamento da Defesa ou para as forças de intervenção policiais. A fotografia principal aparentava ter sido tirada num estúdio interior gigantesco e incluía a mesma equipa responsável pela bateria *Chaparral* do artigo do *Army Times*, bem como o veículo, tanto num caso como no outro, aperaltados da mesma maneira, homens e máquina idênticos, com um *design* que parecia ruído digital, feito de retângulos minúsculos estampados, nas várias tonalidades de cinzento. As caras, as mãos e as cabeças parcialmente lisas estavam pintadas da mesma forma, tal como o camião e os próprios mísseis. Encontravam-se todos à frente de um cenário artificial pintado, como num cenário de teatro, que representava uma paisagem urbana destruída. Dessa vez, a câmara estava posicionada num ângulo alto e diante deles, como o ponto de vista de um piloto a aproximar-se. Como se um helicóptero de ataque estivesse a voar a baixa altitude e rente a eles, para uma investida preventiva. E, nesse caso, a nova camuflagem estava a fazer um ótimo trabalho. Os homens e a máquina deles mal eram visíveis. Fundiam-se no que tinham por trás mais ou menos perfeitamente. Constituíam uma presença fantasmagórica, estando

ali e não estando ao mesmo tempo. Nenhum detalhe era nítido. Até os próprios mísseis eram difíceis de distinguir. As moicanas eram a única coisa evidente, numa fila de cinco, já que tudo o resto tinha sido pintado. Impressionante. Só que o fabricante dera-se ao luxo de poder ser ele a desenhar o chão do estúdio e o cenário à teatro, como muito bem lhe desse na veneta. O que, neste caso, implicava uma correspondência exata com a camuflagem. O que ajudava. O mundo real talvez fosse diferente.

Sinclair encostou a unha aos mísseis espectrais e meio escondidos, perguntando:

— Estas coisas podiam ser roubadas e vendidas?

— Por cem milhões de dólares, não — respondeu Neagley. — E o problema é esse. Voltamos sempre ao mesmo. Preso por ter cão e preso por não ter. Não há meio-termo. Hoje em dia, está tudo desvalorizado. Há demasiada tralha velha e barata a sair da Rússia e da China e demasiada tralha nova e barata à venda à mesma. Os fabricantes de armas têm andado numa roda-viva desde que o Muro caiu. Estão preocupados. Estão a sentir o aperto. Todos os meses, há uma feira de armas algures. Se tivermos o livro de cheques certo, conseguimos arranjar tudo o que quisermos. Exceto armas nucleares. O que acaba por me dar razão. Não há meio-termo. Para se chegar aos cem milhões, teríamos de estar a falar do nuclear.

— Não digam essa palavra em voz alta.

— Temos de o fazer, minha senhora. Nem que seja para descartar isso imediatamente. Na América, temos bombas em bases aéreas, mísseis em silos e submarinos debaixo do mar. Tudo extremamente bem guardado e repararíamos se uma dessas coisas desaparecesse. Atualmente, o artigo portátil mais pequeno e acessível no nosso inventário deverá ser um *Minuteman ICBM*, e

seria mil vezes mais fácil vender e entregar a ponte de Brooklyn. Além disso, não há nenhuma pessoa que conheça os códigos de ativação completos. Os regulamentos obrigam a que os códigos de ativação sejam sempre divididos por duas pessoas. É uma salvaguarda nuclear básica.

— Portanto, na vossa opinião, não se trata de nada militar?

— A não ser que sejam informações secretas.

— E que tipo de informações secretas valeriam cem milhões de dólares?

— Também não sabemos isso.

— Então devíamos fazer um levantamento do nosso inventário físico?

— Isso demoraria uma eternidade. E posso já dizer-lhe ao certo quais seriam as conclusões. Temos um milhão de coisas pequenas desaparecidas, mas nenhuma coisa grande.

— E como é que sabe?

— Eu teria ouvido dizer.

— Não há coscuvilhice mais eficaz — atirou Reacher. — Ainda há pouco me disseram isso.

Fez-se silêncio sobre a mesa.

— Devíamos vigiar a casa segura — insistiu Reacher.

— Precisaríamos de uma equipa clandestina — retorquiu Sinclair. — Não temos nenhuma em Hamburgo. E seria difícil estar a justificar trazer uma. Apostar em possibilidades de um em dez não faz parte das nossas políticas.

— Nem andar num caos constante, a tentar perceber o que se passa.

— O Griezman podia tratar-nos disso — sugeriu Neagley. — Os tipos dele eram bastante bons. Ontem à noite, seguiram-nos até ao

restaurante. E ele avisou Estugarda acerca de nós.

Reacher tirou o retrato-robô do bolso. O americano. O sobrolho, as maçãs do rosto, os olhos encovados. O cabelo que se podia mexer de um lado para o outro. Reconhecível. Os tipos de Griezman podiam ficar à coca dele, em carros estacionados estrategicamente. Com rádios. Dia sim, dia sim. Talvez tivessem êxito. Disse:

— Isso implicaria um grande compromisso. Imensas horas. Teríamos de trocar favores.

— E o que lhe poderíamos oferecer? — perguntou Sinclair.

— Uma prostituta foi estrangulada. E ele tem uma impressão digital. Quer que a verifiquemos nos nossos sistemas.

— Não podemos fazer isso.

— Foi o que eu lhe disse.

— Mais alguma coisa?

— Que me lembre, não. Comida, possivelmente. Ele ocupa muito espaço.

Instalou-se novo silêncio. Sinclair baixou-se e pôs-se a vasculhar na mala, tirando de lá uma carteira. Era uma coisa fina de couro, azul, com uma presilha e uma mola. Pegou na carta de condução, que estava em cima da mesa, ao lado da chávena, abriu a carteira e preparou-se para enfiar o documento na ranhura habitual.

E depois parou.

— Tenho aqui a minha carta. Estou a olhar para ela — afirmou.

Fez das pontas dos dedos pinças e puxou-a de trás de um compartimento de plástico.

Duas cartas, ao lado uma da outra. Tudo igual. A Commonwealth da Virgínia, o número, o nome, a morada, a data de nascimento, a assinatura.

Até a fotografia era igual.

Duas cartas.
Idênticas.

17

A parte mais recôndita do cérebro de Reacher pôs-se a verificar portas e janelas, ao passo que a parte da frente se pôs a verificar os factos e a lógica. Os factos e a lógica venceram. Mas as certezas eram uma ilusão perigosa e, por isso, ele disse:

— Se calhar, é melhor irmos lá para dentro.

Neagley foi a primeira a levantar-se. Sinclair pegou na mala com uma mão e na carteira e nas duas cartas com a outra e apressou-se a segui-la. E depois foi a vez de Reacher. Passaram pelas portas duplas, atravessaram a sala do pequeno-almoço e subiram a escada até ao átrio. Não estava lá ninguém. Sinclair disse:

— Devíamos ir verificar o meu quarto.

— Onde é? — perguntou Reacher.

— No último andar.

O poço do elevador encontrava-se vazio. A gaiola estava num dos outros andares.

— Esperem um segundo — disse Reacher.

Foi até à receção. A funcionária que lhes tinha tratado do *check-in* estava de serviço. Era uma matrona, robusta, já com alguma idade e, sem dúvida, muito competente. Reacher perguntou-lhe:

— Minha senhora, alguma mulher que lembre aqui a minha amiga pediu uma chave? E mostrou-lhe identificação?

A rececionista retorquiu:

— Que lembre?

— Parecida.

— Não — respondeu a mulher. — Ninguém pediu nada. Não entrou ninguém. Não apareceu mulher nenhuma. Só um homem. Ficou à espera ao pé do elevador. Possivelmente, ia encontrar-se com um hóspede. Mas depois tive de ir ao escritório. Não o voltei a ver.

Apontou para trás, na direção da porta de um escritório.

Reacher perguntou:

— Como era esse homem?

— Era pequeno. Estava de gabardina.

— Obrigado — retorquiu Reacher.

Voltou para junto das outras.

E disse:

— Vamos pelas escadas.

Neagley foi à frente, encostada à parede, com o pescoço esticado, a olhar para cima. As escadas serpenteavam à volta do poço do elevador. Conseguiam espreitar lá para dentro através do ferro forjado trabalhado em filigrana. Não havia nada a mexer-se. Apenas correntes, cabos e um grande contrapeso de ferro, tudo isso imóvel. Chegaram ao primeiro andar. E depois ao segundo. Olharam para cima e viram a parte de baixo do elevador. A cabina gradeada. Estava à espera no andar de cima. O último andar.

Reacher disse:

— Se começar a andar, desatamos a correr até lá abaixo. Chegamos lá primeiro. Aquilo é bastante lento.

Mas não começou a andar. Limitou-se a ficar ali parado. Aproximaram-se, para poder ver o interior. Estava vazio. Porta fechada, à espera. Contornaram-no, primeiro passando por trás e, a seguir, pondo-se ao lado dele, sempre a subir, até que, por fim, pisaram o corredor do último andar.

Vazio.

Sinclair apontou. O terceiro quarto. Ao lado do de Reacher. Um dos melhores. Só podia ser assim para o governo dos Estados Unidos. A porta estava fechada.

— Eu entro primeiro — declarou Neagley.

Avançou silenciosamente pela alcatifa grossa do corredor. O lado da dobradiça da porta estava mais perto e o da maçaneta, mais longe. Baixou-se para não ser apanhada no campo de visão do olho mágico e colou-se toda à parede do outro lado da porta. Esticou o braço e experimentou a maçaneta com a palma da mão virada para trás. Muitos anos de treino. Era sempre mais seguro. As balas conseguiam atravessar portas.

Mexeu os lábios e articulou a palavra «trancada», fazendo depois sinal de que precisava da chave. Sinclair enfiou a carteira e as duas cartas de condução debaixo do braço e vasculhou na mala. Sacou de lá uma chave de metal presa a uma fita cinzento-escura. Reacher pegou nela e atirou-a a Neagley, que a apanhou só com uma mão e a enfiou na fechadura, da mesma posição, outra vez com a palma da mão virada para trás, afastada da porta e fora da linha de fogo.

Rodou a chave.

A porta entreabriu-se muito ligeiramente.

Silêncio.

Nenhuma reação.

Reacher avançou, colando-se também todo à parede, do lado da dobradiça, numa posição simétrica à de Neagley, igualmente seguro, esticou os dedos e escancarou a porta.

Nenhuma reação.

Neagley rodopiou sobre a ombreira e enfiou-se no quarto. Reacher seguiu-a. Muitos anos de treino. O mais pequeno, primeiro, e o maior, no fim. Assim, ambos ficavam com uma vista desimpedida. E o maior não levava um tiro nas costas por acidente.

Não havia ninguém no quarto.

Somente uma cama larga, com uma dúzia de almofadas de brocado verdes, e uma única mala com rodinhas e cadeado, no meio do chão.

Ninguém na casa de banho.

Ninguém no armário.

Sinclair entrou e despejou tudo em cima da cama. A mala, a carteira, as duas cartas de condução. Que se espalharam, cada uma para o seu lado. Reacher fechou a porta, trancando-a. Foi à janela.

Nada para ver.

Tranquilo.

Sinclair revelou que conseguia identificar a carta de condução verdadeira graças a um borrão de tinta de esferográfica, há muito esquecido, num dos cantos. De ter ido levantar um cheque num banco de D.C., explicou, onde precisou de mostrar uma identificação e onde o rebordo para se poder escrever era apertado e estreito por causa da espessura do guiché à prova de bala do caixa. O exuberante traço por baixo da assinatura tinha-se desviado

para fora do cheque e tocado na carta. E ela tinha esfregado a marca com o polegar, eliminando uma parte e espalhando o resto.

Voltou a guardar a carta verdadeira na carteira, que, por seu turno, voltou a guardar na mala. Deixou ficar a carta falsa em cima da mesa e sentou-se ao lado dela. Prendeu-a com a unha, como se pudesse flutuar para longe.

— Suponho que isto levante um grande número de questões — disse.

— Uma, pelo menos — retorquiu Reacher.

— Só uma?

— Já perdeu alguma vez a carta de condução?

— É essa a questão?

— É.

— Não, nunca.

— Então eu diria que o senhor Ratcliffe tem com que se ocupar.

— E porquê ele?

— Porque não vão querer dar isto ao FBI. O risco de um escândalo é demasiado elevado.

— Quem não vai querer?

— A Casa Branca.

— Esqueça a Casa Branca. Anda alguém por Hamburgo a fazer-se passar por mim.

— Ou vice-versa.

— E o que é que isso quer dizer?

— Você pode ser uma espia estrangeira — respondeu Reacher. — Se calhar, quem anda por Hamburgo é a Marian Sinclair verdadeira.

— Está a gozar comigo?

— Não deixar pedra por virar.

— Isso é ridículo.

— Acompanha o basebol?

— O quê?

— Basebol — retorquiu Reacher. — Acompanha-o?

— Socialmente, pode dizer-se que sim.

— E onde vai?

— Ao estádio dos Orioles.

— E o que vê a seguir ao muro do lado direito do campo?

— Um armazém — respondeu Sinclair.

— *Okay*, passou no teste.

— Estava a falar a sério?

— Não, estava a meter-me consigo. É óbvio que você é a verdadeira, até trouxe o correio da Neagley.

— Há uma altura e um sítio para tudo, major.

— E estes são tão bons como quaisquer outros. Caso contrário, ainda ficávamos deprimidos.

— A Casa Branca não falsificou a minha carta de condução.

— Concordo.

— Estamos a um passinho de um bar onde se vendem coisas destas.

— Coincidência — retorquiu Reacher.

— Não acredito em coincidências. E você também não devia.

— Às vezes, temos de acreditar. Se essa carta tivesse sido feita aqui na Alemanha, por muito boa que esta gente seja, seria obrigada a utilizar uma fotografia de imprensa. De um jornal ou de uma revista. E tirada de novo, em película normal, para que parecesse uma coisa a sério, e sem dúvida que seria você, mas nunca poderia ser uma fotografia igualzinha à que está na sua carta verdadeira porque eles não têm essa fotografia. Só a DMV da

Virgínia tem essa fotografia. Se nunca perdeu a carta, não pode ter sido copiada diretamente.

— Então quem a fez?

— A DMV da Virgínia.

— Que pode ser muitas coisas, mas não é uma organização criminosa.

— Longe disso. Fê-lo por ser um dever legal dela. Um serviço público a prestar. Quando você perdeu a sua primeira carta e pediu uma nova.

— Mas nunca a perdi. Já lhe disse.

— Na DMV, não sabiam que não era você. Alguém preencheu o formulário, com o seu nome e morada, e o enviou por correio, ficando depois atento à sua caixa do correio até chegar a nova.

— Quem?

— Alguém que trabalha no departamento de viagens da Casa Branca. Uma pessoa mais velha, que já se encontra ao serviço do governo há bastante tempo. E daí o potencial embaraço. E daí o Ratcliffe não ir querer dar isto ao FBI.

— E porquê o departamento de viagens?

— Em parte, porque a papelada da DMV precisa de mais do que simplesmente o seu nome e morada. Há toda uma série de números. E as pessoas que lhe reservam os voos, os carros e os hotéis sabê-los-ão todos.

— O meu advogado também os sabe. O meu contabilista também os sabe. E, provavelmente, a minha governanta também os sabe.

— Estava a tomar o pequeno-almoço com um nome falso, a quase seis mil e quinhentos quilómetros de casa. Deixaram cair uma

réplica da sua carta de condução a poucos metros de distância. E não acredita em coincidências. Quem sabia que aqui estava?

Sinclair fez uma breve pausa e respondeu:

— O departamento de viagens da Casa Branca.

— E quem mais?

— Mais ninguém.

— Nem sequer na receção do hotel — prosseguiu Reacher. — Está a utilizar outro nome. Só há uma explicação possível. Alguém do departamento de viagens fez um telefonema.

— E ligou a quem? A uma mulher qualquer daqui treinada para se fazer passar por mim?

— Não há nenhuma mulher daqui. Ninguém foi à receção. A única pessoa que apareceu no átrio foi um homem pequeno de gabardina.

— Então o que aconteceu?

— O homem pequeno da gabardina sabia a que horas o seu avião chegava. O voo noturno da Lufthansa. Alguém do departamento de viagens lhe contou tudo. Seguiu-a do aeroporto até ao hotel, deixou-se ficar ali do outro lado da rua, viu-a a fazer o *check-in*, viu-a a entrar para o elevador, esgueirou-se até ao átrio, chamou o elevador para baixo, largou a carta no chão, deu meia-volta e foi-se embora.

— E porque fez isso tudo?

— Foi uma mensagem. Acho que a ideia era que fosse você a encontrar a carta. Subiu para o quarto para largar a bagagem e ele contava que descesse para o pequeno-almoço.

— Fui pelas escadas.

— Evidentemente.

— E porquê uma pessoa mais velha, que já trabalha no departamento de viagens há bastante tempo?

— Nessa é capaz de chegar lá sozinha. Aliás, acho que até já chegou. Não está para aí a perguntar a si mesma quem será o homem da gabardina. Porque já sabe.

— Não sei.

— Mas tem quase a certeza absoluta.

— Há coisas que não lhes posso contar.

Neagley disse:

— Deixe-me arriscar um palpite marado. Vocês fizeram uma operação secreta algures e deram documentação alemã ao nosso lado. Para servir de disfarce a uma operação de falsa bandeira. Ou só pelo gozo. Ou então foram os israelitas, com autorização vossa. O governo alemão descobriu e ficou irritado. Vocês não quiserem admiti-lo nem falar do assunto, por isso, agora os serviços secretos deles estão a aplicar um pouco de pressão à moda alemã, supercivilizada. Estão a dizer, veem, nós também somos capazes. Estão a perguntar, e que tal, gostam? Suponho que haja aqui um lado exibicionista, mas porque não? É tudo muito discreto e, ao fim e ao cabo, inofensivo. Mas imagino que perturbador.

— E porquê uma pessoa mais velha que já lá está há bastante tempo?

— Eles têm gente da embaixada que podia ter tratado disso, mas é sempre bom poder negar uma coisa, por isso recorreram a um ativo local. E, nesse aspeto, não há relacionamentos novos. Para a nova Alemanha, não. São tudo sobreviventes históricos da antiga Alemanha de Leste. Um jovem funcionário qualquer do governo americano, no tempo da Maria Cachucha, esperançado de que houvesse uma revolução, a copiar documentos e a deixá-los

debaixo de uma pedra num parque. Depois compra uma casa e precisa de dinheiro, e a coisa vai rolando, até que a nova Alemanha e os respetivos serviços secretos acabam por o herdar. E agora tornou-se finalmente útil. Sabe onde você mora porque entretanto passou para o departamento de viagens. Portanto, faz a tramoia com a carta e entrega a nova à embaixada. E, se calhar, a do Ratcliffe também, mais as de todas as outras pessoas com quem se possam estar a meter. E ficam todas guardadinhas numa gaveta, ali à espera, até que a primeira dessas pessoas entre na Alemanha. Ou seja, você, hoje de manhã. A Lufthansa cooperou, já que se trata de uma companhia aérea do Estado. E você veio acompanhada no avião. Um funcionário da embaixada alemã arranjou um bilhete à última hora e levou a sua carta dentro de um envelope. E foi por isso que o homem da gabardina teve de a seguir desde o aeroporto. Podia ter ficado aqui à espera, já que sabia para onde você ia, por ter sido o departamento de viagens a reservar o seu quarto, mas foi necessário ir ter primeiro com o avião, pois o funcionário da embaixada precisava de lhe entregar o envelope. Até entrar aqui na cidade, a carta esteve sempre uns dois passos atrás de si.

Sinclair ficou calada durante bastante tempo, antes de dizer:

— Não vou fazer nenhum comentário acerca disso. Mas é óbvio que não o poderíamos reconhecer. Se uma coisa dessas tivesse acontecido. E não estou a dizer que seja ou não esse o caso.

— E não vai reagir? — perguntou Reacher.

— Isso seria um duplo *bluff* complexo, não acha?

— Podia falar com o Griezman. E levá-lo a fazer *bluff*. Ele vai mostrar-se todo prestável consigo, mas, nas suas costas, vai enterrar a coisa, para poder ser visto pelo próprio governo como um

tipo de confiança. O que só o iria ajudar. Até é capaz de considerar isso um favor. Até é capaz de vigiar a casa segura em troca.

— Seria mais simples para ele insistir que verifiquemos a impressão digital.

— Coisa que ele deveria sempre fazer. Mataram uma mulher. É a decisão correta a tomar.

— É essa a opinião de quem está de fora?

— Devia ser essa a opinião de toda a gente.

Sinclair não respondeu.

E Reacher continuou:

— Podíamos tratar disso à porta fechada. E, se não desse em nada, podíamos dizer-lhe. E se desse, podíamos inventar qualquer coisa pelo caminho.

— E quais são as probabilidades?

— Os soldados recorrem a prostitutas, mas, por norma, não as matam. E ela era cara, tendo em conta o bairro. O que torna a coisa ainda menos provável.

— Não — retorquiu Sinclair. — É uma caixa de Pandora. O risco, politicamente, é demasiado grande.

Nesse momento, a nova mensageira estava na fila da imigração, no aeroporto de Hamburgo. Havia quatro cabinas a funcionar, duas destinadas em exclusivo a passaportes da União Europeia e outras tantas para os restantes. O dela era paquistanês. Era a quinta da fila. Não estava nervosa. Não havia razão para tal. Estava imaculada. Novinha em folha. Não aparecia em nenhuma base de dados. Nunca estivera em nenhum sítio. Nunca a tinham visto, nunca lhe tinham tirado uma impressão digital, nunca a tinham

fotografado exceto literalmente uma vez na vida, para o passaporte que trazia. E que era completamente verdadeiro, tirando o nome e a nacionalidade.

Já era a quarta da fila. Viu o seu próprio reflexo no vidro da cabina. Tinha o cabelo despenteado e os olhos ensonados. Vulnerável. A camisa continuava branca e impecável. Inteiramente tratada e desinfetada. Com os primeiros dois botões abertos. *Nunca três*, tinham-lhe dito. *A não ser que pareça acidental. Escolhe uma fila com um homem.*

Já era a terceira.

Reacher e Neagley deixaram Sinclair no quarto. Saltaram os aposentos de Reacher e entraram nos de Neagley, para não os poderem ouvir através da parede.

— Não sei porque ela cá veio. Não quer vigiar a casa segura — disse Reacher.

— Ela veio cá porque pouco é melhor do que nada.

— Só que ela está a optar deliberadamente pelo nada.

— Ai está?

— Do que estás a falar?

— Esquece — retorquiu Neagley. — Descansa um bocado. As coisas na Costa Leste só vão começar a carburar daqui a uma hora. Encontramo-nos nessa altura. De certeza que uma reunião ao telefone nos vai animar.

Reacher foi dar uma volta. Deu por si numa rua cheia de lojas de roupa de homem. E cintos, luvas, relógios e carteiras. Roupa e

acessórios. Como um centro comercial ao ar livre e não oficial. Entrou num sítio simples e comprou roupa interior e uma *t-shirt*. A *t-shirt* nova era preta e de algodão de ótima qualidade. Custava cerca de quatro vezes mais do que ele estava habituado a pagar. Mas servia-lhe. Em regra, os alemães eram altos. Não tão altos como os holandeses, que eram os campeões mundiais, mas mais altos do que os americanos, de uma forma geral.

Mudou de roupa no cubículo da loja e deitou as coisas velhas no lixo. Tal como Neagley tinha dito. Um milhão de coisas pequenas desaparecidas. Uma camisola interior castanho-clara, ali mesmo, distribuída em tempos, mas nunca devolvida nem declarada desaparecida ou destruída, e, por conseguinte, naquele momento, subtraída repentinamente de um inventário que, devido a isso, ficaria com uma balança desequilibrada para sempre.

Seguiu caminho. A meio da rua, havia uma barbearia, como que a atração principal do centro comercial não oficial. Estava toda quitada para parecer um sítio americano à moda antiga. Duas cadeiras de vinil, com mais cromado do que um *Cadillac*. Um rádio grande e antigo numa prateleira. Não era uma questão de *marketing* mas um tributo. Não havia imensos militares americanos nas redondezas. E o barbeiro da base seria sempre mais barato. Aos olhos de um entendido como Reacher, o sítio parecia mais um *diner* do que uma barbearia, mas o esforço era de louvar. Alguns acessórios eram bons. Havia uma tabela visual colada a um espelho. Uma publicação americana. Linhas desenhadas a preto e branco, vinte e quatro cabeças, todas com estilos diferentes, para o cliente poder apontar em vez de explicar. No canto superior esquerdo, estava o clássico cabelo à escovinha, e depois vinha o cabelo rapado atrás e dos lados, o cabelo mais comprido em cima e

cortado em linha reta, o cabelo cortado rente à pele mais à altura das orelhas e por aí fora, ficando os estilos um bocadinho mais compridos e um bocadinho mais esquisitos à medida que se aproximavam do canto inferior direito. A moicana também aparecia ali, e mais uns quantos que a faziam parecer um modelo de integridade.

Um homem que se encontrava lá dentro chamou Reacher.

«Quanto é?», articulou Reacher, mexendo os lábios.

O tipo levantou a mão, com todos os dedos, incluindo o polegar, esticados.

«Cinco quê?», articulou de novo Reacher.

O tipo aproximou-se da porta, abrindo-a e dizendo:

— Dólares americanos.

— O meu barbeiro habitual é mais barato.

— Mas eu sou melhor. Os seus uniformes são feitos à medida, certo?

— Tenho cara de quem usa uniforme?

— Oh, por favor.

Reacher retorquiu:

— Cinco dólares? Lembro-me de quando cinco dólares davam direito a dois hambúrgueres e à última fila numa sala de cinema. Mais dinheiro para ela apanhar um táxi, se nos zangássemos a certa altura. Cortava-se a barba e o cabelo por vinte e cinco cêntimos.

— Isso foi alguma homenagem?

— O quê?

— Disse mesmo isso de propósito?

— Às vezes, deixo escapar coisas acidentalmente, mas, regra geral, só uma sílaba de cada vez.

— Portanto, disse isso de propósito. Foi uma homenagem. Estava a ganhar energia.

— Estava a fazer o quê?

— Gosta deste sítio.

— Até gosto, sim.

— Então apoie-o pagando os cinco dólares todinhos.

— Não estou a precisar de cortar o cabelo.

— Sabe qual é a diferença entre mim e o senhor? — perguntou o homem.

— Qual é? — retorquiu Reacher.

— Consigo olhar de fora para o seu cabelo.

— E?

— Está a precisar de um corte.

— Por cinco dólares?

— Faço-lhe a barba de graça.

E essa experiência veio a revelar-se luxuriante. A água estava quente e a espuma, cremosa. A navalha era perfeita. Sibilava, a um nível molecular. O espelho era colorido, por isso, o resultado final parecia uma coisa bronzeada quando seria provavelmente rosada. Mas, ainda assim, tinha um ótimo aspeto. *Digamos que foi um dólar*, pensou Reacher. *O que faz com que o corte de cabelo ainda custe quatro. O que continua a ser um escândalo.*

O tipo trocou a navalha pela tesoura e ocupou-se do cabelo de Reacher. Reacher ignorou-o, preferindo olhar para a tabela. Com os vinte e quatro estilos. Foi passando de um para o outro, pela ordem em que surgiam, deslocando apenas os olhos, com atenção, como se os estivesse a estudar, desde o básico número um, no início, até à poupa fantasticamente complexa no fim da escala.

Olhou outra vez para a moicana.

— O que acha? — perguntou o homem.

— De quê? — retorquiu Reacher.

— Do seu novo corte de cabelo.

Reacher olhou-se ao espelho. E perguntou:

— Mas já o cortou?

— Duvida disso?

— Não parece ter acabado de ser cortado.

— Exato — respondeu o tipo. — Os melhores cortes de cabelo são os que parecem ter sido feitos há uma semana.

— Então quer dizer que pago cinco dólares por um corte em que o cabelo parece já ter voltado a crescer?

— Isto é um salão. Sou um artista.

Reacher ficou calado.

Voltou a olhar para a moicana.

A seguir, enfiou a mão no bolso e deu ao homem cinco dólares americanos, perguntando-lhe:

— Tem algum telefone?

O outro apontou para a parede. Um velho telefone público americano. Todo de metal. Para estar do lado de fora de uma estação de serviço e não dentro de uma barbearia, mas era a intenção que contava.

— E funciona? — perguntou Reacher.

— Claro que funciona — respondeu o homem. — Estamos na Alemanha. Foi recauchutado como um telefone normal.

Reacher marcou o número que se encontrava no cartão de visita de Griezman. Do envelope com a impressão digital. Ouviu o telefone a chamar. Funcionava. Alemanha. Recauchutado.

Griezman atendeu.

— Nós os dois somos simples detetives, esperançados de que possamos fazer favores um ao outro — disse Reacher.

— Vai verificar-me a impressão — respondeu Reacher.

— Se me fizer uma coisa.

— Que coisa?

— Duas coisas, na verdade. Ponha uns tipos nuns carros nas proximidades daquele bar que o Klopp frequenta. Com rádios. E fiquem à coca do tipo do retrato. Mas não sejam óbvios.

— E?

— Há um apartamento a cinco ruas do bar. A mesma coisa, carros e rádios. Sem ser óbvio. Mais cedo ou mais tarde, vai aparecer um miúdo saudita. Vai ficar dentro de casa durante algum tempo e depois há de sair para um encontro. Preciso de saber para onde ele vai, em tempo real.

— Isso é imensa gente e imensos carros.

— Estamos na Europa. Para que mais os querem?

— E quando?

— Imediatamente.

— Isso não vai ser possível. Vai demorar algum tempo a organizar.

— Quer ou não quer que eu verifique a impressão digital?

Griezman ficou calado por um instante e, a seguir, responde que sim, queria, e fê-lo com um pouco mais de entusiasmo do que Reacher contava. O tipo tinha muito orgulho no que dizia respeito ao departamento. Queria encerrar o caso.

— Faça tudo o que puder por mim e eu faço tudo o que puder por si — afirmou Reacher.

— *Okay* — retorquiu Griezman.

Reacher ligou depois para a receção do hotel e pediu para falar com Neagley, que estava no quarto dela.

— Preciso do Orozco. Já. E a seguir, cinco minutos depois disso, tu e eu precisamos de nos encontrar com a Sinclair — disse ele.

— Ela já anda à tua procura. Tem uma coisa para ti.

— O quê?

— Não sei. Qualquer coisa que o Vanderbilt fez. Está toda entusiasmada.

— Diz ao Orozco que estou numa barbearia a três quarteirões do hotel. Diz-lhe para se despachar.

— E o que aconteceu?

— Sei quem é o americano.

18

O cabeleireiro fez café, Reacher sentou-se na cadeira do barbeiro e o tipo perguntou-lhe quais eram as recordações de infância que tinha da América dos velhos tempos. Tudo para ganhar energia, imaginou Reacher. A verdade é que Reacher tinha passado praticamente toda a infância fora do território continental dos Estados Unidos. Era filho de um fuzileiro que servira no mundo inteiro. Reacher tinha-o acompanhado, juntamente com o irmão e a mãe, uma família. O Extremo Oriente, o Pacífico, a Europa. Dezenas de bases. O que ajudou, de certa forma. A América dos velhos tempos fora sempre um mito para Reacher. Por isso, repetiu as mesmas tretas que na altura lhe tinham dado alento, sobre máquinas de pastilhas elásticas e *Cadillacs* com aletas de cauda, sol infinito, cinema nos *drive-ins*, empregadas a andar de patins, *cheeseburgers* e *Coca-Cola* fresca em garrafas de vidro verdes e basebol no rádio, em AM, a transmitir de Kansas City, com estática e tudo. O cabeleireiro foi ficando com um sorriso cada vez mais rasgado, como se de facto a energia ali dentro estivesse a aumentar para um nível satisfatório.

E foi então que se ouviu o barulho do *sedan* de Orozco a parar lá fora, como se estivesse a derrapar na lama. Reacher apressou-se a

sair para ir ter com ele. Sentou-se no lugar do passageiro.

— Alto penteado, meu — disse Orozco.

Reacher passou os dedos pelo cabelo. E perguntou:

— Nota-se?

— Realça-te as maçãs do rosto a sério. As senhoras vão adorar.

Reacher puxou do envelope de Griezman.

— Quero que me verifiques esta impressão digital — afirmou.

— Em que bases de dados?

— Exército, marinha, força aérea e fuzileiros navais. Mas muito discretamente.

— O que aconteceu?

— Mataram uma prostituta. E os polícias daqui acham que o culpado foi este tipo.

— E há alguma razão para pensar que se trata de um militar americano?

— Absolutamente nenhuma, mas preciso de um favor.

— Não podemos fazer isso.

— E por isso é que eu disse discretamente. Só tu podes ver isto. E depois eu. E, a partir daí, trato eu do assunto.

— Vêm-me à cabeça as palavras «tribunal» e «militar».

— Ainda não aconteceu.

Orozco ficou calado durante bastante tempo, antes de pegar no envelope. Mas sem dizer nada. Sem fazer promessas. Poder negar uma coisa, desde o começo. Era sempre uma boa ideia. Reacher saiu do carro e Orozco arrancou. Reacher voltou para o hotel, cheio de pressa.

Encontraram-se de novo no quarto de Sinclair. A grande novidade dela era que Vanderbilt tinha sofrido um súbito acesso de proatividade e levara o retrato do americano, que tinha sido enviado por faxe, até aos aposentos dos oficiais de visita, em Fort Myer, para o mostrar a Bartley. O tenente-coronel que se tinha recusado a explicar onde estava no dia em questão. O tipo que andava a sugar o capital da casa de família, antes de se divorciar da mulher incauta. Reconheceu a cara desenhada. Disse que já tinha visto aquele tipo no aeroporto de Zurique. Na penúltima viagem que fizera. Tinham regressado a Hamburgo no mesmo voo. Precisamente duas semanas antes do primeiro encontro. O tipo trazia uma pasta vistosa, com múltiplos separadores individuais e o logótipo de um banco. O género de coisa que se recebia quando se abria uma conta. O tenente-coronel também tinha um, de um ano antes, altura em que começara a alugar o cofre-forte.

— Não é conclusivo — disse Sinclair.

— Mas é indiciativo — retorquiu Reacher. — O Klopp viu o tipo e o Bartley idem idem, aspas aspas. E parece-me um retrato bem feito.

Sacou da cópia que tinha, desdobrando-a. O sobrolho, as maçãs do rosto, os olhos encovados. O cabelo. Da cor do feno ou da palha no verão. Bastante normal dos lados, dissera Klopp, mas muito mais comprido em cima. Tipo um estilo. Como se pudesse fazê-lo mexer-se de um lado para o outro. Como o Elvis Presley.

— Como se consegue ficar com o cabelo assim? — perguntou Reacher.

— Imagino que, primeiro, tenhamos de o deixar crescer todo e, a seguir, explicar ao estilista como queremos que ele o molde — respondeu Sinclair.

— Ou então começamos por uma moicana e deixamos o cabelo crescer. Passados quatro meses, ainda está normal dos lados, mas comprido em cima porque essa parte já levava avanço. E, inicialmente, usamos um boné, até a coisa deixar de ter um aspeto esquisito.

— Usamos um boné de basebol com uma estrela vermelha à frente — acrescentou Neagley.

— Provavelmente, dos Houston Astros, já que somos texanos. Chamamo-nos Wiley e, há quatro meses, desertámos de uma unidade de defesa aérea a centenas de quilómetros para leste daqui.

Sinclair ficou calada.

E Neagley disse:

— E comprámos um passaporte novo e assim nunca temos de utilizar o nosso. O que quer dizer que os PM nunca nos vão encontrar.

— Estão a apostar muita coisa num corte de cabelo — afirmou Sinclair.

— Peça a ficha militar dele. E mostre a foto ao Klopp — retorquiu Reacher.

Nesse momento, a nova mensageira estava diante do apartamento, a bater à porta. Nunca tinha batido à porta de nenhum apartamento. Nunca vira a porta de um apartamento. Mas sabia qual seria a sensação. Tinham-na treinado. A sensação seria que passaria imenso tempo, mas, no fundo, era a mesma coisa que contar de um a cinco. Tinham-na treinado em relação a tudo. Apanhara o autocarro para a cidade. Pela primeira vez na vida. Viu

estradas pavimentadas pela primeira vez na vida. Mas, graças ao fluxo de instruções dos outros ao longo de várias horas, sabia o que fazer. Estava preparada. Não sobressaía. Tinha dado um ou outro tropeção, mas isso também o fazia qualquer viajante de longo curso exausto. A perfeição sobressairia ainda mais.

Um, dois, três, quatro, cinco.

A porta abriu-se.

Um jovem saudita perguntou:

— Quem és tu?

E a nova mensageira respondeu:

— Procuro santuário e um porto seguro. A nossa fé exige que vocês mos providenciem. Tal como os nossos superiores neste empreendimento.

— Entra — disse o rapaz saudita.

Fechou a porta depois de ela entrar e depois parou e atirou:

— Espera lá. A sério?

Tinham treinado a nova mensageira. Que respondeu:

— Sim, a sério. O alto define a estratégia e o gordo estabelece os esquemas. Neste caso, incluir um mensageiro que não passaria pela cabeça de ninguém que o fosse, por ser uma mulher.

— O gordo?

— O da esquerda. Com mais moscas à volta dele.

Tinham-na treinado.

— *Okay* — retorquiu o miúdo. — Mas, uau! Embora a verdade é que acho que sempre soubemos que isto era importante.

— Como? — perguntou ela.

Estava pela primeira vez na vida num apartamento, mas não era a primeira vez na vida que enfrentava perigos, de alianças que dão

para o torto ou mesmo de pura e dura traição. Vinha das regiões tribais. Insistiu:

— Como é que sabem que isto é importante?

O miúdo não respondeu.

— Foi o primeiro mensageiro que vos disse? — perguntou ela.

— Disse-nos o preço.

— Mas já está morto. Mataram-no. E enviaram-me no lugar dele. Disseram-me para não perguntar o preço. Não gostam que uma pessoa saiba o preço. Por isso, o melhor é esquecerem-no assim que puderem.

— Quanto tempo vais ficar? — perguntou o miúdo.

— Pouco.

— O espaço é exíguo.

— Uma luta grandiosa exige um sacrifício grandioso. Mas não se ponham com ambições. Ouvi dizer que mataram o meu antecessor com um martelo. E vai acontecer-vos o mesmo. Se eu o disser. Ou se não regressar.

Tinham-na treinado.

Sinclair fez o que Reacher lhe pedira. Abriu a mala e tirou de lá uma coisa com pior aspeto do que o primeiro telefone sem fios a ser inventado na história. Parecia um tijolo.

— Telefone por satélite — explicou. — Encriptado. Para ligar para o escritório.

Carregou nuns botões, aguardou por uns bipes de ligação e, a seguir, disse:

— Quero a ficha militar do soldado de primeira classe Wiley, do exército dos Estados Unidos, nome próprio desconhecido,

atualmente já há quatro meses ausente sem autorização de uma unidade de defesa aérea na Alemanha. Enviada para mim, em Hamburgo, super-rápido.

E depois desligou.

O National Security Council.

As chaves do reino.

Bateram à porta.

Por um milésimo de segundo bastante ilógico, Reacher pensou: *super-rápido, podes crer, caraças.*

Mas não.

A porta abriu-se. E entrou um tipo. Ativo, vivaço, sessenta e tal anos, estatura média, fato cinzento, cintura adelgaçada, cara calorosa e simpática. Rosada e redonda. Cheio de energia, com o esboço de um sorriso. Um tipo que tratava das coisas, com imenso charme. Como um vendedor. De qualquer coisa complexa. Do género de um instrumento financeiro ou de um *Rolls-Royce*.

— Peço desculpa — disse o homem.

Para Sinclair apenas.

— Não sabia que estava acompanhada.

Americano. Sotaque de ianque à moda antiga.

Ninguém disse nada.

E foi então que Sinclair falou:

— Peço desculpa. Sargento Frances Neagley e major Jack Reacher, exército dos Estados Unidos, apresento-lhes o senhor Rob Bishop, chefe da base da CIA no consulado de Hamburgo.

— Acabei de passar de carro pelo apartamento — informou Bishop. — Na rua paralela. Que dá para o quarto do puto. Deslocaram o candeeiro na janela.

19

Bishop não os quis deixar ver com os próprios olhos. Disse que tinha passado por lá, e depois outra vez, logo a seguir, e que já tinham sido vezes de mais para qualquer visita. Mas fora obrigado a fazê-lo, já que havia qualquer coisa que não batia certo. Ainda assim, não podia permitir uma terceira passagem. Sabia para que janela devia olhar e eles, não. Teria de passar por lá a passo de caracol e apontar. Uma terceira viagem consecutiva, a conduzir devagar, com quatro pessoas curvadas dentro do carro, a esticar o pescoço. Demasiado óbvio. Não ia acontecer. Não podiam correr esse risco.

Reacher perguntou:

— E o que não batia certo?

— O puto devia ter deslocado o candeeiro da ponta do peitoril para o meio da janela. Mas não chegou a ir até ao fim. O candeeiro está bem longe do meio. Não foi propriamente o sinal que combinámos.

— E que quer isso dizer?

— Uma de três coisas. A primeira é que, se calhar, ele só teve meio segundo. Entrar e sair, a correr. A segunda é que, se calhar, achou que estar a deslocar o candeeiro até ao fim era demasiado

óbvio. Se calhar, os outros passam a vida a entrar e a sair do quarto. E eram capazes de reparar. Quem se dá ao trabalho de mexer num candeeiro no mesmo dia em que volta a aparecer o velho amigalhaço deles? Estes tipos não são decoradores de interiores. Têm outras coisas em que pensar. Se calhar, foi má ideia.

— E ele não ligou?

— Presumivelmente, isso deve ser difícil neste momento. Presumivelmente, aquilo deve estar tudo numa barafunda completa. Estão excitados com o que se está a passar, não se esqueça.

— E qual é a terceira coisa?

— Ele está a tentar dizer-nos algo.

— Algo de que género?

— Alguma coisa mudou. Algum fator novo. Como se estivesse a tentar dizer é, mas não é. Como se, por exemplo, o mensageiro estivesse aqui em Hamburgo, mas o encontro fosse noutro sítio. Se calhar, o tipo disse-lhes que tem de apanhar o comboio para Bremen. Ou Berlim. Podiam encontrar-se no comboio. Podia ser uma maneira inteligente de fazer a coisa. Podiam encontrar-se por acidente e conversar durante um minuto. Ou pode ser outra coisa qualquer completamente diferente.

— Temos quarenta e oito horas para pensar nisso — retorquiu Sinclair.

— Se mantiverem a mesma planificação — respondeu Neagley. — E é possível que não o façam. É uma lotaria. Pode haver atrasos nas viagens. Imagino que andem a estabelecer contactos um pouco por todo o lado. Incluindo em países do Terceiro Mundo. Portanto, calculo que incluam uma margem de tempo. Se os aviões chegarem à hora, ficam com dois dias para espairecer. Mas se os aviões se

atrasarem, os encontros passam a ser imediatos. Ou algures a meio caminho. A minha avaliação seria essa.

— Precisamos de vigiar aquele prédio — afirmou Bishop.

— Não pode ser — atirou Sinclair. — Não podemos arriscar a casa segura.

— Se não o fizermos, ficamos cegos. Estamos a desperdiçar uma oportunidade de ouro para apanhar o gajo.

Reacher olhou para Bishop. Um aliado inesperado.

— Há que considerar as consequências — disse Sinclair.

— Isso é no futuro, e agora estamos no presente.

— Não pode ser — repetiu Sinclair.

— Mas já estamos a fazer isso — retorquiu Reacher.

— O quê?

— O chefe dos detetives Griezman aceitou vigiar o prédio. Polícias à paisana em carros. São bem bons. Vimo-los em ação. Ou melhor, não vimos.

Sinclair ficou pálida. De raiva, sobretudo, calculou Reacher.

— A partir de quando? — perguntou ela.

— Talvez desta tarde — respondeu ele. — Depende de como esteja a agenda dele.

— E porque está ele a fazer isso?

— Porque lhe pedi.

— Em troca de quê?

— Vou verificar-lhe a impressão digital.

— Preciso de falar consigo, major — disparou Sinclair.

— E está a falar comigo — ripostou Reacher.

— Em privado.

Neagley disse:

— Usem o meu quarto. Não os vamos conseguir ouvir daqui.

Atirou a chave do quarto a Sinclair, num ligeiro movimento em arco, de baixo para cima, e ela apanhou-a, só com uma mão, sem problemas.

— Venha comigo — disse.

E foi o que Reacher fez, avançando pelo corredor até ao quarto de Neagley. Sinclair entrou e só parou à janela, dando meia-volta, com a luz por trás dela.

Mais alta do que a média, mas nem por isso mais larga.

O vestido preto, as pérolas, as meias de *nylon*, os sapatos.

A cara e o cabelo, penteado com os dedos.

Com um ar impecável.

— Desobedeceu a uma ordem — afirmou.

E Reacher retorquiu:

— Não me lembro de ordem nenhuma. Não me lembro de grande coisa depois de o conselheiro de Segurança Nacional nos ter dito que tínhamos direito a tudo aquilo de que precisássemos. E precisamos disto. Pode poupar-nos um ano. Sem isso, resta-nos apenas uma banal caça ao homem. Atrás de um tipo que já está ausente sem autorização há quatro meses, com um passaporte estrangeiro novinho em folha. E, em vez disso, podemos ter um puto saudita, com um polo cor-de-rosa e sapatos pontiagudos, a levar-nos diretamente a ele. Aqui mesmo e agora. Quem iria desaproveitar isso? O futuro não significa nada se não o chegarmos a viver.

— E você resolveu violar a lei, mas só porque achou que tinha boas razões para isso. Você e toda a gente. Há uma data de boas razões. Demasiadas boas razões. E é por isso que temos uma estrutura especial, para nos decidirmos por uma, quando há várias a concorrer entre si. E essa estrutura chama-se National Security

Council. Pesamos as coisas e avaliamos prioridades. O major acabou de deitar para o lixo um ano de trabalho no duro. Devia demitir-se. Antes de sair o relatório pós-ação. Se fizer isso, arranja um acordo melhor.

— *Okay* — retorquiu Reacher. — Se a coisa der para o torto, faço isso.

— E também acabou de deitar para o lixo quarenta anos de precedentes jurídicos sobre quais as bases de dados que devem ou não ser secretas. Só por aí, já estamos a falar de uma infração merecedora de tribunal militar. De um crime federal.

— *Okay* — repetiu Reacher. — Se correr mal, declaro-me culpado.

— Você é culpado, independentemente de como correr.

— A coisa não funciona assim. Se correr bem, recebo a Legião de Mérito.

— Mas está a brincar comigo ou quê?

Reacher respondeu:

— Não, estou a apostar. E, para já, a casa é que está a perder. O mensageiro regressou a Hamburgo. No máximo, havia uma hipótese em dez de isso acontecer. Mas foi uma aposta ganha. Devíamos aproveitar a onda e continuar a marcar pontos. O Griezman sabe o que faz. Não vai comprometer a casa segura. Os rapazes que lá estão são muito convencidos. Não prestam atenção. Têm um companheiro de casa que anda a fazer telefonemas secretos, a escrever mensagens secretas a combinar locais para entregar informações e a ir ao parque sem motivos para tal sem que tenham reparado em nada. Porque haviam de reparar num carro estacionado a cem metros de distância?

Sinclair fez um gesto de desconsideração, como se Reacher não estivesse a perceber a questão. Depois disse:

— O problema da impressão digital é grave. Jurídica e politicamente. E ninguém pode fazer isso desaparecer.

— Posso argumentar que escolhi as minhas palavras com todo o cuidado. Disse que ia verificar a impressão. Mais nada. Não disse que ia revelar o resultado. Claro que se trata de um logro, mas, paciência, na primeira divisão é mesmo assim. Posso argumentar que, para gente como eu, o risco é sempre o mesmo. Partem-se uns ovos, faz-se uma omeleta e, se a coisa sair saborosa, fica tudo perdoado.

— E se não sair?

— Estou sempre aberto a novas experiências.

Sinclair não respondeu.

E Reacher prosseguiu:

— Se isto der para o torto, você vai entregar-me. Vai depor no tribunal militar. Compreendo isso. E vai fazê-lo de bom grado. Também compreendo isso. Manda em nós, mas não nos aprova. Já joguei a esse jogo. E ninguém fica chateado.

— E se não der para o torto?

— Nesse caso, não me vai entregar nem vai haver julgamento. Vai ficar com uma carta toda elogiosa na sua ficha e eu vou receber mais uma medalha.

— E qual das hipóteses será?

— Quer uma resposta sincera?

— Sempre.

— Está feito. É trigo limpo. Estamos a falar de um soldado ausente sem autorização. E eu e ele estamos na mesma cidade. Já cá canta.

— É sempre assim tão confiante?

— Costumava ser.

— E agora é o quê?

— Ainda mais.

— Anda a dormir com a sua sargento?

— Não, não ando. Isso não seria apropriado. Nem, em termos gerais, bem visto. Desde logo por ela.

— Ela é louca por si.

— Damo-nos bem, como amigos e colegas.

Sinclair ficou calada.

Alguém bateu à porta. A própria Neagley, imaginou Reacher, mesmo na hora H, a controlar se Sinclair não o teria já matado. Ou então Bishop, a controlar se não a teria matado ele. Abriu a porta, afastando-se para o lado, fora da linha de fogo.

Muitos anos de treino.

Mas não era Neagley nem Bishop.

Era um jovem americano, com um fato comprado num grande armazém e uma gravata da Brooks Brothers. Trazia uma bolsa de borracha com fecho. Parecia ter lá dentro quase um centímetro e meio de papel. Uma coisa desse tamanho. E dessa grossura.

O rapaz disse:

— Para a doutora Sinclair. Do consulado. O documento solicitado.

Super-rápido.

Podes crer, caraças.

Reacher pegou na bolsa e entregou-a a Sinclair. O rapaz do fato desceu as escadas. Reacher e Sinclair voltaram para o quarto dela, onde os outros os aguardavam.

Sinclair abriu a bolsa e Reacher sentiu o cheiro a folhas ainda quentes da impressora. Calculou que tivesse havido uma enxurrada de telefonemas, seguida de uma transmissão digital em alta velocidade oriunda de algures, do Comando do Pessoal, nos Estados Unidos, ou talvez de Estugarda, diretamente para o consulado em Hamburgo, onde uma máquina de alta velocidade tinha trabalhado depressa e onde o jovem adido da gravata da Brooks Brothers tinha pegado nas folhas que iam caindo, juntando-as e guardando-as na bolsa, para apanhar depois um táxi. O National Security Council. Mais rápido do que a própria sala de imprensa do exército.

As folhas eram cópias muitíssimo nítidas a preto-e-branco de uma típica ficha militar, referente ao soldado de primeira classe Horace-sem-segundo-nome-Wiley, que tinha trinta e cinco anos e era de Sugar Land, no Texas. Estava a chegar ao fim dos três anos da primeira comissão de serviço. Tinha entrado para o exército com trinta e dois anos. Tinha um metro e setenta e dois e uma constituição esguia. Como um corredor de fundo.

A segunda folha tinha a fotografia dele. Que tinha estado presa com um clipe ao canto superior direito. Não era uma foto tipo passe, como antigamente, mas uma coisa maior. Talvez sete e meio por cinco. A impressão tinha tornado os realces mais claros, como néon líquido, e os sombreados, fuliginosos. A imagem do clipe propriamente dito parecia fotográfica, mas também radioativa.

Era o mesmo tipo.

As imperfeições da impressão atribuíam uma natureza manual à imagem, como um retrato a carvão. Como o retrato a lápis. O mesmo retrato. O mesmo tipo. De certeza. Sem dúvida. O sobrolho, as maçãs do rosto, os olhos encovados. O nariz, parecido com uma

lâmina. O vinco na face, perfeitamente paralelo. O maxilar contraído, como se estivesse a apertar os dentes. A boca, um corte fino, completamente desprovido de expressão.

Apenas o cabelo era diferente. A fotografia já tinha três anos. Horace-sem-segundo-nome-Wiley tinha entrado para o exército com o típico corte curto de um rapaz do campo. Em cheio no alvo, no que dizia respeito ao Regulamento Militar 670-3-2. As coisas extremas, excêntricas e caprichosas tinham vindo todas mais tarde.

— Vamos mostrar a fotografia ao senhor Klopp — disse Sinclair. — Mas a verdade é que não restam dúvidas. Parabéns, major. E sargento. Um trabalho notável. Começaram com duzentos mil.

Reacher retorquiu:

— Mas foi só porque houve alguém que registou de forma idiota um telefonema idiota, que sobreviveu para aí a uns sete níveis de burocracia até ir parar ao próprio governo dos Estados Unidos. Estamos sempre a tentar cortar na papelada. Se calhar, era melhor repensarmos isso.

— E agora?

— Agora, esperamos. Até que um puto saudita, com um polo cor-de-rosa e sapatos pontiagudos, saia para ir dar uma volta.

20

Sugar Land era o nome que Wiley queria dar ao novo rancho. Ou Sugarland, uma palavra só. Não é que fosse plantar açúcar. Era uma região de gado. Iria ter a maior manada do mundo. E a melhor. Mas, primeiro, precisaria de um nome por cima do portão. Em ferro forjado caro. Talvez o deixasse apenas com uma primeira demão de tinta vermelha. Sugar Land ficaria bem. Tudo em maiúsculas. Ou uma palavra só. Sugarland. E seria uma espécie de tributo pessoal. A uma velha ambição. Em tempos que já lá iam, tinha tentado ser bem-sucedido em Sugar Land. Mas era uma cidadezinha dura de roer. E agora ia comprar um sítio quarenta vezes maior do que o município inteiro.

Não podia ser melhor.

Era como estar a cair. Inicialmente, tinha resistido à sensação, para a seguir se deixar levar. E depois caíra ainda mais depressa. Tudo em redor dele se tinha acelerado. E era por isso que estava pronto bem antes de tempo. Pronto para o encontro. Achava que devia estar preparado. Sobretudo, agora. A fase final aconteceria rapidamente. Era sempre assim.

Na presença de Sinclair, Reacher ligou para Griezman, pelo telefone do quarto, em alta-voz, e indicou-lhe o nome de Wiley, para ficar associado à cara, explicando-lhe que, tanto quanto sabiam, o mensageiro já tinha chegado, e reconfirmando posteriormente todos os diversos protocolos, relativamente a como participar alguma ocorrência e, sobretudo, a revelar cautelas nas redondezas do apartamento. Mas não a ponto de deixar escapar alguma coisa. Uma missão difícil. Mas Griezman parecia estar à altura. Concordou com todas as questões importantes. Foi convincente no que disse. Reacher notou que Sinclair estava a descontrair um pouco. E depois fitou-o, olhos nos olhos, uma mirada direta. Reacher não percebeu bem porquê. Era um olhar meio aprovador, já que aquele plano maluco até era capaz de estar a resultar, ou então meio reprovador, já que agora tinha-a tornado cúmplice.

A seguir, Bishop voltou para o consulado e Reacher e Neagley deixaram Sinclair no quarto dela e entraram no dele, para ler a ficha de Wiley de uma ponta à outra. A primeira pergunta era por que razão tinha o tipo esperado até aos trinta e dois anos para se alistar. Um comportamento anormal, logo ali. Mas não havia nenhuma nota do recrutador. Nada que explicasse aquilo. Neagley ligou para McLean, para falar com o homem de Waterman, Landry, e sugerir-lhe que verificasse de imediato os antecedentes do tipo. Ao longo de trinta e dois anos, desde o dia do nascimento até ao dia em que tinha vestido a farda verde. Tinha de haver um motivo.

Velho ou não, a evolução inicial de Wiley parecia convencional. Tinha completado o treino básico sem complicações, o que indiciava que possuía um determinado grau de aptidão e capacidade. Fora promovido a soldado de primeira classe, o que indiciava que continuava vivo e no exército. Tinha sido enviado para Fort Sill, para

a escola de artilharia, para avaliação. A seguir, recebera formação e fora destacado para a Alemanha, para uma companhia de defesa aérea.

— Consigo imaginar a coisa — disse Wiley.

Reacher assentiu, já que também conseguia. As anotações insípidas na ficha constituíam mais do que marcas em papel. Eram como um boletim de jogo no basebol. Uma pessoa podia extrair toda uma história dali. Aconteceu isto e depois aquilo. A escola de artilharia era o ponto central. Não era para palermas. Evidentemente, Wiley era um soldado aceitável. Provavelmente, depois do nível mais básico, andava perto dos melhores da turma. Não possuía estaleca para uma escola de elite. Mas talvez o comandante tivesse visto uma aptidão. Ou a tivesse inventado. Havia comandantes que aconselhavam as pessoas com base em histórias da carochinha. Do género, os canhotos não podiam ser atiradores furtivos. Quem era pequeno e uma pessoa seca e dura devia ir para artilheiro. E por aí adiante. Mas, fosse como fosse, tinha funcionado. Wiley enquadrara-se na perfeição. Não era fácil. O *Chaparral* era uma máquina esquisita. Tinha de parar e ser mais ou menos reconstruída antes de poder disparar. E, a seguir, tinha de ser tudo guardado para a coisa poder voltar a arrancar, parar e ser reconstruída mais uma vez. As equipas pareciam as das boxes numa corrida da Nascar. Tão complexo como um bailado cronometrado para demorar até um décimo de segundo. Um avião podia aproximar-se muitíssimo num décimo de segundo. Era trabalho de equipa no seu melhor. Era quase ginástica. E Wiley conquistara o seu espaço. Talvez ser-se pequeno e uma pessoa seca e dura ajudasse de facto. O tipo era um soldado competente. Nenhuma dúvida. Mas sem perspetivas. Passados três anos,

continuava como soldado. As divisões blindadas já não estavam a contratar. A linha da frente pertencia ao passado.

Será que isso tinha sido uma surpresa para ele?

Reacher perguntou:

— Os PM que trataram do caso da ausência sem autorização falaram com os camaradas dele de há quatro meses?

Neagley assentiu e retorquiu:

— Já pedi as transcrições.

— E o que está ele a vender?

Neagley não respondeu.

Perguntou apenas:

— A Sinclair estava muito furiosa?

— Menos furiosa do que poderia estar — respondeu Reacher. — Lixei a casa segura.

— Como? O Griezman não te vai deixar ficar mal.

— Foi o que eu lhe disse. Mas ela não ficou convencida. E depois compreendi. Lixámos a casa segura a partir do momento em que o Griezman soube dela. Tão simples quanto isso. Deixou de ser o nosso segredo. Foi isso que ela quis dizer. E eu percebo a lógica. Mais cedo ou mais tarde, o Griezman vai comunicar a coisa aos serviços secretos. É assim que ele funciona, e a verdade é que está obrigado a isso. E, portanto, nessa altura, os alemães também vão querer entrar na dança. O território é deles. E isso já é muita gente ao barulho. Daqui a nada, vão estar veículos de segurança estacionados em fila dupla à porta do prédio. E a culpa é minha.

— A não ser que apanhemos o tipo.

— Também lhe disse isso. Mas não lhe resolve o problema. Na melhor ou na pior das hipóteses, os boches vão ficar sempre a saber da casa segura.

— Acabaríamos sempre por lhes contar. Mais cedo ou mais tarde. No próximo ano ou no outro a seguir. Esta merda vai passar a ser internacional. Podes crer. Vamos todos esfalfar o couro a cooperar. Tu só começaste cedo, mais nada.

— Ela disse que a cena da impressão digital é pior. É um crime federal.

— É a mesma coisa. Se apanharmos o tipo.

— Ou se eu enganar o Griezman. Se me aproveitar do trabalho dele e não lhe der nada em troca.

— E ela pediu-te para fazer isso?

— Foi uma sugestão minha. Disse ao Griezman que ia verificar a impressão. Mais nada. Porque escolhi essas palavras ao certo?

— Foi uma coisa subconsciente, para teres mais latitude.

— Não me soa bem.

— E ir para a prisão soar-te-ia melhor?

— O tipo é um detetive de homicídios com uma impressão digital. O que é que eu devia fazer?

— O que julgaste que estavas a fazer?

— Suponho que estivesse a pensar que lhe diria se não desse em nada e que, se desse, talvez me pusesse a empatar. Pensei que podia lidar com a coisa diretamente. Assim, toda a gente sai a ganhar e eu não violo a lei. O que me agrada, já que gosto dessa lei. Gosto de estar atento se um americano vai ou não a julgamento em sistemas jurídicos estrangeiros. Por isso, cometi dois erros de cálculo.

— Porquê?

— O preço — respondeu Reacher. — Cem milhões de dólares. Não me saem da cabeça. É imenso dinheiro. E merece toda a nossa

atenção, claro. Mas está a adquirir proporções exageradas. Não consigo pensar em mais nada.

— Evidentemente.

— E o que é que isso quer dizer?

— Porque achas que a Sinclair ficou menos furiosa contigo do que seria de esperar?

— Se calhar, concorda secretamente comigo.

— Não — retorquiu Neagley. — Ela gosta de ti.

— Mas estamos na secundária ou quê?

— Mais ou menos.

— *Okay* — soltou Reacher.

— Confia em mim — insistiu Neagley. — Ela estava lá e tu estavas aqui. E agora também está cá. Não é preciso tirar nenhum curso superior. Pouco é melhor do que nada, seja qual for o alvo. Ela sente-se sozinha. Vive numa casa grande e vazia, numa rua suburbana.

— Sabes isso?

— Estou a imaginar.

— Não me parece nada que goste de mim — afirmou Reacher.

— E tu gostas dela?

— Mas és a minha mãe ou quê?

— Devias ter-lhe dado mais ouvidos.

— A quem?

— À tua mãe. Era francesa. Essas senhoras sabem da poda.

— Mas agora de que estamos a falar ao certo?

Neagley não chegou a responder, já que o telefone do quarto tocou. Griezman. Reacher pô-lo em alta-voz. Griezman explicou que os homens dele se encontravam a postos e que a vigilância se poderia considerar oficialmente ativa a partir daquele momento. O

átrio do prédio, sem elevador, dava para seis apartamentos, um à esquerda e outro à direita das escadas, no primeiro, no segundo e no terceiro andares. Os registos indicavam que também viviam ali uma família turca e outra italiana, em ambos os casos residências diplomáticas, mais três alemãs, todas prósperas e claramente de classe média. Havia uma entrada de serviço nas traseiras do prédio, que se encontrava igualmente vigiada por um carro adicional, só por via das dúvidas, mas provavelmente não seria utilizada como saída por ninguém. Não havia ali esse hábito, como a célula inativa saberia com certeza. Presumivelmente, aqueles rapazes faziam um esforço deliberado para se enquadrarem e não para sobressaírem.

— Obrigado — disse Reacher. — Boa caçada.

— Durante quanto tempo conta precisar de nós? — perguntou Griezman.

— Quarenta e oito horas, no máximo.

— Já tem novidades da impressão digital?

Reacher hesitou um instante.

E respondeu:

— Ainda não.

— E porque demora tanto tempo? — perguntou Griezman.

— Não vai demorar muito tempo para sabermos.

— Eu sei — retorquiu Griezman. — Confio em si.

21

No edifício da Educational Systems, em McLean, na Virgínia, eram seis horas a menos, ainda de manhã, e Waterman e Landry estavam a tratar da verificação de antecedentes em conjunto. Tinham o número das forças armadas de Wiley, que era o equivalente moderno do número da Segurança Social. E que abria uma série de portas em matéria de bases de dados. Desde logo, saltavam de imediato aos olhos quatro detenções por crimes graves durante a década de 1980, em Sugar Land, no Texas, a sudoeste de Houston. Como era evidente, nenhuma das detenções tinha dado azo a uma condenação. Um tipo que se tivesse lixado à primeira não andaria à solta para colecionar as outras três. Mas não havia fumo sem fogo. Landry pesquisou os pormenores mais a fundo. As quatro detenções tinham-se devido à venda de bens alheios. Alegadamente. Os quatro casos haviam sido todos arquivados por falta de provas. Os queixosos não tinham levado a ação adiante. As testemunhas tinham-se mostrado pouco convictas. Possivelmente, a sério. Não havia indícios de ameaças ou subornos. Wiley tinha sido um sortudo. Ou subtil. Após a última detenção, o cadastro não registava nada durante cinco anos consecutivos. E, a seguir, ele tinha-se alistado.

— Devíamos informar a Sinclair — disse Landry. — Temos aqui a confirmação. Este tipo rouba coisas para as vender. É o *modus operandi* dele.

— Só que o Reacher diz que não há lá nada que valha cem milhões de dólares — respondeu Waterman.

— Tem de haver.

— Que uma única pessoa possa roubar, não. Que seja portátil. E que possa ser manuseada por pessoas que vivem em grutas.

— Então, informações secretas.

— A que um soldado tivesse acesso?

— Quer dizer que ele está no exército por ser um patriota?

— Se calhar, um juiz aconselhou-o a desaparecer da cidade e ir servir o país. Como alternativa.

— A quê?

— A um quinto encontro imediato com a acusação. Se calhar, o Wiley percebeu que não ia continuar um sortudo para sempre.

— Mas não há registo de nenhuma detenção há três anos — retorquiu Landry.

— Nem seria de esperar. Teria sido um sussurro ao ouvido. Estava sempre a acontecer isso.

— Estamos nos anos 90.

— Mas, se calhar, em Sugar Land, não.

— O gajo encontrou-se com o saudita. E agora vai encontrar-se com ele outra vez. Tem de haver uma razão.

Neagley foi-se embora e Reacher ficou sozinho no quarto, pois seria para ali que Griezman telefonaria primeiro. Não havia dúvidas. Por pura cortesia. Dois simples detetives, esperançados de que

pudessem fazer favores um ao outro. Sinclair seria a segunda pessoa a quem ele ligaria. Mas o telefone não tocou. Reacher estava com comichão no pescoço, conforme acontecia sempre que cortava o cabelo. Tirou a *t-shirt* nova e sacudiu-a. A seguir, despiu-se por completo e tomou outro duche, com a porta aberta e sempre com um ouvido, alternadamente, longe do fluxo da água. O telefone continuou sem tocar. Secou-se com a toalha, voltou a vestir-se e espreitou pela janela. Depois sentou-se numa cadeira de veludo verde. E o telefone sempre sem tocar.

Alguém bateu à porta.

Sinclair.

Mais alta do que a média, mas nem por isso mais larga.

O vestido, as pérolas, as meias de *nylon*, os sapatos.

A cara e o cabelo.

— Presumo que o melhor sítio para se estar à espera seja aqui — disse. — Presumo que o Griezman lhe vá ligar primeiro.

E também não era parva.

— Tenho de lhe pedir desculpa — retorquiu Reacher. — Cometi dois erros de cálculo. Não a quis desrespeitar.

— Posso entrar? — perguntou ela.

— Claro.

Reacher afastou-se e Sinclair avançou. Ele cheirou-lhe o perfume. E ela olhou para o telefone e depois sentou-se na cadeira onde ele tinha estado sentado.

Disse:

— Não fiquei ofendida. Escolhemo-lo para pôr as coisas a mexer. Não há aqui nenhum remorso de comprador. Em última análise, é consigo que estou preocupada.

— E comigo porquê?

— Você tinha razão. Pedimos-lhe para fazer coisas e, se elas correm bem, reclamamos todos os louros, mas, se correrem mal, está por sua conta e risco. E isso só pode ser stressante. Como aquela coisa que acabou de fazer na Bósnia. Não pode ter sido agradável.

— Por acaso, até foi — respondeu Reacher.

— Tecnicamente, foi um duplo homicídio.

— O primeiro tipo era o comandante de um exército étnico ranhoso qualquer. E o segundo era o número dois. Para que servisse de exemplo, prenderam um futebolista famoso da outra comunidade. A estrela do franchisado da zona. Algemaram-no a um radiador e partiram-lhe as pernas com um martelo de forja. Dedicaram especial atenção aos joelhos e aos tornozelos. Deixaram-no ficar ali uma hora para contemplar o futuro. A seguir, arrastaram dois colchões para dentro do quarto. E depois arrastaram-lhe a mulher e a filha para dentro do quarto. Puseram o batalhão inteiro a fazer fila à porta. Violaram-nas até à morte, com o tipo a assistir a tudo. Não parou de bater com a cabeça no radiador. Estava a tentar matar-se. Não conseguiu. A mulher durou praticamente vinte e quatro horas. A filha morreu em seis. Esvaiu-se em sangue. Tinha oito anos. Passei duas semanas a confirmar os factos. Vi os colchões. Por isso, tudo somado, sinto-me bastante bem por ter carregado no gatilho. Como se tivesse ido à rua despejar o lixo. Talvez a coisa em si não seja propriamente divertida, mas, a seguir, ficamos com uma garagem limpa e arrumada. E isso sabe bem. Pode ter a certeza.

— Tenho pena.

— De quê?

— De que aconteçam coisas dessas no mundo.

— Habitue-se — disparou Reacher. — As coisas só podem piorar.

— Recebi uma mensagem do Waterman. O Wiley já foi preso quatro vezes por vender bens alheios. Não conseguiram provar nada. Mas já se sabe o que a casa gasta.

— Espantoso — soltou Reacher. — E agora faz parte do exército.

— Onde há coisas de toda a espécie a voltar em catadupa para armazéns, já que a linha da frente desapareceu de repente. O que implica que a segurança já não seja o que era. E, se calhar, os maus hábitos dificilmente se perdem.

— Mas o quê? O que anda ele a roubar e o que anda a vender?

Sinclair ficou calada.

E o telefone ainda sem tocar.

Alguém bateu à porta.

Um paquete.

Ou melhor, uma paquete. Com um uniforme elegante e um chapeuzinho. Vinda do átrio, trazendo algo. Um simples envelope branco. Grande. Sem nada escrito. Parecia ter lá dentro quase um centímetro e meio de papel. Uma coisa desse tamanho. E dessa grossura.

— Para o senhor — disse a rapariga.

— De quem? — retorquiu Reacher.

— O cavalheiro não quis dizer o nome.

— E como é que ele era?

— Não vi bem. Um americano normal, acho eu. De aspeto bastante comum.

Um dos tipos do Orozco, pensou Reacher. E não o próprio Orozco. Saltaria demasiado à vista. O sargento dele, talvez. O que

ia ao volante do carro, da primeira vez.

Poder negar uma coisa.

Pegou no envelope e disse:

— Obrigado.

A rapariga desceu as escadas. Reacher abriu o envelope e espreitou lá para dentro. Tinha Sinclair encostada a ele. Sentia-lhe o cheiro do perfume. Folheou a parte de cima dos papéis que tinha nas mãos. Viu todas as primeiras linhas. Eram-lhe igualmente familiares. Tratava-se de uma cópia da ficha de Wiley. Exatamente igual, só que, naquele caso, a impressora já não tinha muita tinta. E saiu uma coisa mais esbatida.

Horace-sem-segundo-nome-Wiley, a desvanecer-se.

— Quem enviou isso? — perguntou Sinclair.

— O Orozco — respondeu Reacher. — Mais ninguém sabe que eu cá estou.

— E porque lhe havia ele de enviar uma segunda cópia?

— Pediu a sua pelo estado-maior general?

— Sim.

— Então, se calhar, de uma forma ou outra, o Orozco soube disso. E, se calhar, achou que era uma coisa importante. Uma situação de pânico ao nível das altas esferas a propósito de um soldado de primeira classe talvez lhe chamasse a atenção. Você pediu para que enviassem a coisa para Hamburgo. Se calhar, ele está a avisar-me com antecedência. Ou a dar-me um avanço. Por saber que eu também estou em Hamburgo. Mas sem saber que já vi a ficha.

— Não haveria fugas de informação no estado-maior general.

— Então, se calhar, houve em Estugarda. Ou no Comando do Pessoal. O Orozco tem amigos em todo o lado. É um tipo muito

popular. Está sempre bem-disposto.

Deixou cair o envelope em cima da cama. Sinclair continuava encostada a ele. Mesmo muito perto. Sentia-lhe o cheiro do perfume. O vestido, as pérolas, os sapatos. A cara e o cabelo.

Não havia maneira de o telefone tocar.

— Ficar à espera põe-me nervosa — desabafou ela.

Ele não disse nada.

— Não sou capaz de descontrair.

Continuou calado.

— Não fica nervoso?

Sim, pensou. *Neste preciso momento, estou nervoso.*

— Não — respondeu. — Não ajuda em nada.

— Cortou o cabelo.

— Foi aí que me veio a ideia do Wiley. Vi umas imagens no barbeiro.

— O barbeiro fez um belo trabalho.

— Assim espero. Cobrou-me cinco dólares.

— Foi barato.

— Acha?

— Devia experimentar ir onde eu vou, em D.C.

— Acho que o seu é mais complexo — retorquiu ele.

E ela não disse nada.

Limitou-se a olhar para ele.

— Posso? — perguntou ele.

Ela não respondeu. Ele levantou a mão, tocando-lhe ao de leve na testa com a ponta dos dedos e enfiando-lhe os dedos no cabelo, embrenhando-os nele, com a textura a alternar entre o grosso e o macio, ao sabor das ondas. Puxou-o todo para trás, deixando uma parte presa atrás da orelha dela e outra solta.

Ficava-lhe bem.

Tirou a mão.

E perguntou:

— É assim que o penteia, não é?

— Agora faça isso do outro lado — retorquiu ela.

Serviu-se da outra mão, da mesma maneira, quase não lhe tocando na testa, enterrando bem os dedos e puxando-lhe o cabelo para trás. Dessa vez, deixou ficar a mão esquerda onde esta foi parar, colada à nuca dela. Que era esguia. E estava quente. Ela encostou a mão aberta ao peito dele. E, de início, ele julgou que fosse um aviso. Ou uma proibição. Um sinal de *stop*. E foi então que se transformou numa exploração. Deslocou-a, de um lado para o outro, para cima e para baixo, e depois enfiou-a também na nuca dele, na parte onde o cabelo cortado lhe tinha feito comichão. Ela puxou-o para baixo, ele puxou-a para cima e beijaram-se, primeiro, hesitantemente, e, a seguir, com mais ardor. A língua dela era fresca e lenta. Ela tinha os olhos abertos. Ele descobriu-lhe o fecho nas costas do vestido. Uma pecinha de metal, em forma de lágrima. Abriu-o, fazendo-o deslizar lentamente e passar-lhe pelo meio das omoplatas, pela região lombar e, por fim, pela cintura.

Os lábios dela colaram-se aos dele e ela perguntou:

— Isto será boa ideia?

— Parece-me bastante boa — respondeu ele. — Até ver.

— Tens a certeza?

— A prática diz-me que é melhor responder a esse género de perguntas depois. A experiência suplanta sempre as conjeturas.

Ela sorriu e avançou os ombros, com o vestido a descer e a ir parar-lhe aos pés. Trazia um *soutien* de renda e *collants* pretos. Mais os sapatos. Agarrou na bainha da *t-shirt* nova dele e puxou-lha

por cima da cabeça, em bicos de pés. Foi cair atrás dele. Desapertou-lhe o cinto. Ele livrou-se dos sapatos. E ela fez o mesmo. Tirou os *collants*. A *lingerie* que trazia por baixo era preta e de renda. Fina e transparente. Puxou-lhe as calças para baixo e ele desenvencilhou-se delas. Beijaram-se outra vez e cambalearam até à cama, como uma criatura com quatro pernas. Ela atirou-o para a cama, sobre o envelope de Orozco. E pôs-se em cima dele. Ele esticou os braços e desprendeu-lhe o *soutien*. Ela rolou de cima dele, deitando-se de costas e despindo as cuecas. Ele fez o mesmo, entre arcos e movimentos encrespados. Ela voltou a subir para cima dele e montou-o como se fosse uma vaqueira, com as ancas para a frente, os ombros para trás, a cabeça levantada e os olhos fechados. Ele deixou os dele abertos. Ela era um espetáculo digno de se ver. Tinha pele clara, com sinais e sardas aqui e acolá, seios pequenos, cintura dura e barriga lisa, e músculos nas coxas salientes e em movimento. Ainda continuava com as pérolas. Que se iam agitando e baloiçando. A concavidade na base da garganta estava repleta de suor. Tinha os braços para trás, esticados e afastados do corpo, com os pulsos dobrados e as mãos completamente abertas, as palmas perto da cama, a pairar, planando numa almofada de ar, como se se estivesse a equilibrar. E estava mesmo. Estava a equilibrar-se num determinado ponto, apoiando o peso inteiro nele, balançando-se para trás e para a frente, desviando-se ligeiramente para um lado e para o outro, como que perseguindo a sensação perfeita, encontrando-a, perdendo-a, encontrando-a de novo e mantendo-a, até ao final ofegante. E era para aí que ele também se dirigia. Quanto a isso, não havia dúvidas. Já não havia como parar. Empurrou-a com força, levantando as ancas, pondo-a como que a flutuar, com os pés fora da cama e os

joelhos a fecharem-se, dois movimentos antagónicos unidos num só.

Mais tarde, ele ficou deitado de costas e ela aninhou-se nele. Que se pôs a roçar a ponta do dedo na anca dela.

— Então agora responde lá às perguntas — disse ela.

E ele retorquiu:

— Sim, acho que foi boa ideia, e, sim, tenho a certeza.

— Não houve nenhum problema de comando nem controlo?

— Achei o meu controlo bastante bom.

— O que eu quero dizer é que não devia ter feito isto. Tecnicamente, és meu subordinado.

— Teu subalterno, na verdade.

— Pois.

— E grato por isso.

Fez-lhe um desenho na anca.

Com a ponta do dedo.

— Fala-me da sargento Neagley — pediu ela.

— O que é que ela tem? — respondeu ele.

— Porque é que ela não é uma oficial? Não lhe faltam competências para isso.

— Ela não quer ser uma oficial.

— E é louca por ti, mas não quer dormir contigo.

— É para isso que servem os amigos.

— E ela tem algum problema?

— Tem haptefobia.

— E isso é o quê?

— Medo de ser tocado. O exército obrigou-a a ir ao médico.

— E o que lhe aconteceu? Foi molestada?

— Ela diz que não. Diz que já nasceu assim.

— Uma pena — soltou Sinclair, aninhando-se mais.

— Podes crer — retorquiu Reacher.

Fez-lhe outro desenho na anca.

Com a ponta do dedo.

E, de repente, exclamou:

— Espera lá, caraças!

Pôs-se a apalpar debaixo dela, à procura do envelope de Orozco. Dessa vez, tirou a cópia toda cá para fora. E, colado à parte da frente, estava um envelope mais pequeno. O envelope de Griezman. Com a impressão digital. No fecho da porta do carro da prostituta morta.

— Não acredito em coincidências — afirmou Sinclair.

Reacher olhou para o envelope e examinou a ficha. Não havia anotações nem coisas escritas à mão. Nada da autoria de Orozco. Apenas a fita-cola. Bem presa. Uma mensagem.

Conclusiva, mas passível de ser negada.

— Às vezes, temos de acreditar em coincidências — atirou Reacher. — Sobretudo, nas pequenas. A população não é assim tão grande. Tipos dispostos a trair o país por dinheiro, tipos dispostos a recorrer a uma prostituta, tipos dispostos a matar uma prostituta. Como num diagrama de Venn. Não há muita gente nas partes onde os círculos se tocam. Imagino que ele estivesse a comemorar. O negócio já estava praticamente feito. E ele estava com boas perspetivas, financeiramente. Mas houve qualquer coisa que se descontrolou. O que é um enorme ponto positivo. Num certo sentido. Para nós, neste momento. Hoje e amanhã. Agora, passa a estar em causa um homicídio, ponto final. O Griezman já não precisa de estar a esconder nada. Pode servir-se dos recursos federais. Pode dar aquele retrato-robô a todos os polícias da cidade.

Sinclair ficou calada por um momento. Abanou a cabeça e retorquiu:

— Não, nunca podemos admitir que verificámos essa impressão a pedido dele. E a situação só iria ficar mais confusa. Uma coisa de cada vez. Queremo-lo por causa dos cem milhões de dólares. Isso vem primeiro. Isso é mais importante.

— A prostituta é capaz de discordar.

— Não o podemos enforcar duas vezes. E não podemos deixar que os alemães o prendam. Porque ele é nosso. Mas a justiça será feita. E, desta vez, isto é uma ordem.

— Sim, minha senhora — respondeu Reacher.

Voltou a guardar a ficha no envelope e calculou a altura em que a coisa tinha acontecido. A cinco ruas dali, no apartamento da mulher. Wiley estivera lá enquanto Reacher estava a jantar com Neagley em McLean, na Virgínia. *De todos os* diners *em todas as terrinhas.* Deitou-se novamente, dessa vez de lado, e virou Sinclair de frente para ele, pondo-lhe a mão bem alto na parte de trás da coxa.

— Já? — perguntou ela.

— Sou mais novo do que tu — respondeu ele.

O telefone tocou.

Griezman, a dar notícias. Reacher pô-lo em alta-voz. Griezman perguntou pela impressão. E Reacher respondeu que ainda não havia novidades. Sinclair desviou o olhar. Griezman explicou que, até ao momento, as operações de vigilância não tinham dado em nada. Até ao momento, não houvera sinal de Wiley no bar. Até ao momento, na casa segura, um carteiro tinha vindo entregar algo, que ninguém reclamara, ficando depois em cima de uma mesa, no átrio, onde ainda se encontrava. Tirando isso, mais ninguém tinha

entrado ou saído, exceto a suposta filha da família diplomática turca ou italiana, provavelmente a caminho de uma noite de folia. Possivelmente, numa discoteca. Tinha vinte e poucos anos, cabelo preto como o azeviche e pele cor de azeitona. Muito bonita, afirmou Griezman, segundo os membros da equipa lhe relataram em simultâneo. Uma visão que lhes tinha feito ganhar o dia. Porque não havia absolutamente mais nada a acontecer. Mas, ainda assim, continuavam empenhados. Para já, manteriam as respetivas posições. Ao início da noite, altura em que seria mais difícil arranjar lugar para estacionar, já com todas as pessoas do bairro de regresso a casa depois do trabalho, teriam de passar a ser menos.

— Da última vez, o encontro deu-se ao final da tarde. Basicamente, a esta hora — disse Sinclair.

— Espera lá, caraças! — exclamou Reacher outra vez. — Então e o candeeiro à janela? Alguma coisa mudou. É, mas não é. Fizemos asneira. É um mensageiro, só que não é o mesmo mensageiro. Não é um homem. É uma mulher. Caímos na esparrela. Estamos a perder o encontro. Está a acontecer neste preciso momento.

22

Reacher disse a Griezman para pôr a equipa inteira a perseguir a rapariga bonita, mas Sinclair disse-lhe que não, que para já ficasse quietinho. E, a Reacher, disse:

— Estás só a conjeturar. Ela pode ser turca ou italiana. Esta gente usa sequer mulheres?

— Já estive em Israel — respondeu Reacher. — Esta gente está sempre a usar mulheres.

— Estás a apostar numa coisa.

— E, para já, estou a ganhar. Olha lá para mim agora, por exemplo.

Sinclair hesitou por um instante.

E, a seguir, ordenou a Griezman:

— Deixe ficar um carro junto à casa segura. E os restantes que arranquem.

A nova mensageira dirigiu-se para sul do bairro e depois virou para oeste, fazendo um desvio por baixo do lago Aussenalster, de Saint Georg até Saint Pauli, a caminho do encontro, que seria num clube numa rua chamada Reeperbahn. Já tinha feito aquele

percurso na cabeça várias vezes, com os pormenores materiais a acumularem-se à volta dela graças a muitas horas de instruções, as vistas, os sons e os cheiros tantas vezes descritos que, em comparação, a realidade parecia insípida e pequena. Tinham-na avisado de que Wiley escolheria um ponto de encontro que deixasse uma pessoa da fé islâmica pouco à vontade. Um homem, mais concretamente. Não estaria à espera de uma mulher. Tinha uma veia maldosa e competitiva. Iria querer que houvesse duas de três coisas: álcool, raparigas e ódio. Naquela ocasião, seriam a primeira e a segunda, imaginou ela, a julgar pelo que lhe tinham dito da rua chamada Reeperbahn. Raparigas e álcool. Mas ela saberia lidar com isso. As lutas grandiosas exigiam sacrifícios grandiosos. E ela vinha das regiões tribais. Tinha a certeza de que já vira pior.

Reacher telefonou a Griezman e perguntou se a rapariga bonita tinha sido vista nas proximidades do bar. E a resposta fora não. Nem Wiley. Nenhum sinal dos dois.

— *Okay*, vão encontrar-se noutro sítio. Tire também esses carros daí — disse Reacher.

Dessa vez, Sinclair limitou-se a assentir.

— Mas aqueles homens não viram a rapariga — retorquiu Griezman.

— Não interessa — respondeu Reacher. — Têm o retrato-robô do Wiley. Onde encontrarmos um, encontraremos o outro.

A nova mensageira virou à esquerda, para Reeperbahn, e foi assaltada por toda a luz e por todo o ruído com que estava a contar.

Flashes, luzes a piscar e intensas, baques surdos, estrondos e distorção. Aquilo já não era insípido nem pequeno. Agora, era mais do que tinha imaginado. Respirou fundo e continuou a andar. Sabia o nome do clube de que estava à procura. Por assim dizer. Sabia o aspeto das letras. Sabia que tinha uma fotografia à janela, de uma mulher nua com um pastor-alemão. Que era uma raça de cão. Lá dentro, cheiraria a cerveja. Tinham-lhe dito que haveria coisas para as quais talvez preferisse não olhar.

Ouviu sirenes da polícia, a gemer e a uivar ao longe. Abrandou, subitamente indecisa. Havia muitos sítios com as mesmas letras nos nomes. O mesmo aspeto. Sobretudo, naquilo a que os ocidentais chamariam o final da palavra. Como um sufixo, repetido vezes sem conta. E foi então que percebeu. Esses sítios tinham todos escadas que desciam. Para salas no subsolo. Como grutas. *Keller*. Parte de uma palavra. Queria dizer *gruta subterrânea*.

Continuou a andar. Descobriu o sítio que queria. Tinha uma luz vermelha. E uma porta estreita, com uma janela também estreita logo ao lado, ensanduichado entre dois outros sítios. Um átrio, com o cimo de uma escada. A fotografia prometida encontrava-se na janela. Descolorida pelas muitas horas de sol. Mostrava uma mulher nua e deitada de costas, com um cão grande agachado sobre ela, com os quartos traseiros por cima da cara. A mulher tinha o pénis do cão na boca. Nada de especial. Para quem vinha das regiões tribais, não. A mensageira já tinha visto fazerem isso. Rapazes a homens, sobretudo, obrigados a tal, ou, por vezes, cabras.

Abriu a porta e entrou. Sentiu um cheiro químico penetrante. Adstringente. Sentira a mesma coisa na casa de banho do aeroporto. Estava um homem grande sentado num banco. Os homens tinham de lhe pagar, mas as mulheres, não. Aquilo a que

chamavam preço de entrada. Tinham-na treinado. Sorriu-lhe, timidamente, e desceu as escadas. Eram estreitas. Lá em baixo, havia uma luz azul e imenso barulho. Música, pessoas a conversar, jarros de vidro pesados a baterem com força em mesas de madeira.

Entrou na sala da cave. Havia um palco iluminado na outra ponta. Uma mulher nua toda dobrada para a frente, com os braços e as pernas a tocarem no chão, a fazer sexo com um burro. O burro estava numa espécie de cama de rede, para que não apoiasse o peso nas costas da mulher. A sala estava apinhada de homens, todos empinados e de pescoço espetado. Estavam a gritar e a grunhir ao ritmo dos movimentos desorientados do burro. Ela viu Wiley próximo dos fundos, sozinho a uma mesa. Tinha memorizado a cara dele. Estava com um copo alto, com um líquido dourado, diante dele. Já sem metade. Cerveja, calculou.

Ficou parada. Havia homens a olhar fixamente para ela. Trazia calças pretas e a camisa, com dois botões abertos. Ignorou os olhares e avançou pelo meio das mesas. Ouviu-se o estrépito de cascos no momento em que o burro terminou e se debateu para sair da cama de rede. À volta dele, os homens puseram-se todos a bater palmas e a dar vivas. A mulher nua endireitou-se e acenou-lhes, graciosamente.

No quarto de Reacher, ouviram o telefone a tocar através da parede, no quarto do lado, o de Sinclair. A seguir, parou e foi a vez do telefone do próprio Reacher começar a tocar. Era Bishop, a ligar do consulado. O chefe da base da CIA. Queria falar com Sinclair. Ela pô-lo em alta-voz e ele disse:

— O iraniano acabou de nos contactar. Sobre o candeeiro à janela. O mensageiro é uma mulher e, neste preciso momento, está fora da casa.

— Já estamos a tratar disso — respondeu Sinclair.

— Mas, nem por isso — acrescentou Reacher. — É uma tarefa inútil. Não vai funcionar. Os tipos do Griezman têm, no máximo, uma hora. Doze carros numa cidade grande. É muito aleatório. Proponho que avancemos de imediato para o plano B.

— Que é o quê? — perguntou Bishop.

— Façam os tipos do Griezman voltar para a casa segura, para cair em cima da mensageira quando ela regressar. Sem contemplações, mal tenham a certeza. Talvez ela nos diga onde é que foi. E talvez o Wiley tenha ficado por lá mais algum tempo. Foi o que ele fez, da última vez. Uns trinta minutos, segundo o Klopp. Se calhar, acha que é uma medida de segurança.

— Ela não nos vai dizer nada.

— Perguntamos-lhe com boas maneiras.

— Mas assim queimamos o iraniano.

— E não o conseguem sacar de lá?

— Hoje à noite?

— Já. Devem ter ensaiado isso.

— Eu teria de contactar o NSC e falar com o senhor Ratcliffe.

— Pode ter a certezinha de que teria. Teríamos todos — retorquiu Sinclair.

— Precisamos de uma decisão — afirmou Reacher.

E Sinclair respondeu:

— Não vamos ter nenhuma em trinta minutos. Mas ainda temos um carro junto à casa. Vamos saber quando ela chegar para passar lá a noite. O que nos dá várias horas.

— Isso é só metade do bolo. Não apanhamos o Wiley.

— Desta vez, não. Mas devem ter combinado outro encontro. Estamos a falar de uma negociação com várias etapas. Talvez ela nos diga onde e quando.

— O melhor é cair-lhe em cima já. Ela julga que já terminou o trabalho. Está a sair de um estado de euforia. Tem a adrenalina em baixo. Vai ficar mais corajosa de manhã.

— Vou ligar ao Ratcliffe — anunciou Bishop, desligando de seguida, com um ruído crepitante e longínquo.

A nova mensageira foi tocada na perna por um homem e no traseiro por outro, mas ignorou-os e continuou a abrir caminho pela multidão. Interrogou-se se achariam que era empregada do clube. Tinham-lhe explicado os comportamentos ocidentais. Conseguia ver Wiley mais à frente, a observá-la. Um olhar fixo, sincero e interessado. Talvez achasse também que ela era uma empregada. Aproximou-se e inclinou-se junto ao ouvido dele, para que Wiley pudesse ouvir mesmo com o barulho, dizendo, num inglês cuidadosamente treinado:

— Trago-lhe saudações dos seus amigos do oriente. O Aeroporto Regional de Sugar Land eleva-se vinte e cinco metros acima do nível do mar.

— Ora, ora, esta é mesmo a melhor de todas — soltou Wiley.

— É? — retorquiu ela, hesitantemente.

— Enviaram uma rapariga.

— Sim, senhor, enviaram.

— E falas inglês.

— Sim, senhor, falo.

E foi então que Wiley perguntou de repente:

— Porquê? Porque enviaram uma rapariga? É para dizer que não?

— Não, senhor, a mensagem não é essa.

— Então qual é?

— A mensagem é: aceitamos o seu preço.

— Repete lá isso.

— Aceitamos o seu preço.

— O quê, é tudo?

— O que lhe posso dizer, senhor, é que aceitamos o seu preço.

Wiley fechou os olhos. *Maior do que Rhode Island. Visível do espaço*. Os novos amigos suíços dele também ficariam encantados. Era o dobro daquilo que lhes tinha dito. Nunca tinha contado conseguir receber tudo. Sobrar-lhe-ia bastante. Uma fortuna gigantesca. Teria um portefólio. Tipos engravatados telefonar-lhe-iam.

Abriu os olhos.

E perguntou:

— Quando?

A mensageira respondeu:

— Julgo que já terá combinado uma data de entrega. Os seus amigos do oriente esperam que a cumpra.

— Não há problema — retorquiu Wiley. — Conforme foi combinado está ótimo.

— Nesse caso, é essa a resposta que levarei daqui.

— Diz-lhes que é um prazer fazer negócios com eles. E agradece-lhes pelo presente adicional. Gostei muito.

E ela respondeu, de novo com hesitação:

— Não trouxe nada comigo, senhor.

— Trouxeste-te a ti — afirmou Wiley. — O presente és tu. Certo? Quer dizer, pensa lá um bocadinho. Porque haviam de enviar uma rapariga para comunicar a boa notícia? És a cereja no topo do bolo. Como quando se recebe uma garrafa de uísque depois de se comprar um carro.

— Não estou a compreender.

— Gostas deste sítio?

No palco, estava uma mulher nua deitada num resguardo de plástico. Com três homens a urinarem-lhe para a cara.

— Parece ser muito popular — respondeu a mensageira.

— Podemos ir para um hotel.

Tinham-na treinado.

— Estamos a tratar de um negócio, senhor. Que só pode prosseguir quando eu voltar para o meu país sã e salva — disse ela.

— *Okay* — retorquiu Wiley. — Já percebi. Mas tens de me dar uma coisinha qualquer. Somos amigos. Estamos a comemorar. Estou a dar-vos uma coisa que nunca tiveram. Mais um botão.

— O quê?

— Da tua camisa. Aqui mesmo. Como um gesto de boa vontade. Para selar o negócio.

As lutas grandiosas exigem sacrifícios grandiosos. E o preço até era pequeno, pensou. A sala estava à escura. Não havia ninguém a ver. Estavam todos a olhar para o palco. Desapertou o terceiro botão. E abriu a camisa. Wiley espreitou e sorriu.

— Eu sabia que era capaz de te convencer a fazer isso — disse.

Ela afastou-se, pelo meio da multidão, ignorando as mãos que a apalpavam, subindo as escadas, passando pelo porteiro sentado no banco e saindo para a rua, onde deu vinte passos e fez sinal a um

táxi para parar. Instalou-se no banco de trás e disse, num alemão cuidadosamente treinado:

— Para o aeroporto, por favor. Partidas internacionais.

23

Noutro clube, a pouco mais de três quilómetros de distância, estavam dois homens a jantar. O clube era pequeno, mas tinha painéis de carvalho. As mesas eram exíguas, mas as toalhas eram de linho. Servia-se mais vinho do que cerveja. Costeletas de borrego faziam parte do menu. Um dos homens importava sapatos do Brasil. Era uma figura robusta, com cerca de quarenta e cinco anos. Era loiro, mas o cabelo estava a adquirir uns tons cinzentos, e tinha uma cara vermelha, a ficar também cinzenta. Chamava-se Dremmler. Trazia um fato, com uma lapela larga.

O outro homem era parecido com ele. Quarenta e tal anos, volumoso, um bocadinho mais vermelho e um bocadinho menos cinzento. Também estava de fato, uma marca de uma cadeia de lojas, mas que não era barata. Chamava-se Muller. Era polícia.

Dremmler disse:

— Um dos nossos membros é um homem chamado Helmut Klopp. Viu um árabe a conversar com um americano e relatou a coisa. Adivinha lá o que aconteceu.

— Provavelmente, nada — respondeu Muller.

— Vieram dois investigadores secretos da América. A correr. E o teu chefe dos detetives andou a lamber-lhes as botas.

— O Griezman?

— Portanto, evidentemente que o que o Klopp viu foi um encontro muito importante. Passaram horas a falar com ele. Diz que lhe mostraram duzentas fotografias, mas que não reconheceu nenhuma. Por isso, fizeram um retrato-robô a partir da descrição que ele lhes deu.

— Isso é uma carga de trabalhos.

— Exato — retorquiu Dremmler. — Logo, alguma coisa se passa. De grande importância para os americanos. Anda um deles a conversar com um árabe. E nós gostaríamos de saber do que se trata. Estará um a comprar e o outro a vender? Precisamos que vejas se o Griezman apontou alguma coisa.

— Porquê? — perguntou Muller. — Porquê ajudar o Griezman ou os americanos?

— Vamos estar a ajudar-nos a nós próprios — respondeu Dremmler. — Não percebes? Podemos meter-nos no meio disto. Vai haver dinheiro a passar num sentido e outra coisa qualquer a passar no outro. E podemos servir-nos tanto de uma coisa como da outra. Ou de ambas. E podemos servir-nos delas melhor do que eles poderiam. Bastaria uma parte para nos ajudar a marcar uma posição. Eles têm a causa deles e nós temos a nossa. Que vença o melhor.

— Estamos a planear algum assalto?

— Devíamos pelo menos pôr essa possibilidade.

— *Okay* — retorquiu Muller. — Vou ver o que consigo descobrir.

Um empregado com um casaco curto levantou-lhes os pratos.

— Mais uma coisa — disse Dremmler.

— Sim? — respondeu Muller.

— Quatro dos nossos membros mais jovens foram espancados à porta de um bar. Ficaram bastante maltratados. Afirmam que o agressor era um homem muito grande. Um americano, pró-ocupação. Estava com uma mulher de cabelos escuros.

— E?

— De acordo com o Helmut Klopp, eram esses os investigadores especiais que vieram da América. As descrições correspondem inteiramente.

— *Okay*.

— Não posso deixar passar incólume uma coisa dessas. O Klopp diz que o homem se chama Reacher e que a mulher se chama Neagley. Gostaria de os encontrar. Tenho a certeza de que o teu chefe dos detetives sabe onde estão hospedados. Preciso que vejas se ele apontou isso.

— *Okay* — repetiu Muller. — Vou ver o que consigo descobrir.

Às dez da noite, hora de Hamburgo, Ratcliffe aprovou o plano B. E, às onze, Reacher desistiu dele. A mensageira não tinha voltado para o apartamento. Nunca contara fazê-lo. Isso já era mais do que evidente. Griezman disse que ela podia ter apanhado qualquer um dos vinte ou mais voos internacionais durante essas últimas horas. Ou um voo nacional para Berlim, onde teria o mundo inteiro a um simples saltinho de distância. Ou ter ido de carro até Amesterdão. Ou ter apanhado um comboio até Paris. Ou ter ido para outra casa segura na cidade, o que, por si só, era todo um outro pesadelo.

Reacher e Sinclair estavam no quarto de Sinclair, já de duche tomado e vestidos há muito. Neagley regressara. Tinham-na posto ao corrente de toda aquela trapalhada horrível. As pistas ignoradas,

as suposições erradas, as ligações tardias. O que levou, inevitavelmente, a uma discussão sobre os passos seguintes. O que levou, por seu turno e também inevitavelmente, a uma discussão sobre a impressão digital. Sinclair afirmou:

— A Sexta Emenda dá direito ao Wiley a ser rapidamente julgado pelo homicídio. Coisa que não aconteceria, já que o iríamos amarrar durante vários anos com a outra coisa. E não podemos deixar que os alemães lhe ponham a mão em cima primeiro porque assim arriscamo-nos a nunca mais o recuperar.

— Podíamos negociar isso antecipadamente — retorquiu Neagley.

— Não nos podemos pôr numa posição que nos obrigue a pedir autorização aos alemães para tratarmos da nossa segurança nacional da maneira que queremos.

— Teríamos de abdicar de toda uma série de competências.

— Reacher? — perguntou Sinclair.

E ele respondeu:

— Acho que é cinquenta-cinquenta. Uma busca física por toda a cidade seria um desperdício de tempo. Mesmo que pudessem olhar para mil caras por dia. Seriam precisos quase cinco anos para abarcar a população inteira. Mas os registos deles seriam capazes de dar jeito. O Wiley veio cá ainda há quatro meses. Temos a certeza disso. Portanto, temos uma data de início concreta. E é óbvio que arrendou um sítio qualquer, já que matou a prostituta no apartamento dela e não num quarto de hotel. Por isso, tem um arrendamento algures. E, a seguir, um novo nome, provavelmente alemão, para condizer com o passaporte novo, provavelmente também alemão. E tem despesas com serviços públicos.

Provavelmente, um telefone. Não temos acesso a essas bases de dados. E aí é que o Griezman nos podia ajudar.

— Sim ou não?

— Não sou imparcial — disse Reacher. — Estou em dívida com o tipo.

— Ele não fez nada por você. Não encontrou o Wiley nem encontrou a mensageira.

— Mas tentou.

— E o que achou do senhor Bishop, do consulado?

— O chefe da base?

— O veterano da CIA.

— Não está mau, para um velhote.

— Como é evidente, os nossos ativos capazes de falar alemão foram treinados durante o sistema anterior. Para prestar serviços na Alemanha de Leste e não na parte oeste civilizada. Gostam de saber tudo sobre toda a gente. Dantes, para efeitos de recrutamento, e para efeitos de chantagem e para compreenderem melhor as histórias internas cá do sítio. Têm processos exaustivos. E nem todos se encontram nos armários oficiais.

— E?

— O chefe dos detetives Griezman foi cliente da prostituta morta há cerca de um ano. Quatro vezes. Temos a certeza disso. Gastou o dinheiro que tinha de parte para a faculdade dos filhos. Por isso mesmo, palpita-me que queira fechar o caso para que ninguém ande a meter o bedelho nem a coscuvilhar muito para trás. Palpita-me que a nobre procura de justiça dele afinal de contas não seja assim tão nobre.

Reacher ficou calado por uns instantes.

— *Okay* — acabou por dizer.

— Então, sim ou não?

— O Wiley continua a safar-se do homicídio.

— Não o podemos enforcar duas vezes.

Reacher ficou outra vez calado.

E depois disse:

— O Griezman foi estúpido.

— Deixou-se levar pela luxúria — retorquiu Sinclair. — Acontece.

— Foi estúpido por causa daquilo que você se vai aperceber daqui a uns cinco segundos. E só por ser melhor pessoa do que eu.

Sinclair não respondeu.

E, a seguir, disse:

— Oh.

Reacher assentiu.

— Podemos tornear por completo a questão da impressão digital. Não precisamos de fazer nenhuma troca. Podemos conseguir tudo o que queremos chantageando o tipo.

— Espero que sim — soltou Sinclair.

— Só que eu não quero fazer isso. Portanto, ainda não, *okay*? O Wiley é um soldado ausente sem autorização, na mesma cidade que eu. Já cá canta.

— E quanto tempo o Griezman lhe pouparia?

— Seja como for, seria só em último recurso. Não quero ficar atolado em bases de dados. Há outras maneiras. Também fui treinado durante o sistema anterior. Por isso, o problema do Griezman com a braguilha ainda não importa. Neste preciso momento, ele não pode fazer nada por nós.

— Está a dizer isso por estar em dívida com ele?

— Estou a dizê-lo por ser verdade.

— E quais são as outras maneiras?

— Ficarmos a conhecer o tipo. Encontrarmo-lo a partir de dentro.

Por essa altura, Neagley já tinha as transcrições do processo original relativo à ausência sem autorização e, por isso, ela e Reacher deixaram Sinclair no quarto e foram para o de Neagley lê-las. A cronologia concreta era bastante elementar. Wiley não regressara após uma autorização rotineira de noventa e seis horas. Tão simples quanto isso. Nunca mais tinha sido visto. Nunca informara os camaradas de onde iria durante a autorização. O mais provável seria Frankfurt, onde havia muitas e inventivas prostitutas, por causa das convenções. Wiley gostava de prostitutas? A resposta era: tanto como qualquer outro.

E depois havia as questões relacionadas com o pano de fundo, para formar uma imagem do tipo. Passatempos, interesses, paixões, coisas de que falava. Era do Texas e, às vezes, falava de gado bovino. Tinha orgulho na terra natal. Às vezes, ficava todo entusiasmado e dizia coisas de que se parecia arrepender mais tarde. Noutras ocasiões, mantinha-se calado. Uma vez, afirmou que se alistara apenas porque um tio lhe contara histórias do Davy Crockett. Gostava mais de cerveja do que de bebidas fortes e não fumava. Não era casado e nunca falara de uma companheira que tivesse ficado na América. Sentia-se extremamente contente por estar onde estava. Gostava daquela colocação e dava a entender que tinha apontado nesse sentido.

— Isso é esquisito — disse Neagley. — A maioria dos soldados ausentes sem autorização não costuma sentir-se extremamente contente por estar onde está. A questão é mesmo essa.

E Reacher retorquiu:

— E quem iria apontar para uma equipa responsável por uma bateria *Chaparral*, numa frente abandonada? O tipo continua a ser um soldado raso. E assim se manterá. De certeza que tinha noção disso.

— E o Davy Crockett fez sequer parte do exército?

— Deste exército, não. Fez parte da milícia do condado de Lawrence, no Tennessee. E, claro, a seguir esteve no Álamo. Que foi uma história heroica, sem dúvida, mas morrer sitiado e em completa inferioridade numérica não é propriamente a imagem de glória que queremos que os recrutas tragam.

— Devíamos ir à procura do tio. Se calhar, são chegados.

— Achas que o Wiley lhe anda a enviar postais?

— É capaz de lhe ter dito alguma coisa. Pelos vistos, descose-se e deita coisas cá para fora e depois arrepende-se. Se calhar, foi por isso que matou a prostituta. Já ouvi histórias dessas. Tipos a vangloriarem-se do que andam a fazer por se sentirem bem naquele preciso momento.

— *Okay* — respondeu Reacher. — Vai à procura do tio. E fala com os superiores dele, de há três anos. Primeiro, no treino operacional, e depois, em Fort Sill. Ele apontou mesmo para a Alemanha? No sentido em que fez verdadeira pontaria, como se fosse um alvo? Isso mudaria a minha opinião. Isso faria com que isto tudo parecesse planeado e não puramente oportunista.

— Três anos é muito tempo.

— Por cem milhões de dólares, vale a pena.

— Não temos nada que valha cem milhões de dólares.

— Faz os telefonemas — insistiu Reacher. — Eu volto daqui a bocado.

— Onde vais?

— Dar uma volta.

— Reparei que a doutora Sinclair parecia mais descontraída hoje à noite.

— Ai sim?

— Até resplandecia.

— Se calhar, faz ioga.

— Ou respira fundo.

Reacher não respondeu.

O homem chamado Muller entrou na esquadra central. Que era onde trabalhava. Era o número dois da divisão de trânsito. Não era o ideal para aceder ao gabinete de Griezman, mas o sítio era bastante tranquilo à noite. No piso de Griezman, havia gabinetes espaçosos, com postos de secretaria à entrada. Tudo deserto. No fundo, os chefes não passavam de mangas de alpaca. Escreviam coisas e as secretárias arquivavam-nas, primeiro, à hora de almoço, e depois logo de manhãzinha, ao início do dia seguinte.

A caixa de entrada da secretária de Griezman estava a abarrotar.

Muller não era um homem corajoso, mas era um fiel companheiro de armas. Fez um acordo consigo mesmo. Leria o que se encontrava na caixa de entrada, mas não revistaria a secretária do próprio Griezman. Um meio-termo sensato. Achou que, no seio do movimento, todas as pessoas razoáveis concordariam com ele. As informações eram importantes, mas também o era manter o emprego de um tipo ao mais alto nível. Ou próximo disso.

Segurou a pilha de papéis entre as palmas das mãos e levou-a pelo corredor, utilizando depois a saída de emergência e descendo

as escadas de incêndio até ao piso dele, atravessando o respetivo corredor e entrando no gabinete que lhe cabia.

Neagley ligou para McLean, na Virgínia, para falar com Landry e questioná-lo sobre a família de Wiley. Sobre os tios, especificamente. Possivelmente, sobre um em particular, que talvez vivesse perto e tivesse exercido influência enquanto o miúdo crescia.

— O Wiley não tem tios — respondeu Landry.

— Tens a certeza?

— Os pais eram filhos únicos.

— Tios-avós?

— Vou investigar.

— E qual era o estado do casamento dos pais?

— O pai foi-se embora cedo e nunca mais foi visto. Foi a mulher que educou o Wiley, como mãe solteira. Não havia irmãos nem irmãs. Eram só os dois.

— E a mãe arranjou algum namorado depois? Se calhar, podiam chamar-lhe tio à frente do puto.

— Até pode ter tido uma série deles. Pode ter havido imensos tios.

— Podes verificar?

— Teríamos de localizar a mãe e enviar uns agentes para a visitar. Esse género de coisa tem de ser feito cara a cara. Demora tempo. Os antigos namorados não aparecem nas bases de dados. E alguns não são recordações felizes.

— É capaz de valer a pena. Se aquilo dos tios-avós não der em nada.

— Pode demorar vários dias. Vocês quase apanharam o tipo.

— Continua aqui na cidade.

Neagley desligou o telefone e foi à procura, no processo relativo à ausência sem autorização, do camarada que tinha referido o tio. Ligou para os PM de Frankfurt e disse-lhes para o irem buscar, para obter mais e melhores pormenores. A seguir, pegou na ficha militar de Wiley e consultou os nomes dos superiores responsáveis pelos relatórios iniciais de aptidão. Em Fort Benning e, mais tarde, em Fort Sill. Ligou para um amigo que tinha no Comando do Pessoal. O tipo de Benning tinha-se transferido para Bragg. O de Sill continuava em Oklahoma, passados três anos. Apontou os números e começou a telefonar.

Muller foi passando em revista os vários papéis. Griezman possuía uma produção prodigiosa. A maior parte correspondia a tretas para proteger o couro. Insignificâncias vindas de baixo e empurradas para cima. Uma prática comum. Toda a gente o fazia. Não havia ninguém que quisesse que a responsabilidade lhe recaísse sobre os ombros. Não havia ninguém que se quisesse ver num inquérito oficial, a dizer: «Sim, fui eu que considerei que não valia a pena comunicar isso. Portanto, a culpa foi toda minha.»

Havia relatórios rotineiros a propósito de toda a espécie de casos. Todos sem nenhuma importância. Até surgirem cinco páginas agrafadas relacionadas com Helmut Klopp. Um depoimento. Fotografias. Problemas com a tradutora. Desconhecimento do que tinha sido dito no bar. A conversa em si não fora ouvida. Os investigadores americanos apareciam com os nomes de Reacher e Neagley. Mas mais nada. Não havia indicação de onde estavam

hospedados. Muller achou que talvez no consulado. Ou talvez não. Eram do exército dos Estados Unidos e não da CIA. Um hotel? Não se referia nada.

Prosseguiu. Tranquilo, desde que a luz permanecesse baixa e a porta, fechada. Era possível que uma visita inesperada batesse à porta. Ou que, pelo menos, o chamasse. Não é que fosse aparecer uma visita inesperada. Era tarde e o sossego reinava no edifício. Muller acabou por deparar com um relatório preliminar acerca de uma operação de vigilância. Recente. Aliás, daquela noite. Tinha largado a pilha do avesso, em cima da secretária. Estava a lê-la por ordem cronológica. A vigilância revelara-se infrutífera. E esse resultado negativo fora comunicado a Reacher para o quarto de hotel deste. O que significava que a polícia de Hamburgo tinha levado a cabo uma operação para as forças armadas americanas.

Interessante.

O nome do hotel de Reacher não vinha indicado, mas ficara registado o número geral para o qual Griezman ligara. A divisão de trânsito tinha acesso a uma típica lista telefónica invertida e, por isso, Muller ligou o computador e pesquisou o número.

E soube o nome do hotel.

Conhecia o sítio muito bem. Um estabelecimento elegante, numa rua secundária, inserido num bairro bom, mas não topo de gama. Às vezes, o gerente telefonava a queixar-se de estar gente estacionada mesmo à frente da porta. Já que isso lhes estragava a imagem. Tinham um tipo com uma cartola. Onde havia ele de ficar? O próprio Muller já lá fora duas vezes. Não havia nada que pudesse fazer. Só com dois anos de diligências jurídicas para modificar o passeio. Coisa que os advogados do município nunca permitiriam. E se todos os pequenos hotéis começassem a querer o mesmo tratamento?

Seria o caos. Já era suficientemente mau com as grandes empresas.

Muller pegou no telefone que tinha em cima da secretária e ligou para casa de Dremmler.

24

Reacher contornou o tipo da cartola e começou a andar. Era meia-noite, hora local. As ruas estavam iluminadas pelas lâmpadas dos candeeiros, pela luz suave das fachadas das lojas banhadas por um fraco brilho noturno e pelo tremeluzir azul dos programas tardios nos televisores do outro lado de janelas de apartamentos sem cortinas. Reacher descreveu um oito, ao longo de dois quarteirões aleatórios, e não viu ninguém atrás dele. Ou à frente. Ou nas sombras. Era só uma precaução costumeira. Um hábito. Tinha trinta e cinco anos e continuava vivo. Alguma coisa quereria dizer.

Deu com a rua que tinha o bar. Onde Klopp tinha visto Wiley pela primeira vez. Onde Billy Bob e Jimmy Lee tinham vendido as *Berettas* de refugo. Onde havia identificações alemãs à venda. Parou a quarenta metros do sítio e pôs-se a mirá-lo de esguelha. O rés do chão do edifício de pedra, a porta central, a fachada de tábuas de madeira, envernizadas e reluzentes. As janelas pequenas, com as cortinas de renda e as bandeirinhas de papel. Lá dentro, as luzes estavam acesas. À noite, tinham um aspeto caloroso e acolhedor.

Reacher atravessou a rua e entrou pela porta. O bar estava cheio de fumo e barulho. Já era tarde, mas talvez ainda houvesse

umas sessenta pessoas lá dentro, quase todos homens, em grupos íntimos e muito juntinhos de três ou quatro. Alguns estavam sentados às mesas e outros, em pé, apertados e de costas coladas com outros cachos de gente. Havia bancos almofadados por baixo das janelas. Estavam todos ocupados, como os lugares no metro, à hora de ponta. Reacher avançou devagar pelo meio da multidão, calma mas firmemente, como um cavalo da polícia num motim. A maioria das pessoas saiu da frente dele relativamente depressa. Pareciam homens de negócios ou funcionários administrativos. Uns já com uma certa antiguidade, outros com ar de quem vivia bem. Reacher não viu Wiley. Também não contava com isso. Era sortudo, mas não era assim tão sortudo. Pressentiu que havia gente a observá-lo pelas costas. Uma reação atrasada. *Não nos avisaram de um homem assim?*

Conseguiu chegar ao balcão depois de fazer um desvio, arranjou um espacinho e ficou à espera de que o servissem. Os *barmen* eram os dois homens. E tinham os dois pesados aventais de lona atados à cintura. Um olhou de relance para ele. Reacher pediu-lhe um café simples. O tipo pôs uma máquina de café expresso a trabalhar e voltou para trás para receber o dinheiro. Reacher não lhe perguntou nada. A vida não era como nas séries de televisão. Os *barmen* nunca se descosiam. Porque haviam de o fazer? Quem vinha primeiro, as sessenta pessoas com quem tinham de viver durante todas as noites da vida ou o tipo isolado que nunca tinham visto?

Limitou-se a levar o café para o meio da multidão, sentando-se no lugar vago numa mesa para quatro já com três tipos. Estes olharam para ele como se tivesse cometido uma gafe embaraçosa e, a seguir, desviaram o olhar, com uma série de tossidelas e de

arranques em falso a sinalizar que estavam a mudar de assunto. E a fazer comentários. Reacher ouviu a palavra *Arschloch*, que sabia, devido a já muitas discussões tidas no país, querer dizer *parvalhão*. Mas não reagiu. Preferiu sorver o café até à última gota e dirigir-se para o telefone público que se encontrava na parede em frente. Enfiou uma moeda na ranhura e marcou o número de Orozco.

— Estamos metidos em sarilhos? — perguntou Orozco.

E Reacher respondeu:

— Não, estamos finos. Se eu apanhar o tipo.

— Julgava que já o tinhas praticamente na mão.

— Fiz asneira. Não contava com uma mensageira. Estamos sempre a aprender.

— Então e agora?

— O Billy Bob e o Jimmy Lee contaram-te quem lhes vendeu as identificações?

— Recusam-se a fazê-lo. Estão assustados. Aquilo é uma espécie de cena da máfia, em grande. Mas não tem que ver com Itália. Tem que ver com alemães nostálgicos. E esses têm membros, subdivisões, regras e cenas de toda a espécie. O Billy Bob e o Jimmy Lee têm mais medo deles do que de mim.

— E é no bar que esses gajos se encontram?

— É o quartel-general não oficial deles.

— E o que são eles ao certo?

— A maior fação de extrema-direita. Até agora, tem sido só paleio, mas isso não pode durar para sempre.

— *Okay*, diz ao Billy Bob e ao Jimmy Lee que não queremos saber a quem compraram as identificações. Diz-lhes que não lhes vamos voltar a perguntar isso e que, em troca, nos vão responder a uma questão simples. Quiseram dar a ideia de terem sido eles a

escolher os novos nomes sozinhos. Um disse que foi porque tinha gostado do som. Pergunta-lhes se isso é verdade. Podiam mesmo ficar com qualquer nome que quisessem?

— *Okay* — retorquiu Orozco. — Eu pergunto-lhes. Mais alguma coisa?

— Para já, não.

— Estamos metidos em sarilhos?

— Não te preocupes. Estamos na boa.

— Se apanhares o tipo.

— Não pode ser assim tão difícil, pois não?

Reacher desligou o telefone e virou-se de frente para o bar. Por essa altura, já tinha uma data de gente a olhar para ele. As notícias tinham-se espalhado. Havia um amontoado de pessoas junto à porta da rua e outro junto à porta das traseiras. E tanto um como o outro grupo estavam a observá-lo. À espera dele. O que queria dizer que a luta seria lá fora. Ele sairia do bar e eles segui-lo-iam. Se houvesse luta. O que não era seguro. Era quase tudo gente acima da média. Acima da média quanto a idade, acima da média quanto a peso. Ataques cardíacos simplesmente à espera de acontecer. A coragem de praticamente todos limitar-se-ia à prudência. E as exceções não eram verdadeiramente preocupantes. Eram mais novos e estavam um bocadinho em melhor forma do que os outros, mas não deixavam de ser mangas de alpaca. Nada que justificasse inquietação. Reacher era um bom lutador de rua. Sobretudo, por gostar disso.

Afastou-se da parede e abriu caminho pela multidão, de peito aberto, avançando tão direito e devagar como numa marcha fúnebre. Ninguém lhe impediu a passagem. Chegou à porta da rua. À frente dele, encontrava-se um grupo compacto de seis homens.

Na casa dos trinta, provavelmente, e nenhum deles esguio. Mas mangas de alpaca à mesma. Tinham os fatos coçados no rabo e nos cotovelos. Percebeu-lhes a linguagem corporal. Estavam a preparar-se para o deixar passar e, a seguir, dariam meia-volta rapidamente e espalhar-se-iam nas costas dele, nos seixos húmidos e reluzentes da calçada.

— Falam inglês? — perguntou Reacher.

— Sim — respondeu um dos homens.

— E já alguma vez pensaram porquê? Porque falam a minha língua e eu não falo a vossa?

— O quê?

— Não interessa. Quais são as vossas ordens?

— Ordens?

— Se eu quisesse um papagaio, ia a uma loja de animais. Alguém acabou de os mandar fazer alguma coisa. Digam-me o que foi.

— Não.

— Então vou ter de ponderar um grande número de possibilidades teóricas. Entre elas, quererem andar à pancada lá fora. Se calhar, isso não é minimamente verdade. Se calhar, equivoquei-me completamente em relação a vocês. Mas vou ter de pecar por excesso de cautela. Entendem isso, certo? É a minha única decisão sensata possível. Por isso, não me sigam lá para fora. Se calhar, só querem apanhar um bocado de ar. Mas pecar por excesso de cautela implica que vou ter de interpretar isso como um ato hostil. E a doutrina da NATO atualmente em vigor exige uma reação imediata com força avassaladora. Eu sei que têm um estado-providência, mas um hospital continua a ser um hospital,

independentemente de quem paga a conta. Não tem piada nenhuma. Por isso, aconselho-os a ficarem quietinhos.

— Estás com medo de nós.

— Infelizmente, não, só estou a tentar ser justo. Não há razão nenhuma para se magoarem. Se algum dos vossos chefes tem um problema comigo, que venha cá sozinho. E eu dou uma volta ao quarteirão com ele. Trocamos opiniões. E assim, toda a gente sai a ganhar.

Nenhuma resposta.

Reacher abriu caminho por entre o primeiro homem e o segundo e puxou a porta. Desviou-se quando ela se abriu, deu dois passos rápidos em direção ao passeio e virou-se.

Ninguém foi atrás dele.

Ficou à espera um minuto inteiro na valeta, mas não saiu ninguém. Levantou a gola para se proteger da neblina noturna e começou a dirigir-se para o hotel. Viu desde a esquina que o tipo da cartola já lá não estava. O turno da tarde acabara e começara o da noite. Abrandou o ritmo e sondou o que tinha pela frente. Um hábito.

Estava um homem à entrada de um edifício, do outro lado da rua. Mal se via. Estava iluminado de lado, em suaves tons verdes, pelo letreiro de uma farmácia dois prédios à frente. Trazia uma parca escura e um chapeuzinho bávaro. Provavelmente, com uma pena na fita. Estava a observar o hotel. Sem dúvida alguma. Estava de cara voltada para lá, enfiado no canto da entrada. Branco e um bocadinho corpulento. Talvez com um metro e oitenta e uns cem quilos. Difícil de perceber a idade.

Reacher continuou a andar. Se calhar, fazia parte de uma equipa de proteção diplomática. Cortesia do governo alemão. Se calhar, tinham descoberto que Sinclair estava ali na cidade. Ou, se calhar,

Bishop tinha enviado um tipo. Do consulado. Um terceiro subadjunto para os assuntos culturais, com soqueiras no bolso. Treinado durante o sistema anterior.

Reacher prosseguiu a caminhada, sem olhar para nada em particular, mirando-o pelo canto do olho. Mas foi então que um carro virou, vindo do cruzamento mais adiante, com uns faróis fortes a incidirem sobre ele, a alta velocidade e estonteantes, um veículo grande a tamborilar nos seixos.

O carro parou ao lado dele. Um *Mercedes*. Um *Mercedes* da polícia. Griezman. Que desceu o vidro da janela do passageiro e disse:

— Entre. Estive a ligar-lhe. Julguei que estivesse a dormir, com o telefone desligado. Vinha acordá-lo.

— Porquê? — perguntou Reacher.

— Vimos o Wiley.

Reacher levantou a cabeça.

O homem da entrada tinha desaparecido.

— Entre — repetiu Griezman.

E foi o que Reacher fez.

25

Griezman arrancou depressa, com a parte de trás do banco dele a ceder e a gemer perante a súbita aceleração. Disse que um dos polícias que estava num dos carros não identificados estacionados algumas horas antes junto ao bar era um tipo do turno da noite, que tinha sido chamado mais cedo para fazer horas extraordinárias e que, por isso mesmo, ainda se encontrava de serviço, ainda a fazer o turno habitual. Ainda com o retrato-robô de Wiley no banco ao lado dele. Tinha andado a percorrer a orla ocidental de St. Pauli e tinha visto um tipo que jurava ser igual ao retrato. Com um saco de papel com o formato de uma garrafa, de uma loja de vinhos aberta a noite inteira. A caminhar para sul, em direção à água.

— Quando? — perguntou Reacher.

— Há vinte minutos.

— E ele tem mesmo a certeza?

— Acredito nele. É um bom polícia.

Havia pouco trânsito, mas o piso estava escorregadio e a maior parte dos outros condutores estava a voltar para casa vinda dos bares, por isso Griezman não foi tão depressa como poderia ter ido. Ainda assim, chegaram ao destino em dez minutos. Pararam no meio de edifícios altos, a vinte metros de um cruzamento. Griezman

afirmou que o eventual Wiley tinha sido visto a atravessar a rua, mais à frente, da direita para a esquerda do polícia. Naquele momento, tinham passado ao todo trinta minutos. Nessa direção, havia novos prédios de apartamentos enormes. Uma urbanização residencial novinha em folha. Gigantesca. Em terreno reaproveitado, depois de as docas se terem transferido para junto do rio, à procura de mais espaço. Havia milhares e milhares de moradas diferentes.

— Apartamentos para arrendar, certo? — soltou Reacher.

— Acha que ele vive ali? — retorquiu Griezman.

— Trazia uma garrafa de vinho. É possível que a estivesse a levar para uma festa, mas o mais provável é que fosse para casa. Tendo em conta a hora tardia.

Reacher olhou para o lado contrário, ou seja, para a direita. E disse:

— Aposto que sei o que ele comprou. Vamos lá descobrir a loja.

A loja era um espaço limpo e bem iluminado, com o que parecia ser uma ótima seleção de vinhos, tintos, brancos, rosé e espumosos, incluindo uma prateleira com produtos de menor custo, para gente que não vivia em urbanizações residenciais novinhas em folha. O funcionário era um velhote afável, de sessenta e tal anos. Reacher tirou a cópia do retrato-robô de Wiley que trazia no bolso e o velhote confirmou-o de imediato. O homem do retrato tinha estado há uns quarenta minutos na loja. Comprara uma garrafa de champanhe gelado.

— Está a comemorar — afirmou Reacher.

— Com cartão de crédito? — perguntou Griezman.

— Pagou em dinheiro vivo — respondeu o funcionário.

Reacher olhou para uma bolha de plástico no teto, por cima da cabeça do funcionário. E perguntou:

— Aquilo é uma câmara de segurança?

O funcionário respondeu que era e que estava ligada a um gravador VHS que se encontrava na sala dos fundos. Griezman sabia mexer naquilo. Mostrava uma imagem razoável a preto-e-branco, num ângulo descendente, por trás do ombro do funcionário. Com uma grande abertura. A instalação servia um propósito duplo. Os clientes eram claramente visíveis, mas o mesmo se aplicava à caixa registadora. Para o caso de o funcionário andar a surripiar dinheiro.

Griezman rebobinou a fita quarenta minutos e Wiley apareceu no momento certo. Não havia dúvidas. O cabelo, a testa, as maçãs do rosto. Os olhos encovados. Parecia ser exatamente de estatura média, mas descarnado, de uma forma dura. Movia-se com energia e determinação. E confiança. Pavoneando-se, quase. Fisicamente, tinha um aspeto atlético. Não de um modo flexível, como um miúdo, mas em boa forma e maduro. Tinha trinta e cinco anos, como o próprio Reacher. Bem crescidinho.

No vídeo, Wiley aproximou-se de uma câmara frigorífica, abriu a porta de vidro e tirou uma garrafa escura, com gargalo fino.

— *Dom Pérignon* — disse Griezman. — Não é lá muito barato.

Wiley levou a garrafa para a caixa e tirou do bolso algumas notas amarrotadas. Contou-as e o funcionário deu-lhe o troco em moedas. A seguir, o funcionário meteu a garrafa num saco com o formato de uma garrafa e Wiley foi-se embora com ela. Trinta e sete segundos, do início ao fim.

Viram outra vez a fita.

E aconteceram as mesmas coisas.

— Agora, mostre-me o bairro — atirou Reacher.

Voltaram para o carro e Griezman foi para sul, a tamborilar lentamente nas pedras arredondadas, seguindo o que devia ter sido o percurso anterior de Wiley, passando pelo ponto onde o polícia o tinha visto, por entre armazéns de tijolo revelando as marcas do tempo, até acabarem por chegar a uma recentíssima rotunda, na qual se podia ir para a esquerda, para a direita ou em frente, em direção aos ramais da nova urbanização.

Griezman parou o carro. O motor ficou a roncar em ponto-morto, com o limpa-para-brisas a deslocar-se de um lado para o outro mais ou menos a cada minuto. Reacher olhou em frente. Conseguia ver umas cem mil janelas. A maior parte estava às escuras, mas havia algumas iluminadas.

— Estes sítios são caros? — perguntou.

— Toda a cidade de Hamburgo é cara — respondeu Griezman.

— Estou aqui a pensar como é que o Wiley paga a renda.

— Não paga. Não há aqui registo de ninguém chamado Wiley. Já verificámos.

— Achamos que ele está a usar um nome alemão.

— Isso já seria diferente.

— Possivelmente, escolhido por ele.

— Esse homem ofende-o?

— Anda a trair o país dele. Que também é o meu.

— Ama o seu país, senhor Reacher?

— Major Reacher.

— Talvez isso já responda a minha pergunta.

— Prefiro chamar-lhe antes um respeito saudável, mas cético.

— Não é lá muito patriótico.

— É completamente patriótico. O meu país, certo ou errado. O que não quer dizer nada, a não ser que admitamos que, às vezes, o nosso país está errado. Amar um país que estivesse sempre certo seria senso comum e não patriotismo.

— Tenho pena de que o seu país esteja a ter estes problemas — disse Griezman.

— E você ama o seu país? — retorquiu Reacher.

— É muito cedo para perceber. Ainda foi só há cinquenta anos. Mudámos mais do que qualquer outro país já mudou. Acho que nos estávamos a safar bem. Mas as pessoas do leste atrasaram-nos. Economicamente, claro. E politicamente. Andamos a ver coisas que nunca tínhamos visto.

— Como o bar de onde o Helmut Klopp vos ligou.

— Temos de esperar pelo momento certo. Não os podemos prender por crimes pensados. Precisamos de crimes concretos.

— Estava um tipo a vigiar o meu hotel. Foi-se embora quando você apareceu — afirmou Reacher.

— Não era um dos meus — respondeu Griezman.

— Federal?

— Não havia razão. Ainda não comuniquei a visita da doutora Sinclair. Para já. Ninguém sabe que ela aqui está. Fez o *check-in* com outro nome.

Reacher ficou calado.

— Verificou-me a impressão digital? — perguntou Griezman.

— Verifiquei, sim — respondeu Reacher.

— E?

— Já pode considerá-lo um caso arquivado. Nunca vai ser resolvido.

— E que quer isso dizer?

— Quer dizer que eu sei quem foi e não vou contar a ninguém.

— Mas eu ajudei-o.

— Eu sei que sim. E agradeço-lhe.

— E não recebo nada em troca?

— Ela era uma prostituta muito cara. Logo, a lista de clientes dela tinha interesse. Mas também não vou contar isso a ninguém.

Griezman não disse nada por um instante.

E depois perguntou:

— A CIA? Eu tinha interesse?

Reacher assentiu.

— Para a parte que foi treinada durante o sistema anterior.

— Você vai chantagear-me.

— Não é o meu estilo. Já lhe disse que não vou contar a ninguém. Não há compromissos nenhuns. Depende exclusivamente de si saber se me quer continuar a ajudar. Se o fizer, vou partir do princípio de que se trata de dois simples detetives a darem-se bem e nada mais do que isso.

Griezman ficou outra vez calado.

— Quero pedir-lhe desculpa — disse. — Não sou o homem que julgava que eu fosse.

— Isso não me importa — retorquiu Reacher.

— Não sei porque fiz aquilo.

— Não sou seu psiquiatra.

— Mas gostava de saber porquê.

— Ela era gira?

— Incrível.

— Ora aí está.

— Acha que é assim tão simples?

— Sou polícia militar.

— Se puder, ajudo-o — afirmou Griezman.

— Obrigado.

— Do que precisa?

— Podia dizer ao seu tipo do turno da noite para passar o resto do turno aqui mesmo. Vem tudo afunilar aqui. O Wiley pode voltar a passar cá. E se assim for, prendam-no depois de lhe pedirem a identificação por ser estrangeiro. E mantenham-no no carro até eu chegar.

— Há muitas outras maneiras de sair deste complexo. Há ciclovias e pontes pedonais, na parte de trás. E uma ponte grande que vai dar à paragem de autocarro na estrada principal.

— Pode ser que nos saia a sorte grande. Pode ser que ele queira mais champanhe.

— Diga-me uma coisa sobre o homem cuja identidade está a esconder. Vai ser castigado?

— Sim — respondeu Reacher. — Vai.

— Isso é bom.

— Gostava dela, não era?

— Levo-o de volta ao hotel — retorquiu Griezman.

Wiley deixou ficar o champanhe mais trinta minutos no frigorífico. Depois, arrancou o invólucro de alumínio e tirou-lhe a rolha com cuidado, utilizando os polegares, lenta e delicadamente, até se ouvir um ligeiro e educado estalido e a rolha cair ao chão.

Serviu-se de um copo, que também tinha passado trinta minutos no frigorífico, e levou-o para a mesa, onde o mapa da Argentina se encontrava aberto. Os contornos do rancho estavam marcados com a gordura da ponta dos dedos. Agora, era verdadeiramente o seu

rancho. Ou não tardaria nada, assim que o dinheiro chegasse a Zurique para depois sair logo de lá. Ou, mais concretamente, assim que uma parte saísse logo de lá. Tudo, não. Tinha gostado da rapariga que enviaram com a mensagem. *O que lhe posso dizer, senhor, é que aceitamos o seu preço*. Era educada. Assim para o deferente. Como quando desapertara o terceiro botão. Na Argentina, haveria raparigas assim. Morenas, como ela. Tímidas, mas sem escolha.

Levantou-se e encheu outra vez o copo. Ergueu-o bem alto, como se estivesse a brindar com uma multidão de milhares a aclamá-lo. Horace Wiley, de Sugar Land, no Texas. Rei do mundo.

Reacher pôs-se à escuta à porta do quarto de Sinclair e ouviu gente a falar, por isso, bateu e ela disse:

— Entre.

Neagley estava lá, e também Bishop, do consulado. O chefe da base. Sinclair estava sentada na cama, com Bishop e Neagley instalados nas poltronas de veludo verde. Neagley tinha uns apontamentos escritos à mão no colo.

— Progressos? — perguntou Reacher.

— E tu?

— Acho que ele vive num complexo de apartamentos perto do cais. Um dos tipos do Griezman reparou nele. Tinha ido comprar champanhe.

— Para comemorar — disse Bishop.

Reacher assentiu.

— Devemos partir do princípio de que a negociação chegou ao fim. Devemos partir do princípio de que acertaram o preço. A

engrenagem está em movimento.

— E o complexo de apartamentos é muito grande?

— Enorme.

— E há documentação?

— Nada no nome do Wiley.

— E ele está lá agora?

— Quase de certeza.

— Devíamos isolar esse sítio.

— Está um carro não identificado junto à saída principal. É o melhor que o Griezman consegue. Hoje até já andou a pagar horas extraordinárias.

Neagley afirmou:

— Ao que parece, o Wiley não tem tios. Mandámos chamar a testemunha que se referiu a um para lhe fazermos mais perguntas. E o Landry está a investigar eventuais tios-avós e eventuais namorados da mãe. Os segundos são capazes de demorar algum tempo.

— *Okay* — retorquiu Reacher.

— E eu falei com os superiores dele em Benning e em Sill. O tipo de Benning não se lembra nada dele. Mas o tipo de Sill, sim. Disse que era evidente que o Wiley queria fazer a comissão de serviço na Alemanha. Estava obcecado com isso. Apontou nesse sentido. As especializações que foi escolhendo limitaram-lhe progressivamente as opções.

— E esse tipo lembra-se disso tudo, passados três anos?

— Porque, na altura, tiveram uma grande conversa. O superior realçou as implicações da retirada de pessoal militar. Um beco sem saída, um buraco negro, isto e mais aquilo, sempre na mesma linha.

Mas o Wiley disse que queria ir à mesma. Queria cumprir serviço na Alemanha.

— Portanto, a coisa já vinha de longe — soltou Sinclair, desde a cama. — E agora andamos a tentar descobrir do que se trata.

— Estava um tipo a vigiar o hotel. Há uma hora. Sumiu-se quando o Griezman apareceu — afirmou Reacher.

— Não era dos meus — retorquiu Bishop.

Muller ligou outra vez para casa de Dremmler, acordando-o. Era muito tarde. Ou muito cedo, consoante a direção para onde a pessoa estivesse virada. Dremmler reorganizou as ideias e Muller explicou:

— O Reacher voltou para o hotel pouco antes da uma da manhã. Mas o Griezman apareceu e apanhou-o antes de ele entrar. Eu saí dali superdepressa, não fosse o Griezman reconhecer-me.

— E que queria o Griezman?

— Um dos carros da minha divisão ouviu a coisa pelo rádio. O americano de que andam à procura foi visto em St. Pauli. Chama-se Wiley. Os homens do Griezman andam com o retrato-robô dado pelo Klopp nos carros.

— E mais algum detalhe?

— Um dos meus homens acabou de ir verificar um carro que estava parado numa zona de estacionamento proibido, perto da água. Perto de uns apartamentos novos que há por lá. Era um dos detetives do Griezman, numa viatura não identificada, à coca do Wiley. O meu homem perguntou porquê e conversaram durante um minuto. A típica coscuvilhice entre polícias. O homem do Griezman não sabia os pormenores, mas disse que era óbvio que se tratava

de uma coisa bastante importante. Recebeu as ordens com alerta vermelho.

— E que quer isso dizer?

— Dantes, queria dizer crime organizado, mas agora quer dizer terrorismo. O tipo não tinha a certeza se era um alerta novo ou antigo. Neste momento, reina uma certa confusão. Mas acho que era um alerta novo porque também andaram a vigiar um apartamento perto do hotel do Reacher. Umas horas antes. Parece que era para ter saído de lá um saudita. Mas não chegou a acontecer. Fui consultar os registos municipais e, nesse prédio, há um apartamento com três sauditas e um iraniano. Todos tipos novos. Acho que isto é uma cena qualquer do Médio Oriente.

— E o Wiley também aparece nos registos municipais?

— Nem sombra dele.

— O Klopp diz que já o viu mais do que uma vez no bar. Se calhar, há lá alguém que o conhece.

— Se calhar — retorquiu Muller.

— Precisamos que nos arranjes uma cópia do retrato-robô que o Klopp deu à polícia — afirmou Dremmler.

Neagley foi-se embora e a seguir foi a vez de Bishop. Reacher sentou-se numa das poltronas. Sinclair deixou-se ficar sentada na cama. E disse:

— O Waterman e o White chegam amanhã de manhã. Mais o Landry e o Vanderbilt. Transferi a operação inteira para cá. É aqui que se passa toda a ação. Trabalhamos a partir do consulado.

— *Okay* — retorquiu Reacher.

— Estás a pensar em quê?

— Neste preciso momento?

— Sim.

— Profissional ou pessoalmente?

— Consegues pensar nas duas ao mesmo tempo?

— A maior parte das vezes.

— *Okay*, primeiro a parte profissional.

— No cabelo do Wiley.

— O que tem?

— É uma forma de entrada. Possivelmente. Ele não o cortou. Deixou-o crescer.

— Se calhar, ficou preocupado que um barbeiro se pudesse lembrar dele.

— Mas podia ter feito isso ele. Rapava-o dos lados todos os dias. Podia tê-lo rapado todo e recomeçado do zero. Mas não foi isso que fez.

— E porquê?

— Acho que há uma certa vaidade nele. Uma espécie de exibicionismo. Ele gosta do Davy Crockett. Se calhar, está a deixar crescer o cabelo para poder comprar um casaco de camurça com franjas e ser o rei do faroeste. A maneira como se mexeu no vídeo foi interessante. É um tipo pequeno, mas pavoneia-se. Tem a cena bem estudada. E comprou champanhe caro. Acho que aprecia atos grandiloquentes. O que, aliado aos cem milhões de dólares, não me faz sentir nada bem. Faz-me sentir que vem aí qualquer coisa enorme.

Sinclair ficou calada durante um momento.

E foi então que perguntou:

— E em relação à vida pessoal?

Reacher sorriu.

— Entraste de rompante nela — respondeu.

— E então?

— A resposta é precisamente a mesma — disse ele. — Sinto que vem aí qualquer coisa enorme.

— Estou a contar com isso — retorquiu ela.

26

Ao acordarem, Reacher voltou para o quarto dele, tomou duche e vestiu-se novamente. Desceu as escadas para comer o pequeno-almoço, sozinho. Os quatro tipos vindos de Landry já lá estavam na sala, depois do voo noturno. Waterman, White, Landry e Vanderbilt. Neagley estava com eles. Os homens tinham um ar cansado. Ela, não. Landry explicou que tinha conseguido chegar aos tios-avós. Mas as novidades não eram boas. A maioria já morrera há muito e nenhum tinha vivido perto do miúdo enquanto este crescia. Não havia provas de contactos. Nem sequer circunstanciais. Não era gente necessariamente dada a visitas. Dois tinham estado na prisão. Era pouco provável que algum tivesse exercido grande influência.

Mas Waterman trazia melhores notícias. Informou que tinham localizado a mãe de Wiley, que acedera a prestar declarações a propósito dos antigos namorados. Estava a viver em Nova Orleães, às custas da Segurança Social. A delegação local tinha sido avisada. Iriam ser enviados agentes. Estavam a contar com resultados iniciais dali a sete ou oito horas. Por causa dos fusos horários.

White não parecia lá muito contente por estar ali. O tipo da CIA. Dava a ideia de ter o cabelo ainda mais comprido. Estava com um ar mais magro. Cheio de tiques e a contorcer-se. E a apertar as mãos enquanto fitava o espaço.

— O que foi? — perguntou Reacher.

— Eles precisam mesmo de tirar de lá o iraniano — respondeu White.

— Nada disto veio através do mensageiro. Passámos ao lado dela completamente.

— O Ratcliffe é de vistas estreitas. Se lhes acontecer alguma coisa má na cidade de Hamburgo, a investigação deles vai estender-se ao máximo. Toda a gente vai passar a ser suspeita. Não são parvos. Vão deduzir os factos. Quantas variáveis há? Dois mensageiros, mas só uma casa. O iraniano vai durar menos de cinco minutos.

— Devias falar com o Bishop.

— O Bishop controla o puto, mas não tem autoridade para o sacar de lá.

— Tem de ter.

— Por motivos gerais, não. Só por razões de perigo iminente.

— Que achas que está a acontecer agora.

— Vai começar mal apanhes o Wiley. Mal o negócio deles caia por terra. E isso vai ser quando?

— Daqui a nada, espero.

— Exato.

— Devias falar com o Bishop — repetiu Reacher.

Foi então que Sinclair entrou na sala. Vestido preto, pérolas, meias de *nylon*, sapatos. Tinha o cabelo húmido. Landry e Vanderbilt abriram espaço e ela sentou-se. E afirmou:

— Falei com o senhor Ratcliffe. Vamos partir do pressuposto de que a fase das negociações chegou ao fim e que a fase da entrega se encontra prestes a começar. Por isso, precisamos de saber o quê, onde e quando.

— A mensageira é capaz de já ter regressado a casa — disse Neagley. — É possível que tenha apanhado um voo direto. Ou quase. A seguir, vão enviar um mensageiro para a Suíça. Por não confiarem nos telefones. Com os dados da conta e as palavras-passe. A transação é capaz de demorar uma ou duas horas. E até pode acontecer já amanhã.

— Ou daqui a um ano — retorquiu Vanderbilt. — Será que estão preparados para agir? Será que já têm o dinheiro?

— O Wiley não pode esperar mais um ano — respondeu Waterman. — Já anda fugido há quatro meses. Não é fácil. O stresse é grande e os riscos também. Ele precisa de se fixar num sítio qualquer. Acho que agora as coisas vão acontecer depressa. Amanhã, ou depois de amanhã, ou no dia seguinte. De certeza que o dinheiro já está todo preparadinho e prestes a passar de mão. Provavelmente, no mesmo banco. Bipes diferentes saídos do mesmo computador.

— *Okay* — desabafou Sinclair. — Então é o quê, onde e daqui a nada.

— Onde depende de quê — realçou Reacher. — Se estivermos a falar de informações ou de um documento, são capazes de fazer a passagem ali mesmo, no gabinete do banqueiro. Se estivermos a falar de uma coisa grande, neste preciso momento, tem de estar guardada ou escondida algures na Alemanha e, por isso, vão ter de enviar para cá uma equipa para a transportar.

— Devíamos vigiar o banco — afirmou Waterman.

— Não sabemos qual será. Existem centenas.

— Os aeroportos, nesse caso. Aqui e em Zurique.

— A maneira mais fácil seria descobrir o que ele está a vender — atirou Landry.

— Não me digas — soltou Neagley.

— Alguma coisa terá de ser.

— Mas o quê? Ele não pode ir buscá-la agora. Prendiam-no logo. Por isso mesmo, foi algo roubado ou então obtido há mais de quatro meses. Só que não houve registo do desaparecimento de nada.

— Precisamos de tirar de lá o iraniano — insistiu White.

— Ainda não — respondeu Sinclair.

— Então quando?

— Fale com o senhor Bishop. Vamos agora para o consulado. Ele montou-nos lá um gabinete. Estejam no átrio daqui a dez minutos.

Muller subiu as escadas de incêndio até ao piso de Griezman. Ainda era cedo. Antes das oito. Ainda não tinha chegado ninguém. Os postos de secretaria continuavam desertos. A caixa de entrada da secretária de Griezman estava na mesma. Muller tinha reposto os papéis com cuidado. Nada que levantasse suspeitas. Mas onde estaria o retrato-robô? Presumivelmente, os investigadores americanos tinham levado as cópias todas que quisessem. E o próprio Griezman também era capaz de ter levado mais umas quantas, para começar a compilar um processo exclusivo dele para proteger o couro. Nesse caso, teria guardado o original algures num local seguro. Numa gaveta especial, talvez. Era possível que tivesse

dezenas de retratos. Uma categoria inteira. Afinal de contas, aquilo era o gabinete de um detetive.

Mas onde? Havia uma fila de gavetas, lado a lado, por trás da cadeira ergonómica utilizada pela secretária de Griezman para passar ao computador. Formavam a base de uma estrutura encostada à parede, com estantes na parte de cima. Muller enfiou-se atrás da secretária e baixou-se para dar uma vista de olhos. Nenhuma das gavetas se encontrava identificada. Recuou e espreitou pela porta de Griezman. O espaço sagrado. Havia gavetas idênticas lá dentro, mas sem as estantes na parte de cima. Como um pequeno armário, com fotografias emolduradas sobre o tampo, de uma mulher e de duas crianças. A mulher e os filhos de Griezman, sem dúvida. Mais uma estatueta, um troféu por uma coisa qualquer. Provavelmente, nada de atlético, tendo em conta o tamanho do tipo. Havia outra fila de arquivos na parede contrária. Ao todo, vinte gavetas dentro do gabinete e quatro no exterior.

Uma proporção inconveniente.

Muller fez um acordo consigo mesmo. Uma hipótese de um em cinco de êxito era melhor do que uma hipótese de quatro em cinco de perder o emprego. Era útil no cargo que ocupava, bem vistas as coisas. Tudo somado. E esse facto tinha de ser pesado na balança. Por conseguinte, iria revistar o posto de secretaria, mas não o gabinete propriamente dito de Griezman. Um meio-termo sensato. Voltou a enfiar-se atrás da secretária. Decidiu que começaria da esquerda para a direita. Uma olhadela rápida. Um retrato-robô devia ser fácil de localizar. Provavelmente, em papel espesso, de uma loja de arte. Possivelmente, num tamanho que não era o padrão. Provavelmente, protegido por um invólucro de plástico.

Baixou-se.

Uma voz de mulher disse atrás dele:

— Sim?

Num tom de surpresa e um pouco perplexo.

Muller endireitou-se e voltou-se.

A secretária de Griezman.

Ficou calado.

A mulher largou a mala em cima da secretária e despiu o casaco. Pendurou-o num cabide e regressou depressa.

— Posso ajudá-lo, chefe-adjunto Muller? — perguntou.

O chefe-adjunto Muller não respondeu.

— Está à procura de alguma coisa? — perguntou a mulher.

— De um retrato — respondeu Muller.

— De quê?

Muller hesitou por uns instantes.

Estava a pensar.

E depois disse:

— Ontem à noite houve um acidente de trânsito. Naturalmente, a minha divisão está encarregada do assunto. Um carro bateu num ciclista. Atropelamento e fuga. O condutor não parou. A pessoa que ia com o ciclista deu-nos uma descrição bastante boa. Uma cara singular e um corte de cabelo invulgar.

— E em que o podemos ajudar?

— Por coincidência, o meu agente tinha acabado de estar com um dos agentes do chefe Griezman, cerca de uma hora antes. O meu agente julgou tratar-se de um caso de estacionamento proibido, mas, afinal de contas, era uma operação de vigilância. E o agente do chefe Griezman trazia um retrato-robô no carro. De um americano chamado Wiley. Depois, o meu agente lembrou-se disso e apercebeu-se de que era exatamente a mesma cara que lhe

estava a ser descrita naquele preciso instante pela pessoa que ia com o ciclista.

— Estou a perceber — respondeu a secretária de Griezman.

— Por isso mesmo, preciso de mostrar o retrato que aqui têm à minha testemunha. Para uma confirmação.

— Teria todo o gosto em entregar-lhe uma cópia.

— Se não lhe der muito trabalho — retorquiu Muller.

— De modo nenhum.

— Agradeço-lhe imenso.

A mulher enfiou-se no espaço sagrado e Muller ouviu uma gaveta a abrir-se. A seguir, a secretária saiu do gabinete, com uma folha de papel espesso protegida por um invólucro de plástico. Ligou a fotocopiadora. Muller ouviu cliques e outros barulhinhos e sentiu o cheiro de tinta quente. Ouviu a porta do elevador abrir-se com um baque surdo. E viu mais duas secretárias a saírem de lá. Malas, casacos, movimentos matinais enérgicos. Passaram ambas por ele, sorrindo educadamente, prontas para meter mãos ao trabalho.

A secretária de Griezman levantou a tampa da fotocopiadora e pousou o retrato virado para baixo. Tocou num botão. A máquina zumbiu. E produziu uma fotocópia.

A porta do elevador abriu-se de novo. Não era Griezman. Apenas um homem de fato. Muller conhecia-o vagamente. O homem disse-lhe bom dia com a cabeça e seguiu caminho.

A secretária de Griezman entregou a cópia a Muller. Tinha sido feito com lápis de cor. Um homem descarnado, com uma testa proeminente, maçãs do rosto igualmente proeminentes, olhos encovados e cabelo comprido loiro.

Muller disse «Obrigado» e foi-se embora, avançando pelo corredor até à saída de emergência e descendo as escadas de

incêndio até ao piso dele, atravessando o respetivo corredor e entrando no gabinete que lhe cabia, onde começou de imediato a criar um registo falso acerca de um ciclista ferido e do condutor que o tinha atropelado e fugido. Só para o caso de Griezman se lembrar de ir verificar.

Reacher e Neagley foram diretos ao átrio. Neagley disse:

— Precisamos de arranjar as ordens de destacamento do Wiley. Sem exceções. Isso é a chave desta coisa. Ele está na Alemanha há pouco mais de dois anos e anda ausente sem autorização nos últimos quatro meses. O que nos dá um período crucial de um bocadinho menos de dois anos no ativo. E durante essa janela de tempo, viu qualquer coisa, planeou e, a seguir, roubou-a. Portanto, precisamos de saber ao certo onde andou. Diariamente, do primeiro ao último dia. Porque, pelo menos num dia, ele esteve mesmo ao lado da coisa. Seja ela o que for. Se calhar, até a tocar-lhe. Fisicamente próximo.

— No mínimo, um dia — respondeu Reacher. — O dia em que a estava a roubar.

— Acho que foram, no mínimo, dois dias — retorquiu Neagley. — Primeiro, viu a coisa, depois engendrou um plano e, por fim, voltou para a roubar.

— Só que ele não viu a coisa. Não foi bem assim. Encontrou-a. Localizou-a. A ideia já vinha de longe. Ele veio para a Alemanha para se apoderar da coisa. Já sabia da existência dela.

— Seja como for. Nesse caso, ainda mais se aplica. Houve um encontro físico.

— Quero saber como ele anda a pagar a renda — afirmou Reacher. — É um soldado raso. Não tem nenhum plano de poupança. Verifica se as ordens de destacamento coincidem com algum caso arquivado de crimes contra a propriedade. Ele foi buscar o capital inicial a algum lado.

E foi então que a rececionista atendeu um telefone que estava a tocar, encostando depois o auscultador ao peito, e gritou:

— Major Reacher, é para o senhor!

Era Orozco, a ligar de uma cave algures, a julgar pelo som.

— Estamos metidos em sarilhos? — perguntou Orozco.

— Estamos finos — respondeu Reacher. — De momento, a salvar o mundo.

— Até não o salvarmos.

— E, nesse caso, já não vai importar uma coisa nem outra.

— Acabei de conversar com o Billy Bob e o Jimmy Lee. Que confirmam que podiam escolher os nomes que muito bem quisessem para as identificações da tanga. Mas tinham de ser alemães. Para o caso de haver uma verificação aleatória no seio da divisão. Considerou-se que os nomes estrangeiros dariam nas vistas. Mas não haveria problema se fossem nomes alemães. Os que muito bem quisessem. Os que lhes pudessem soar bem ou querer dizer alguma coisa.

— *Okay*, obrigado — retorquiu Reacher. — Tenho de desligar.

Estava encostado ao balcão da receção e conseguia ver o que se passava lá fora, pela parte de vidro da porta da rua.

Estava um homem à entrada de um prédio.

Do outro lado da rua.

Reacher desligou o telefone. Entrecruzou o olhar com o de Neagley e apontou. Ela pôs-se no enfiamento da nesga de

visibilidade. E disse:

— Já o vi. Não é propriamente difícil.

— Vamos sair para apanhar um bocadinho de ar.

Neagley avançou primeiro, seguida por Reacher, e o homem à entrada do prédio assustou-se, para depois se pôr ostensivamente a bocejar e a espreguiçar e afastar-se vagarosamente, no passeio do lado contrário, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— E que tal vermos para onde ele vai? — atirou Neagley.

Acompanharam o ritmo dele, mantendo-se a uma distância de três metros, com duas faixas de trânsito matinal de permeio, enquanto o homem ia caminhando. Tinha um casaco de lã e não trazia chapéu. Era corpulento. Maior do que Neagley e mais pequeno do que Reacher. Virou à direita no cruzamento. Reacher e Neagley atravessaram para o outro lado da rua no semáforo e voltaram a pôr-se três metros atrás dele.

O homem virou outra vez à direita.

Para uma viela, entre prédios.

— É uma armadilha, obviamente — disse Neagley. — Provavelmente, aquilo é um pátio fechado. Não admira que fosse fácil avistar o tipo. A missão dele era atrair-te para aqui.

— A mim?

— Ele não era do Griezman, nem era do Bishop. Então quem era o gajo? O Orozco ainda agora te disse que este sítio anda cheio de máfia. E de certeza que o Helmut Klopp é um dos fundadores. Sabe qual é o nosso aspeto e sabe os nossos nomes. Puseste quatro dos soldados rasos deles a chorar. Da primeira vez que cá estivemos. E agora querem uma segunda oportunidade.

— Achas que ainda estão zangados com isso?

— Provavelmente.

— E achas que aquele pátio é muito grande?

— Não sou arquiteta, mas deve ter uns nove por nove. Como um quarto grande.

— E quantos tipos achas que eles trouxeram?

— Seis, no mínimo. Sete, contando com o que te atraiu para aqui.

— Que nos atraiu para aqui.

— Até eu deter a nossa marcha. O primeiro dever de um sargento é manter o superior fora de perigo.

— É isso que vos ensinam?

— Nas entrelinhas.

— Para mim, tudo bem — retorquiu Reacher.

— Devíamos voltar para trás.

— Se calhar, estás enganada.

— Não me parece que esteja enganada.

— Se calhar, aquilo é um pátio residencial. Habitações sociais. Uma espécie de coisa de bairro pobre. Quartos sem vista. O género de sítio em que se vive quando se está desempregado. O que, pelo menos, deixa uma pessoa com a manhã livre para ficar parada à porta de um prédio em frente a um hotel.

— Achas que ele estava a ir para casa?

— Acho que devia ir ver.

— É uma armadilha, Reacher.

— Eu sei que é. Mas precisamos de os pôr preocupados connosco. Precisamos de manter a pressão. Somos capazes de precisar que eles revelem quem vende os passaportes. Tenho a certeza de que faz parte do bando. Precisamos do novo nome do Wiley. E, se calhar, essa é a única maneira de o obter. Dá-me dois

minutos certos. E se eu ainda não tiver voltado, estás à vontade para te juntares a mim e dar uma mãozinha.

27

Reacher avançou e virou para a viela. Que tinha menos de um metro de largura. Género um corredor com mau aspeto, num apartamento de pouca qualidade. Mais à frente, via-se um retângulo de luz. Uma sombra matinal e tons de grés. Não havia ali pessoas. Estariam todas bem encostadas à parede, de cada um dos lados, à saída da viela.

Reacher continuou a avançar, passando com as pontas dos dedos na pedra de ambos os lados, para se manter centrado. Ia dando passos sonoros, com um estranho quá-quá a ecoar, primeiro das paredes, e depois do telhado. Mais adiante, nada se alterou. A luz matinal e o betão pintado. Cores quentes. Tudo claro e limpo. Tijolos debaixo dos pés, iguais a alguns dos passeios. Nenhuma obstrução física. Nada de tampas para gás nem de bombas de água. Tudo de uma modernidade à anos 50.

Reacher avançou.

E a seguir, a três passos do final da viela, desatou a correr e entrou de rompante no pátio, deslocando-se depressa, até ao centro, onde parou subitamente e deu meia-volta.

Oito tipos.

Que continuavam todos bem encostados à parede. E todos, evidentemente, à espera de uma abordagem mais cautelosa. Quatro correspondiam aos quatro à entrada do bar, da primeira vez. *A Alemanha é dos alemães*. Pareciam parcialmente recuperados. Três dos outros tinham um aspeto semelhante, mas ainda não estavam amachucados. E, possivelmente, eram mais velhos, em média. Possivelmente, escolhidos por razões de mérito. Um tinha as mãos vazias. Outro trazia um taco de basebol. E o terceiro, uma garrafa partida. Vidro castanho, denteado, como uma coroa em miniatura. Esse seria o primeiro a cair, decidiu Reacher. O do taco podia esperar. Um taco não servia para nada durante uma rixa num espaço acanhado. Os primeiros quatro iriam deixar-se ficar mais atrás. Gato escaldado de água fria tem medo. E o isco à entrada do prédio nem sequer iria participar na luta. Não era essa a função dele. Por isso, inicialmente, seriam três contra um. Não era um problema enorme. Depois disso, tudo era possível.

O do taco foi o primeiro a avançar. O que foi estúpido, mas previsível. Era a arma maior. Marcava o tom da coisa. Mas, em corrida, era inútil. Ninguém conseguia acertar em nada se estivesse a correr ao mesmo tempo. Nem o Babe Ruth, nem o Joe DiMaggio, nem o Mickey Mantle. Nem sequer o Ted Williams, na sua melhor forma. Era escusado, mas indiciava a tentativa de planear uma tática. A ideia parecia ser que o taco derrubasse Reacher, para depois o tipo da garrafa dar o golpe seguinte, baixando-se, espetando e torcendo. O que implicava que o da garrafa avançasse bem cedo, quase colado ao do taco, uns meros dois passos atrás, pronto para o momento de glória, à procura de obter todo o ímpeto possível.

Mas o ímpeto tinha os seus prós e contras.

Reacher desviou-se do homem do taco e avançou direto ao da garrafa, duas massas contrárias a colidirem a alta velocidade, como um acidente na autoestrada. Reacher só tinha olhos para a garrafa, que estava bem à frente e a subir vertiginosamente, em direção à sua cara, na mão direita do tipo. O que fazia com que fosse tudo uma simples questão de calcular o momento certo. Mais fácil do que acertar numa bola de basebol. Reacher fez um arco com o antebraço esquerdo, de dentro para fora, como quem afasta uma vespa num piquenique, e acertou algures no antebraço direito do tipo da garrafa, fazendo com que a trajetória desta subisse de repente, passando por cima do ombro de Reacher, inofensivamente, o que deu tempo e espaço para que o cotovelo direito dele se arqueasse e atingisse o homem em cheio na cara, assemelhando-se o efeito, devido a toda aquela energia cinética, mais ou menos a uma carga de dinamite a explodir na boca do homem. Que caiu mais rápido do que a gravidade, com Reacher a virar-se, a pisar a garrafa, para que mais ninguém a pudesse utilizar, e a dirigir-se depois para o do taco, que tinha rodado inutilmente nas costas dele.

Decidiu que queria o taco.

O outro fincou bem os pés e começou a agachar-se e a puxar o taco para trás, baixo, num movimento que lembrava mais o ténis do que o basebol, como se estivesse a preparar uma resposta prudente e com as duas mãos, à esquerda, a um serviço, ou um *drive* forte a partir do *tee* no golfe, com os braços cada vez mais para trás, à espera de desferir o golpe fatal assim que Reacher estivesse ao alcance. O que fazia com que fosse tudo outra vez uma simples questão de calcular o momento certo. A única maneira de uma pessoa se defender do arco de um taco era reagir cedo, de preferência antes de o arco ter sequer começado ou, na pior das

hipóteses, ainda no início dele, altura em que ainda seria uma coisa fraca e lenta, nada mais do que um baque surdo e lateral, como estar a ir de encontro a uma vedação à noite. E reagir cedo exigia uma aceleração súbita, o que não era fácil para uma pessoa com a constituição de Reacher, mas que, naquela ocasião, foi uma coisa natural. Por causa da motivação. Por causa da diferença entre um baque surdo e lateral e um fémur, um braço ou umas costelas partidas. Reacher lançou-se desenfreadamente contra o homem e chegou lá quando o taco estava a começar a avançar, o que lhe deu tempo para o agarrar em cheio com a palma da mão e o desviar, ao mesmo tempo que, com a outra mão, espetava a saliência do cabo na direção da cabeça do outro, como a coronha de uma espingarda, para um impacto com a ferocidade de um soco com um só nó do dedo.

O homem caiu ao chão, de lado, e Reacher girou, à procura do alvo seguinte, que se apresentou de imediato sob a forma do terceiro gajo, a correr para ele, desarmado, de mãos levantadas e abertas, como se estivesse a pensar numa prisão típica da luta livre. Reacher brandiu o bastão ao contrário do que seria de esperar, como um mau jogador ambidextro a tentar acertar numa bola rápida e alta, num movimento sem dúvida ilegal, só que o terceiro homem era muito maior do que uma bola de basebol e, por isso, uma pontaria perfeita não era um requisito crucial. Qualquer sítio entre o peito e a cabeça seria em cheio. O cotovelo, o braço, o pescoço, o crânio. Ou os quatro ao mesmo tempo, que foi o que aconteceu. O homem levantou o braço para proteger a cabeça e o taco apanhou-lhe o cotovelo e o tricípite, e o impacto partiu-lhe o osso pesado do braço e lançou-o para trás, na direção da ponta do maxilar, onde o pescoço se ligava ao crânio. O que o pôs de joelhos, mas não o

apagou por completo. Por isso, Reacher voltou a brandir o taco, dessa vez corretamente, com a mão direita, num movimento que provavelmente apenas chegaria para um «balão» num piquenique do 4 de Julho, mas que servia mais do que bem face à biologia humana. O tipo começou a abanar de um lado para o outro e, a seguir, caiu de cara no chão.

Por essa altura, o relógio mental de Reacher indicou-lhe que a luta tinha durado até então pouco mais do que quatro segundos. O isco à entrada do prédio continuava colado à parede. Não tinha nada que ver com aquilo. Os quatro pedaços de carne do primeiro bar estavam a entrar em ação, deslocando-se pesadamente. Tinham saído atabalhoadamente dos sítios onde haviam estado escondidos para se posicionarem ao acaso. Sem tom nem som. Uma coisa simplesmente aleatória. O que constituía um problema. Os dois primeiros seriam fáceis. E o terceiro não seria difícil. Mas o quarto levantaria um problema. Reacher percebeu isso. Questões de tempo, espaço e movimento. Como a astronomia. Como os planetas em rotas de colisão. Órbitas, ângulos e velocidades relativas. O quarto cair-lhe-ia em cima antes de o terceiro ir ao chão. Não havia outra possibilidade. Estava escrito na forma como os respetivos centros de gravidade se estavam a mover. Não havia outra sequência lógica para além de um, dois, três. Independentemente de por onde a pessoa começasse.

E tudo isso levou Reacher a arrepender-se de ter dito a Neagley dois minutos certos. Ainda lhe faltava um minuto e cinquenta e cinco segundos. Sem hipóteses lógicas de sobrevivência. Contra adversários vingativos. Devia ter deixado a decisão ao critério dela. Neagley teria entrado no beco mal tivesse a certeza de que a atenção dele se encontrava focada no que tinha pela frente, o que

queria dizer que, naquele preciso instante, ela já estaria à espera nas sombras à saída da viela, a observar, a fazer os mesmos cálculos instintivos que ele estava a fazer, e, por isso mesmo, pronta a intervir e a estragar a festa ao quarto tipo.

O primeiro dever de um sargento é manter o superior fora de perigo.

Talvez ela lhe tivesse desobedecido.

O que, evidentemente, tinha feito. Ele lançou-se contra os dois primeiros, transformando o taco num punho, *um*, *dois*, com a direita, com a esquerda, em antecipação, preparando-se para o terceiro, executando o rodopio com rapidez, graciosidade e economia, mas, ainda assim, o quarto homem caiu-lhe em cima bem cedo de mais, conforme esperado, mero meio passo atrás, prevendo-se que chegasse, por pura sorte, mesmo antes de o taco poder reentrar em ação.

Mas foi então que o quarto tipo desapareceu. Como se tivesse ido contra uma corda da roupa a toda a velocidade. Como num efeito especial de um filme. Num fotograma, estava lá, e, no outro, já se tinha sumido. O terceiro foi ao chão e, por trás dele, Reacher viu Neagley, acabada de completar o que parecia ter sido um soco em arco dado na garganta do quarto homem.

O isco à entrada do prédio levantou as mãos.

— Obrigado, sargento — disse Reacher.

— Devias ter pegado na garrafa. Era melhor do que o taco — respondeu Neagley.

Reacher aproximou-se do isco e atirou-lhe:

— Diz ao teu chefe para parar de me fazer perder tempo. Diz-lhe para vir ter comigo em pessoa. Cara a cara. Dou uma volta ao quarteirão com ele. Trocamos opiniões.

A seguir, foram-se embora, percorrendo a viela até à rua, primeiro Neagley e depois Reacher. Pararam ao sol, encolhendo os ombros e endireitando-se, e, em seguida, apressaram-se a regressar ao hotel.

28

Chegaram atrasados ao hotel. Os outros já estavam à espera. Bishop tinha enviado um pequeno autocarro. Como um daqueles expressos dos aeroportos. Estavam todos sentados e todos a olhar pela janela. Waterman, Landry, White e Vanderbilt. E Sinclair. Reacher e Neagley entraram, a porta fechou-se com um sibilo e o autocarro arrancou. A viagem à volta do lago Aussenalster, até um grande e imponente, mas ligeiramente estranho, edifício, não foi longa. A estrutura parecia uma cópia da Casa Branca feita exclusivamente de memória por um empreiteiro que a tivesse visitado uma vez em miúdo. Lá dentro, Bishop recebeu-os e conduziu-os à sala que lhes cabia. Maioritariamente constituída por secretárias, telefones, faxes, fotocopiadoras, telex, impressoras e terminais de computadores volumosos, com teclados bege-escuros. Bishop explicou que os telefones estavam montados como réplica do painel de comandos de McLean. Em Hamburgo, Griezman era o único que tinha tido acesso aos números, no caso dele, sem que lhe fosse facultada a respetiva localização.

Foi Griezman quem ligou primeiro.

Com um problema.

Reacher atendeu e Griezman disse:

— Não me ponha em alta-voz.

— E porque não?

— Fiz asneira. Ou melhor, fez o meu departamento. O que vai dar ao mesmo.

— Que aconteceu?

— Acho que perdemos o Wiley. Não sei bem como, mas ele esteve envolvido num atropelamento e fuga duas horas depois de nós os dois nos termos ido embora. Ia a conduzir um carro e bateu numa bicicleta. Devia estar cheio de champanhe, com certeza. Uma testemunha descreveu-o na perfeição. Mostraram-lhe o retrato-robô providenciado pelo Helmut Klopp e ela confirmou que era ele. Está tudo ali escarrapachado no registo da divisão de trânsito.

— Quer dizer que o seu homem não o viu a sair.

— A determinada altura, esteve a conversar com um polícia de trânsito. É capaz de ter acontecido nesse momento.

— Mas, seja como for, não sabem onde está o Wiley.

— Com um grau de certeza aceitável, não.

— Isso é alguma coisa que vos ensinam a dizer?

— Soa a uma coisa sóbria e ponderada, carregada de tecnicismo.

E Reacher retorquiu:

— Há merdas que acontecem. O melhor é esquecer.

— Peço desculpa por o termos deixado escapar — disse Griezman.

— Não se preocupe com isso.

— Vou continuar com a vigilância o máximo de tempo possível.

— Obrigado.

Reacher desligou e contou a história. Sinclair perguntou aquilo que estava na cabeça de todos:

— Será que isso foi a entrega? Será que a deixámos passar? Será que ele estava tão stressado que atropelou uma bicicleta?

— Tem de ser demasiado cedo — afirmou Vanderbilt. — Foi a meio da primeira noite. Não lhe podem ter pago já. Portanto, ainda não terá feito a entrega. A não ser que seja mesmo estúpido.

— Na pior das hipóteses, ia a caminho do aeroporto — sugeriu Landry. — Para apanhar o primeiro voo para Zurique. Se calhar, preferia esperar lá um dia ou dois do que aqui. E, nesse caso, terá levado o que vai entregar. Se for pequeno. Para fazer a troca no gabinete do banqueiro, como disse o Reacher.

— Devíamos estar a vigiar os aeroportos — acrescentou Waterman.

— E estamos — respondeu Sinclair. — Os dois aeroportos têm um circuito fechado de televisão. A CIA criou ligações temporárias. Não oficiais, por isso, não vão durar muito tempo, mas, até agora, o Wiley ainda não passou por lá.

— Nem voltou para casa —disse Reacher. — A não ser que o tipo do Griezman não o tenha visto outra vez. Portanto, onde é que ele anda?

— Por aí — retorquiu Neagley. — Algures na Alemanha. A fase anterior à entrega. Como a revisão feita pelo vendedor quando compramos um carro novo. Antes da grande revelação.

Wiley estava a acordar, no quarto, no mesmo sítio onde tinha acordado durante os últimos três meses. No apartamento arrendado junto ao cais. Na urbanização nova. Uma aldeia dentro da cidade. Mas, na verdade, não. No fundo, era um dormitório gigantesco, cheio de gente indiferente sempre a entrar e a sair a correr na

escuridão, passando as poucas horas restantes a dormir. Nunca vira os vizinhos e, tanto quanto sabia, estes também nunca o tinham visto. Perfeito.

Levantou-se e ligou a máquina de fazer café. Passou a garrafa de *Dom Pérignon* por água e meteu-a na reciclagem. Pôs o copo na máquina de lavar.

Levantou o auscultador do telefone e ligou para o franchisado de aluguer de automóveis que já tinha utilizado. A chamada foi atendida de imediato, por um homem com uma voz jovem e eficiente.

— Fala inglês? — perguntou Wiley.

— Com certeza, senhor — respondeu o rapaz.

— Preciso de alugar uma carrinha de distribuição.

— De que tamanho, senhor?

— Com uma distância grande entre os eixos e um tejadilho alto. Preciso de ter bastante espaço lá dentro.

— Temos uma *Mercedes-Benz* ou uma *Volkswagen*. A da *Mercedes* é maior. O interior tem mais de quatro metros.

Wiley fez as contas mentalmente. Quatro metros correspondiam a treze pés. E precisava de doze.

— E qual é a altura da zona de carga?

— Penso que seja bastante normal. Não lhe sei dizer ao certo.

— E a porta de trás é das que sobe?

— Não, senhor. As portas de trás têm dobradiças. Isso é um problema?

— Preciso de a encostar a outra carrinha para passar coisas de uma para a outra. Com portas com dobradiças não dá para chegar tão perto como eu quero.

— Infelizmente, a nossa única opção com uma porta que sobe corresponde a uma categoria de veículo completamente diferente. Tecnicamente, tem que ver com o peso bruto do veículo. Na Alemanha, os veículos mais pesados necessitam de uma carta de condução comercial. Tem-na?

— Tenho quase a certeza de que a minha carta serve para seja lá o que for que me queira dar. Pode contar com isso. Tão certo como dois e dois serem quatro.

— Perfeito, senhor — respondeu o rapaz. — E para quando deseja a carrinha?

— Imediatamente — retorquiu Wiley.

O telefone tocou outra vez na sala do consulado e Landry passou-o a Reacher. Era Bishop, a ligar do gabinete ali perto. E que disse:

— Está um soldado do exército americano na receção. Diz que tem ordens para se apresentar perante si.

— *Okay* — respondeu Reacher. — Mande-o subir. Ou será melhor eu descer?

— Eu peço para o acompanharem até aí — retorquiu Bishop.

O acompanhante revelou-se uma mulher de uns vinte e três anos, talvez acabada de se formar, ainda agora a começar, mas já diplomata até ao tutano. E o soldado revelou-se um recruta com uma moicana. Da unidade de defesa aérea de Wiley. O camarada dele. A testemunha do processo relativo à ausência sem autorização, de há quatro meses. A categoria dele era E-4, mas não passava de um especialista, não tinha divisa de cabo. Estava um nível acima de soldado de primeira classe, mas ainda não era um

oficial subalterno. Trazia um uniforme militar normal castanho e verde. Tinha um ar muito disciplinado e ordenado. E talvez uns vinte anos. Parecia ser um bom soldado. A placa de identificação dizia que se chamava Coleman.

Neagley pôs três cadeiras a um canto sossegado e sentaram-se os três. Reacher disse:

— Obrigado por ter vindo, soldado. Agradecemos-lhe. Explicaram-lhe do que se trata?

— Disseram-me que o senhor major me iria fazer perguntas sobre o soldado raso Wiley — respondeu Coleman.

Tinha um sotaque do Sul. Talvez das colinas da Geórgia. Estava empoleirado na borda da cadeira, no que equivalia à versão sentada de estar em sentido.

Reacher disse:

— Os relatórios de há quatro meses a esta parte indiciam que o Wiley se sentia contente por fazer parte da vossa unidade. Esses relatórios estavam corretos?

— Sim, senhor major, creio que estavam.

— Contente e realizado?

— Sim, senhor major, creio que se sentia assim.

— Não se sentia minimamente vitimizado nem oprimido?

— Não, senhor major, tanto quanto eu saiba.

— O que faz dele um caso muito invulgar de um soldado ausente sem autorização. E torna completamente impossível que você ou a sua unidade sejam responsabilizados. Não têm culpa de nada. Não há forma prática de fazer com que a coisa seja culpa vossa. Uma centena de burocratas podia passar uma centena de anos a dactilografar numa centena de máquinas de escrever sem mesmo

assim conseguir responsabilizá-los. Compreende? Sabemos que o Wiley partiu por razões externas.

— Sim, senhor major, a nossa conclusão também foi essa — retorquiu Coleman.

— Portanto, descontraia, *okay*? Ninguém o está a acusar de nada. Não existem respostas erradas. E também não existem respostas parvas. Precisamos de tudo o que nos puder dizer. Qualquer impressão, por mais pequena que possa ser. Não me interessa se é estúpida ou não. Portanto, não se retraia. Deite tudo cá para fora. E depois tem direito a tirar o resto do dia em Hamburgo. Pode ir espreitar as discotecas.

Coleman assentiu.

— Há quanto tempo conhece o Wiley?

— Esteve praticamente dois anos na nossa unidade.

— Um tipo velho, certo?

— Bem mais velho do que o meu irmão mais velho.

— E achou isso esquisito?

— Um bocadinho.

— E tinha alguma teoria que explicasse por que razão ele esperou tanto tempo?

— Acho que tentou outras coisas primeiro.

— E alguma vez falou delas?

— Não, senhor major — respondeu Coleman. — Ele era superfechado. Gostava de guardar segredos. Todos nós sabíamos que ele escondia coisas. Estava sempre a sorrir sozinho, sem dizer nada. Mas, como era velho, achávamos que não havia problema. Achávamos que ele tinha direito. E isso também não impediu ninguém de gostar dele. Era um tipo popular.

— E era muito dedicado?

Coleman começou a responder, mas depois parou.

— O que foi? — perguntou Reacher.

— O senhor major pediu impressões estúpidas.

— Eu gosto de coisas estúpidas — retorquiu Reacher. — Às vezes, as coisas estúpidas são tudo o que temos.

— Bom, senhor major, a mim parecia-me que não eram só segredos. Parecia-me ser todo um plano secreto. Para a vida dele. Dia a dia. Sim, era muito dedicado. Fazia tudo e nunca se queixava. Até as partes da treta. E agora é quase tudo uma treta. Ficava com uma expressão muito particular. Estava feliz, por cada dia ser um dia a menos.

— Para quê?

— Não sei.

— Há quatro meses, referiu-se ao tio do Wiley.

— Estavam a perguntar-nos se o Wiley era conversador. Queriam saber do que ele falava. Não havia grande coisa. Disse-me que era de Sugar Land, no Texas. Sabia de gado bovino. Uma vez, disse que queria ser rancheiro. Mas mais nada. Nunca falava muito. E foi então que, uma noite, ao voltarmos de um exercício em que tínhamos cartuchos sem balas e conseguimos um resultado bastante bom contra os helicópteros, descontraímos todos um bocado, bebemos umas cervejas e ficámos bem atestados. Toda a gente começou a explicar porque se tinha alistado. Mas de uma forma críptica. Há cada espertinho na nossa unidade. Tínhamos de definir essas razões numa única frase inteligente. E eu não sou lá muito bom nesse género de coisas. Quando chegou a minha vez, disse que me tinha alistado para aprender um ofício. Achei que isso podia ter um duplo sentido. Ofício, do género mecânico de automóveis, ou ofício, do género matar pessoas. Que seria um

emprego alternativo posteriormente, caso fosse difícil encontrar trabalho como mecânico de automóveis.

— Boa resposta — afirmou Reacher.

— Eles não perceberam.

— E o que disse o Wiley?

— Disse que se tinha alistado por o tio lhe contar histórias do Davy Crockett. O que foi uma coisa curta e críptica, tal e qual como devia ser. Género palavras-cruzadas. E, a seguir, fez o sorrisinho secreto dele. Para ele, era fácil ser críptico. Foi sempre críptico.

— E o que acha que ele quis dizer?

— Lembro-me do Davy Crockett da série de televisão. Via-a todas as semanas. Usava um chapéu feito de um velho guaxinim. Não me fez querer alistar. Por isso, não sei o que ele quis dizer. Suponho que, dessa vez, fui eu que não percebi.

— E foi só tio ou também tinha nome?

— Nessa altura, ainda não. Mas, mais tarde, estavam a gozar com ele por andar sempre a falar de ranchos quando a única coisa que havia na cidade natal dele era uma grande e velha fábrica de açúcar, e o Wiley disse que o tio Arnold tinha trabalhado num rancho antes de ir para a tropa.

— E pareceu-lhe ser o mesmo tio? Ou um tio diferente?

Coleman ficou calado, como se estivesse a passar em revista os próprios familiares e a ouvir mentalmente o que lhes chamava. Este tio, aquele tio. Havia alguma diferença?

Até que acabou por responder:

— Não sei. O Wiley era do género de pessoa que utilizaria um nome quando pudesse. Um tipo do Texas. Boa educação à moda antiga. Mas não podia fazer isso na tal frase críptica porque tinha de

ser uma coisa curta. Por isso, se calhar, estava a falar do Arnold das duas vezes, ou, se calhar, não.

— Explique-me melhor aquilo de cada dia ser um dia a menos. O plano secreto. Qual era o estado de espírito dele? Pareceu-lhe um plano que fosse uma coisa passo a passo, devagarinho mas de forma segura, ou houve altos e baixos?

— Acho que nem uma coisa nem outra — respondeu Coleman. — Ou uma mistura das duas. Nunca deixou de andar alegre, mas mais tarde ficou mais feliz. Ao todo, dois passos apenas. Andou sempre em alta e depois ainda andou mais.

— E quando se deu essa mudança?

— Mais ou menos a meio. Há cerca de um ano.

— E o que se passou?

— Nada que eu possa exprimir por palavras.

— E não ficou com nenhuma impressão?

— É possível que seja uma coisa estúpida.

— Eu gosto de coisas estúpidas.

— Acho que ele dava a ideia de um tipo à espera de notícias, sempre meio na expectativa de que fossem boas, até que, por fim, as recebeu e a verdade é que foram mesmo boas.

— Como alguém à procura de qualquer coisa que soubesse que estava ali e que depois encontrasse?

— Sem tirar nem pôr.

Em Jalalabad, já era muito mais tarde nessa manhã. O pequeno-almoço já tinha sido há muito e o almoço estava a caminho. Tinham voltado a chamar a mensageira à sala pequena e quente. A segunda visita do dia. Já entregara a resposta de Wiley, ao chegar

de madrugada. O homem gordo tinha sorrido e balançado e o homem alto fechara os punhos e uivara como um lobo. Naquele momento, só lá estava o gordo. A almofada do alto encontrava-se ligeiramente afundada, mas vazia. O homem estava noutro sítio. Muito ocupado. Muito entusiasmado. Mais ocupado e mais entusiasmado do que devia, pensou ela, com um assunto que afirmara não ser especialmente importante.

Moscas silenciosas aproximaram-se, puseram-se a pairar e precipitaram-se para longe.

— Senta-te — disse o gordo.

A mensageira olhou para a almofada do alto.

— Posso ficar de pé? — perguntou.

— Como queiras. Estou bastante orgulhoso do teu desempenho. Foi imaculado. Como já seria de esperar, claro, tendo em conta a excelência do teu treino.

— Obrigado — retorquiu ela. — Senti-me bem preparada.

— O teu alemão foi satisfatório?

— Falei muito pouco. Só com um taxista.

— E teria sido satisfatório se tivesses tido de falar mais?

— Creio que sim. Devido à excelência do meu treino.

— E gostarias de regressar a Hamburgo?

Ela pensou em fotografias, impressões digitais e registos informáticos.

— Irei para onde, na vossa sabedoria, me quiserem enviar — respondeu.

— A entrega já está prevista, conforme sabes, mas necessitamos de uma presença para autorizar a recolha.

— Seria uma honra.

— Consideras que as línguas são o teu forte? — perguntou o gordo.

— Não me compete a mim afirmá-lo — respondeu ela.

— Quem te treinou afirma que a tua memória é excelente e que percebes de números.

Ela não respondeu.

Não queria falar de números.

Naquele momento, não.

— Quem te treinou não estava a dizer a verdade? — perguntou o gordo.

— Foram muito amáveis. Mas excessivamente generosos. Pouco percebo de números.

— E porque dizes isso?

Ela não respondeu.

— Explica-me.

— Antes de Hamburgo, querem que eu vá a Zurique. Onde também falam alemão. A um banco. Transferir dinheiro para o Wiley. Com números. Números de conta e códigos. E é assim que eu vou poder autorizar a recolha.

— E pretendes recusar?

— Precisaria de saber o preço.

— Claro que precisarias. É um dos quatro elementos importantes. O nosso número de conta, o nosso código, a quantia e o número de conta do destinatário. Eu sei que é muita coisa para decorar, mas, no fundo, trata-se de uma transação muitíssimo simples.

— Vocês não gostam quando as pessoas sabem o preço.

O gordo ficou calado.

— Vou ser sacrificada — afirmou a mensageira.

— Se nós recebermos o que queremos, não. Desta vez, é diferente. Se o negócio for bem-sucedido, estarás sempre associada a ele. Estaremos todos. Transformar-nos-emos em mitos e lendas. Serão contadas histórias de geração em geração. E o preço será reverenciado por ter sido uma pechincha. Será celebrado. As rapariguinhas vão fingir que são tu. Vão fazer jogos em que transferem o dinheiro. As raparigas vão saber que também são capazes de fazer isto.

A mensageira ficou calada.

E o gordo prosseguiu:

— Mas se o negócio cair por terra, então, sim, serás morta, quer vás ou não a Zurique. Já estás associada a ele. Já és uma testemunha. E as testemunhas serão todas mortas. Se isso não acontecesse, seria uma humilhação demasiado grande para nós. Cem milhões de dólares em troca de nada? Como é evidente, teríamos de apagar isso da memória. Ou estaríamos acabados como líderes. Não restaria nada de nós.

— Cem milhões de dólares? O preço é esse? — perguntou a mensageira.

— Vai aprender os números — retorquiu o gordo. — Prepara-te para partir hoje à noite. Reza para que tenhamos êxito.

Em Hamburgo, Wiley desceu no elevador e saiu para a rua, depois de percorrer o átrio. Avançou, afastando-se da rotunda, passando por outro edifício, e depois por mais dois, em direção às traseiras do complexo, onde o piso novo deu lugar a granito antigo, a seixos e a guindastes em bom estado na zona das docas. Havia novas pontes pedonais sobre a água escura, de teca e aço,

curvando-se graciosamente e unindo os vários intervalos. Wiley atravessou uma e entrou noutra. Era mais larga e cobria uma distância maior, até à estrada principal e à paragem de autocarro. Sentou-se no abrigo da paragem e esperou. Primeiro, veio o autocarro errado, e, a seguir, veio o certo. Pararia a dois quarteirões do franchisado de aluguer de automóveis. Wiley apanhou-o. Estava calmo. Já não se sentia a cair. Agora, ficava a faltar uma sucessão de simples tarefas mecânicas. Entregar, recolher, voar. E, por essa altura, já teria dois mil e trezentos quilómetros quadrados à espera dele. Visíveis do espaço.

Sorriu sozinho no meio da multidão dentro do autocarro.

O pequeno Horace Wiley.

Que diabo!

A um quilómetro e meio dali, Muller encontrou-se com Dremmler numa pastelaria. Havia quatro mesas pequenas, todas ocupadas por pares de homens exatamente iguais a eles, amigos, mas nem por isso, ligados apenas por um objetivo, fosse este comprar, vender, precaver-se de flutuações de preços, celebrar contratos de seguros, investir, arrendar, alugar ou comprar para revender.

Ou lutar contra o desmoronamento da identidade nacional.

— Mais uma vez, obrigado pela tua ajuda na questão do paradeiro do Reacher. Já temos um plano em marcha — afirmou Dremmler.

— O prazer foi todo meu — retorquiu Muller.

— Ele não pode ficar o dia inteiro no hotel. Mais cedo ou mais tarde, vai ter de sair. Aguardo um relatório positivo a qualquer momento.

— Ótimo — respondeu Muller.

— E tiveste sorte com a outra coisa?

Muller puxou do retrato-robô de Wiley e alisou-o em cima da mesa.

— Foi difícil de arranjar? — perguntou Dremmler.

— Foi preciso deixar um mínimo de papelada. Mas que não vai levar a lado nenhum.

— Nunca vi este homem na vida. Não pertence ao movimento.

— Mas o Klopp viu-o mais de uma vez.

— Então é porque vai ao bar para vender ou comprar. Ou as duas coisas. Vou mostrar este retrato às pessoas que conheço. Pode ser que consigamos um nome e uma morada.

— Já sabemos o nome dele. Chama-se Wiley. E não tem morada. Eu já verifiquei, lembras-te?

— De certeza que adquiriu uma nova identidade. Ou várias. Por norma, é a primeira coisa que esta gente faz. Mas não te preocupes. Sei perfeitamente a quem perguntar.

Neagley disse a Landry para telefonar para a delegação de Nova Orleães e escrever algumas perguntas para a mãe de Wiley, relacionadas com todo e qualquer antigo namorado que se chamasse Arnold, com todo e qualquer antigo namorado que fosse rancheiro e tivesse ido depois para a tropa e com todo e qualquer antigo namorado que alguma vez tivesse falado de Davy Crockett. A seguir, Vanderbilt chamou-a para junto de um telex em grande bulício, de onde arrancou uma catrefada de papel. Era o pedido dela, feito através de Sinclair e do estado-maior general, relativo aos casos arquivados de crimes contra a propriedade na Alemanha.

Perto de instalações militares ou de áreas de atividade. Durante o destacamento ativo de Wiley no país.

Não faltavam crimes.

— Quando recebemos as ordens de destacamento do Wiley? — perguntou Reacher.

— Não tarda nada — respondeu Neagley. — Estão a tratar disso.

Os crimes eram muitos e variados. Todos por resolver. Havia furtos silenciosos à meia-noite, assaltos a casas e à mão armada, latrocínios e roubos, todos direcionados para negócios locais recheados de dinheiro vivo, como bares, salões de apostas e clubes de strip. Geograficamente, os locais correspondiam ao mapa militar. Porque era aí que se encontrava a massa. O que explicava os negócios recheados de dinheiro vivo. Os autores desses crimes eram capazes de fazer vários quilómetros. Vindos de toda a parte, como gaivotas atraídas para um aterro. E muito poucos eram soldados. Mas alguns eram.

— Olha-me bem para os valores em dólares — disse Neagley.

— São tanga — retorquiu Reacher. — Para efeitos de seguro. Devíamos cortá-los pela metade.

— Mesmo assim. Um ou dois deste género já chegariam para dar ao Wiley todo o capital inicial necessário. E três ou quatro pô-lo-iam numa categoria completamente diferente. Precisaríamos de começar a fazer outras suposições. Ele podia ter múltiplos locais e imensos recursos à disposição.

— E quando é que ele roubou o que está a vender?

— Algures entre o dia em que o encontrou e o final da última autorização de noventa e seis horas que teve. Algures durante esse período de dez meses.

— E por que razão ninguém participou o desaparecimento da coisa?

— Depende do que seja. Depende do ciclo de inspeções, calculo eu. Se calhar, estão neste preciso momento a contar qualquer coisa. Se calhar, vai saber-se a notícia hoje à noite.

— E essas inspeções são muito rigorosas?

— Em média, nem por isso — respondeu Neagley. — Na maior parte dos casos, contam-se simplesmente as coisas. Se houver três contentores enumerados num inventário, eles contam um, dois, três e registam que está certo.

— Mas os contentores podem estar vazios ou assim.

— Só pode ter sido uma coisa ou outra. Das duas uma, ainda não se fez a contagem ou então ele enganou-os de alguma maneira. São as únicas duas possibilidades.

— Não, acho que há uma terceira — retorquiu Reacher. — Se calhar, aquilo que ele roubou, seja lá o que for, nunca fez parte de nenhum inventário. Se calhar, ninguém sabia que aquilo lá estava e, por isso, ninguém sabe que desapareceu entretanto.

— Como o quê?

— Tipo as minhas calças.

— O que têm?

— Gostas delas?

— São calças.

— São calças de caqui dos fuzileiros, produzidas em 1962 e enviadas em 1965. A certa altura, foram entregues por engano num armazém do exército americano, no Maryland. E por lá ficaram durante trinta anos. Nunca as contaram, nunca as inspecionaram, nunca fizeram parte da lista de quem quer que seja.

— Achas que alguém acabou de comprar cem milhões de dólares em calças?

— Não têm de ser calças.

— Camisas?

— Qualquer coisa que ficou perdida nos fundos de um armazém. Uma terceira possibilidade.

— Como o quê? — repetiu Neagley.

— Íamos combater aqui o Exército Vermelho. Tínhamos coisas de toda a espécie. E as pessoas fazem asneiras. Se são capazes de enviar à toa um fardo com calças de fuzos para uma base militar, então também são capazes de enviar à toa qualquer outra coisa para qualquer lado.

— *Okay* — concordou Neagley. — É uma terceira possibilidade.

E foi então que o telefone tocou.

Griezman.

Que disse:

— Aconteceu uma coisa esquisita.

29

Reacher pôs a chamada em alta-voz, com os sete a juntarem-se para ouvir Griezman dizer:

— Uma esquadra aqui de Hamburgo acabou de receber um telefonema do gerente de um franchisado de aluguer de automóveis. Perto do vosso hotel, aliás. Um homem que falou apenas em inglês e parecia americano acabou de alugar uma carrinha de distribuição grande. E apesar de só ter falado em inglês, tinha um documento de identificação alemão. Foi o funcionário que estava ao balcão que tratou do assunto. Mas o gerente encontrava-se no escritório, nas traseiras, e ouviu a conversa. E reconheceu a voz do cliente. O tipo já lá tinha ido, não há muito tempo. A seguir, por uma razão ou outra, o gerente foi verificar o aluguer no computador e viu que o tipo tinha utilizado um nome completamente diferente do da última vez. Tinha utilizado um documento de identificação em tudo diferente.

— E quando foi isso? — perguntou Reacher.

— Há vinte minutos.

— Descrição?

— Imprecisa, mas é possível que fosse o Wiley. E é por isso que lhe estou a ligar. Já enviei para lá um carro com uma cópia do

retrato-robô. Já vamos ficar a saber daqui a pouco.

— E da última vez o nome já era alemão?

— Sim, mas diferente. Da última vez, era Ernst, e desta vez, foi Gebhardt.

— *Okay*, obrigado — retorquiu Reacher. — Volte a contactar-nos quando o pessoal do aluguer já tiver visto o retrato.

Interrompeu a ligação.

E Sinclair disse:

— Isto é a fase final. A partir de agora. A carrinha é para a entrega.

— E depois vai dar de frosques — acrescentou Waterman. — Está a gastar as identificações que tem de reserva. Está a guardar a melhor de todas para o aeroporto.

— Vinte minutos — juntou Landry. — Já pode estar para aí a dez milhas da cidade. O Griezman deixa de ter jurisdição. A coisa tem de passar a ser federal.

O telefone tocou.

Griezman.

Que disse:

— Agora já temos a confirmação em relação ao retrato. Foi o Wiley que alugou a carrinha. Com cem por cento de confiança. Já emiti um alerta a todas as patrulhas referente à matrícula. A divisão de trânsito vai tratar do assunto. Podem fazer a ligação para fora da cidade. Fazem isso o tempo todo. Neste momento, estamos a presumir um raio de quinze quilómetros. Cerca de dez milhas. Já estamos a chegar aos vinte e cinco minutos. Quase de certeza que ele se está a deslocar para sul ou para leste. A não ser que esteja a ir para a Dinamarca ou para a Holanda. Temos carros nas estradas

principais e nas *autobahnen*. Podem ficar descansados que não vão faltar olhos. É um veículo grande. E lento.

— E que morada deu ele? — perguntou Reacher.

— Era falsa. Não passava de um buraco no chão. Para mais um prédio de apartamentos novo do outro lado da cidade.

— Mais nada? — retorquiu Reacher.

— Só que o funcionário do aluguer explicou que o Wiley estava preocupado com a altura da zona de carga e que precisava que a porta de trás subisse, e não que tivesse dobradiças, porque disse que queria encostar a carrinha a outra e transferir uma carga de um sítio para o outro.

— Obrigado — respondeu Reacher.

Interrompeu a ligação.

E Sinclair disse:

— Pelo menos, agora sabemos de que tipo de coisa se trata. Não é um documento. Não são informações. É preciso uma carrinha de distribuição grande, com uma porta das que sobe.

— Para a encostar a um veículo semelhante — completou Neagley. — Porquê? Se a carga já se encontra numa carrinha, para quê arranjar outra?

— Se calhar, a primeira carrinha foi roubada — retorquiu Reacher. — Se calhar, o tipo está preocupado com a possibilidade de o mandarem parar.

Neagley virou-se e começou a passar em revista a concertina de telex. Casos arquivados de crimes contra a propriedade na Alemanha, perto de instalações militares, durante o destacamento de Wiley. Percorreu com o dedo a lista em tons cinzentos esbatidos.

Até parar.

E dizer:

— Há sete meses, roubaram uma carrinha de distribuição de uma casa de móveis de família nos arredores de Frankfurt. A polícia local e depois a nacional foram informadas da matrícula, mas nunca chegaram a encontrar o veículo.

Recomeçou a percorrer a lista com o dedo. Foi lambendo o polegar e virando as páginas.

— Mais nada. Bastantes carros, mas acabaram-se as portas que sobem — afirmou.

— Isso foi três meses antes de ele se ausentar sem autorização — disse Reacher.

— A ideia já vinha de longe.

— E será que ele roubou a coisa na mesma noite em que roubou a carrinha?

— Quase de certeza. O que começa a definir uma localização. Se ele é do género de pessoa que se preocupa com a possibilidade de o mandarem parar, iria roubar a carrinha o mais perto possível, guiá-la o mínimos dos mínimos de tempo, roubar a coisa, voltar a guiar o mínimo dos mínimos de tempo e esconder a carrinha assim que pudesse. Num celeiro ou coisa que o valha. Com aquilo ainda lá dentro. Um percurso triangular, rápido e focado. Quilometragem mínima. Risco mínimo. Podemos estar perante uma área razoavelmente pequena, algures nas proximidades de Frankfurt.

— Mas, a seguir, voltou para a unidade dele. E ficou lá três meses. Porquê?

— Não queria dar nas vistas. Estava à espera de uma reação. Escondido à vista de todos. O que foi uma jogada inteligente. Iríamos estar à procura de militares ausentes sem autorização e de mauzões que estivessem do lado de fora. Mas nunca de soldados em serviço. Só que nunca se deu pela falta da coisa. O alarme

nunca soou. Não houve reação. Portanto, mal ele teve a certeza disso, foi-se embora, na oportunidade seguinte. Escondeu-se em Hamburgo. Demorou quatro meses a vender a coisa. E agora está a voltar para a ir buscar.

— Isso são grandes conclusões — retorquiu Sinclair. — Não são? Essa carrinha da casa de móveis pode ter sido roubada por qualquer pessoa.

— Precisamos de saber onde o Wiley estava há sete meses. Precisamos das ordens de destacamento dele — respondeu Reacher.

— Estão a chegar — disse Neagley.

E, nesse preciso instante, o telex começou a palrar desalmadamente.

Wiley tinha regressado ao centro da cidade na nova e grande carrinha, deslocando-se lenta e cuidadosamente, avançando palmo a palmo pelo meio do trânsito, parando nos semáforos e verificando os retrovisores. Deu a volta ao lago Aussenalster, atravessou a custo St. Georg, virando para oeste, encaminhando-se para a zona onde morava, mas, muito antes de lá chegar, cortou à esquerda e passou por cima de uma ponte de metal retangular, entrando nas docas antigas, onde os cais eram demasiado pequenos para os navios de carga modernos, o que queria dizer que os armazéns também eram demasiado pequenos, o que implicava que fosse barato arrendá-los.

Estacionou à frente de uma porta dupla de um verde baço e saiu do banco alto. A porta dupla tinha ferrolhos com cadeados em cima e em baixo e um fecho com cadeado ao meio. Ele tinha as três

chaves. Abriu a porta do lado direito, enfiou um calço debaixo dela e, a seguir, abriu a porta do lado esquerdo, enfiando outro calço debaixo dela.

Lá dentro, o espaço tinha à volta de dez metros por doze, com quase cinco metros de altura. Como uma garagem dupla, numa boa casa suburbana em Sugar Land, mas um bocado espampanante. O compartimento do lado direito estava vazio. E, no do lado esquerdo, encontrava-se a velha carrinha da casa de móveis. Tinha-a guiado desde Frankfurt sete meses antes, na mesma noite em que a roubara. Na mesma noite em que lá pusera a carga preciosa. Esse *sprint* louco não era rigorosamente necessário, já que ele mudara a matrícula, só por uma questão de precaução. Podia ter-se demorado. Mas quisera chegar ao destino. Quisera refugiar-se. E quase não tinha lá chegado. A carrinha era velha. Uma bela merda, basicamente. A luz do óleo passou o caminho inteiro acesa. E o motor não parou de fazer barulho. Estava prestes a ir abaixo quando ele a estacionou, de frente, aliviado por ter conseguido terminar a viagem. Aliviado por ter evitado um reboque. Havia coisas que teriam sido difíceis de explicar. Desligou-a e ela nunca mais tinha voltado a trabalhar. Parara por completo. E daí ter alugado a nova. Estacionou-a ao lado da antecessora, fechou as portas verdes baças, voltou a trancar os três cadeados, para os ferrolhos e para o fecho, e guardou as chaves no bolso. Atravessou uma velha ponte pedonal de ferro até outro cais e, a seguir, vieram as novas pontes, construções altaneiras de teca e aço, que o levaram de um cais ao outro, até às traseiras da urbanização dele, onde se enfiou pelo meio de dois edifícios e passou por outro, entrando no átrio e subindo no elevador até à porta do apartamento.

Muller fechou a porta do gabinete e ligou para Dremmler pelo telefone que tinha em cima da secretária. E disse:

— O homem do retrato-robô saiu da cidade numa carrinha. Acabámos de receber um pedido de ajuda por parte da divisão do Griezman. Vamos emitir um alerta a todas as patrulhas referente à matrícula. A começar num raio de quinze quilómetros para fora da cidade, com a coisa a tornar-se nacional, se for necessário.

— O tipo está a fazer a entrega — retorquiu Dremmler. — Deixámos passar a coisa.

— Não, não há dúvida de que a carrinha está vazia. Ele acabou de a alugar.

— Então é porque vai buscar qualquer coisa a outro sítio. O que é muito mais interessante. Mantém-me informado. Faz com que seja eu o primeiro a saber.

— *Okay*.

— A outra coisa é que parece que não resultou, infelizmente.

— O Reacher?

— Antecipou o que ia acontecer. E levou pessoas. Fez uma emboscada à emboscada. Um grupo de doze, dizem os meus homens. Todos com armas militares. Mais ele. Os meus homens não tiveram hipótese.

Wiley estava abrangido por uma autorização de noventa e seis horas na noite em que a carrinha foi roubada. Paradeiro desconhecido. Foi a primeira coisa revelada pelas ordens de destacamento. A localização dele imediatamente anterior tinha sido o aboletamento habitual, numa base a alguns quilómetros para nordeste da casa de móveis de família. Mas não a muitos

quilómetros, pensou Reacher. A dezenas e não a centenas. Wiley conhecia aquela zona. Já lá tinha estado várias vezes. Era tudo razoavelmente local. Como de Sugar Land para a Baixa de Houston. Uma viagem de autocarro.

Cronologicamente, as ordens mostravam Wiley a chegar à Alemanha e, a seguir, a andar de um lado para o outro, entre o que antes constituía uma posição avançada na zona de combate e uma posição mais na retaguarda, num armazém de manutenção. Que correspondia à base a nordeste de Frankfurt. E também tinha havido destacamentos regulares e voluntários para um armazém a uns cinquenta quilómetros para oeste. O que em tempos fora um armazém com material de reserva tinha-se tornado, por essa altura, uma lixeira com coisas de que já ninguém precisava. Os membros da unidade de Wiley podiam voluntariar-se para ir canibalizar peças de máquinas já reformadas. O oficial executivo chamou-lhe formação prática em manutenção no terreno. E Reacher concordou que isso soava melhor do que se o tipo admitisse que precisava de ir remexer no lixo à procura de material recauchutado para que a unidade lá se conseguisse manter em funcionamento. Mas, apesar do *marketing* agressivo, não era uma atividade popular. Houvera quatro oportunidades. E ninguém se tinha voluntariado mais do que uma vez.

Exceto Wiley.

Wiley tinha-se voluntariado três vezes.

As primeiras três.

Mas não a quarta.

Neagley afirmou:

— É óbvio que foi aí que ele viu aquilo. Seja lá o que for. No armazém. Só pode ser. Se calhar, da primeira vez, andou à procura da coisa. Da segunda, encontrou-a. Da terceira, planeou tudo. E depois roubou-a, há sete meses. O que implicou que já não tivesse de lá voltar da quarta vez. A coisa já lá não estava. Ele já a tinha.

— Escondida ali perto, segundo a tua opinião. Precisamos de confirmar isso. Precisamos de ter olhos na estrada. Quatro homens com binóculos, para o encurralarmos visualmente. Talvez na *autobahn* a sul de Hanôver. Ele ainda não pode ter chegado tão longe.

Ligou para Griezman, que disse que iria tratar do assunto.

— É muito prestável — afirmou Sinclair.

— Para já — respondeu Reacher.

— Está a chantageá-lo?

— Disse-lhe que não o faria, mas não tenho bem a certeza se ele acredita em mim. Portanto, imagino que, de certa maneira, até esteja. O resultado final é o mesmo.

— E que possa continuar por muito tempo.

— Não vai — retorquiu Reacher. — O Griezman vai largar-nos assim que arranjar um problema maior.

— E há algum problema maior do que este?

— Ele não sabe que isto é muito mau.

— E devíamos explicar-lhe? — perguntou Sinclair. — Será que devíamos fazer um pedido de ajuda oficial?

White disse:

— Isso seria um desastre político. Daria uma imagem de fraqueza. A Rússia é praticamente aqui ao lado. Não podemos lavar a roupa suja em público.

Waterman acrescentou:

— E, seja como for, já é demasiado tarde. Os alemães demorariam meio dia só para responder. E demoraríamos um dia inteiro para os informar da situação devidamente. Talvez mais, porque estão a começar do zero. O que significa que o Wiley ganharia, no mínimo, um avanço de trinta e seis horas. E, por essa altura, já podia estar sabe-se lá onde. Isto agora é um país grande.

O escritório de Dremmler ficava no quarto andar de um edifício exclusivamente dele. Desceu no elevador, um original da década de 1950. De confiança, mas lento. Demorou vinte segundos a chegar ao átrio. E, durante esse tempo, Dremmler importou e vendeu trinta e três pares de sapatos brasileiros. O que era uma boa estatística. Um milhão de pares por semana. Mais de cinquenta milhões de pares por ano.

Saiu do edifício e atravessou um, dois, três quarteirões, sob o sol fraco do meio-dia, até ao bar com a fachada de madeira envernizada. Em tempos, teria sido considerado demasiado cedo para uma pausa para almoço, mas o sítio já estava apinhado de gente. Porque as novas horas de serviço escalonadas implicavam que as pausas para almoço acontecessem ao longo do dia inteiro, como numa sucessão ininterrupta de turnos.

Dremmler avançou pelo meio da multidão, cumprimentando as pessoas até ver Wolfgang Schlupp sentado num banco ao balcão. Não era um espécime impressionante. Cabelo escuro, olhos escuros, rosto moreno e magro, com a constituição de um cão trémulo. Mas útil. E prestes a tornar-se mais útil. Dremmler arranjou espaço com o cotovelo e pôs-se ao lado dele, com o ombro a abrir caminho e de costas voltadas para o bar.

— Como vai o negócio, senhor Schlupp? — perguntou.

— Do que precisa? — retorquiu Schlupp.

— De informações — respondeu Dremmler. — Para a causa. A nova Alemanha depende disso.

Um *barman* com um avental de lona pesado aproximou-se e Dremmler pediu-lhe um litro de cerveja.

— Que género de informações? — perguntou Schlupp.

— Você fez uma carta de condução e talvez um passaporte para um cavalheiro americano.

— Aguente lá os cavalinhos. Não fiz coisa nenhuma.

— *Okay*, transmitiu a encomenda de um cliente aos seus parceiros de Berlim. E trataram eles da coisa. Você limitou-se a ficar com metade do dinheiro.

— E então?

Dremmler conseguiu arranjar mais um bocadinho de espaço e puxou do retrato-robô. Alisou-o no balcão.

O cabelo, a testa, as maçãs do rosto. Os olhos encovados.

— Não me lembro dele — afirmou Schlupp.

— Acho que se lembra.

— E se me lembrar?

— É importante para a causa.

— O que é importante para a causa?

— Com que novo nome este homem ficou?

— E porque precisa de saber?

— Queremos encontrá-lo.

Schlupp respondeu:

— Você sabe que não lhe posso dizer. Senão, como seria o meu negócio? Ninguém iria confiar em mim.

— Isto é só uma vez sem exemplo. Ninguém vai saber, garanto-lhe. Este tipo já está metido em sarilhos. Mas nós queremo-lo primeiro. Neste momento, está a ir para um sítio qualquer, numa carrinha de distribuição vazia. Para ir buscar qualquer coisa. Presumivelmente, uma carga pesada. Dado o tamanho da carrinha. Podem ser armas. Pode ser ouro nazi de uma mina de sal.

— E você quer isso.

— Para todos nós. Para a causa. Faria uma diferença enorme.

Schlupp não respondeu.

E Dremmler prosseguiu:

— É claro que haveria um prémio para quem tivesse possibilitado isso. Ou um acordo de assessoria. Ou uma comissão pura e dura, se preferir.

— Estaria a correr um risco. Isto é como ser padre. Parte-se do princípio de que não vou falar — retorquiu Schlupp.

— A grandeza da quantia refletiria obviamente a grandeza do risco.

Schlupp olhou para o retrato-robô.

E disse:

— Acho que me lembro dele. Já tratei de muitos americanos. Acho que este tipo escolheu três nomes diferentes. Os dois primeiros foram só com bilhetes de identidade e cartas de condução. Mas acho que o terceiro veio com passaporte.

— E quais eram os nomes?

— Já foi há meses. Teria de ir ver.

— Não se lembra?

— Oiço centenas de nomes.

— E quando pode fazer isso?

— Quando chegar a casa.

— Ligue-me de imediato, está bem? É muito importante. Para a causa.

— *Okay* — respondeu Schlupp.

Dremmler assentiu, em sinal de satisfação, e foi-se embora tal como tinha chegado, abrindo caminho com o outro ombro e avançando pelo meio da multidão, cumprimentando pessoas com um movimento de cabeça, de regresso ao sol fraco do meio-dia, do outro lado da porta aberta.

O *barman* que lhe tinha servido o litro de cerveja pegou no telefone.

O telefone tocou na sala do consulado. Vanderbilt atendeu e passou-o a Reacher. Era Orozco. Que perguntou:

— Estamos metidos em sarilhos?

— Ainda não — respondeu Reacher. — Achamos que o Wiley está a ir para Frankfurt. Pensamos que roubou qualquer coisa do armazém perto da base dele, há uns sete meses. E achamos que, a seguir, a escondeu. E agora pensamos que está a ir para lá para a ir buscar.

— Temos bastante gente em Frankfurt.

— Eu sei — retorquiu Reacher. — Se precisar deles, telefono-lhes.

— Despachei finalmente o Billy Bob e o Jimmy Lee. Guardaram o melhor para o fim. Ao que parece, venderam uma *M9* ao Wiley. Portanto, tem isso em conta. Ele anda armado.

O telefone tocou e Wiley atendeu-o na cozinha. Pelo ruído de fundo, percebeu logo quem era. O *barman* amistoso, tornado ainda mais amistoso graças ao emprego generoso de dinheiro dobrado, em quantias algures entre a gorjeta e o suborno. Mais um maço extra só para o caso de haver emergências. Ou alertas. Ou qualquer outra coisa que, na opinião do tipo que estava a receber o dinheiro, o tipo que o estava a dar agradeceria. Era igual no mundo inteiro. Tudo não dito, tudo tácito, mas claramente compreendido.

— O Wolfgang Schlupp vai trair-te e chibar-se ao Dremmler — disse o tipo.

— Por quanto? — quis saber Wiley.

— Uma percentagem. O Dremmler diz que estás prestes a encontrar ouro nazi.

— Estava era prestes a ir à casa de banho.

— Tens até que o Schlupp chegue a casa.

O telefone tocou outra vez na sala do consulado. Landry atendeu e passou-o a Neagley, que o passou a Reacher. Era Griezman. Que disse:

— Pelos vistos, a nossa divisão de trânsito precisa de todos os pormenores possíveis para uma operação tão longínqua como Hanôver. E poupamos todos tempo se você lhes explicar os pormenores pessoalmente. E assim também é mais rigoroso. Já avisei o chefe-adjunto deles. Está à espera da sua chamada. Vou dar-lhe o número dele. Chama-se Muller.

— *Okay* — respondeu Reacher. — Mais alguma coisa?

— Nada. Boa sorte.

— Obrigado.

Reacher desligou e marcou o número.

O telefone tocou na secretária de Muller. Que fechou a porta, sentando-se para o atender. Uma voz americana perguntou:

— Estou a falar com o chefe-adjunto Muller?

— Sim — respondeu Muller.

— O meu nome é Reacher. Penso que o chefe dos detetives Griezman o terá avisado de que eu lhe iria ligar.

Muller afastou uma pasta e encontrou um bloco de notas. Pegou num lápis. Apontou a data, a hora e o nome de quem estava a ligar.

— Segundo parece, o senhor quer que o trânsito na *autobahn* seja monitorizado a sul de Hanôver — disse.

— Já têm a matrícula. Preciso de saber se a viatura se está a dirigir daqui para a zona de Frankfurt.

— E o que pretende de nós ao certo?

— Carros nas bermas. Ou nas pontes. Quatro pares de olhos. Como numa ação normal de fiscalização de velocidade, mas com binóculos em vez de radares.

— Não temos experiência nesse género de coisas, senhor Reacher. Não há limites de velocidade nas *autobahnen*.

— Mas percebe a essência da coisa.

— Já vi televisão americana.

Muller escreveu *essência* no bloco de notas.

— A comunicação precisa de ser automática. Preciso de tempo para organizar as coisas do outro lado — afirmou Reacher.

— E sabe para onde ele vai? — perguntou Muller.

— Ao certo, não. Ainda não.

— Diga-me quando descobrir. Posso afetar recursos.

— Obrigado, assim farei.

Muller desligou. Arrancou a primeira página do bloco. Rasgou-a ao meio, depois, em quatro partes, a seguir, em oito, e, por fim, em dezasseis, género confetes, que deitou no caixote do lixo. Reacher podia alegar que a conversa tinha ocorrido, mas Muller podia contra-alegar que terminara com uma mudança de ideias de última hora, estilo não vale a pena, resultando no cancelamento de todos os pontos acabados de acertar. Não se poderia provar uma coisa nem outra. Um conflito clássico em que cada uma das partes desmentia a outra e que a polícia ganhava sempre.

Ligou a Dremmler.

E disse:

— Podes não acreditar, mas o Reacher acabou de me telefonar. Com um problema que o Griezman me largou no colo. O Reacher acha que o Wiley está a caminho de Frankfurt. Comprometeu-se a dizer-me o destino exato assim que o soubesse.

— Excelente.

— E já arranjaste o novo nome dele?

— Já está quase a chegar.

Quando se despachou, Wolfgang Schlupp saiu do bar, percorrendo duas vielas e apanhando um autocarro, que o deixou a uma viela e duas curvas para a esquerda de casa, um apartamento no último andar de uma casa geminada anterior à Segunda Guerra Mundial. Não havia elevador, atendendo à idade do sítio. Mas o valor de mercado era alto. Ao longo de muito tempo, tinha havido um rumor de que as reparações em toda a fila de casas geminadas, a seguir aos bombardeamentos durante a guerra, tinham sido mal

feitas. Mas depois o relatório de um engenheiro demonstrara precisamente o contrário. Os preços tinham duplicado da noite para o dia. E Schlupp antecipara-se. Tinha ouvido uma conversa no bar, costas com costas com dois funcionários municipais que se encontravam a trocar mexericos.

Subiu as escadas, passando pelo átrio do segundo andar, depois pelo do terceiro e por aí fora.

Wiley ouviu-o a aproximar-se. Estava encostado à parede, na sombra entre uma boca de incêndio com armário e um cano para a água quente. Tinha uma pistola na mão. A sua *Beretta M9*, refugo do exército, comprada a dois imbecis que andavam a roubar uma empresa de distribuição, no mesmíssimo bar onde o conversador senhor Schlupp exercia o seu ofício que afinal não era assim tão secreto.

Schlupp entrou no último andar, cortou à esquerda e abriu a porta de casa com a chave. Wiley saiu das sombras e deu-lhe um encontrão para dentro do apartamento, fechando a porta com o calcanhar e empurrando-o pelo corredor, até chegarem a uma sala de estar espaçosa, uma coisa toda urbana e cinzenta, em tijolo simples, onde Schlupp tropeçou, caindo em cima de um sofá de cabedal preto e ficando ali deitado, indefeso.

Wiley ficou em pé e apontou-lhe a pistola à cara.

— Ouvi dizer que me ias trair, Wolfgang — disse.

— Não é verdade — respondeu Schlupp. — Nunca faria uma coisa dessas. Como ficava o meu negócio?

— Disseste ao Dremmler que ias fazer isso.

— Ia inventar um nome para pôr o tipo a caçar gambozinos.

— Tens aqui registos?

— Está tudo em código.

— E porque não inventaste um nome logo no bar? Porque esperaste para ir consultar os registos?

— Foi o Dremmler que te contou?

— Não interessa quem foi. Ias trair-me. Ias procurar-me nos registos. O Dremmler mandou-te ligar-lhe imediatamente, por ser muito importante para a causa.

— Nada disso, pá. Isso é uma tanga. Como podia eu fazer isso? Quem iria voltar a confiar em mim?

— Então porque não inventaste um nome logo no bar?

Schlupp não respondeu.

— Mostra-me os registos — ordenou Wiley.

Schlupp levantou-se a custo e voltaram a percorrer o corredor da mesma forma, mas mais devagar, sem que a pistola largasse por um segundo as costas de Schlupp, até chegarem a um quarto pequeno que estava a ser utilizado como escritório.

Schlupp apontou para uma estante alta.

E disse:

— O dossiê vermelho.

Que era como um dossiê de três argolas, só que tinha quatro. Páginas pré-furadas, com linhas em código escritas à mão, não palavras estapafúrdias em colunas individuais, talvez o nome antigo, o novo nome, passaporte, carta de condução, bilhete de identidade.

— Qual deles sou eu? — perguntou Wiley.

— Eu não te ia trair.

— Porque não inventaste um nome logo no bar?

— O Dremmler é um tangas, pá. Neste preciso momento, julga que andas embrenhado no país, numa carrinha de distribuição, à

procura de ouro nazi. Mas, como é evidente, não estás. Portanto, enganou-se em relação a isso, o que quer dizer que pode muito bem estar enganado em relação a tudo. É lógico, não é? Porquê dar-lhe sequer ouvidos?

— Não dei — retorquiu Wiley. — Dei ouvidos ao *barman*. O Dremmler perguntou e tu respondeste. Ias trair-me. Se não o quisesses fazer, tinhas-lhe dado um nome falso logo ali, naquele momento. Ou pronto, talvez tenhas ficado paralisado, mas, passado um minuto, ias chegar lá e dizer: sim, já me estou a lembrar, ele dá pelo nome de Schmidt. Ou qualquer coisa assim. Mas não foi isso que fizeste.

— Ele mete-me medo, meu. Pode arranjar-me sarilhos. *Okay*, admito, eu ia dizer-lhe. Mas mudei de ideias.

— Quando me viste?

— Não, antes.

— Não acredito em ti.

— Como seria o meu negócio?

— O Dremmler disse que te ia cobrir o risco.

— Juro-te, meu. Estás enganado. Mudei de ideias. Nunca faria uma coisa dessas.

Perdido por cem, perdido por mil.

Ou tudo ou nada.

— Mais vale prevenir do que remediar, pá — disse Wiley.

Passou a pistola para a outra mão, num movimento rápido, suave e fluido, e, com o rebordo da coronha, acertou em cheio na têmpora de Schlupp, de revés. Não lhe queria dar um tiro. Ali dentro, não. Demasiado barulhento. Bateu-lhe novamente, a direito, na outra têmpora, e a cabeça do tipo começou a abanar como uma boneca de trapos. Quando parou, Wiley atingiu-o outra vez, com um

golpe violento e descendente, mesmo no topo, como um machado ou um martelo. Schlupp caiu de joelhos. Wiley voltou a bater-lhe. Schlupp caiu para a frente e ficou deitado de cara no chão. Wiley baixou-se e bateu-lhe outra vez, mais outra, e outra, e outra, e outra.

Os ossos partiram-se com um estalo e o sangue desatou a correr e a esguichar.

Wiley parou e respirou fundo.

Verificou o pescoço de Schlupp, à procura de pulsação.

Nada.

Esperou um minuto inteiro, só para ter a certeza. Nada, à mesma. Por isso, limpou a pistola à camisa de Schlupp, pegou no dossiê vermelho e foi-se embora.

30

Reacher ficou sentado em silêncio, ao canto da sala do consulado, à espera de que o telefone tocasse, interrogando-se quem ligaria primeiro, os agentes em Nova Orleães ou o chefe-adjunto Muller, da divisão de trânsito. Era o mesmo que esperar pelo vencedor de uma corrida em câmara lenta. Imaginou o romper do dia no delta, langoroso, e os agentes do FBI a acordar e a tomar o pequeno-almoço, lentamente, para depois partir. E, por essa altura, o processo talvez acelerasse um pouco. Presumivelmente, a reunião deles com a mãe de Wiley seria o primeiro compromisso do dia. Tendo em conta a pressão por parte de Waterman e de Landry. E, possivelmente, aconteceria logo às oito da manhã, tendo em conta que um beneficiário da Segurança Social iria querer portar-se bem com o governo. E, a concorrer com essa cronologia semidescontraída na Louisiana, encontrava-se a carrinha de distribuição de Wiley, a mais de oito mil quilómetros de distância, na Alemanha, a deslocar-se talvez a uns cem quilómetros por hora, aproximando-se de Hanôver, sem entrar na cidade e deixando-a para trás, continuando a avançar para sul, na direção dos carros não identificados. Quem chegaria primeiro?

O telefone tocou.

Não era de Nova Orleães nem era o chefe-adjunto Muller.

Era Griezman.

Que disse:

— Estou com um grave problema.

— De que tipo? — retorquiu Reacher.

— Houve um homicídio na parte antiga da cidade. Um homem pequeno, com a cabeça toda desfeita à pancada. É uma coisa muito recente. Um vizinho ouviu um barulho. Sinto-me na obrigação de enviar todos os meus homens para lá, pelo menos, por hoje. Não tenho mesmo alternativa. Por isso, lamento muito, meu amigo, mas sou forçado a suspender a nossa ajuda temporária.

— E ficou a pensar qual seria a minha reação a isso.

Griezman hesitou por uns instantes.

— Não — respondeu. — Acreditei na sua palavra.

— Boa sorte para o homicídio — disse Reacher.

— Obrigado.

Reacher interrompeu a ligação. Sinclair fez um olhar interrogativo e Reacher afirmou:

— Agora, estamos por nossa conta.

— Por você ser um autêntico cavalheiro.

— Temos tempo.

— A mensageira já pode estar em Zurique.

— Não importa. O que importa é esta parte. Está uma coisa concreta dentro de uma carrinha de distribuição. Que não pode circular como se fosse dinheiro. Não o pode fazer secretamente, num abrir e fechar de olhos. É lenta, pesada, barulhenta e visível, por ser real.

— Só que o Muller não a viu.

— Para já.

— E quanto tempo vai você aguardar?

— Talvez umas duas horas.

— E depois?

— Vou concluir que o Wiley não está a ir para Frankfurt.

O telefonou tocou de novo.

Dessa vez, era o FBI de Nova Orleães, numa ligação direta do carro que se encontrava à porta da barraca com uma divisão onde a mãe de Wiley vivia. Dois agentes, um homem e uma mulher. Relatórios imediatos, conforme pedido. Tinham arrancado a conversa com as perguntas que tinham sido escritas, sobre o nome Arnold, o rancheiro que fora para a tropa e o fã de Davy Crockett. Veio a revelar-se serem todos a mesma pessoa. Cujo nome completo era Arnold Peter Mason. Nascido e criado em Amarillo, no Texas. Em miúdo, trabalhara num rancho, a seguir, tinha passado vinte anos no exército americano e depois vivera com a mãe de Wiley, em Sugar Land, no Texas, durante um período de seis anos, entre os dez e os dezasseis anos, mais coisa menos coisa, do pequeno Horace Wiley. E, sim, o pequeno Horace chamava tio a Arnold. Era um homem mais velho do que aquilo a que a mãe de Wiley tinha estado habituada e era um homem tranquilo e silencioso, com segredos, mas, inicialmente, tratara bem da família. Seguir-se-iam mais pormenores.

Landry, Vanderbilt e Neagley introduziram todos o nome nos respetivos sistemas. Arnold Peter Mason. Landry não encontrou nada de interesse especial imediato. Nem Vanderbilt. Neagley encontrou um oficial subalterno de vinte anos, da infantaria paraquedista. Nada de estrelas douradas nem de alertas vermelhos. Bastante tempo de serviço na Alemanha, nos tempos em que tudo podia acontecer.

E ainda vivo, de acordo com o sistema informático da Segurança Social. Sessenta e seis anos de idade. E também ainda a trabalhar, de acordo com as Finanças. Um rendimento modesto, a diminuir de ano para ano. Talvez uns biscates ou trabalhos físicos, numa redução progressiva a antecipar a reforma.

Detentor de um passaporte, de acordo com o Departamento de Estado.

Nenhuma morada nos Estados Unidos.

As Finanças indicavam que as declarações de impostos dele tinham sido feitas do estrangeiro.

A CIA assinalava que ele vivia na Alemanha.

A embaixada, em Berlim, registava-o como um cidadão americano, militar reformado, residente numa pequena aldeia perto de Bremen. A uma hora de Hamburgo.

— Será que estamos perante uma coprodução? Será que os dois estão juntos nisto? — questionou Reacher.

— Se calhar, é aí que a primeira carrinha está escondida. Em casa do tio Arnold e não em Frankfurt — retorquiu Neagley.

— Então para quê ir buscar agora uma segunda carrinha?

— Se calhar, o tio Arnold deixou os pneus ficarem sem ar.

— Ou, se calhar, vão dividir a carga. Se for uma coprodução. Se calhar, os cem milhões são só para a metade do Wiley.

— Esperem — soltou White. — Reparem bem nisto. O tio Arnold já está na Alemanha há quase vinte anos. Desde que o Wiley tinha dezasseis. Caraças, isso é que é uma coisa já vir de longe.

— E vejam só isto — acrescentou Vanderbilt.

Juntamente com Mason, estavam também registados na embaixada dois dependentes não americanos.

— Podem apostar que isso é uma mulher e um filho — atirou Landry.

E foi então que o telefone tocou novamente. Os agentes do FBI de Nova Orleães, com uma importante novidade de última hora. Após seis anos de relativa felicidade, a senhora Wiley expulsara Arnold Mason de casa por ter descoberto por acidente que ele tinha uma mulher na Alemanha. E um filho. O rapaz era deficiente. A senhora Wiley podia não ter grande coisa, mas tinha os seus princípios.

Wiley era um homem prático, por isso, limpou a pistola na máquina de lavar a loiça. E porque não? A *M9* respondia a especificações militares. Tinha sido concebida para resistir a uma imersão contínua em água salgada. Selecionou o ciclo completo para tachos e panelas, com a fase de secagem igualmente completa. A seguir, olearia as várias peças e remontaria a pistola, que ficaria impecável e como nova.

Tinha enrolado a roupa esparrinhada de sangue com o dossiê vermelho e deitara tudo no caixote do lixo. Uma decisão ponderada. O primeiro instinto tinha sido pegar nas coisas e despejá-las num caixote na rua. Nem muito perto, nem muito longe. Ninguém gostava de andar muito tempo com um objeto suspeito na mão. E depois, hipoteticamente, poderia haver uma investida enérgica e, também hipoteticamente, os caixotes do lixo de rua poderiam ser revistados, portanto, para quê estar a deixá-los fazer um círculo no mapa e descobrir onde ele vivia? O melhor era deixar aquilo ali mesmo. O senhorio encontrá-lo-ia passado um mês. E, por essa altura, já não interessaria.

Wiley pegou no telefone e ligou para a agente de viagens. A mesma rapariga que lhe tinha reservado a viagem para Zurique. Falava bem inglês. Sabia que ele gostava de ficar sentado à janela. Tinha os pormenores todos do passaporte novo e reluzente dele.

Muller não telefonou. Ninguém ficou surpreendido. Tinham abandonado a hipótese de Frankfurt e viraram baterias para Bremen. Para a casa do tio Arnold. Bishop foi buscar um mapa da CIA e abriu-o em cima de uma mesa. Segundo as informações da embaixada, a primeira linha da morada era Gelb Bauernhof. Um nome, em vez de um número numa rua. Logo, possivelmente, uma localização rural. Possivelmente, uma quinta. Reacher pôs-se a imaginar celeiros, garagens e anexos e mais pilhas de pneus gastos.

Esconderijos.

— Precisamos de um carro — afirmou.

— Precisam de um plano — retorquiu Bishop.

O telex recomeçou a fazer barulho.

— A folha de serviço do tio Arnold — disse Neagley.

— O nosso plano é eu e a sargento Neagley fazermos vigilância e recolhermos informações — explicou Reacher.

— Negativo — respondeu Bishop. — A CIA e o NSC têm de estar representados. Eu e a doutora Sinclair iremos convosco. E as regras de combate são não haver nenhum combate. Uma simples e rigorosa observação. Trata-se de uma condição inegociável. Juridicamente, estamos a falar de uma situação complexa.

— Venham armados — disse Reacher. — O Wiley tem uma arma. E, se for uma quinta, haverá uma caçadeira.

— Eu disse uma simples observação.

— Venham armados à mesma.

E White disse:

— Têm de tirar de lá o iraniano. Estão a dizer que, daqui a uma hora, pode desatar tudo aos tiros. E, nesse preciso instante, o negócio deles morre e o iraniano não vai sobreviver. Se o deixarem ali, estão a matá-lo.

Bishop ficou calado.

O telefone tocou.

Griezman.

Que perguntou:

— Acredita em coincidências?

— Às vezes — respondeu Reacher.

— A nossa vítima de homicídio era cliente habitual do bar do Helmut Klopp. Fazia lá negócio. Anda toda a gente a mentir, claro, mas acho que foi ele que vendeu a identificação.

— Porquê?

— Sussurros de outras pessoas com outras coisas para esconder.

— E já tem algum suspeito?

— Alguém que estivesse a impedir ou a vingar uma traição.

— E acabou alguém de ser traído?

— Não.

— Então, a impedir.

— Não há registos escritos no apartamento da vítima. No entanto, há um espaço numa estante com dossiês muito bem arrumada.

— Missão cumprida — retorquiu Reacher.

E, a seguir, acrescentou:

— O que até pode ser irónico.

— Em que sentido? — perguntou Griezman.

— É uma questão de sentido de oportunidade. Compramos uma identificação e resolvemos matar o fornecedor e eliminar os respetivos registos para impedir qualquer traição futura. Mas quando fazemos isso? A questão é essa. Um cliente novo correria esse risco logo a seguir à entrega? Ou um cliente antigo, numa altura de pressão máxima, com o plano finalmente em curso e com o tipo já a começar a passar-se um bocadinho?

— Não sei.

— Nem eu. Imagino que seja para aí cinquenta-cinquenta.

— Acha que foi o Wiley.

— Não, não acho. Podia haver uma série de clientes antigos stressados. E acho que o Wiley estava ao volante de uma carrinha nessa altura. Mas você é um polícia responsável. E vai pô-lo na sua lista. Tem de ser. O que quer dizer que a sua ajuda temporária acabou de recomeçar.

— Julgava que já tivesse desistido disso.

— De quê?

— Disso de estar ao volante da carrinha. O Muller disse-me que você tinha cancelado o pedido.

— Quando?

— Falei com ele há uma hora.

— Não, quando é que cancelei?

— Ele disse que você tinha falado um bocado dos pormenores e que depois, de repente, tinha mudado de ideias.

— A última coisa que eu lhe disse foi que não sabia ao certo para onde o Wiley ia. E ele pediu-me para lhe dizer quando

soubesse. Se calhar, percebi mal. Se calhar, ele ficou à espera que eu lhe ligasse. Se calhar, nem sequer chegou a começar.

— Ele disse que você tinha cancelado.

— Então foi ele que percebeu mal e não eu.

— Concordo, o inglês dele não é fantástico.

— Chegou o carro! — gritou Bishop da outra ponta da sala.

31

O carro da CIA de Bishop era exatamente igual ao carro da PM de Orozco, um grande *sedan* azul da Opel idêntico em todos os aspetos, faltando-lhe apenas a divisória à prova de bala. Bishop estava ao volante, com Sinclair sentada ao lado dele. Reacher e Neagley iam no banco de trás. Neagley sentia-se confortável, mas Reacher, não. O trânsito ia avançando. E o céu estava cinzento.

Neagley leu em voz alta o resumo, enviado por telex, da carreira militar de Arnold Mason. Fora para a tropa aos vinte anos de idade, em 1951, mas tinham-no enviado para a Alemanha, e não para a Coreia, onde acabou por passar vinte anos, descontado algumas viagens aos Estados Unidos para treinos e manobras militares. Estivera sempre na infantaria paraquedista, tendo sido treinado para o conflito com os soviéticos e destacado para boas unidades, embora não de elite. Tinha recebido uma dispensa honrosa, aos quarenta anos de idade, em 1971, terminando a carreira com o posto de primeiro-sargento.

Sinclair disse:

— E, antes disso, casou com uma rapariga alemã e teve um filho. Para quem voltara há vinte anos, passados apenas seis anos

de separação. E, mesmo assim, o Wiley sente uma ligação. É uma relação um bocado esquisita.

Por essa altura, a paisagem que se via pela janela já era agrícola, de uma forma plana, perfeita e próxima da cidade. Os campos estavam tão bem arranjados como hortas e eram pouco maiores. Todas as estradas e ruas tinham um nome, com letras imaculadas, num estilo gótico, preto sobre creme. As aldeias que se iam sucedendo eram muito pequenas. No fundo, não passavam de encruzilhadas sobrepovoadas e sinuosas. Aqui e acolá, havia celeiros e anexos, mas mais pequenos e em menor número do que Reacher esperara. Não era o que ele tinha imaginado. Era menos privado e mais ordenado. Era limpo e organizado. Uniforme e não densamente povoado. Ficava tudo bastante perto de tudo o resto.

— Falta o pontinho a seguir ao próximo e chegamos lá — afirmou Bishop.

O pontinho a seguir ao próximo era ligeiramente maior do que as versões anteriores. Ligeiramente mais denso. Viram o nome da estrada para a casa de Arnold Mason num grande cruzamento com cinco vias, no centro da povoação. Curvava para noroeste, afastando-se de Bremen, lá ao longe. De ambos os lados, viam-se miniquintas minúsculas, pouco mais do que casinhas perfeitamente impecáveis, com um ou outro hectare imaculado. Havia barracões, mas nada de celeiros.

Cada quinta tinha o seu nome. Todos apropriadamente despretensiosos. Todos, sem dúvida, escolhidos pelos proprietários, com uma certa dose de orgulho. Reacher pôs-se à procura de Gelb Bauernhof e, de repente, compreendeu o que significava. Em alemão, queria dizer Quinta Amarela. E, em espanhol, amarelo era

Amarillo. Onde Arnold Mason tinha nascido. Amarillo, no Texas. O tipo dera à quinta o nome do sítio onde tinha crescido.

Era a quinta propriedade à direita. Estavam a ir devagar, para poderem ler os nomes. Por isso, viram-na bem. E não havia grande coisa para ver. Talvez uns dois hectares, cultivados em filas perfeitas, com qualquer coisa verde-escura, possivelmente couves, uma casinha impecável, uma garagenzinha independente e impecável e um barracãozinho, também independente e impecável, um pouco mais recuado. Mais nada. A garagem daria para um *coupé* da Mercedes. O barracão daria para um pequeno trator ou para qualquer coisa mais pequena e com motor. Nenhum daria para uma carrinha roubada a uma casa de móveis.

Bishop parou o carro um quilómetro e meio mais à frente.

— Eu devia ir lá atrás bater à porta — disse Reacher.

— Isso é um risco — retorquiu Sinclair.

— O Wiley não está cá. Não há sinal da nova carrinha. Nem da velha.

— Isso não prova que o tio Arnold não esteja envolvido de uma forma ou outra.

— Mas ele não me vai logo dar um tiro. Vai fazer-se de parvo. Vai tentar safar-se com conversa. E, se for necessário, vou deixá-lo. Concordo, se as carrinhas estivessem aqui, seria diferente.

— O Wiley é capaz de chegar consigo lá dentro.

— É uma possibilidade. Mas é pouco provável. E, se acontecer, de certeza que a sargento Neagley se vai lembrar de alguma coisa.

— Devíamos ir todos.

— Por mim, tudo bem — atirou Reacher.

Bishop ficou calado.

— O Arnold Mason é um cidadão americano — disse Sinclair. — E você é do consulado. Tem direito a contactá-lo.

— Não nos podemos dar ao luxo de fazer asneira — respondeu Bishop.

— Damos a coisa por encerrada ao primeiro sinal de sarilhos.

— Não se ponham ao pé uns dos outros — alertou Reacher. — Pelo menos, inicialmente. Enquanto não tivermos a certeza.

Bishop fez inversão de marcha na estrada estreita.

Gelb Bauernhof era uma propriedade com cerca de cem metros de largura e duzentos de comprimento. Como um terreno luxuoso num subúrbio americano. Mas não deixava de ser uma quinta. Ainda que em miniatura. E sem nada de amarelo. O céu estava cinzento, a terra era castanha e as couves, verde-tropa. Bishop virou para o caminho de entrada. Que era de terra, alisada à mão para obter uma curvatura consistente. O grande *Opel* azul silvou ao passar-lhe por cima. A garagem ficava mesmo em frente. E a casa, à esquerda. A uns oitenta metros da rua.

Bishop avançou. Não houve reação. Parou no ponto em que um carreiro para peões se afastava do caminho de entrada e levava à casa. Que agora já se encontrava a vinte metros de distância. Continuou a não haver reação.

Foi então que um homem saiu da casa.

Deixou a porta da frente aberta, deu dois passos e ficou parado no carreiro, a observar. Devia ter a idade de Reacher. Talvez uns trinta e cinco anos. Era alto e estava muito direito. Tinha cabelo loiro e usava uma camisola cinzenta e largueirona e umas calças igualmente cinzentas e largueironas.

Mas não tinha nada nos pés.

— Eu vou primeiro — anunciou Reacher.

Saiu do carro lentamente e avançou um passo. O tipo parado no carreiro limitou-se a continuar a observar. Outro passo. Sem problemas. Por isso, Reacher continuou a aproximar-se, um passo de cada vez, até ficar cara a cara com o tipo. Como um vendedor a fazer uma visita. Ou um vizinho a precisar de conselhos.

— Preciso de falar com Arnold Peter Mason — disse Reacher.

O outro não respondeu. Não reagiu minimamente. Como se não tivesse ouvido. Estava a olhar por cima do ombro de Reacher, para algo em segundo plano. Onde só havia couves.

— Senhor Mason? — perguntou Reacher.

O homem olhou para ele. Olhos azuis. Vazios. Não se passava ali nada. As luzes estavam acesas, mas não havia ninguém em casa. O filho deficiente. Da mesma idade de Wiley. Da mesma geração do suposto sobrinho. Trinta e cinco anos, mas ainda dependente.

Reacher apontou para a casa com uma mão, fazendo um gesto a imitar um braço por cima do ombro com a outra, e disse:

— E que tal se entrássemos os dois?

O outro não fez nada durante um momento e, a seguir, deu meia-volta e começou a retroceder rapidamente para a casa, com os pés descalços a fazerem muito barulho, inclinando-se depois para dentro, junto à porta aberta, batendo com força na parede e gritando:

— *Mutti!*

A seguir, recuou e esperou.

Uma mulher saiu da casa. Era pequena e elegante. Tinha cabelo curto e loiro, a perder a cor. E talvez uns sessenta e cinco anos. Um

rosto simpático. Gasto, mas ainda bonito. Sorriu com simpatia para Reacher, como que a querer dizer que tinha a certeza de que ele compreendia, e depois virou-se para o filho e agradeceu-lhe pelo trabalho bem feito, apertando-lhe as mãos, dando-lhe uma palmadinha no ombro, afagando-lhe a face e mandando-o para dentro de casa.

A seguir, avançou até onde Reacher se encontrava à espera. Olhou para ele durante um segundo e depois perguntou:

— É do exército?

Falou em inglês, com sotaque, mas sem hesitações.

— Como soube? — retorquiu Reacher.

— O Arnold disse que viriam.

— Ai sim?

— Embora ele julgasse que seria mais cedo. Ainda assim.

— Sou o major Reacher.

— Senhora Mason.

— O Arnold está em casa?

— Claro.

Os outros saíram do carro e seguiram Reacher e a mulher para dentro de casa. Era um sítio pequeno, mas claro e alegre, com tinta branca e papel de parede com desenhos de flores. A mulher conduziu Reacher para uma sala de estar nas traseiras. Entrou. E ele seguiu-a. Ela atravessou a sala, baixando-se e abraçando um homem de cadeira de rodas. Deu-lhe um beijo que o despertou. E disse:

— Querido, é o major Reacher, do exército.

Arnold Mason. Outrora, trabalhador num rancho durante a adolescência, depois soldado de infantaria e depois pai de família com duas famílias. E agora, encontrava-se prostrado numa cadeira

de rodas, com um dos lados do corpo frouxo, um olho aberto e o outro fechado.

— Boa tarde, senhor Mason — disse Reacher.

O tipo não respondeu. Tinha sessenta e cinco anos, mas parecia ter noventa e cinco. Não tinha forças. Nem capacidade de concentração. Reacher olhou para a mulher e perguntou:

— Senhora Mason, podemos falar?

Voltaram para o corredor. Bishop e Sinclair apresentaram-se como funcionários governamentais. E Reacher perguntou:

— O que lhe aconteceu?

— Não sabem? — retorquiu a mulher.

— Não, não sabemos.

— Tem uma excrescência na cabeça.

— Como um tumor?

— É uma palavra comprida que eu não percebo. Está a esmagar-lhe o cérebro. Todos os dias, um bocadinho.

— Lamento.

— Ele sabia que o senhor lamentaria.

— E quando é que isso começou? — perguntou Reacher.

— Há ano e meio.

— E ele consegue falar?

— Um bocadinho. Perdeu o movimento de um lado, por isso, fala de uma forma estranha. Mas não é algo que o arrelie. Nunca foi grande conversador. E a verdade é que agora também já não se consegue lembrar de nada.

— Isso pode ser um problema. Viemos cá fazer-lhe umas perguntas.

— Pensei que tivesse cá vindo para o ajudar.

— Porquê?

— Ele disse que, se adoecesse, viria cá de certeza alguém do exército.

— E já recebeu algum tratamento por parte do exército?

— Não, nunca.

— E a memória dele está muito má?

— Tem altos e baixos, mas, na maior parte das vezes, está péssima.

— E ele fica muito cansado?

— Perde o fio à meada depois das primeiras perguntas.

— Importa-se de esperar lá fora? — perguntou Reacher.

— Ele fez alguma coisa errada?

— As perguntas têm que ver com o período imediatamente subsequente a ter recebido dispensa. Os seis anos em que não esteve cá. É capaz de não querer que a senhora ouça as respostas dele. Sinto-me na obrigação de ter em conta a privacidade dele.

A mulher retorquiu:

— Eu sei tudo sobre a senhora Wiley, de Sugar Land, no Texas. É disso que se trata?

— Do filho — respondeu Reacher.

Regressaram à sala de estar. Mason ainda estava acordado e um bocadinho mais lúcido. Reagiu às apresentações com um relance vago com um único olho e mexendo a mão. A mulher pôs-se de cócoras atrás da cadeira de rodas e abraçou-lhe os ombros, reconfortando-o, e Reacher agachou-se diante dele, para entrar no campo de visão de Mason.

Reacher perguntou:

— Senhor Mason, lembra-se do Horace Wiley?

Mason fechou o olho que ainda tinha bom e deixou-o ficar assim durante um momento, até que o abriu outra vez. Tinha uma mirada

longínqua e lacrimejante. A metade da cara que ainda funcionava mexeu-se com uma dicção exagerada e Mason disse:

— Trate-me por Arnold.

Tinha uma voz baixa e ofegante, e metade da boca paralisada, mas as palavras conseguiam perceber-se razoavelmente bem.

— Arnold, fale-me do Horace Wiley.

O olho de Mason fechou-se novamente, por mais tempo, como se ele estivesse a consultar uma fonte interna de informação, e depois o olho abriu-se e, com meio resquício de um meio sorriso, Mason disse:

— Costumava chamar-lhe Horse. No Texas, acabava por soar mais ou menos à mesma coisa.

— Quando foi a última vez que teve notícias dele?

Uma pausa.

— Acho que nunca tive notícias dele. Desde que me fui embora — respondeu Mason.

— E contava-lhe histórias do Davy Crockett?

Uma pausa maior.

Bem maior.

— Não me lembro de nada disso — respondeu Mason.

— Ele disse que se alistara por o Arnold lhe ter contado histórias do Davy Crockett.

— O Horse alistou-se? Chiça!

— E as tais histórias?

— Não me lembro.

— Tem a certeza?

— Se calhar, era alguma série de televisão que o miúdo andava a ver.

— Mais nada?

— Não me parece que fosse contar histórias. Nessa altura, não. As pessoas diziam que eu não falava muito.

E foi então que o olho se voltou a fechar, com o queixo a cair-lhe para o peito. A mulher encostou-lhe a cabeça de forma confortável e levantou-se.

— Ele agora vai dormir. Já falou mais do que aquilo a que está habituado — afirmou.

Saíram em fila indiana para o corredor com o papel de parede com os desenhos de flores. A mulher perguntou:

— Podem ajudá-lo?

— Vamos falar com a Administração dos Veteranos — respondeu Bishop.

E Reacher perguntou:

— Ele contou-lhe alguma vez as histórias do Davy Crockett?

— Não, nunca — respondeu a mulher.

— E como vai o seu filho? — perguntou Sinclair.

— Vai bem, obrigada. De uma forma um bocadinho lenta. Neste momento, é como se tivesse sete anos. Mas tranquilo e não barulhento. Temos um futuro cheio de coisas boas pela frente. Só que o Arnold sente-se culpado. E foi por isso que voltou para o Texas a seguir à dispensa. Há já tantos anos. Fugiu. Não conseguia enfrentar uma situação que não conhecia um minuto de interrupção. Por achar que a culpa era dele.

— Porquê?

— É genético. Ou é ele ou sou eu. E ele diz que é ele. A verdade é que tanto pode ser um como o outro. Só que ele insiste. Mas lá acabou por voltar. E acalmou tudo. Portou-se muito bem. Mas continua a sentir-se culpado. E agora preocupa-o o que nos possa acontecer.

Voltaram para o carro, fizeram inversão de marcha e foram-se embora.

— Acreditou nele? — perguntou Reacher.

— Acreditar em quê? — retorquiu Sinclair. — Ele não se conseguia lembrar de nada.

— E acreditou que ele não se conseguia lembrar de nada?

— Você não?

— Não fiquei com a certeza. Por um lado, *okay*, o tipo está a morrer com um tumor cerebral. Mas, por outro, não gostei daquela treta do «trate-me por Arnold». Estava a ganhar tempo. O tipo passou vinte anos na infantaria, portanto consegue cheirar PM a um quilómetro de distância. Quis pensar nas respostas.

— Que, ao fim e ao cabo, foram quais?

— Não, o Wiley não o tinha contactado e, não, não se lembrava de lhe ter contado histórias do Davy Crockett.

— Acha que ele estava a mentir?

— É difícil conseguir interpretar uma pessoa naquele estado. Acho que, provavelmente, a primeira parte é verdade. O tipo estava triste e não na defensiva. Mas fez uma pausa muitíssimo grande a seguir à pergunta do Davy Crockett. Se calhar, foi do tumor. Ou, se calhar, estava a somar tudo. A passagem do tempo, mais a natureza instintiva do Horace Wiley, que ele testemunhou bem de perto, mais seja lá o que for que estava nas histórias do Davy Crockett, mais, passados imensos anos, o súbito aparecimento de um investigador O-4 é igual a um eventual desfecho qualquer mau. E daí a necessidade de negar a coisa. Que a nossa compaixão natural desculpa como sendo uma perda de memória. O que até é capaz de ser verdade. Mas nunca vamos saber ao certo. Porque não

podemos descobrir. Não podemos dar uns piparotes ao tipo. Por assim dizer.

— Mas ele não pode estar envolvido de forma ativa. Está doente há ano e meio — retorquiu Bishop.

— Concordo — respondeu Reacher.

— Então tem tudo que ver com as histórias do Davy Crockett. Que, à primeira vista, não parecem ser nada por aí além. Uns simples contos de fadas estúpidos para miúdos. Mas foram a primeira coisa na lista críptica do Wiley. Portanto, é evidente que têm um significado pessoal para ele.

— Um significado pessoal em que sentido? — perguntou Sinclair.

Neagley explicou:

— Ele não as contou à mulher. Portanto, eram histórias que tinham que ver com o trabalho, não eram histórias domésticas. Eram histórias do exército. De que existem milhões. As unidades têm lendas de toda a espécie. Se calhar, o Mason contou ao Wiley a lenda da unidade dele, de homem para homem, a tentar estabelecer um laço com o miúdo. Como nos filmes. O namorado novo da mãe faz sempre isso. Se calhar, o Wiley nunca se esqueceu dessas histórias. Se calhar, tiveram tanto impacto que o fizeram vir ver se eram verdade, uma série de anos depois.

— E que tipo de lendas há?

— Podíamos tentar uma jogada de último recurso — afirmou Neagley.

Estava a ler a folha de serviço de Arnold Mason como se fosse uma pauta musical, passando o dedo de compasso em compasso, com a cabeça inclinada, a ouvir a melodia. E prosseguiu:

— As probabilidades de êxito são mínimas, mas, se retrocedermos o suficiente, um primeiro-tenente que estivesse com

estes tipos era capaz de ter regressado à unidade já como capitão. E, se calhar, podia ter voltado outra vez como major ou tenente-coronel. Nesses tempos, podia construir-se uma carreira na infantaria paraquedista. Se um homem desses se tiver safado bem, é bem possível que ainda esteja no exército. Já com bastante idade, mas vai lembrar-se. Toda a gente se lembra da primeira unidade.

— Isso foi há quarenta anos.

— Se ele saiu da academia aos vinte e dois, ainda lhe falta um bocado para se reformar.

— Nesta altura, já seria general.

— Provavelmente.

— E como o encontraria?

— Ligaria a um amigo que tenho no Comando do Pessoal. E alguém chegaria lá.

— Faça isso — retorquiu Sinclair. — Assim que voltarmos.

Seguiram viagem. Lá fora, o céu ia ficando mais escuro. Vinha aí chuva ou então o final da tarde. Ou ambos.

Em Jalalabad, já estava a cair o crepúsculo. A mensageira estava a sair da casa branca de adobe. Entrou para uma carrinha *Toyota* de caixa aberta. O mesmo sistema anterior. Conduzir a noite inteira e apanhar o primeiro voo. Estava preparada. Continuava mais ou menos imaculada. Não é que os suíços se importassem. O dinheiro era todo igual para eles. Tinham-na treinado.

Sabia a morada em Zurique. Sabia que Zurique seria diferente de Hamburgo. Sabia os números todos. O número de conta deles, o código, cem milhões de dólares e zero cêntimos, o número de conta de Wiley. Tinha francos suíços no bolso, para os táxis.

Reza para que sejas bem-sucedida, dissera-lhe o gordo. Mas não era ela que estava em causa. A missão dela era fácil. Ele devia ter dito reza para que o Wiley seja bem-sucedido. Ela não gostava de Wiley. E não era por causa do ataque à modéstia dela. Era por ser fraco e dissimulado e distrair-se facilmente. O que a preocupava. A missão dele não era fácil. E o êxito dela dependia do dele. *Se o negócio cair por terra, então, sim, serás morta.*

Não iria cair por terra por causa dela.

O *Toyota* foi saltando e chocalhando por estradas que mais pareciam tábuas de esfregar a roupa, afastando-se dos últimos vestígios do pôr do sol.

Na sala do consulado, Neagley pegou no telefone e ligou para o amigo que tinha no Comando do Pessoal. Explicou-lhe a jogada de último recurso. O amigo respondeu-lhe que, em teoria, a coisa parecia ser relativamente simples. Bastava procurar comandantes subalternos, por volta de 1955, nas divisões paraquedistas em serviço na Alemanha, que continuassem no exército passados quarenta anos. Neagley apostou cinco dólares em como não chegariam aos dez. E o amigo apostou dez dólares em como não haveria nenhum. Devido ao desgaste natural, explicou, além de três importantíssimas convulsões, em primeiro lugar, o Vietname, em segundo, o colapso soviético, e, em terceiro, a máquina militar dos tempos modernos, feita de voluntários e de alta tecnologia, toda eficiente e funcional, com proteções para o corpo inteiro, mulheres e óculos de visão noturna. Nenhum tipo seria capaz de sobreviver a isso tudo.

E foi então que tocou outro telefone, que Vanderbilt atendeu e passou a Reacher. Era Griezman. Que disse:

— Preciso de falar consigo em privado.

— Força — respondeu Reacher.

— Não, cara a cara. E sozinhos. Onde está?

— Não tenho autorização para lhe responder a isso.

— Só o posso ajudar se me deixar.

— Estou no consulado americano.

— Esteja à porta daqui a um minuto.

32

Reacher ficou à espera na berma do passeio, de costas para a cópia quase chapada da Casa Branca, e viu o *Mercedes* de Griezman no meio do trânsito, cem metros à esquerda dele. Quando o carro chegou, entrou, com Griezman a fazer inversão de marcha e a seguir na direção de onde tinha vindo. Estava grande como sempre. E calado. Ia a matutar em qualquer coisa.

— Para onde vamos? — perguntou Reacher.

— Para a estação de comboios — respondeu Griezman.

— Porquê?

— Porque eu sou um polícia responsável. Adicionei o Wiley à lista de potenciais suspeitos. O que implicou que a divisão fardada recebesse o retrato-robô dele. Os chuis de rua. Andaram a mostrá-lo por todo o lado. E houve um cambista da estação de comboios que o reconheceu. De há uns dias. O que faz dele um assunto seu e não meu.

— Obrigado.

— No entanto… — acrescentou Griezman.

— Isso não me soa bem.

— Já viu as nossas instalações. Obtêm-se resultados inacreditáveis. Julgamos que a nossa vítima foi atingida sete vezes

no alto da cabeça. Quase num frenesim. E sempre no mesmo sítio, por isso ficou com a cabeça feita em papa. Só que dois dos sete golpes erraram ligeiramente o alvo, um para a esquerda, outro para a direita, e combinando metades contrárias dessas duas impressões nítidas, podemos ver a forma geral do instrumento que serviu de arma.

— Bom trabalho.

— Temos uma base de dados exaustiva com coisas dessas, para referência e comparação.

— De certeza que sim.

— Foi a coronha de uma *Beretta M9*.

— Estou a ver — retorquiu Reacher.

— Que corresponde à pistola normalmente utilizada pelo exército americano.

— Eu cá não fui.

— E terá sido o Wiley?

— Não sei.

— E há mais uma coisa — anunciou Griezman.

Mas isso iria ter de esperar, já que houve um semáforo que ficou verde e o *Mercedes* avançou para a praça em frente à estação. O céu cinzento fez com que anoitecesse cedo. Na rua, os candeeiros estavam acesos. As pessoas iam entrando e saindo em catadupa da estação, rapidamente e decididas, passando por outras que se encontravam aturdidas e mudas. Havia um *stand* iluminado, mais para os fundos. Uma agência de câmbios. Com um tipo.

Griezman estacionou e fizeram o resto do percurso a pé. O homem da agência era pequeno e moreno. E falava depressa, mesmo em inglês. Reacher mostrou-lhe o retrato e ele disse:

— Sim, há dois dias, ao final da tarde, marcos alemães e dólares trocados por pesos argentinos.

— Quanto?

— Uns quatrocentos dólares.

— E ele estava nervoso ou agitado?

— Não parava de olhar em volta. Como se estivesse a pensar.

— Em quê?

— Não faço ideia, pá.

Reacher deu um passo atrás e olhou em volta. Estava a ficar cada vez mais escuro. Viu torrentes de gente e, mais atrás, a estação de comboios, toda iluminada, grande e aperaltada como um museu ou catedral. Viu os candeeiros na rua e o trânsito lento.

Griezman disse:

— E agora vamos voltar para o carro.

Percorreram mais dois quarteirões no meio do trânsito e, a seguir, viraram e estacionaram numa rua sossegada. Ficaram sentados ao lado um do outro, na parte da frente do carro, a olhar para a frente através do para-brisas. Griezman parecia preferir assim. Sozinhos, mas não propriamente cara a cara.

— Já lhe disse que havia um espaço numa estante com dossiês muito bem arrumada — afirmou.

— Descobriram o que faltava?

— Não, descobrimos outra coisa. Os dossiês eram feitos de cartão rijo plastificado com vinil. Todos de cores diferentes. De quatro argolas. Ficam todos enfileirados como se fossem livros. Já conhece este produto?

— Os nossos têm três argolas.

— Imagine que estavam dez objetos desses muito bem arrumados e enfileirados numa estante alta. Numerados de um a dez. E imagine que eu lhe pedia para tirar de lá o número seis. Como faria isso?

— Sinto-me tentado a responder que não é preciso tirar nenhum curso superior. Só que, provavelmente, até é. Já vi as vossas instalações.

— Fizeram uma experiência. Fizeram uma simulação da cena e escolheram aleatoriamente trinta e quatro indivíduos. Basicamente, quem quer que lhes passasse à frente do gabinete. E toda a gente, sem exceção, tirou o dossiê exatamente da mesma maneira. Cem por cento.

— Como?

— Esticamo-nos todos e deslizamos com a polpa do dedo indicador até à lombada do dossiê que queremos, no nosso caso, o número seis, como se o tivéssemos localizado e agora estivéssemos a reivindicá-lo, muito discretamente. É nosso. A questão da propriedade fica resolvida, psicologicamente. Mas está completamente colado aos outros. Não há nada para agarrarmos. Mas não podemos mexer o nosso indicador. Subconscientemente, não podemos abdicar do que acabámos de reivindicar. Por isso, enfiamos a extremidade do polegar no número cinco, e a polpa do dedo do meio no número sete, e afastamo-los devagar, muito respeitosamente, já que se trata de uma estante muito bem arrumada, e, a seguir, enfiamos num ápice o polegar e o dedo do meio mais para dentro, para agarrar, como se tivéssemos uma pinça, a nesga de lombada que acabámos de deixar à mostra, e puxamos o dossiê para fora da estante, sem nunca tirar o indicador

do mesmo sítio, ou seja, da lombada, prestes a equilibrar o peso quando o dossiê desce na nossa direção.

— Bom trabalho — repetiu Reacher.

— E há que inverter a numeração para os canhotos, claro.

— Mas imagino que ele não fosse canhoto.

— Temos uma ótima impressão digital. Na lombada do dossiê do lado. A almofada do dedo do meio da mão direita. A tocar suavemente no vinil.

— E aparece no vosso sistema?

— Uma correspondência perfeita.

— Isso é bom.

— Com a impressão que tirámos do carro desportivo da rapariga morta. Do cromado. O suspeito desconhecido. É o mesmo tipo, Reacher. As impressões são idênticas. O mesmo dedo, o mesmo ângulo, a mesma pressão cautelosa. É extraordinário.

Reacher ficou calado.

— Primeiro uma mulher e depois um homem foram selvaticamente assassinados — disse Griezman. — E você sabe por quem.

— Ajude-me a encontrar o Wiley e eu digo-lhe.

— E também me estaria a ajudar a mim mesmo?

— O melhor é perguntarmos-lhe isso quando o encontrarmos.

— Mas você podia dizer-me já.

— Dizer a quem? Ao simples detetive ou ao burocrata obediente que vai logo comunicar tudo aos serviços secretos em Berlim, daqui a uns dez minutos? Sendo que, a seguir, eu iria para a cadeia, passados outros dez minutos.

— Não costuma dizer aos seus superiores aquilo que eles devem ficar a saber?

— Digo-lhes o mínimo possível. Palavras curtas, nada de matemática, nem de diagramas.

— Em todo o caso, você vai parar à cadeia. Na Alemanha, é ilegal sonegar informações desse género.

— E você vai prender-me?

— Posso adicioná-lo ao processo como testemunha importante. E seria obrigado a responder. Se se recusasse, isso seria considerado desobediência ao nosso sistema judicial.

— De certeza que há para aí uma piada qualquer pelo meio.

— Estamos a falar de um assunto grave.

— E também podemos argumentar que o nosso é bem mais grave. De certeza que o meu presidente teria todo o gosto em explicar isso ao seu chanceler. Mas não precisamos de ir por aí. Ajude-me a encontrar o Wiley e depois arranjamos uma solução para esta outra coisa juntos.

— Foi ele?

— Esqueça a impressão. Um advogado também não iria achar graça. Podia já lá estar há meses. Precisa de ir por outra via. Aquilo da *Beretta* foi bem apanhado. Andam a vendê-las no bar preferido da sua vítima. Sabia disso? Quem poderá ter comprado lá uma?

— O Wiley — respondeu Griezman. — Comprou lá a identificação.

— Uma boa teoria. Prometedora. Ainda não prova nada, mas é evidente que o passo seguinte seria encontrá-lo e falar com ele.

— E onde está ele?

— Não sei.

Nesse instante, Wiley estava a cem metros de distância, a atravessar a rua quando o sinal abriu para os peões, dois quarteirões para leste da estação de comboios. Trazia umas calças pretas e uma *sweatshirt* preta, com capuz. E levava um pequeno saco preto a tiracolo. Que estava pesado. O que lá ia dentro deslocava-se e fazia barulho enquanto ele andava. De início, seguiu um percurso familiar, da paragem de autocarro em direção ao bar com a fachada de madeira envernizada. Mas, a meio caminho, virou para uma entrada para veículos e passou por dois contentores do lixo que lhe davam pela cabeça. Abriu a porta para umas escadas, por onde só se podia sair, e subiu um piso, até ao parque de estacionamento do hotel. Onde tinha encontrado a prostituta. Lembrava-se da forma como ela tinha dado meia-volta e de como o tinha chamado para o carro, como se não pudesse esperar.

Lembrava-se dos pormenores todos.

Não havia câmaras.

Dirigiu-se para a outra ponta do piso, sentindo o cheiro a gasolina, gasóleo, borracha e pó de cimento, tudo já frio. Escolheu um *BMW* prateado. Seis cilindros, gasolina. Um modelo mais antigo. Tinha aspeto de ser um carro estacionado há muito tempo. Tinha o para-brisas embaciado. A tinta estava coberta com uma película reveladora de descuido. Agachou-se defronte da grelha do radiador. Tirou do saco uma chave de fendas cruzada. Desatarraxou a matrícula da frente e guardou-a dentro do saco. A seguir, agachou-se atrás do porta-bagagens. Desatarraxou a matrícula de trás e enfiou-a também dentro do saco.

Tirou de lá um fogão de campismo com um único bico. Comprado especialmente para a ocasião. Era um quadrado com cerca de vinte centímetros, em aço estampado, com um tubo de

borracha e uma válvula de cobre serrilhada. E depois tirou uma lata de gás propano. Azul-vivo, barata, simples e conveniente. Ligou a válvula à lata. Rodou o botão e ouviu o silvo do gás. Desligou-o.

Deitou-se no betão frio e enfiou o fogão uns sessenta centímetros debaixo da traseira do carro. Tirou do saco seis cubos de construção de madeira. Brinquedos infantis. Da Suécia, pensou. Cada um tinha cerca de quinze centímetros de comprimento e dois e meio de largura. E cada um estava lacado com uma cor viva diferente. Colocou-os em cima uns dos outros, numa torre instalada no fogão. Onde seria o lugar natural de uma cafeteira ou de uma chaleira. Montou dois para um lado, depois outros dois para o outro, e, por fim, a terceira camada do mesmo modo que a primeira. Como uma fogueirazinha. Tirou uma embalagem de alumínio prateada, do tamanho e da forma de um frango assado. Equilibrou-o no topo da torre dos cubos de construção de madeira.

Tirou uma caixa de munições *Parabellum* de nove milímetros. Cem cartuchos. Uma de duas compradas com a *M9* aos imbecis do bar. Enfiou a mão no espaço por baixo da suspensão do *BMW* e pousou a caixa com cuidado na embalagem de alumínio.

Pronto. Tudo a postos. O gás, o tubo, o bico, a pilhazinha de madeira, a embalagem para assar, os cartuchos de pistola.

E o depósito do *BMW* mesmo por cima.

Verificou onde se encontrava e ensaiou o recuo rápido. A seguir, sacou de um *Zippo*. Verificou o botão da válvula de cobre serrilhada. Ligou o bico. Ouviu o silvo do gás. Acendeu o isqueiro e aproximou a chama do bico do fogão. O gás acendeu com um baque surdo. Pô-lo um pouco mais baixo. Um bocadinho menos do que a meio. Como se estivesse a ferver em lume brando.

Depois saiu de baixo do carro, levantou-se, pegou no saco e apressou-se a sair dali para fora.

A um quilómetro e meio de distância, Dremmler saiu do escritório do quarto andar e passou vinte segundos no elevador, que correspondiam a trinta e três pares de sapatos brasileiros, com Muller a cruzar-se a seguir com ele, já na rua, e a dizer:

— Imagino que já saiba.

— Do Wolfgang Schlupp? — retorquiu Dremmler. — Não se fala de outra coisa. A polícia já se fartou de revistar aquele bar. Os membros que tenho lá estão muito aborrecidos. O meu telefone não para de tocar.

— Terá sido o Wiley?

— Julgava que ele se tinha ido embora daqui.

— Tal como toda a gente. Estavam todos focados para fora da cidade. Ninguém olhou sequer na direção contrária. Portanto, fiz eu isso, só para ter a certeza. Duas câmaras montadas em semáforos. Supostamente, para controlar a circulação do trânsito, mas a registarem tudo à mesma. E lá aparece ele. A seguir no sentido contrário. Em direção a St. Georg. Nunca chegou a sair da cidade. Está cá, neste preciso momento.

— Onde?

— É um veículo grande e branco. Os polícias de trânsito da força inteira andam à procura disso.

Dremmler deu alguns passos em silêncio.

E depois perguntou:

— Senhor Muller, na sua opinião profissional, acha que a investigação referente ao Wolfgang Schlupp vai ser muito séria?

— Extremamente. Ficou com a cabeça toda para dentro.

— Vão fazer uma lista das pessoas com quem ele falou durante o dia de hoje. E eu vou estar nela.

— Naturalmente. O chefe dos detetives Griezman gosta de listas. No geral, gosta de papelada.

— Não me posso dar ao luxo de acabar envolvido. Seria politicamente inconveniente.

— Invente uma história e pronto. É um homem de negócios e ele também era um homem de negócios. Estavam a falar da bolsa. Não é que ele o possa contradizer.

— E isso será suficiente?

— Foi só uma coincidência esquisita. Talvez o tenha visto num jantar de negócios. Era um conhecido que costumava cumprimentar. Estava simplesmente a dizer-lhe olá. Cortesia profissional. No fundo, mal conhecia o homem.

Griezman voltou a levar Reacher para o consulado, deixando-o ficar na mesma berma do passeio onde o tinha apanhado. A seguir, Griezman arrancou e Reacher entrou, para descobrir que Neagley tinha ganho a aposta em que arriscara cinco dólares. E tinha uma pauta de telex para o comprovar. Previra que os tais comandantes não chegariam aos dez e ganhara graças ao número mais baixo possível.

Em 1955, o Exército dos Estados Unidos possuía bem para cima de um milhão de homens. E um dos membros dessa força era um jovem primeiro-tenente de seu nome Wilson T. Helmsworth. Tinha saído de West Point e de várias escolas de especialistas pouco tempo antes. Andava a colecionar posições de comando umas atrás

das outras, nas divisões paraquedistas. Tecnicamente, fora várias vezes o oficial superior de Arnold Mason. Até era teoricamente possível que os dois se tivessem conhecido. Num qualquer contexto formal. Talvez num desfile. E não a beber jolas. Mais tarde, Helmsworth tinha continuado a subir e, pelo caminho, especializara-se em tudo o que estivesse relacionado com um paraquedas. Em determinadas ocasiões, tinha sido o detentor dos recordes todos. Incluindo a queda livre. Escreveu uma série de livros sobre táticas dos paraquedistas militares.

Depois sobreviveu a uma longa guerra na selva, onde a folhagem era cerrada, o ar nebuloso e a infantaria estava a borrifar-se para as táticas dos paraquedistas. E saiu com uma promoção. Aderiu cedo à teoria das forças especiais e, passadas umas vinte e tal gerações, continuava ali bem embrenhado, agora no comando geral da formação em Fort Benning, na Geórgia. Onde as coisas duras tinham sido inventadas. O major-general Wilson T. Helmsworth. O único comandante subalterno nas divisões paraquedistas, da época da Guerra Fria, que ainda usava a farda verde. Do exército das botas castanhas para o exército das botas pretas e, a seguir, para o exército da New Balance. Tenaz. Uma hipótese num milhão, literalmente.

— Atualmente, encontra-se em Benning — anunciou Neagley.

— Ele precisa de trinta minutos para se poder fazer um telefonema. É um homem ocupado — afirmou Sinclair.

— Não podemos fazer isto pelo telefone — retorquiu Reacher. — Tem de ser cara a cara. O tipo já está há quarenta anos no exército. Dar tangas há de ser com ele. Precisamos de estar na mesma sala. Precisamos de ver a linguagem corporal dele.

— Precisamos? Não podemos voltar todos para os EUA. Nesta altura, não. Nenhum de nós devia voltar para os EUA.

— E ninguém vai fazer isso. O Helmsworth é que vem ter connosco. Se está em Benning, pode ir até Atlanta. Apanhar o voo noturno. Podia cá chegar amanhã de manhã. Acho que o estado-maior general devia ordená-lo a apresentar-se imediatamente em Hamburgo, aqui no consulado.

— Por causa de uma lenda de infância, mais ou menos recordada e críptica, de outra pessoa?

— O Ratcliffe disse que temos direito a tudo de que precisarmos.

— Estamos a falar de um general de duas estrelas.

— O que quer dizer que se vai pôr a milhas de qualquer coisa que seja inconsistente ou especulativa. E que vai fazer o mesmo, com o dobro da rapidez, em relação a qualquer coisa que seja sequer remotamente controversa. Não vai funcionar pelo telefone. Ele precisa de ver a cara do NSC. E nós precisamos de ver a dele.

— É muita fruta para uma jogada de último recurso.

— Estamos no estrangeiro. Possivelmente, há cá um inimigo estrangeiro. Ainda lhe vão dar outra medalha. Teoricamente, até é possível que receba uma Estrela de Prata.

— Por apanhar um avião?

— Estamos a falar de um general de duas estrelas. Recebem medalhas como quem acumula milhas aéreas.

— De certeza que precisamos dele?

— Não deixar pedra por virar.

Sinclair fez o telefonema.

Foi então que, do lado de fora da janela, se ouviu um leve som longínquo. Um *pop pop* abafado e surdo e um silvo de ar cavernoso. E, a seguir, mais do mesmo. *Pop*, *pop pop*. A parte mais recôndita

do cérebro de Reacher disse-lhe *pistola, provavelmente, com cartuchos de nove milímetros, num ambiente urbano, provavelmente, a menos de um quilómetro dali*. Aproximou-se da janela e abriu-a com esforço. Ouviu sirenes ao longe. E depois mais tiros, quatro cartuchos, a seguir, cinco, muito ao de leve, mas com mais nitidez, devido à janela aberta, depois mais sirenes, com dois tons diferentes, provavelmente de ambulâncias e de carros da polícia, acompanhadas de uma rajada frenética de tiros, impossivelmente rápida, como uma explosão ininterrupta, como uma centena de metralhadoras a disparar ao mesmo tempo, como o melhor espetáculo de fogo de artifício jamais visto no parque da cidade, seguida do violento baque surdo e abafado de uma explosão de combustível e de mais dois tiros de pistola, para depois se passar a ouvir apenas as sirenes, os gritos dos carros da polícia, os gemidos das ambulâncias, os sons graves e ensurdecedores dos carros dos bombeiros, mesclando-se tudo num uivo que mais parecia de lamento do que de ajuda.

Reacher espreitou para a rua e viu polícias a passar a toda a velocidade, todos na mesma direção, a maioria em carros, com alguns em cima de motas e outros a pé, meio a correr. Viu duas ambulâncias e um carro dos bombeiros. Havia luzes vermelhas e azuis a piscar por todo o lado.

— Que foi aquilo? — perguntou Sinclair.

Neagley respondeu:

— Parecia um incêndio numa casa, como se alguém tivesse deixado uma caixa de munições em cima do balcão da cozinha. E depois a botija de gás explodiu. Só que devíamos ter ouvido as sirenes mais cedo. Mas, se calhar, foi num prédio de pedra. Se

calhar, o incêndio não se podia ver de fora. E, por isso mesmo, só soaram o alarme já tarde.

— Intencional?

— Talvez sim, talvez não. Seja como for, o som é o mesmo.

— Relacionado?

— Não dá para perceber — respondeu White. — É uma cidade grande. Há muita coisa a acontecer.

Ouviu-se uma segunda explosão de combustível. Ténue e lá muito ao longe, mas inconfundível. Um baque surdo, um vácuo silencioso, o ar a ser sugado e uma sensação de calor radiante, por impossível que fosse. Reacher ficou a olhar para a rua. Os polícias da cidade inteira estavam a seguir na mesma direção.

33

Wiley tirou o cadeado do fecho no meio da porta, depois o do ferrolho de cima e, por fim, o do de baixo, abrindo a porta com um empurrão e enfiando-se lá dentro. Sentia-se calmo. Aguardavam-no simples tarefas mecânicas. Em primeiro lugar, vinham as matrículas. Retirou as novas da carrinha alugada e substituiu-as pelas do velho *BMW*. A seguir, sacou das latas de *spray*, compradas na loja de ferragens, verdes e amarelos berrantes, cor de laranja, vermelho e prateado. Pintou umas iniciais gordas na parte lateral da carrinha, as dele, só porque lhe apetecia e pronto, mas pela ordem inversa, WH, todas inchadas como balões, como se via nas carruagens dos metros. Sombreou as letras a prateado, pintou umas espirais ao acaso em pano de fundo e acrescentou um S gordo e um L gordo, como se fosse a assinatura de um segundo artista, só que não era. Era Sugar Land, ali escarrapachado na carrinha, e porque não? Era de onde ele vinha e era para onde ele ia.

Em jeito de toque final, pintou uma camada de cinzento por cima de tudo o resto, para serenar a coisa e para lhe dar mais idade. Recuou. Sentia-se tonto dos gases dos aerossóis. Mas estava satisfeito. Aquilo já não era uma carrinha branca nova. Era um pedaço de sucata urbana. Que já nem sequer justificaria que quem

passasse por ele lhe deitasse um olhar. Não é que alguém fosse passar por ele. Estava toda a gente no hotel. Haveria uma imensidão de forças da lei e perímetros de toda a espécie. Com bombeiros e brigadas de intervenção no centro de tudo, por causa dos tiros de pistola e da gasolina a arder. Mais toda uma série de seguranças, mirones e caçadores de fama e glória. *Eu estava lá, meu. As balas passavam-me que nem flechas por cima da cabeça.*

Abriu a porta dupla por completo e depois entrou para a carrinha alugada e pô-la a trabalhar. Começou a virá-la, fazendo marcha-atrás e ajustando-a para trás e para a frente até ficar perfeitamente alinhada. Foi olhando pelos retrovisores e recuando muito lentamente, até que o para-choques traseiro ficou colado ao para-choques traseiro da carrinha velha. Puxou do travão de mão e desligou o motor. Passou da cabina do condutor para a zona de carga. Subiu a porta de trás a partir de dentro. E ficou com a porta de trás, igual à outra, da carrinha velha mesmo à frente dele, a poucos centímetros de distância. Abriu-a com a chave e subiu-a da parte de fora.

Um caixote de madeira.

Tinha perto de dois metros de altura e largura e quase quatro de comprimento. Era robusto, feito de verdadeira madeira conífera fibrosa, em tempos clara e agora envelhecida e já de um âmbar cor de tabaco. Tratava-se de um protótipo de um sistema de contentores em série ensaiado pelo Pentágono durante a década de 1950. Um sobrevivente. Um pedaço de história. Aqui e acolá, estava marcado com números caiados e desbotados.

Pesava mais de duzentos e setenta quilos. Só seria possível deslocá-lo com uma empilhadora de garfo. Coisa que ele já não tinha. Tirou do saco uma chave de fendas normal. À moda antiga.

Como o caixote. Que tinha parafusos do tamanho de botões. Estavam colocados em centros de quinze centímetros, por todo o perímetro do painel final. Ao todo, quarenta e quatro. Provavelmente, o resultado de um estudo feito por uma empresa de investigação e desenvolvimento. Um tipo qualquer de fato recebeu um cheque chorudo para dizer que mais era melhor. O que pôs toda a gente contente. O Pentágono protegeu o couro. E o fornecedor dos parafusos safou-se à tripa-forra. Provavelmente, a cobrar um dólar por cada um. Especulação militar.

Wiley lançou-se ao trabalho.

O telefone tocou na sala do consulado. Griezman. Que disse:

— Está a acontecer alguma coisa no parque de estacionamento do hotel. Onde a prostituta desapareceu. Ouviram-se tiros e, a seguir, explodiu um carro. E depois outros dois. O incêndio está controlado porque há extintores automáticos e espuma no teto. Mas não nos podemos aproximar. Só quando tivermos a certeza em relação à pistola.

— Acham que o tipo ainda está lá dentro? — perguntou Reacher.

— Vocês não?

— Não gostámos do som. Podem ter posto munições a aquecer para depois começarem a disparar. Uma espécie de mecanismo de ação retardada. Precisam de pôr a hipótese de alguém ter programado a coisa para acontecer num determinado momento. E, nesse caso, o tipo já se sumiu há muito. Está onde vocês não estão.

— Quem?

— Talvez o Horace Wiley. Ele agora anda com uma agenda apertada. Pode estar a precisar de um engodo. Deviam pôr metade

dos vossos homens outra vez nas ruas.

— Acha que ele voltou para cá?

— Começo a achar que nunca chegou a sair. É possível que, neste preciso momento, ande por aí com a carrinha. Devia pôr tipos nas ruas.

— Impossível. É um protocolo governamental. Houve tiros e explosões no centro da cidade. A decisão não é minha. Passaram um ano a planear tudo. O gabinete do presidente da câmara é que está a comandar as operações e estamos a fazer tudo de acordo com as regras.

— E quanto tempo eles pensam ficar à espera antes de avançar?

— Vem a caminho uma equipa com proteções para o corpo inteiro. Possivelmente, daqui a trinta minutos.

— *Okay* — retorquiu Reacher. — Boa sorte.

Interrompeu a ligação. Ninguém abriu boca.

E Reacher disse:

— Vou dar uma volta.

Quarenta e quatro parafusos levaram-lhe praticamente vinte minutos, além de ter ficado com os antebraços a arder. Mas foi então que o painel se soltou, com Wiley a pousá-lo para preencher o espaço entre as duas zonas de carga. Uma superfície plana, de uma carrinha à outra. Conforme planeado antecipadamente. Tinha pensado em tudo.

Dentro do caixote, o ar estava parado e cheirava a ranço. Madeira velha, lona velha, pó velho. O velho mundo. O conteúdo correspondia precisamente ao que o tio Arnold lhe tinha contado,

tantos anos antes. Dez objetos idênticos. Todos iguais. Cada um pesava vinte e dois quilos e meio. E cada um estava embalado num contentor para transporte. Aquilo a que o tio Arnold tinha chamado um H-912. Wiley ainda se lembrava dos pormenores todos. Os contentores encontravam-se repletos de alças. Fáceis de agarrar. Fáceis de levantar, deslizar, arrastar e empurrar. Um de cada vez. Da carrinha velha para a carrinha nova. Até aos fundos. Bem encostados uns aos outros, a partir do canto mais afastado.

Uma pausa, respirar fundo e ir buscar o seguinte.

Reacher deslocou-se para sul, na direção do lago Aussenalster. A cidade encontrava-se tranquila. Uma reação fruto da experiência. A Europa estava pejada de explosões. Fações, grupos e exércitos populares. Um assunto importante durante um ou dois dias, até acontecer a coisa seguinte. Virou para leste junto à água, dando a volta ao lago. Estava a quatro quilómetros do local onde Wiley morava. E que não tinha nenhum sítio que desse para estacionar uma carrinha de distribuição sem dar nas vistas. Mas fazia sentido mantê-la por perto. Sendo que isso era relativo. Teria de se desenhar no mapa um círculo cautelosamente grande. O que abarcaria uma parte com água. Mas a maior parte seria em terra. De que Reacher só poderia percorrer um fragmento aleatório e insignificante. Mas fazer alguma coisa era um sentimento melhor do que não fazer nada. E andar era uma sensação melhor do que ficar sentado. Por isso, andou.

Vinte e dois quilos e meio era muito peso, sobretudo quando se tinha de repetir o processo uma série de vezes. Wiley fez uma pausa após sete unidades, ofegante e meio dobrado. Em parte, devido aos nervos. Era uma simples tarefa mecânica, mas, ainda assim, continuava a estar ali tudo em jogo. O momento de exposição máxima. Mas muito mais longo do que um momento. Já se estava a aproximar da meia hora, com lâmpadas de vapor espalhadas pelas docas antigas e as duas carrinhas enfiadas uma na outra, traseira com traseira, numa espécie de sodomia veicular, incluindo abanões, baques surdos e grunhidos no interior, isso enquanto ele passava o tempo todo meio dentro e meio fora de um barracão a cair aos pedaços e que ninguém tinha utilizado nos últimos trinta anos.

Vulnerável.

O que não era bom.

Respirou fundo, rodou os ombros, que lhe doíam, e voltou a meter mãos ao trabalho. Arrastou o número oito pelo caixote, fazendo-o subir a borda e atravessar o último metro do chão da carrinha velha, passando por cima do painel de madeira plano, muito lentamente, começando a balançar até assentar com um ruído seco, para depois continuar a deslocá-lo para a carrinha nova, onde o deixou em pé, encostado ao número sete.

Voltou para o fundo do caixote e foi buscar o número nove. Arrastou-o cá para fora, repetindo todo o processo anterior. Sem um único desvio. Respirou fundo e foi buscar o número dez. O último. Desencostou-o. O livro estava mesmo ali. Mesmo ali onde o tio Arnold lhe dissera que estaria. Um dossiê caqui com riscas vermelhas, guardado num impecável recetáculo de contraplacado fino, com uma meia-lua escavada para enfiar os dedos. Talvez fosse

o trabalho de um aprendiz, todos aqueles anos atrás. Na fábrica dos caixotes. O dossiê tinha mimeografias de páginas dactilografadas e presas com fechos de latão já gastos com a idade.

Agarrou no dossiê com uma mão e arrastou o número dez com a outra. Colocou o dez na vertical, ao lado do nove, e enfiou o livro no meio de ambos. Arrastou a ponte para dentro da carrinha velha e desceu a porta da carrinha nova da parte de fora. Comprimiu-se todo para contornar o caixote vazio e saiu da carrinha velha pela cabina. Apressou-se a dar a volta e entrou na carrinha nova, pondo-a a trabalhar. Avançou com ela, para depois recuar e começar a virá-la, até ficar outra vez de frente, estacionando-a no lado direito, desligando-a e trancando-a. Encheu novamente o saco e fechou a porta dupla, correndo os ferrolhos, cerrando o fecho e pondo os cadeados.

Quase quarenta minutos. Muito tempo. Foi até à esquina e arriscou uma olhadela à rua de pedras arredondadas. Até à ponte de metal. A seguir a ela, na estrada principal, o trânsito ia circulando. Da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. A uma velocidade normal. Sem sirenes. Nem pneus a chiar. Nem luzes a piscar.

Lógico.

Pegou no saco e utilizou as pontes pedonais, passando de cais em cais, até chegar a casa.

Reacher percorreu meio bairro de St. Georg, virando para oeste, acompanhando a estrada que circundava o lago. Não viu nada de interessante. Carros, mas sem que nenhum tivesse lá Wiley. Peões, sozinhos e em grupos, mas sem que nenhum fosse Wiley. Acabou

por parar numa passadeira. A estrada principal seguia em frente, até St. Pauli. Havia uma curva estreita à esquerda que dava para uma ponte de metal retangular. Viu pedras arredondadas e o luar refletido na água preta. Tudo sossegado. Nenhum movimento.

Desistiu, dando meia-volta e começando a regressar. As pessoas estavam em casa a ver televisão. Centenas de salas com um brilho azul. Notícias em direto, sem dúvida. Os cartuchos de pistola tinham sido uma jogada bastante esperta. Podia dar-se a volta às explosões e declará-las acidentais. Os tiros, nem por isso. Uma forma de atrair as atenções. Um exemplo clássico, aliás. Tinham passado um ano a planear tudo.

Voltou para o consulado, onde o segurança da noite o deixou entrar e onde Neagley o informou de que o estado-maior general tinha transmitido a ordem ao general Helmsworth. Tinha uma reserva no voo noturno da Delta, direto desde Atlanta. Um carro do consulado apanhá-lo-ia de manhã.

— Uma Estrela de Prata, de certeza — afirmou Neagley. — Houve explosões e tiroteio. Vai chamar-lhe uma zona de guerra.

Foi então que o telefone tocou. Outra vez Griezman. Que disse:

— Não havia ninguém no parque de estacionamento. Só três carros todos queimados, ainda a fumegar. E buracos de balas por todo o lado. É de loucos.

— Foi uma armadilha — retorquiu Reacher.

— Mas de quem?

— Seria uma grande coincidência se fosse de outra pessoa.

— O gabinete do presidente da câmara é que está a comandar as operações. E não conhece a história.

— Pode arranjar-me alguns carros não identificados?

— Lamento muito, mas é impossível. Estou à espera de receber instruções. O que, a este ritmo, é capaz de ser amanhã. Já houve quem dissesse que aquele canto do parque ficava perto da cozinha do hotel e que, por isso, devíamos investigar ativistas dos direitos dos animais preocupados com o *foie gras* ou com os vitelos criados intensivamente.

— Não me parece que tenham sido eles.

— Nem a mim. Mas está a perceber o que eu quero dizer. Vai ser uma noite longa. O gabinete do presidente da câmara não sabe mais do que isto.

Doze horas até à abertura dos bancos suíços.

Reacher ficou calado.

E Griezman interrompeu a ligação sem se despedir.

Mais tarde, o expresso de aeroporto de Bishop levou-os novamente para o hotel. E foram todos para os respetivos quartos. Reacher ouviu a porta de Neagley a fechar-se. E depois a de Sinclair. Que, passado um minuto, lhe ligou pelo telefone interno. Para perguntar:

— Quando devemos pedir ajuda?

— Antes de amanhã, não — respondeu ele.

— Dizes isso todos os dias.

— A esperança é a última a morrer.

— E será que vai acontecer já amanhã? — perguntou ela.

— É possível.

— Podes vir cá falar comigo?

Estava à espera dele, parada no meio do quarto, com o vestido preto, as pérolas, as meias de *nylon*, os sapatos e o cabelo

despenteado.

— Estás a pensar em quê? — perguntou-lhe.

Ele deu-lhe um beijo, longo e lento, e a seguir passou para trás dela. Ela reclinou-se, ficando encostada a ele.

— Pessoal ou profissionalmente? — retorquiu ele.

— Primeiro, profissionalmente — respondeu ela.

Inclinou-a muito ligeiramente para a frente e deu com o fecho do vestido, na nuca dela. A pecinha de metal em forma de lágrima. Muito pequenina, mas perfeitamente moldada. Um objeto de qualidade. Puxou-o para baixo, devagar, passando pela fivela do *soutien*, até à região lombar.

— Onde é que eles estarão a pensar usar o que vão comprar? — perguntou ele.

— Não sei — respondeu ela.

— Na Alemanha?

— Isso não faria sentido, do ponto de vista político.

Afastou-lhe o vestido dos ombros, delicadamente, e este caiu, ficou preso e voltou a cair, terminando no chão, à volta dos pés dela.

Ela voltou a reclinar-se.

Estava quente.

E disse:

— O mais provável seria D.C. ou Nova Iorque, ou então, possivelmente, Londres.

— Então vão transportar a coisa por mar. Desperdiçámos um dia. Partimos de um pressuposto errado. O Wiley nunca pensou em sair de Hamburgo. Aquilo é uma coisa grande e pesada, que precisa de uma carrinha de distribuição das maiores. Estar a transportá-la assim não é a melhor maneira de a tirar da Alemanha. E, seja como

for, também não a podem levar assim até D.C., Nova Iorque ou Londres. Vai ter de ir por mar, mais tarde ou mais cedo.

Inclinou-a para a frente outra vez, de novo muito ligeiramente, e desapertou-lhe o *soutien*. Passou-lhe as mãos suavemente pelos ombros, agarrando as alças e puxando-as para baixo.

O *soutien* juntou-se ao vestido.

Cobriu-lhe os seios com as mãos.

Ela reclinou-se mais uma vez, virando a cabeça e beijando-o no peito.

E ele prosseguiu:

— O Wiley levou a carrinha da casa de móveis diretamente para aqui, há sete meses. Apesar de nunca ter prestado serviço cá. E escolheu Hamburgo por ser um porto. O segundo maior da Europa. Chamam-lhe a porta de entrada para o mundo.

Enganchou os polegares na parte de cima dos *collants* dela.

— Ele vai pôr aquilo num navio — afirmou ela.

— É o meu palpite.

— Quando?

Puxou-lhe os *collants* para baixo.

E as cuecas também.

Uns polegares desajeitados.

— Quando lhe pagarem — respondeu.

— O que pode ser já amanhã.

Ele não disse nada.

Ela livrou-se dos sapatos e virou-se de frente para ele. Nua, tirando as pérolas. Um espetáculo digno de se ver.

— Quando devemos pedir ajuda? — perguntou novamente.

— Neste preciso instante, não — respondeu ele.

Despiu a *t-shirt*.

— E agora as calças — disse-lhe ela.

— Sim, minha senhora — retorquiu ele.

Voltou a montá-lo como se fosse uma vaqueira, mas, dessa vez, ao contrário, de costas para ele. O que, visualmente, constituía um equilíbrio complexo de prós e contras. No geral, não foi sofrimento nenhum. Sentiu-se como um observador de um prazer privado. Ela queria terminar em grande. Isso era óbvio. E, por ele, tudo bem. Fosse o que fosse que funcionasse. Fosse o que fosse que nos ajudasse a passar a noite.

34

Bishop enviou o expresso cedo, pois o general Helmsworth estava a chegar. O condutor explicou que o avião da Delta já tinha aterrado em Hamburgo, precisamente ao romper do dia. O general iria ser recebido no aeroporto e levá-lo-iam diretamente para o consulado, onde se refrescaria nos aposentos para as visitas, antes de passar para uma sala de reuniões providenciada por Bishop. Aparentemente, Helmsworth fizera uma interpretação restrita das ordens que recebera. Falaria apenas com Sinclair, Reacher e Neagley, que faziam parte da cadeia de comando dele, em sentido lato. Os outros, não. O que, em termos práticos, não constituía problema nenhum. Já tinham decidido entre eles eliminar toda a gordura desnecessária. Tinham chegado à conclusão de que as lendas de infância, mais ou menos recordadas e crípticas, de outra pessoa não sobreviveriam a um interrogatório formal de um contra sete, com uma mesa pelo meio. Tinham chegado à conclusão de que um ambiente descontraído seria mais produtivo. Um grupo mais reduzido. Sinclair, Reacher e Neagley já tinham sido escolhidos antecipadamente.

Por isso, os outros foram para o gabinete habitual. Bishop indicou-lhes o caminho para a sala que tinha escolhido. Parecia-se

bastante com a sala em Fort Belvoir, onde Reacher recebera a medalha. O mesmo género de cadeiras douradas, o mesmo género de veludo vermelho, o mesmo género de bandeiras. Talvez o teto fosse mais alto. O edifício era mais antigo. Neagley foi buscar quatro cadeiras de braços e dispô-las num quadrado, como num grupo informal. Todos iguais. Só pessoal na palheta.

Foi então que Bishop saiu da sala, para, um minuto depois, Helmsworth entrar. Era um homem compacto, perto dos sessenta e tal anos. Tinha cabelo curto prateado e olhos cinzentos vivos. Trazia um uniforme militar normal, muito bem engomado, com duas estrelas pretas no colarinho. Passara a noite inteira num avião, mas parecia estar razoavelmente bem. Fizeram-se as apresentações. Apertaram-se as mãos, com a exceção de Neagley, que fez sinal com a cabeça educadamente. A seguir, sentaram-se todos, onde Neagley tinha posto as cadeiras.

— Meu general, o senhor está muito irritado, numa escala de um a dez? — perguntou Reacher.

— Tudo somado, meu filho, deve dar um oito ou um nove — respondeu Helmsworth.

O tipo parecia estar a ler uma sentença de morte.

— E só pode piorar — acrescentou Reacher.

— Não tenho dúvidas disso, soldado.

— Mas não temos tempo para tretas. Por isso, meu general, faça lá o favor de se animar. Estamos aqui para falar dos bons velhos tempos.

— Dos seus ou dos meus, major?

— De um sargento chamado Arnold P. Mason. Serviu na 82.ª Divisão Paraquedista. Os vossos caminhos cruzaram-se em 1955 e

mais umas quantas vezes. Mas apenas tecnicamente. O senhor já estava a subir na carreira. Não se vai lembrar dele.

— E não me lembro mesmo. Já foi há quarenta anos.

— Mas precisamos de saber do que se lembra da divisão dele.

— Mas isto é o quê, um projeto de folclore? O mês da história oral?

— Estamos a investigar um tipo chamado Wiley. Quando era miúdo e estava a crescer, durante um período de seis anos, dos dez aos dezasseis, a mãe dele teve como namorado um veterano da 82.ª Divisão, com uma carreira de vinte anos na Europa. Achamos que esse namorado contou histórias ao miúdo. E achamos que o miúdo nunca se esqueceu das histórias e que depois, muitos anos mais tarde, também acabou por se alistar, por causa delas.

— E é assim que as coisas devem acontecer. Fico contente por saber isso.

— Mas não foi o que aconteceu no caso do Wiley. Foi como se as histórias correspondessem a um mapa do tesouro e ele se tivesse alistado só porque queria desenterrar esse tesouro.

— Isso é um absurdo — ripostou Helmsworth.

— E agora já o tem e anda ausente sem autorização.

— Já tem o quê?

— Não sabemos. Mas vale muito dinheiro.

— Ausente sem autorização de onde?

— Defesa aérea, nas divisões blindadas perto de Fulda.

— Major, porque estou aqui? Por favor, diga-me que tiveram boas razões para me trazerem para a Europa.

— Queremos ouvir as histórias do tesouro enterrado. Dessa velha 82.ª Divisão Paraquedista. Temos a certeza de que o senhor

se lembra delas. Não há oficial que não se lembre do primeiro posto de comando.

— Não havia histórias de tesouros enterrados.

— O nosso rapaz, o Wiley, entrou numa competição, na unidade dele, de frases curtas e espertinhas que explicassem as razões por que cada um se tinha alistado. E quando chegou a vez dele, disse que tinha sido por o tio lhe contar histórias do Davy Crockett.

Helmsworth não respondeu.

Reacher reparou.

E prosseguiu:

— Na verdade, o tio era o namorado da mãe. O veterano com a carreira de vinte anos. O tio Arnold. Um título honorífico elegante. Possivelmente, apropriado para quando o miúdo tinha dez anos. Mas, se calhar, um bocadinho esquisito na altura em que já tinha dezasseis.

Helmsworth retorquiu, como quem não queria a coisa:

— E que histórias eram essas do Davy Crockett?

— Não sabemos — respondeu Reacher. — E é por isso que estamos a perguntar.

— Quais foram os anos em que o namorado da mãe prestou serviço?

— Entre 1951 e 1971.

Helmsworth ficou calado durante um longo momento.

— Meu general? — soltou Reacher.

— Não os posso ajudar — afirmou Helmsworth. — Lamento imenso.

— E agora ainda continua muito furioso? — retorquiu Reacher.

Helmsworth estava prestes a responder, mas depois deteve-se no último instante.

— Exato — disse Reacher. — Um ou dois, numa escala de um a dez. Já não está irritado. Porque agora sabe que tem coisas mais importantes com que se preocupar.

Helmsworth permaneceu calado.

— Meu general? — insistiu Reacher.

— Não posso falar disso.

— Mas vai ter de falar, lamento informá-lo.

— O que eu quero dizer é que não tenho autorização para falar disso.

Sinclair respondeu:

— Senhor general, com todo o respeito, está a falar com o National Security Council. Não existe nível mais elevado de autorização para acesso a questões de segurança.

— E esta sala é de confiança?

— Faz parte de um consulado dos Estados Unidos e foi escolhida pelo chefe da base da CIA.

— Preciso de falar com o estado-maior general.

— Que, quanto a este assunto, vai dizer o que lhe mandarmos dizer. Porque não eliminar o intermediário e contar-nos logo a nós?

— Foi considerado confidencial há muito tempo.

— Considerado, o quê?

— O processo está encerrado.

E Reacher retorquiu:

— Conte-nos a história, meu general. O nosso rapaz, o Wiley, anda por aí ausente sem autorização e com material roubado. Precisamos de saber o que é. E vamos ficar aqui sentadinhos até nos explicar. Gostava de dizer que temos o dia inteiro, mas não tenho a certeza disso. Se calhar, não temos.

Helmsworth fez uma nova pausa.

E, a seguir, assentiu. Deu um puxão forte à cadeira, inclinando-se para a frente. E disse:

— Vou contar-lhes o que me aconteceu e depois vou contar-lhes o que mais se estava a passar. Estamos a falar da Europa, no início dos anos 1950. Sabíamos qual era o plano de batalha. O Exército Vermelho iria infiltrar-se em força no desfiladeiro de Fulda. A nossa primeira missão era deter a linha da frente deles e impedir a chegada de reforços. O que planeávamos fazer visando estradas e pontes atrás das linhas deles. Para fazer parar as divisões blindadas que se encontravam a caminho. E talvez também centrais elétricas e outros exemplos de grandes infraestruturas. Para desintegrar a capacidade deles. Só que não se podia confiar na força aérea. Naquela altura, ainda não havia bombas inteligentes. E uma ponte é um alvo muito pequeno. Precisávamos de certezas. Criámos umas quantas companhias de sapadores. Que eram tropas paraquedistas de combate normais com formação em demolições. A ideia era saltarem com os explosivos e marcharem ou, se necessário, lutarem desde a zona de aterragem até ao alvo, afixando com grande precisão cada respetiva carga ao suporte da ponte, à parede da central ou onde quer que fosse. O plano era esse. Naquela altura, um paraquedista militar com um explosivo às costas era a bomba mais inteligente que possuíamos.

— Bom trabalho — atirou Reacher.

— Nem por isso. Qual seria o máximo que eles conseguiam levar às costas?

— Da zona de aterragem ao alvo? Talvez uns cinquenta quilos.

— E o problema era esse. Cinquenta quilos de TNT não chegavam sequer para arranhar o suporte de uma ponte. É um mero foguetezinho. E uma central elétrica é ainda maior. Por isso,

pusemos essa técnica da bomba inteligente em versão humana temporariamente em banho-maria. Ficaria a aguardar avanços ao nível do material militar transportável. Que, por norma, eram lentos naquela altura. O fascínio estava todo do outro lado do espectro. Ou seja, das coisas de que eu não tinha conhecimento à época. Em Los Alamos, andavam mais atarefados do que nunca. Andavam a trabalhar na bomba de hidrogénio. Testaram-na mesmo antes de eu sair de West Point. No atol de Bikini, em março de 1954. Foi uma explosão de quinze megatoneladas. Entrando para a história como, de longe, a mais potente de sempre. Foi cinco vezes mais potente do que todas as bombas juntas lançadas sobre a Alemanha e o Japão durante a Segunda Guerra Mundial, incluindo as bombas atómicas que lançámos sobre Hiroxima e Nagasáqui. Provavelmente, mais potente do que todo o material militar que já tinha explodido no mundo inteiro. Tudo num milésimo de segundo. Foi uma explosão grande para caraças, meus amigos. Tão grande que ninguém pensou seriamente em tornar a coisa ainda maior. Acharam que a atmosfera pegaria fogo. Não é que, nesse momento, eu soubesse o que quer que fosse sobre isso.

— E quando descobriu? — perguntou Reacher.

— Mais tarde, ainda durante a década de 50. Por essa altura, as coisas já estavam a enlouquecer. E também descobrimos outras coisas. Descobrimos, por exemplo, que tínhamos dois laboratórios nucleares secretos e não apenas um. Não era só em Los Alamos. Havia outro sítio. E também havia uma teoria. Que esteve por trás de tudo e mais alguma coisa que o Departamento da Defesa tenha feito à época. Segundo as suas próprias palavras, o Departamento acreditava que a rivalidade alimentava a excelência e que era imperativa para a supremacia. Era uma verdade absoluta. Por isso,

arranjou um rival para Los Alamos. Chamava-se Livermore. Perto de Berkeley, na Califórnia. E, logo desde o primeiro momento, começaram a trabalhar lá pessoas inteligentes. Perceberam que não valia a pena conceber uma bomba maior. Portanto, avançaram no sentido inverso. Conceberam bombas mais pequenas. E foram ficando cada vez melhores nisso. Até que acabaram por construir todo um novo sistema de armas nucleares em redor de uma nova ogiva toda catita a que chamaram *W-54*.

— É bom saber — disparou Reacher.

— E agora volte ao meu problema original. Um tipo com cinquenta quilos às costas não me servia para nada. Mas eu era um comandante com um problema tático para resolver. A minha lista de alvos incluía importantes projetos de engenharia civil. Estradas, pontes, viadutos, centrais elétricas, infraestruturas. Será que um tipo seria capaz de transportar cem quilos às costas?

— Talvez — respondeu Reacher. — Mas até muito longe, não.

— E continuava a não chegar. Continuava a ser só um foguetezinho. Então e se fossem duzentos quilos?

— Não.

— Então e se fosse uma tonelada? Será que um tipo seria capaz de transportar uma tonelada de TNT às costas?

— É óbvio que não.

— Então e se fossem dez toneladas? Ou cem? Ou mil? Ou quinze mil? Será que um tipo seria capaz de transportar *quinze mil* toneladas de TNT às costas?

Reacher ficou calado.

E Helmsworth disse:

— Foi isso que acabaram por nos oferecer.

— Quem?

— Livermore. O novo laboratório na Califórnia. A verdade é que o novo sistema de armamento foi um fracasso. As armas ficaram mais pequenas, mas não suficientemente pequenas. Enxertaram a potência da bomba de Hiroxima num cilindro com trinta centímetros de largura e quarenta de altura. Pesava apenas vinte e cinco quilos. Com as mesmas quinze quilotoneladas de potência da *Little Boy*. O equivalente a quinze mil toneladas de TNT. Mas a *Little Boy* tinha três metros de comprimento e pesava cinco toneladas. Portanto, o cilindro de Livermore constituía um triunfo em matéria de miniaturização. Mas, infelizmente, não foi suficiente. Continuava a ser demasiado grande para ser utilizado como um projétil de artilharia ou como morteiro. Não havia nada que o pudesse lançar com fiabilidade e fosse transportável por mãos humanas. Não passava de uma curiosidade. Era uma solução à procura de um problema. Mas no poupar é que está o ganho. Descobriram um problema relevante. Deram ao cilindro um novo nome, SADM, ou seja, munições atómicas especiais de demolição, e cederam-no à 82.ª Divisão Paraquedista. E os meus tipos passaram a poder saltar só com vinte e cinco quilos às costas e destruir qualquer estrada, ponte ou viaduto que quisessem.

— Com bombas atómicas?

— Tão potentes como a de Hiroxima.

Ninguém disse nada.

— E qual era o nome antigo da SADM? — perguntou Reacher.

— Adivinhe lá.

— *Davy Crockett*.

Helmsworth assentiu.

— Foi esse o nome que deram à ogiva *W-54*. Não sei porquê. Mas ficou. Ninguém dizia SADM. Preferiam chamar àquelas coisas

Davy Crocketts. Vinham com bolsas de lona almofadadas de transporte que lembravam mochilas. Punham-nas às costas e estava feito. Mas não era uma missão popular. Os cilindros deixavam passar radiação. Pelo menos, era o que as pessoas diziam. Houve gente que adoeceu. Ficaram preocupados com cancros. Mas, acima de tudo, ficaram preocupados com as notícias que tinham visto sobre Hiroxima. Aquela explosão gigantesca. E andavam precisamente com a mesma bomba às costas. As ordens que tinham eram afixá-la ao suporte de uma ponte, ligar o temporizador e desatar a correr dali para fora. Bastante diferente de estar a largá-la de um avião a mais de dez quilómetros de altura.

— E qual era a duração do temporizador? — perguntou Neagley.

— No máximo, quinze minutos. Mais ou menos. Não era lá muito exato.

— Mas isso é de loucos. O raio letal da bomba de Hiroxima foi de um quilómetro e meio. Com uma bola de fogo com três quilómetros de alcance. O que implica doze minutos para a maioria dos tipos que anda a correr em pistas. E, num terreno misto, o mais certo era ser impossível. Sobretudo, se tivessem de combater para lá chegar. Também teriam de combater para sair de lá. Enquanto ficavam à espera de ser incinerados. Era uma missão suicida.

Helmsworth assentiu outra vez.

— Naquela altura, os cálculos eram diferentes. Teríamos abdicado de duas companhias para impedir que um milhão de homens e dez mil veículos pudessem sair de lá. Para nós, teria sido uma pechincha.

— Duas companhias? — retorquiu Reacher.

— Tínhamos cem *Davy Crocketts*.

— Cada um com o seu próprio alvo?

— Tudo cuidadosamente planeado.

— E bem disseminado?

— Como pintinhas de sarampo num mapa.

— Só que não há ali cem pontes. Nem centrais elétricas. Nem estradas ou viadutos. É um funil estreito. E é por isso que lhe chamam desfiladeiro.

— Procurou-se um efeito de redundância. Cerca de metade deveria ficar em *standby*.

— Nos intervalos. Para ficar tudo ligado.

— Como uma corrente.

— Estavam a fazer uma barreira de radiação. Como um campo de minas. Com cem bombas, até podiam ter sido dez quilómetros de largura por outros tantos de profundidade. Com qualquer forma que se quisesse. Queriam obrigar os soviéticos a ir para a esquerda ou para a direita. Onde estavam à espera deles.

— O processo está encerrado.

— Porque, à medida que o tempo foi passando, assinaram-se tratados de toda a espécie. E já não podiam fazer aquilo. Nem sequer podiam admitir que o tinham planeado.

— Sim — reconheceu Helmsworth. — As SADM foram retiradas, embora não apenas por motivos militares. Voltaram todas para a América. E não foram substituídas. A determinada altura, as armas nucleares abaixo de um determinado tamanho acabaram por ser totalmente proibidas.

— O Arnold Mason está doente. A mulher assegura que ele lhe disse que o exército se interessaria por isso, que apareceria lá alguém — afirmou Sinclair.

— Doente como?

— Um tumor cerebral.

— Aquilo já foi há imenso tempo. A maior parte dos casos aconteceu muito mais cedo.

— Houve outros?

— Uns quantos — respondeu Helmsworth.

— Histórias dessas não me iriam fazer querer alistar — disse Reacher.

Helmsworth ficou calado.

— Meu general? — insistiu Reacher.

— Cada recruta tem as suas razões.

— O Horace Wiley era um ladrão que já tinha trinta e dois anos. Não me parece que estar a treinar para uma missão suicida, ficar doente e depois acabar por ver as armas a voltar para a América fosse ser o clique para ele.

Helmsworth voltou a ficar calado.

— Meu general? — insistiu Reacher novamente.

— Isto é um assunto com autorização de segurança ao nível do presidente.

— E, para o efeito, isso aplica-se a toda a gente nesta sala — retorquiu Sinclair.

— É possível que tenha havido um erro de inventário — revelou Helmsworth.

35

Helmsworth disse:

— Os manifestos de carga iniciais mostram dez caixotes a saírem de Livermore. E cada caixote continha dez *Davy Crocketts*. Dez vezes dez são cem, que é a quantidade de bombas com que treinámos. E os manifestos de carga posteriores mostram os mesmos dez caixotes a voltarem para a América, cada um com as mesmas dez bombas lá dentro. Dez vezes dez são cem. Todas contabilizadas. Todas devidamente entregues e guardadas em segurança dentro do território dos Estados Unidos. E, subsequentemente, todas verificadas, examinadas fisicamente e contadas à frente de testemunhas. Temos, sem tirar nem pôr, cem nas nossas mãos.

— Então qual foi o erro? — perguntou Reacher.

— Os manifestos de carga foram esses. Cem para cá e cem para lá. O que batia certo com toda a papelada militar conhecida. Mas, anos mais tarde, no laboratório de Livermore, houve alguém que descobriu uma fatura por enviar referente a um décimo primeiro caixote. Mais dez *Davy Crocketts*. Não havia documentação de entrega que lhes correspondesse. Os números de produção eram

ambíguos. É possível que tenha sido aviada uma décima primeira encomenda.

— Mas que nunca foi paga. O que é pouco provável. O que quer dizer que o mais certo é o erro ter estado na fatura. E, possivelmente, foi por isso que nunca a enviaram.

— A conclusão inicial foi essa, sim — respondeu Helmsworth. — Só que, infelizmente, o fabricante dos caixotes possuía provas em contrário, de origem improvável. Os registos de um aprendiz mostravam que tinham sido de facto produzidos onze caixotes. O capataz da fábrica tinha reconhecido isso mesmo pela assinatura. Mas o décimo primeiro caixote não se encontrava na fábrica. Nem estava em Livermore. E se tinham sido fabricadas mais dez bombas, também não estavam em Livermore. Portanto, onde raio andavam? E será que existiam sequer? A questão que se punha era meio filosófica. E a outra metade era mais do género mais vale prevenir do que remediar. Por isso, começaram à procura. E não encontraram nada. Nem na América nem no estrangeiro. Se calhar, o aprendiz enganara-se. Mas, nesse caso, também era forçoso que o capaz se tivesse enganado. Não conseguiam chegar a lado nenhum.

— Até que? — perguntou Reacher.

— Não houve uma decisão unânime. A maioria afirmou que os números de produção ambíguos deviam ser lidos ao contrário e que, por conseguinte, a tal décima primeira encomenda nunca fora sequer produzida e a fatura tinha sido emitida erradamente. Ou talvez fraudulentamente.

— Isso soa a uma ameaça, para fazer com que o problema desaparecesse.

— E talvez fosse.

— E o que achou a minoria?

— Que, em Livermore, nunca teriam encomendado o caixote adicional se não tivessem bombas para pôr lá dentro. Os caixotes eram protótipos de um sistema em série. Por dentro, tinham sido modificados para transportar a carga. Mas, por fora, mantinham todos o mesmo aspeto. O erro podia ter estado na documentação de entrega. O caixote podia ter saído de Berkeley para um destino errado. Ou para o destino certo, mas com uma descrição de produto errada. Os códigos de inventário eram muito complexos. Um simples engano num único número podia ser fatal.

— Isso são muitos «podias» — retorquiu Reacher. — Isso é uma sucessão de três erros individuais. Documentação de entrega errada, código de inventário errado e uma fatura que nunca chegou a ser enviada.

— Todos os anos, andávamos a gastar milhares de milhões de dólares da década de 50 em milhões de toneladas de material. A amostra era gigantesca. Foi uma coisa frenética. Havia margem de manobra suficiente para toda a espécie de erros. Há quanto tempo está ao serviço do seu país, major?

— Há doze anos.

— E nunca soube de nada que tivesse corrido mal?

Reacher olhou para as calças. Dos fuzileiros, de caqui, cosidas em 1962, enviadas em 1965, para um departamento militar completamente errado, e ignoradas durante trinta anos.

— Mas estamos a falar de armas nucleares — disse.

E Helmsworth retorquiu:

— Em toda a nossa história, tivemos ao todo trinta e duas acidentalmente lançadas, disparadas, detonadas, roubadas ou perdidas. Encerrámos os processos de vinte e seis. As outras seis

nunca foram descobertas ou recuperadas. Continuam desaparecidas. E temos a certeza desses números. São de confiança. Haver outras dez não está fora das possibilidades. Sobretudo, tendo em conta a natureza das bombas em causa. Os *Davy Crocketts* eram coisas pequenas, produzidas em massa. Não eram armas fascinantes. Eram tratados como se fossem material militar banal.

— E essas buscas foram bem feitas?

— Procurámos por todo o lado. Literalmente, pelo mundo inteiro. E não as encontrámos. Por isso, prevaleceu a opinião dominante. Nunca chegaram sequer a existir. A ideia da fatura era cometer uma fraude, mas houve alguém que se acobardou e nunca a chegou a apresentar.

— E qual foi a sua opinião?

— Estávamos a preparar-nos para uma guerra terrestre com o Exército Vermelho, na Europa. E tínhamos centenas de armazéns com material espalhados pela Alemanha. O maior ultrapassava em tamanho algumas das cidades deles. E o mais pequeno era maior do que um estádio de futebol. Achei que a maioria estava basicamente a enfiar os dedos nos ouvidos e a cantarolar la-la-la.

— E o Arnold Mason estaria envolvido nessas buscas?

— Quase de certeza. Isto já foi vários anos depois, não se esqueça. E esses eram os tipos que sabiam realmente do que andavam à procura.

— Então foram essas histórias que o Horace Wiley ouviu quando era miúdo. O caixote desaparecido. Dez bombas perdidas, tão potentes como a de Hiroxima. Um tesouro enterrado.

— E porque havia ele de estar a contar encontrá-las quando mais ninguém conseguiu? — perguntou Sinclair.

— Cada pessoa tem os seus talentos — respondeu Reacher. — Se calhar, o tio Arnold deu-lhe uma meia pista. Se calhar, ele percebeu qualquer coisa que mais ninguém percebeu. Se calhar, foi suficientemente esperto.

— Isto parece-me tudo completamente impossível.

— Concordo.

Helmsworth disse:

— Minha senhora, nada era impossível. Era a Guerra Fria. Era uma espécie de loucura. Uma vez, coseram um microfone e um transmissor ao pescoço de um gato, com uma antena fina dentro do corpo do animal, da coluna até à cauda. Iam treiná-lo para se infiltrar no complexo da embaixada russa e apanhar conversas soltas. No primeiro dia da missão, foi atropelado por um carro. Nada era impossível e acabava tudo por correr mal, mais cedo ou mais tarde.

E Neagley retorquiu:

— Mas será que importa sequer? Há alguém que saiba os códigos de ativação? Foram sequer emitidos? E mesmo que tenham sido, tê-los-iam dividido por duas pessoas. Tratava-se de uma salvaguarda nuclear básica. E, para dez bombas, estamos a falar de vinte veteranos. Quem, ao certo?

Helmsworth ficou calado.

— Meu general? — insistiu Reacher.

— A coisa ainda é pior — afirmou Helmsworth.

— Mas isso é possível?

— Já viram os filmes sobre o Dia D. Fogo antiaéreo, erros na leitura de mapas, o vento e o estado do tempo, pântanos e rios, combate terrestre imediato. As probabilidades de duas pessoas irem parar ao mesmo sítio, ao mesmo tempo, eram absolutamente nulas. O que nos teria deixado com uma centena de pedaços de metal

inúteis. E era essencial que fôssemos eficazes. Por isso, a salvaguarda da divisão dos códigos foi considerada um impedimento tático.

— Considerada por quem?

— Pelos comandantes táticos.

— Como o senhor?

— Mandei o meu quartel-mestre dizer ao nosso armeiro para escrever o código inteiro na própria bomba, a giz amarelo. Assim, o tipo que a transportasse podia ser morto que outra pessoa podia terminar à mesma a missão. Era a Guerra Fria. Olhando para trás, sabemos que não aconteceu. Mas, na altura, parecia que era possível.

— Só que o décimo primeiro caixote nunca chegou a ir para o terreno.

— E, nesse caso, os códigos correspondentes encontram-se num dossiê ultrassecreto enfiado num recetáculo feito à medida, na parede traseira interior. Foi essa parte que o aprendiz fez. Onze vezes.

Ninguém disse nada durante imenso tempo.

E foi então que Sinclair afirmou:

— *Okay*, daqui a um minuto, tenho de ligar ao presidente para o avisar de que podemos ter dez bombas atómicas à solta, incluindo os códigos de ativação completos, e cada uma tão potente como a de Hiroxima, o que significa que, dentro de pouco tempo, dez cidades mundiais poderão ficar totalmente destruídas. Alguém me pode dar uma razão para eu não fazer esse telefonema?

Ninguém disse nada.

O chefe dos detetives Griezman subiu no elevador até ao escritório do senhor Dremmler. Era uma coisa muito lenta. Uma instalação original, sem dúvida, parte da reconstrução. Mas acabou por lá chegar. Passado um minuto, Griezman encontrava-se desconfortavelmente sentado numa cadeira para as visitas demasiado pequena, em frente à secretária de Dremmler, que primeiro pediu um café a uma secretária que Griezman julgou ser sul-americana e depois lhe perguntou em que o poderia ajudar.

— Tem que ver com o Wolfgang Schlupp — respondeu Griezman.

— Sabe, falei com ele ainda hoje. Por mero acaso — retorquiu Dremmler.

— E é por isso que aqui vim.

— Ele não disse nada de importante. Pelo menos, nada que ajudasse a esclarecer o que lhe veio a acontecer a seguir.

— E de que falaram?

— Trocámos só amabilidades. Vi-o uma vez num jantar de negócios. Não passava de um conhecido que eu costumava cumprimentar. Estava simplesmente a dizer-lhe olá. Uma cortesia profissional. No fundo, mal conhecia o homem.

— Estava a tentar vender-lhe sapatos?

— Não, não, nada disso. É uma questão de boas maneiras. Ajuda a untar as rodas.

— E costuma ir àquele bar muitas vezes?

— Nem por isso.

— E porque o fez nesse dia?

— Para ver e ser visto. Vou a muitos sítios diferentes. Vou rodando. É o que nós fazemos.

— Nós?

— Empresários, dirigentes cívicos, homens de negócios, tipos que se sabem safar.

— E o senhor estava de costas para quem, reparou? — perguntou Griezman.

Dremmler hesitou por uns instantes. Lembrava-se de arranjar espaço com o cotovelo e de se pôr ao lado de Schlupp, com o ombro a abrir caminho e de costas voltadas para o bar. Quem estava atrás dele? Não se recordava.

Griezman afirmou:

— Era um sujeito que estava prestes a arranjar problemas com as Finanças. Ouviu a conversa toda. Foi muito específico nos pormenores.

Dremmler hesitou novamente. Tinha boa memória. E bom senso. Além de ser vivo e criativo. Na posição dele, um homem precisava de tais qualidades. Rebobinou a fita mentalmente e reproduziu na cabeça a conversa do dia anterior desde o começo, a partir do momento em que perguntara como ia o negócio e, por seu turno, Schlupp lhe tinha perguntado do que precisava. Passou a cassete para a frente e selecionou as partes importantes, que correspondiam às palavras «informações», «causa», «nova Alemanha», «carta» e «condução», mais a pergunta sobre o novo nome do americano, o «suborno», a palavra importante e, pela quarta vez, a palavra «causa».

Apanhado.

E disse:

— Tenho pessoas em lugares que são capazes de o surpreender. Seria difícil que esta cidade funcionasse sem elas. E nenhuma violou lei alguma. Incluindo eu.

— Ainda.

— O que é o mesmo que dizer que nenhuma violou lei alguma.

— Vamos estar preparados para quando o fizerem.

— Perseguir-nos só vai aumentar os nossos números.

— Levar a tribunal não é o mesmo que perseguir.

— Pense lá um bocadinho, senhor Griezman. Tem pela frente uma força poderosa. Que dentro em breve ficará ainda mais poderosa. Talvez esteja na altura de deixar de obedecer aos seus amos. Devia pôr-se do nosso lado. Os nossos interesses encontram-se perfeitamente alinhados. Não tem nada que temer. O seu emprego continuará seguro. Até mesmo na nova Alemanha, haverá pequenos criminosos.

— O Schlupp chegou a telefonar-lhe antes de morrer, para lhe dizer o novo nome do americano? — perguntou Griezman.

— Não — respondeu Dremmler.

E Griezman acreditou nele. Não esperava outra coisa.

Sinclair fez o telefonema para a Casa Branca do gabinete habitual. Helmsworth já se tinha ido embora. E Bishop chegara. Waterman repetiu as mesmas previsões soturnas, que, fosse como fosse, já era demasiado tarde, que os alemães demorariam meio dia só para responder e que seria necessário um dia inteiro para os informar da situação. Talvez mais, porque estavam a começar do zero. Foi então que souberam que tinha sido invocada uma cláusula da NATO, o que apenas aumentava a complexidade da situação. Sinclair prognosticou um atraso significativo. Reacher ligou para Griezman e foi informado de que o polícia se encontrava algures no carro. A secretária afirmou que se certificaria de que o chefe lhe ligaria assim que pudesse. Parecia ser uma mulher muito simpática.

Reacher desligou.

— O Wiley é um soldado ausente sem autorização, na mesma cidade que você — atirou Sinclair.

— Preciso do novo nome dele — retorquiu Reacher.

— Boa sorte para isso.

— Podíamos arriscar uma previsão.

— Com base em quê?

— Sabemos que os clientes podiam escolher os nomes que muito bem quisessem. E sabemos que o Wiley usou Ernst e Gebhardt no aluguer. Porque escolheu esses dois? E se foram o número três e o número dois de uma lista, qual terá sido o número um?

— Isso seria uma coisa altamente especulativa.

— Aquilo a que na PM chamaríamos um palpite marado.

— E isso é melhor ou pior do que uma jogada de último recurso?

— Deixa uma jogada de último recurso tão lá atrás que já mal a conseguimos ver. É uma coisa instintiva. Como quando fechamos os olhos e apostamos tudo no taco.

— E então qual é o novo nome dele?

— Ainda não sei bem. Tenho-o aqui enfiado na cabeça. Ainda não o consegui tirar cá para fora. Sou capaz de precisar de consultar um livro ou fazer um telefonema.

— Um telefonema a quem?

— A uma pessoa que cresceu no sudeste do Texas.

O telefone tocou.

Griezman.

Que perguntou:

— Em que lhe posso ser útil?

— Não tenho bem a certeza de que já possa — respondeu Reacher.

— Então para que me ligou?

— Tinha esperanças de já estar pronto.

— Arrisque, Reacher — disse Sinclair.

Ele lembrou-se de levantar a mão, de lhe tocar ao de leve na testa com a ponta dos dedos e de lhe enfiar os dedos no cabelo, embrenhando-os nele. Lembrou-se da textura, a alternar entre o grosso e o macio, ao sabor das ondas. Lembrou-se de o puxar para trás, deixando uma parte presa atrás da orelha dela e outra solta.

Tinha-lhe ficado bem.

E, nessa altura, ele arriscara.

— Preciso que verifique os registos municipais referentes à urbanização onde o Wiley mora — disse.

— Em que nome? — retorquiu Griezman.

— Kempner.

— Isso é um nome bastante comum.

— Homens solteiros, na casa dos trinta, a viver sozinhos e, fora isso, com muito pouca documentação associada ao nome.

— Isso são várias horas de trabalho. Está com muita pressa?

— Estamos a ter de avançar um bocadinho mais depressa do que gostaríamos.

— Então é bom que tenha a certeza. Isto pode ser o seu único desejo. Não vai haver tempo para voltar a esfregar a lâmpada.

— Experimente.

— Kempner?

— Ligue-me assim que puder — rematou Reacher.

Interrompeu a ligação.

— Porquê Kempner? — perguntou Sinclair.

— Porquê Ernst e porquê Gebhardt? O Wiley cresceu em Sugar Land, no Texas, e depois um dia, uma série de anos mais tarde, pedem-lhe para escolher três nomes alemães. E o que veio à tona? Há uma tradição alemã muito grande no Texas. É uma comunidade muito antiga. Imenso êxito e imensas histórias. Reza a lenda que o primeiro alemão a lá chegar foi um tipo chamado Ernst. Que fundou a colónia. De certeza que o Wiley se fartou de ouvir falar dele. E a seguir, passados vários anos, houve outro que inventou um molho picante. E que agora se pode arranjar em garrafas de plástico em qualquer base militar ou supermercado. Está à venda no Texas inteiro. De certeza que o Wiley passou a vida a pô-lo na comida. E a marca chama-se Gebhardt.

— Uma coincidência — respondeu Sinclair. — Em ambos os casos.

— Mas e se não for? Se o Ernst e o Gebhardt tiverem tido origem numa associação subliminar a uma infância e a uma juventude passadas no sudeste do Texas, o que viria a seguir?

— Não sei. Não faço ideia.

— O Wiley tinha orgulho na cidade natal. Isso vinha no processo original relativo à ausência sem autorização. E o especialista Coleman confirmou-o. O camarada do Wiley, no camião Chaparral. E a cidade natal do Wiley girava toda à volta da Imperial Sugar. Fundada em 1906. A empresa era a dona de Sugar Land e foi ela que construiu a cidade, de uma ponta à outra, sem tirar nem pôr.

— E como é que sabe essas coisas todas?

— Fizeram um filme. E li uma notícia sobre isso uma vez, numa viagem de autocarro, saiu no *Houston Chronicle*. A Imperial Sugar foi criada por Isaac H. Kempner. Basicamente, foi o pai daquela

terra. Pô-la de pé. De certeza que é superfamoso lá para aquelas bandas. Se calhar, até deram o nome dele a uma rua.

— Isso é que é arriscar.

— A culpa foi sua.

— Eles deviam fechar o porto — soltou White.

— E de certeza que o vão fazer — retorquiu Sinclair. — De certeza que já se encontram a discutir esse assunto. Vão ligar-nos da Casa Branca para nos informar.

Olhou para o relógio na parede.

Em Zurique, os bancos já estavam abertos.

O telefone não tocou.

36

O telefone continuou sem tocar durante a primeira hora. E durante a segunda.

— Quero que o Orozco participe nisto — anunciou Reacher.

— Porquê? — retorquiu Bishop.

— Precisamos de mais um par de mãos a ajudar. O nosso tempo está a esgotar-se.

— E que poderia ele fazer por nós?

— É um bom interrogador. Se encontrarmos o Wiley antes de encontrarmos o caixote, ele vai ter de nos dizer onde isso está. E o Orozco seria bom nesse departamento. Consegue respostas das pessoas.

— E o que é que ele já sabe do assunto?

— Uma parte.

— Ligue-lhe — afirmou Sinclair.

E foi o que Reacher fez, naquele preciso instante. Informou Orozco de que, a partir daquele momento, se encontrava temporariamente destacado para o NSC e que, para mais pormenores, era necessário um 10-16 imediato para o telefone da receção.

A seguir, interrompeu a ligação.

Neagley olhou para ele.

— Volto já — disse Reacher.

Saiu do gabinete e desceu as escadas. Até ao átrio da frente. Ficou à espera na receção. O telefone tocou. O segurança atendeu. Fez um ar confuso por um segundo e depois passou o telefone a Reacher. Um 10-16 era um código de rádio da PM para um relatório por telefone fixo. E um 10-16 imediato queria dizer telefonar logo de seguida. Para o outro número, compreenderia Orozco, por razões de segurança.

— Estamos metidos em sarilhos? — perguntou Orozco.

— Ainda não — respondeu Reacher.

— Pareces um tipo que acabou de saltar de um prédio. Qual é a sensação? Para já, bastante boa. É como estar a voar.

— Só precisamos de apanhar o gajo.

— E isso vai acontecer?

— Não pode ser assim tão difícil, pois não?

— E o que precisas de mim?

— Disse-lhes que ias entrar nisto como interrogador. Mas não vais. Vais entrar nisto para sacar o iraniano da casa segura. Já se esqueceram dele por completo. Ou então estão decididos a correr um risco estúpido. E não podemos deixar que aconteça uma coisa nem outra. Vão matá-lo. Por isso, saca-o de lá assim que nós avançarmos.

— E vocês vão avançar?

— Continua otimista.

— E como vou saber quais são os sauditas e qual é o iraniano?

— Tenho a certeza de que um homem com o teu nível de sensibilidade cultural não terá problemas nenhuns.

— E que faço em relação aos sauditas?

— Se quiseres, podem ser danos colaterais.

— Isso é um bocado *hardcore* — retorquiu Orozco.

— Temos dez bombas desaparecidas.

— É disso que se trata?

— Acabámos de descobrir.

— Que tipo de bombas?

— Bombas nucleares — respondeu Reacher. — Bombas atómicas tão potentes como a de Hiroxima.

— Isso é a sério?

— Como o cancro do pulmão.

— Dez coisas dessas?

— Num caixote.

Orozco ficou calado durante muitíssimo tempo.

E depois disse:

— Gostava de incluir o meu sargento.

— Não esperava outra coisa — respondeu Reacher.

— Já estou a caminho — retorquiu Orozco.

Reacher desligou e subiu as escadas para regressar ao gabinete habitual. O telefone tocou mal ele lá chegou. Sinclair colocou-o em alta-voz. Não era da Casa Branca. Nem eram novas ordens da NATO. Era Griezman. Que disse:

— Há cinco Kempner na urbanização do Wiley. Quatro não parecem muito prováveis, tendo em conta a idade. O quinto é uma forte possibilidade. O arrendamento termina daqui a menos de um mês. Não há registo de empregos. Não se percebe bem qual será a fonte de rendimento dele. E o tipo aparece registado como Isaac Herbert Kempner.

— É ele — respondeu Reacher. — Foi esse o tipo que fundou a Imperial Sugar. É o mesmo nome, tal e qual. Encontrámos o Wiley.

— Apanho-os daqui a cinco minutos — retorquiu Griezman. — Mas, por favor, que sejam só você, a sargento Neagley e a doutora Sinclair. Nada de CIA. Ainda não informei Berlim. Estou a arriscar imenso a pele.

Sinclair interrompeu a ligação.

Olhou para Reacher e disse:

— Parabéns, major. Mais uma medalha.

— Ainda não — respondeu Reacher.

Muller fechou a porta do gabinete e ligou para Dremmler pelo telefone que tinha em cima da secretária. E disse:

— O Griezman anda a verificar os registos municipais à procura de um tipo chamado Kempner. Na nova urbanização onde eles acham que o Wiley mora. Onde tinham o carro não identificado.

— É um nome comum — retorquiu Dremmler.

— Também já estive a ver e descobri cinco nesse bairro. Três são velhos. Outro é um estudante. E o quinto tem trinta e cinco anos. E carta de condução. Que me dá acesso ao registo dele. Que está completamente vazio. Não aparece lá nada. Multas por excesso de velocidade, multas de estacionamento, avisos ou reprimendas, pedidos de reembolso aos seguros, depoimentos assinados como testemunha, nada de nada. Nenhum contacto que seja com o mundo burocrático. O que não é normal para um tipo com trinta e cinco anos. Não me parece que esse nome seja verdadeiro. Acho que Kempner é o novo nome do Wiley.

— E tens a morada?

— Devíamos antecipar-nos. O Griezman já vai fazer uma visita ao apartamento. Que ficará inacessível para nós. Mas tens de

pensar como um polícia de trânsito. O homem tem uma carrinha de distribuição com uma distância grande entre os eixos. Onde estaciona essa coisa? Na rua, não, porque os meus homens têm andado à procura dela e não a encontraram. Nem numa garagem, já que aquilo é um modelo com tejadilho alto, além de ser demasiado comprido. Portanto, estará num barracão grande ou, possivelmente, num armazém pequeno. Suficientemente perto do sítio onde ele vive para poder dar jeito. E está lá neste preciso momento. Mesmo à nossa espera. E é aquilo que nós queremos. Não é o próprio Wiley.

— E onde, ao certo?

— Tens de perguntar aos teus conhecidos. Alguém arrendou um barracão velho ou um armazém? Possivelmente, a troco de dinheiro vivo, e de certeza a alguém que nunca tinha visto na vida e que tinha uma história qualquer da treta, bastante vaga, para explicar porque precisava disso. Vocês costumam falar desse género de coisas, certo? Um tipo que conhece um tipo que conhece outro tipo?

— Ainda vou fazer de ti chefe da polícia — afirmou Dremmler.

Bishop conduziu-os até ao seu gabinete, que tinha a um canto um cofre à moda antiga com fechadura de segredo, do tamanho de uma máquina de lavar a roupa. Rodou o botão, puxou o manípulo e abriu a porta. Lá dentro, encontrava-se uma grande trapalhada de coisas, incluindo quatro pistolas guardadas, com a coronha para cima, numa caixa de cartão comprida. Pegou em três e distribuiu-as pelos outros. Uma para Sinclair, outra para Reacher e a última para Neagley. Eram *Colts* calibre .380, modelo governamental. Com sete balas, aço azulado, punhos de plástico. Cano curto, mas preciso. Estavam carregadas.

— Tentem não as usar — pediu Bishop. — E se o fizerem, por amor de Deus, acertem só no Wiley. As implicações em matéria legal seriam um pesadelo.

— Diga ao Orozco onde estamos e o que estamos a fazer, mal ele cá chegue. Diga-lhe para ficar a postos — respondeu Reacher.

— Claro — retorquiu Bishop.

Sinclair enfiou a pistola na mala. Reacher e Neagley puseram as deles nos bolsos.

Feito.

Griezman parou o carro no mesmo sítio da véspera, com Sinclair a entrar para a frente. Reacher e Neagley entraram para o banco de trás. A seguir, Griezman arrancou, avançando com dificuldade pelo meio do trânsito no centro da cidade, por uma estrada de que Reacher se recordava. Lá acabaram por chegar ao cruzamento. Edifícios altos de tijolo, por todo o lado. A loja de bebidas ficava à direita e a nova urbanização, à esquerda.

Viraram à esquerda.

Contornaram a rotunda novinha em folha e optaram pela saída do meio, diretos para o complexo de apartamentos. Naquele contexto, os edifícios pareciam arranha-céus, mas nenhum tinha mais do que quinze andares. Os painéis exteriores, que, na América, teriam sido de vidro ou espelhados, eram por vezes de metal, pintados com cores simples e vivas. Como se as habitações tivessem inspirado ou sido inspiradas por blocos de construção para crianças. Ou talvez a ideia fosse que as crianças se sentissem em casa ali. Reacher não percebia como. Tinha sido um miúdo sério. Achou que toda aquela alegria incessante o teria feito dar em louco.

Griezman abrandou.

E disse:

— É o próximo prédio à esquerda.

Que era uma estrutura idêntica, parecida com uma caixa de sapatos gigante pousada de lado, sarapintada com painéis coloridos e salpicada de janelas, que eram mais pequenas do que poderiam ter sido e tinham caixilhos grossos e eficientes. O átrio comia parte do rés do chão e do primeiro andar, como uma arcada imponente, presumivelmente, com entradas à direita e à esquerda. Duas zonas para elevadores.

— Devíamos estacionar e seguir a pé ou ir de carro mesmo até lá? — perguntou Griezman.

— Ir de carro — respondeu Reacher. — Vamos lá despachar isto.

Por isso, Griezman voltou a acelerar e, a seguir, reduziu a velocidade até parar à porta do átrio de Wiley. Havia árvores novas plantadas nas bermas. E outro edifício mesmo em frente, mais outros dois ao longe, com um caminho para peões a atravessar-se no meio deles, indo dar, primeiro, à parte preservada da paisagem urbana e, depois, a uma ponte pedonal de teca e aço. Curvava-se sobre a água e seguia para diante.

Abriram as quatro portas ao mesmo tempo e saíram do carro. Tendo em conta o número do apartamento, a opção, no átrio de Wiley, era virar à esquerda. Havia dois elevadores destacados para essa metade do prédio. E estavam os dois à espera no átrio. A precipitação matinal a caminho do trabalho já tinha terminado. O apartamento de Wiley ficava no nono andar. O procedimento habitual num raide a um apartamento implicava fazer subir gente em todos os elevadores disponíveis, em simultâneo, mais uns quantos

pelas escadas. Uma investida enérgica, para evitar uma fuga sortuda. Reacher sabia que isso já tinha acontecido. Vira imagens de câmaras de segurança que mostravam um tipo a sair descontraidamente do apartamento e a entrar num elevador literalmente meio segundo antes de os polícias irromperem de outro elevador. Um infeliz sentido de oportunidade. Uma lição a aprender. Reacher imaginou que Griezman teria um ataque cardíaco se tivesse de subir a pé nove andares e, por isso, propôs que ele fosse num elevador, e Sinclair, no outro. Neagley foi pelas escadas. E Reacher acompanhou Sinclair. Que ainda tinha a pistola dentro da mala. Não era boa política. Tirá-la de lá iria ser uma coisa lenta e a única verdadeira debilidade do modelo governamental era uma mola do carregador bastante saliente, junto ao gatilho. Estar a remexer numa mala podia fazer a pistola disparar. Não era o ideal.

As portas do elevador fecharam-se. E eles começaram a subir. Sinclair perguntou:

— O que achas do que se está a passar?

— Pessoal ou profissionalmente? — retorquiu Reacher.

— Em relação ao Wiley.

— Vi-o nas imagens da câmara de segurança da loja de bebidas. Pareceu-me rápido e vivaço como uma ratazana. E tem uma pistola. E está prestes a fazer o negócio do século. Mas tudo bem. Gosto de desafios.

— Prendemo-lo assim que ele abrir a porta. Não vai ter tempo para fazer nada.

— E se ele não abrir a porta? E se ele espreitar pelo óculo e ficar à espera no quarto?

Sinclair não respondeu.

O elevador parou.

E as portas abriram-se.

Griezman já lá estava. Com exceção dele, o corredor encontrava-se vazio. Havia portas de dez em dez metros. Os números dos apartamentos estavam assinalados em painéis verticais exíguos, ao lado das portas. Os painéis tinham um aplique incorporado na parede, em cima, e o número, em baixo. Eram todos de cores vivas diferentes. E os números estavam escritos como num livro da escola primária. O de Wiley era o 9b. O painel dele era verde e a porta, amarela. Como num teatrinho. O meu primeiro apartamento.

Não havia óculo na porta amarela. O que havia era um olho de plástico, à altura da cabeça, no painel verde, do tamanho de um ovo, protuberante e cinzento esfumado. Uma câmara. Presumivelmente, com um ecrã do lado de dentro. Uma imagem enorme, com uma lente grande angular. Por baixo da câmara, à altura do cotovelo, encontrava-se o botão de uma campainha. Uma visita que se aproximasse o suficiente para tocar à campainha ficaria com a cara mesmo à frente da câmara. O que fazia sentido.

Neagley bateu no peito. *Vou eu primeiro*. Não se afastou da parede, aproximando-se da câmara num ângulo de noventa graus, e quando já se encontrava à distância de um braço, tapou a lente com a palma da mão esquerda, sacou do *Colt* e serviu-se da boca da pistola para carregar no botão da campainha.

37

Não houve resposta. Neagley carregou outra vez no botão. Reacher ouviu um tilintar baixinho, parecido com o de um sino, vindo do apartamento. Suave, melodioso e nada urgente.

Nenhuma resposta.

Nada.

Silêncio.

Neagley recuou.

— Precisamos de um mandado de captura — afirmou Griezman.

— Tem a certeza? — retorquiu Reacher.

— Na Alemanha, é essencial.

— Mas ele é americano. E nós somos americanos. Vamos fazer isto à americana.

— Também precisam de um mandado. Já vi isso no cinema. Vocês têm uma emenda.

— E cartões de crédito.

— Para quê? Para comprar alguma coisa? Para subornar alguém?

— Para efeitos de engenho e de autoconfiança. É assim que se fazem as coisas à americana.

Neagley pediu um cartão de crédito a Sinclair e recebeu um American Express do governo. Aproximou-o da porta de Wiley e pôs-se de lado, de costas para a dobradiça, com a mão de dentro no puxador e a de fora a segurar o cartão, apenas com as pontas dos dedos. Empurrou a porta com o ombro, tentando subir o puxador, aproveitando a eventual compressão adicional que as dobradiças lhe pudessem dar, e enfiou o American Express do governo na ranhura e encostou-o à lingueta da fechadura. Foi dando toquezinhos com ele, deslocando a porta muito ligeiramente para um lado, empurrando-a com o ombro, e deslocando-a também muito ligeiramente para o outro, subindo e descendo o puxador, experimentando combinações aleatórias, até que, por fim, a fechadura retrocedeu com um pequeno estalido e a porta se abriu. Altura em que ela se baixou, por saber que Reacher estaria a apontar para o meio do corpo de quem quer que se encontrasse atrás da porta.

Não havia lá ninguém.

Não havia ninguém em lado nenhum.

Confirmaram que cada divisão do apartamento estava segura, primeiro, com olhares apressados, da esquerda para a direita, por cima de miras de ferro, e depois novamente, de forma mais paciente e lenta.

Continuava a não estar ali ninguém.

Reuniram-se na cozinha. Havia um mapa parcialmente aberto em cima da bancada. Numa escala grande e bastante pormenorizado. A região central de um país. Oceano à esquerda e oceano à direita. Um quadrado perfeito marcado com a gordura de um dedo. E a cidade de Buenos Aires no canto superior direito.

— A Argentina — disse Reacher. — O tipo vai comprar um rancho. Que há de ter mais de uns dois mil e quinhentos metros quadrados. Trocou o dinheiro dele por pesos na estação de comboios. O gajo vai para a América do Sul.

Neagley abriu armários, espreitou para dentro da máquina de lavar louça e puxou gavetas para fora. Enfiou a mão no caixote da reciclagem e tirou de lá uma garrafa escura, com um gargalo fino. Passada por água e vazia. Um rótulo dourado desbotado. *Dom Pérignon*. A seguir, foi ver o lixo. Côdeas, cascas e borras de café. Mais uma camisa ensanguentada, umas calças também salpicadas de sangue e um dossiê vermelho. Feito de cartão rijo plastificado com vinil, com quatro argolas lá dentro e páginas pré-furadas, com linhas em código escritas à mão, em cinco colunas individuais.

— Isso é do Schlupp — disse Griezman. — Não preciso de mais provas.

Sinclair voltou do quarto.

— O tipo fez a mala — afirmou. — Só que ainda a tem dentro do armário. Ele ainda está aqui em Hamburgo.

Nesse momento, Wiley encontrava-se nove andares abaixo deles, no átrio. Mas ainda não se estava a aproximar da zona dos elevadores. Estava parado a meio do rés do chão, meio virado, a olhar para trás, na direção do carro estacionado na berma. Percebia de carros. Tinham sido o negócio dele. Havia pessoas que os roubavam, ele vendia-os. Para o México, essencialmente. Às vezes, para as Caraíbas. Sabia avaliar bem o valor deles. Era um mercado com preços flutuantes, como qualquer outro. E o carro parado na berma era um *Mercedes*, já com uns três ou quatro anos. Parecia

em boas condições e muito limpo. Mas, por baixo do verniz, já estava bastante usado e desgastado. Já fizera muitos quilómetros em cidade. Tinha uma antena na tampa da bagageira. Como um táxi ou um *sedan* de luxo, género limusina. Mas não era um táxi nem um *sedan* de luxo. Não tinha a luzinha nem o taxímetro. E, se fosse um *sedan* de luxo, era demasiado velho para pertencer a um serviço topo de gama. E se tivesse sido vendido em segunda mão a um serviço menos sofisticado, estaria repleto de autocolantes e de números de telefone.

E também não era um *sedan* de luxo porque o assento do condutor estava todo enfiado no espaço do passageiro de trás. E nenhum casal numa saída noturna toleraria isso.

Era um carro da polícia. Não era um daqueles carros comuns de detetive mas de xerife ou capitão. Porquê? Não seria por causa dele, com certeza. Era invisível. Estava seguro disso. Então seria por causa de quem? Havia praticamente duzentos apartamentos no prédio. Tinha de haver algum mauzão num deles. Uma certeza, estatisticamente, na nova Alemanha.

Precisava da mala, obviamente, e queria o mapa. Estava a pensar mandar emoldurá-lo. Estava a pensar pendurá-lo por cima de uma lareira em pedra natural, num salão com um teto altíssimo, com um pináculo no centro. O lugar natural dele. Tinha um grande valor sentimental para Wiley. Ajudara-o a passar muitas noites longas. Servia-lhe de inspiração. Não o podia deixar simplesmente para trás. Podia voltar a comprar as coisas que tinha na mala, se fosse necessário. Seria uma tarefa trivial. Embora, nesse caso, tivesse de trocar os pesos outra vez por marcos, o que seria um incómodo. Mas não podia abandonar o mapa. Além de tudo o resto, era uma pista. Um quadrado assinalado a lápis, coçado pela ponta

do seu dedo. Matara a prostituta por menos do que isso. Portanto, tinha de o ir buscar.

Mas mais tarde, pensou. Naquele momento, não. Só por via das dúvidas. A polícia podia estar no andar dele. Havia uma hipótese em quinze. E não queria ter nada que ver com depoimentos de testemunhas. Que poderia ele dizer? Não conhecia os vizinhos. O que seria considerado esquisito. Por isso, deu meia-volta e saiu do átrio, percorrendo o caminho para peões em direção à água, passando pelo edifício seguinte e pelo meio dos últimos dois, até chegar a um banco instalado junto a um guindaste em bom estado na zona das docas. Sentou-se e foi-se deslocando discretamente até ter um campo de visão desimpedido no sentido em que tinha vindo. Mais ou menos trezentos metros. O carro já era só um pontinho. Logo, ele também, na perspetiva contrária. Esperou.

Dremmler fez os telefonemas no escritório do quarto andar e as pessoas a quem ligou fizeram igualmente telefonemas, numa sucessão até uma determinada secção da sociedade, onde se faziam os negócios, onde toda a gente conhecia um tipo que podia arranjar algo mais barato, onde toda a gente sabia quem estava na mó de cima ou em maus lençóis. A seguir, os telefonemas começaram a ser retribuídos, com a cadência dos tinidos num sonar, e chegou-se a um consenso relativamente a um tipo que nunca o iria admitir. Porque a coisa tinha que ver com o fracasso. O tipo comprara uns terrenos nas docas a sul de St. Georg. E ia vendê-los para a construção de apartamentos. Mas as altas instâncias municipais preferiram apostar em St. Pauli. O homem

ficou apenas com um punhado de armazéns a cair aos pedaços. Depois de pagar uma bela maquia. Ficou envergonhado.

Mas Dremmler era um chefe e, como todos os chefes, um homem com carisma, portanto telefonou ao outro para que este lhe contasse o que se tinha passado. E a verdade é que contou, após cinco minutos de obscurecimento e rodeios, tudo porque tinha sido um negócio em dinheiro vivo. O gajo do armazém estava a esconder a coisa. Tinha os credores a irem-lhe às contas bancárias. Mas precisava de algum dinheiro para as despesas quotidianas. Por isso, não perguntara nada. Wiley aparecera sete meses antes. Haviam-se encontrado cara a cara. Wiley tinha um boné de basebol vermelho e a cara virada para baixo. Mais grandes maços de notas. Mostrou-se impaciente, como se estivesse em contagem decrescente para um plano qualquer urgente. Pagou bem acima do valor de mercado. O homem nem pensou duas vezes.

O tipo explicou a Dremmler onde ficava o armazém. Dremmler conhecia o sítio. Conhecia a ponte retangular. Pensou: *Achaste mesmo que iam fazer apartamentos aí? Não admira que estejas falido.*

— Muito obrigado pela sua ajuda. Quando chegar o momento, os seus serviços não serão esquecidos — afirmou.

Discutiram a possibilidade de ficar à espera no apartamento até que Wiley voltasse para casa, mas Sinclair declarou que o depoimento de Helmsworth obrigava a uma mudança de planos e que a carrinha de distribuição, com uma distância grande entre os eixos e um tejadilho alto, tinha passado a ser a nova prioridade número um. E não o próprio Wiley. Que agora era a prioridade

número dois. Por isso, Griezman ligou do telefone de Wiley e surripiou uma viatura de vigilância ao gabinete do presidente da câmara, onde o pânico estava a diminuir aos poucos. O tipo disse que podia estar a postos, à porta do prédio de Wiley, dali a mais ou menos cinco minutos. Portanto, saíram do apartamento, deixando tudo como tinham encontrado, dentro do possível, e desceram para a rua tal como tinham subido, pelas mesmas razões. Nos dois elevadores e pelas escadas, tudo ao mesmo tempo.

Avançaram para o passeio. À esquerda, encontrava-se um caminho para peões, em direção à água. Reacher conseguia ver ao longe um velho guindaste de um estaleiro, repintado a preto e dourado e curvado como um animal carnívoro antigo. Tinha um banco de parque logo ao lado, onde talvez estivesse um homem sentado. Era demasiado longe para se conseguir ver. Apenas um pontinho. A seguir ao guindaste, ficava uma ponte pedonal, que levava aos cais seguintes, onde havia outras duas, lembrando os ramos de uma árvore.

— O que há ali à frente? — perguntou.

— Primeiro, é uma espécie de parque urbano — respondeu Griezman. — E depois, mais adiante, é uma zona não urbanizada.

Reacher olhou em redor, orientando-se, norte, sul, leste e oeste. A seguir, fitou o que se encontrava à frente dele, depois do guindaste, no que lhe parecia ser um espaço amplo, em forma de leque, de início, um parque urbano muito bem cuidado, e, mais adiante, terrenos degradados. Só podia ser a mesma forma em leque que tinha visto de lado, na noite anterior. Se o mapa mental dele estivesse correto. Para lá da ponte de metal retangular. Onde ele tinha dado meia-volta. Lembrava-se do luar refletido na água preta.

Terrenos degradados.

Edifícios antigos.

Sítios onde esconder uma carrinha de distribuição com uma distância grande entre os eixos.

— Devíamos ir dar uma espreitadela — disse.

Avançaram os quatro lado a lado, ao ritmo de Griezman, que era lento. Passaram pelo edifício seguinte e continuaram. Ao longe, o pontinho sentado no banco levantou-se e afastou-se. Fim do descanso. De volta ao trabalho. Prosseguiram a caminhada, passando pelo meio dos dois últimos edifícios, na direção do velho guindaste. Depois deste, a ponte pedonal saltava para o cais seguinte, onde se podia escolher entre duas outras pontes, meio à esquerda ou meio à direita, para mais dois cais, cada um restaurado de forma diferente, com esculturas diferentes, como duas salas de um mesmo museu. E, desses cais, o número de pontes pedonais voltava a duplicar, com duas opções à esquerda e outras duas à direita, espraiando-se como dedos. Os cais eram construções gigantescas de granito, gastas, pretas e lodosas, ao passo que as pontes eram novas, claras e espaçosas, desdobrando-se, como as patas de uma aranha, em duas, quatro e por aí adiante. Uma coisa extravagante. Como um labirinto, mas não propriamente. O município tinha gasto dinheiro.

Mas não o suficiente. A seguir às últimas esculturas, lá bem ao longe, viam-se ervas daninhas, tijolos partidos e cachos de edifícios antigos abaulados. E, nessa zona, as pontes pedonais eram coisas velhas e de ferro. Um panorama tenebroso, que se estendia por vários hectares.

Havia imenso para vasculhar.

Mas era o mais lógico.

Reacher afirmou:

— Ele não iria querer estacionar do outro lado da cidade. Iria querer manter a coisa local. E estas pontes pedonais ajudam-no. Pode ir a pé para uma centena de armazéns ao abandono. Se calhar, até para um milhar. Aposto que metade nem tem dono. Podia mudar-se logo para lá. Trocava as fechaduras e ficava com o sítio para ele.

— E é aí que vamos encontrar a carrinha? — retorquiu Sinclair.

— Faria bastante sentido. Fica mesmo à mão. E quando for a altura, é uma viagem curtinha até ao aeroporto.

Voltaram para o carro. O veículo de vigilância já tinha chegado. Era bom. Passava despercebido. Entraram no *Mercedes* e saíram do complexo, contornando a rotunda nova e regressando ao cruzamento, com os edifícios altos em tijolo. Viraram à direita, para a estrada que Reacher já conhecia, passando por um corpo de água, uma espécie de doca em águas profundas ou então uma bacia, e, a seguir, viraram novamente à direita, para a passagem estreita e com pedras arredondadas que levava à ponte de metal retangular que Reacher tinha visto ao luar.

Do outro lado da ponte, ficavam as ruínas de uma civilização perdida. O domínio dos estivadores, versão século dezanove. Havia ruas pavimentadas com seixos onde caberiam à justa atrelados com aros de ferro e parelhas de cavalos. Havia barracões e armazéns à moda antiga, de todos os estilos e tamanhos, alguns já desabados e outros prestes a desabar. As paredes faziam bojo e cresciam árvores pequenas nas valetas para a água da chuva. Havia ruas secundárias por todo o lado. Parecia uma cidade dentro de outra cidade. Com imenso para vasculhar.

— Posso consultar os registos dos arrendamentos, à procura do nome Kempner — disse Griezman.

— Provavelmente, ele pagou em dinheiro vivo — respondeu Reacher. — Por baixo da mesa. Ou então está a dar uma de ocupa.

— Seja como for, vou ver. Pode haver indicação de alguma atividade invulgar. Não podemos fazer isto ao acaso. É uma coisa demasiado grande.

Griezman deu meia-volta no espaço entre um fabricante de cordas e outro de velas e foi-se embora, atravessando de novo a ponte de metal retangular.

— Precisamos de pôr um carro nesta ponte — disse Reacher. — É uma necessidade elementar. Esta ponte é a única maneira de entrar e sair daqui. Ele não tem mais nenhuma outra hipótese de levar a carrinha até ao porto.

— O gabinete do presidente da câmara ainda não libertou os meus homens — retorquiu Griezman.

— Mas já conseguiu sacar de lá um.

— Mas não consigo sacar dois.

Reacher ficou calado.

E Griezman disse:

— Bom, suponho que até podia pedir à divisão de trânsito. Eles não estão envolvidos na questão do parque de estacionamento do hotel. De certeza que o chefe-adjunto Muller estaria disposto a fazer-nos um favor.

— Peça-lhe isso em alemão — respondeu Reacher. — O inglês dele é péssimo.

Por essa altura, Wiley já se encontrava a mais de três quilómetros de distância. Uma rápida caminhada no sentido contrário, seguida de uma curta viagem de autocarro. Ficara com uma sensação muito estranha. Não era bem um temor, mas um forte pressentimento de algo. Vira os quatro pontinhos minúsculos a sair do prédio e a parar junto ao carro. Mas, depois, tinham começado a andar na direção dele. Lenta e ominosamente. Passando pelo prédio do lado e seguindo. Começou a conseguir discernir os pormenores. Dois homens e duas mulheres. Sem perceber bem como, a fitá-lo. Como se soubessem. As mulheres eram muito pequeninas ou então os homens eram enormes. Um estava vestido com tons verdes e o outro com tons caqui. Assim ao longe, não passava de uma manchazinha de cor, em miniatura e com grão, mas parecia ter uma forma volumosa. Como um blusão de ganga da Levi's. Como o dele. Coisa que ele já tinha visto, não há muito tempo, no parque, quando ia no autocarro. E tinha reparado nos imbecis do bar.

Impossível.

Ele era invisível.

Não era?

Levantou-se e afastou-se. Vagarosamente, sem quaisquer preocupações. Até desaparecer de vista. Nessa altura, apressou-se.

E, naquele momento, estava a atravessar a rua para entrar num café turco de nível médio e dirigir-se ao telefone que se encontrava na parede. Tinha imensas moedas. Um desperdício, quase de certeza, já que ainda era muito cedo, mas, de repente, sentia-se nervoso. O tipo do blusão de ganga tinha-o perturbado. A fitá-lo, como se soubesse.

Ligou para Zurique e indicou o número de código.

— Já houve algum depósito na minha conta hoje? — perguntou.
Ouviu matraquear num teclado.
Houve uma pausa.
E a resposta foi:
— Ainda não, senhor.

38

Muller ligou para Dremmler do gabinete. E disse:

— A divisão do Griezman pediu um favor à minha. O pessoal deles está todo ocupado lá no hotel. Querem que um dos meus agentes vigie a ponte, precisamente no sítio do armazém. Já sabem tudo.

— Não, não sabem — retorquiu Dremmler. — Só sabem que a carrinha está algures ali. Se soubessem exatamente onde, já a tinham. A única coisa que podem fazer é vigiar aquela passagem.

— E de quanto tempo precisas até estares pronto?

— Não sei. Imagino que meia hora pudesse dar jeito.

— Não posso atrasar a coisa meia hora. Isso é uma vida inteira. O Griezman é capaz de ir ver o que se passa. Já não tratei daquela coisa a sul de Hanôver.

— Então quanto tempo me podes dar?

— Nenhum — respondeu Muller. — Supostamente, devia tratar já daquilo.

— Nesse caso, tens algum agente que seja de confiança? — perguntou Dremmler.

— De confiança em que sentido?

— Um de nós, claro. Alguém que possa ser persuadido a revelar-se criterioso naquilo que participa. Para o bem da causa.

— Acho que isso é possível, sim. — afirmou Muller.

— Diz-lhe que o faço chefe-adjunto — ripostou Dremmler.

Reacher conheceu a secretária de Griezman à entrada do gabinete dele. Era de facto uma mulher simpática. Griezman falou com ela num alemão rapidíssimo e a mulher foi saindo a correr e regressando várias vezes, com homens de fato do departamento urbanístico municipal, cada um com maços de mapas, projetos e plantas históricas. Griezman abriu os melhores e mais relevantes em cima da mesa de conferências do gabinete. Um dos mapas dizia respeito à disposição das novas pontes pedonais. Outro era uma folha frágil proveniente dos arquivos, que mostrava como era a zona nos velhos tempos. E outro explicava que se encontrava previsto que o embelezamento daquela área avançasse para fora, com a forma de uma fatia de piza. Sem dúvida que, um dia, esse processo estaria finalizado. Mas não seria para breve. Para já, a ponta final estava bastante bem preenchida, mais uns quantos centímetros, mas há cinquenta anos que não se mexia no grosso da tal fatia, desde que, no pós-guerra, mulheres famintas e esfarrapadas tinham carregado tijolos e fizeram reparações.

Nessa extremidade do parque urbano, havia oito novas pontes pedonais, e a ideia seria obviamente utilizar uma, cheirar o ar, dar meia-volta e voltar de imediato para trás. Mas, caso se quisesse, também havia percursos sinuosos por onde continuar, por velhas pontes de ferro, passadiços, curvas bruscas e desvios. Não faziam parte do parque. Mas uma pessoa podia chegar à cidade fantasma.

Oito pontes pedonais finais. Oito opções para prosseguir caminho, mais umas quantas escolhas entre esquerda e direita e, a seguir, outras tantas. Um efeito cumulativo. Tudo somado, havia perto de vinte itinerários possíveis. Perto de vinte destinos possíveis. Cada um ficava cinco minutos a pé de quarteirões atrás de quarteirões de barracões, garagens e armazéns. Tudo somado, correspondia ao tamanho de uma cidade.

Wiley apanhou o mesmo autocarro no sentido inverso e saiu onde tinha entrado antes. Atravessou a ponte pedonal, mas recorrendo a outro caminho, que o levou a passar por trás de um edifício vizinho, até à esquina, onde pôde ver, escondido, o espaço à frente do prédio dele.

O *Mercedes* suspeito já lá não estava.

Mas agora, mais próximo de onde ele se encontrava, havia outro *Mercedes*. Novinho em folha. Um modelo topo de gama. Uma limusina. Muito preta e a brilhar infinitamente de tão polida. Com um motorista de luvas e boné com pala sentado ao volante. Um serviço de luxo, com certeza. Wiley percebia de carros. Um banco, talvez. A dar a um executivo júnior um cheirinho da vida boa. Para o manter ávido. Para o manter na linha. Ou, então, um casal a comemorar um aniversário. Uma ida a Paris. Carros tanto à partida como à chegada. Talvez o tipo tivesse feito alguma asneira. Talvez se estivesse a esforçar.

Wiley saiu de trás do edifício vizinho e avançou até ao átrio do prédio dele. Os elevadores estavam ambos no rés do chão. A meio do dia. Não se passava nada. Subiu até ao nono andar e puxou da chave.

Na berma, o motorista da limusina ligou o rádio e disse:

— O Wiley acabou de entrar em casa. Repito, o Wiley entrou.

— Mantenha a linha de comunicação aberta. Temos de ligar para o Griezman — responderam da central.

Ouviu-se estática e, a seguir, o homem da central voltou a aparecer na linha e anunciou:

— O Griezman disse para ficar aí quietinho e que viria assim que pudesse. Com os americanos. Quatro, ao todo. No carro do Griezman.

— Entendido — respondeu o motorista.

Desligou o microfone e voltou à pose anterior, boné para baixo, nariz levantado, mãos bem altas no volante, embora o carro estivesse parado e desligado.

Wiley abriu a porta amarela com a chave e entrou. Foi direto ao quarto pegar na mala. E daí para a cozinha. Dobrou o mapa pelos vincos originais, alisou-o e guardou-o no bolso da mala. Com a capinha de papel do agente de viagens. Com o bilhete de avião. Pegou no telefone e ligou para Zurique. Indicou o número de código.

E voltou a perguntar:

— Já houve algum depósito na minha conta hoje?

Ouviu matraquear num teclado.

Houve uma pausa.

E a resposta voltou a ser:

— Ainda não, senhor.

Wiley pousou o auscultador.

E depois ficou parado um segundo. A olhar em redor. Teve uma sensação esquisita. Havia uma perturbação no ar. Tinha acontecido

qualquer coisa.

O quê?

E o que importava isso? Nunca lá iria voltar. Fechou a porta ao sair e dirigiu-se para o elevador. Que se abriu de imediato. Tinha ficado ali à espera. Para poupar energia, calculou. Os alemães adoravam essas coisas.

Carregou no botão, as portas fecharam-se e desceu até ao átrio. Lá fora, avançou para o caminho e virou em direção à água. Em direção ao velho guindaste e às pontes pedonais que vinham a seguir.

O motorista da limusina ligou novamente o rádio, cheio de pressa, e disse:

— O Wiley está outra vez cá fora. Repito, o Wiley saiu outra vez de casa. Esteve lá dentro menos de cinco minutos. E agora está a afastar-se de mim, com uma mala.

Da central retorquiram:

— O Griezman e os americanos estão neste momento a caminho. Consegue segui-lo?

— Não. O Wiley vai por um caminho para peões e eu estou num carro com dois metros de largura.

— E não o pode seguir a pé?

— Só posso exercer funções que impliquem veículos. Por uma questão de incapacidade. Magoei-me nas costas.

— E consegue ao menos ver para onde ele está a ir?

— Está a caminhar na direção de um velho guindaste de um estaleiro.

— E a que distância ele está neste momento?

— A uns duzentos metros.

— E não há sinal do Griezman?

— Ainda não.

Griezman estava preso no trânsito. Uma amolgadela no cruzamento cercado pelos edifícios altos de tijolo. Subiu para o passeio e foi avançando nesga a nesga, pelos poucos espaços que ia descobrindo. Sinclair encontrava-se ao lado dele, à frente. Reacher e Neagley iam atrás. Por essa altura, já se encontravam mais impacientes do que ansiosos. Até que, por fim, conseguiram virar, contornando a nova rotunda, parando atrás da viatura de vigilância e recebendo a notícia do próprio motorista.

— Há quanto tempo? — perguntou Griezman.

— Há dez minutos.

— Já se foi.

— Com a mala — acrescentou Sinclair. — O que quer dizer que não vai voltar.

Reacher olhou em frente, para o velho guindaste e para o que havia depois. Vinte itinerários. Vinte destinos. Quarteirões atrás de quarteirões de barracões, garagens e armazéns. Tudo somado, correspondia ao tamanho de uma cidade.

— Ninguém teve culpa — afirmou Reacher. — De certeza que imaginámos todos que ele tinha vindo almoçar a casa. Tínhamos direito a contar com, no mínimo, trinta minutos.

— Você está muito animado — retorquiu Sinclair.

— O tipo está numa ilha artificial, com uma só estrada para sair de lá. A situação está controlada. Agora, tudo o que precisamos de fazer é descobri-lo e apanhá-lo. E o mais provável é encontrarmo-lo

com o veículo. Dois coelhos de uma cajadada, logo aí. Continuamos na nossa maré de sorte.

— Chama a isto sorte?

— No fundo, isso depende do que acontecer a seguir.

— Aquilo é uma área muito grande. Há vinte possibilidades de lá entrar.

— Vinte possibilidades de lá sair — corrigiu Reacher. — E apenas uma de lá entrar. Porque é uma área muito grande. Ele deve tê-la inspecionado de carro. De certeza que ganhou uma autorização de quatro dias de cada vez que se voluntariou para o armazém, o que lhe teria dado tempo mais do que suficiente para fazer o reconhecimento, mas, mesmo assim, estava a vir da zona de Frankfurt. Iria precisar de um carro. Alugado ou emprestado. Ou roubado, suponho. Portanto, pense nisso do ponto de vista dele. Um dia, o tipo vai precisar de esconder a carrinha. Entra pela ponte de metal. E o que se põe a procurar?

— Não sei.

— Não será da primeira coisa que vê. Estamos a falar de um assunto muito importante. Por essa altura, o tipo já está superconcentrado, mas também a ouvir o subconsciente. Quer secretismo e isolamento. Quer um cantinho escuro e furtivo. Acima de tudo, não quer dar nas vistas. Não quer estar mais perto nem mais longe, nem no maior ou no mais pequeno.

— Quer estar no meio.

— E agora já não estamos a falar de uma área tão grande. Acabámos de a reduzir.

Neagley acrescentou:

— E iria querer uma construção sólida. E que tivesse um número de telefone ativo por onde a pudesse arrendar. Não se iria armar em

ocupa. Muito pouco seguro para um assunto tão importante. Poderia acontecer tudo e mais alguma coisa. Iria querer tratar disso cara a cara. Com um maço grande de dinheiro. E iria deixar que lhe sacassem um bocadinho mais do que o necessário. Como se fosse um pacóvio. Porque assim passaria a ser a galinha dos ovos de ouro. E assim deixá-lo-iam em paz, na esperança de lhe conseguir extorquir mais alguma coisa quando o arrendamento chegasse ao fim. Portanto, estamos à procura de uma porta sólida, com um número para ligar a pedir informações preso com um pionés.

— E agora já reduzimos um bocado mais a coisa — completou Reacher.

— Ainda não houve nenhuma decisão da Casa Branca — retorquiu Sinclair.

— E porque será?

— Talvez as complexidades ultrapassem a compreensão humana. Ou talvez ainda não tenham admitido ao mundo o que aconteceu. Por ser demasiado embaraçoso. Na expectativa de que, entretanto, o problema desapareça, graças a nós.

— E qual delas é que é?

— Tenho a sensação de que devia saber. Mas não sei.

— Acho que é a segunda. O meu palpite é que querem que continuemos.

— Está a defender uma ação imediata?

— Vamos lá estacionar o carro na ponte — respondeu Reacher. — Vamos fazer pelo menos isso. E depois vemos o que acontece a seguir.

39

A velha zona das docas ainda tinha cabinas telefónicas, que, sendo alemãs, ainda funcionavam. Wiley ligou para Zurique e pagou o custo da chamada, uma nova longa sucessão de moedas estrangeiras, indicando depois o número de código e perguntando se, nesse dia, já tinha sido feito algum depósito na conta dele.

Ouviu matraquear num teclado.

Houve uma pausa.

E a resposta foi:

— Sim, senhor. Foi feito um depósito.

Wiley ficou calado.

— O senhor deseja saber o montante?

Wiley respondeu que sim.

— Cem milhões de dólares americanos e zero cêntimos.

— Já há um plano preparado — retorquiu Wiley.

— Já vi que sim. O projeto na Argentina. Deseja que lhe demos início de imediato?

— Sim — respondeu Wiley.

E fechou os olhos.

O sítio dele.

Visível do espaço.

O pequeno Horace Wiley. Abriu os olhos, desligou o telefone e, a seguir, voltou a fazer o mesmo caminho.

Em Zurique, a mensageira saiu do banco, por uma porta lustrosa mas anónima, em direção à rua, onde avançou até à esquina e fez sinal a um táxi para parar. Instalou-se no banco de trás e disse num alemão cuidadosamente treinado:

— Para o aeroporto, por favor. Partidas internacionais. O voo da Lufthansa para Hamburgo.

O taxista ligou o taxímetro e juntou-se ao trânsito.

Dremmler tinha conseguido a matrícula da carrinha de aluguer por intermédio de Muller, o que possibilitou que um amigo que tinha num concessionário da Mercedes-Benz localizasse o código de segurança por via do número de identificação de veículo, o que, por seu turno, possibilitou que outro amigo, de uma loja de peças de automóvel, fizesse um duplicado da chave da ignição. Que Dremmler entregou a um terceiro amigo, parte de uma equipa de dois propositadamente reunida. Eram ambos homens grandes, ambos competentes, ambos expeditos. Tinham estado na tropa. Atualmente, um era mecânico de motas. E o outro trabalhava como segurança para visitantes russos.

— O polícia da divisão de trânsito que está na ponte é meu — explicou Dremmler. — Pela parte que lhe toca, vocês são invisíveis. É um autêntico ceguinho. Mas, mesmo assim, não abusem da sorte. Entrem e saiam o mais rápido possível. Sabem onde encontrar a coisa e sabem onde a devem levar a seguir. Alguma questão?

O tipo da chave perguntou:

— O que está lá dentro?

— Uma coisa que nos vai trazer grande poder — respondeu Dremmler, o que achou ser um pouco vago, mas, provavelmente, verdade.

Deram com um carro da polícia da divisão de trânsito estacionado em frente à ponte de metal retangular. O homem que se encontrava lá dentro desceu o vidro da janela e informou-os de que não tinha passado nada por ali, num sentido ou no outro. Nenhum camião, carrinha, carro ou bicicleta e ninguém a pé. Nenhum movimento, ponto final. Reacher pediu a Griezman para dizer ao tipo para bloquear a estrada com o carro se visse aparecer uma carrinha de distribuição. Provavelmente branca e provavelmente com a matrícula original, mas nem uma coisa nem outra era certa. Podiam-na ter pintado com outra cor ou terem-na disfarçado de outra forma. Mais valia prevenir do que remediar. Se visse aparecer qualquer carrinha de distribuição, o tipo devia bloquear as faixas de rodagem e preocupar-se com as perguntas depois.

Griezman perguntou porquê.

Reacher respondeu-lhe que a ideia era despachar o assunto antes de a NATO se meter ao barulho. O que achou que Griezman fosse interpretar como uma hipótese de glória e reconhecimento individual. Talvez o tipo se quisesse candidatar um dia a presidente da câmara.

Griezman explicou ao polícia de trânsito o que devia fazer.

— Vamos dar uma vista de olhos — disse Reacher.

Griezman avançou pela rua fora, com os pneus a tamborilar nas pedras arredondadas, e atravessou a ponte de metal retangular, com o piso desta a zumbir e a retinir, seguindo-se mais pedras e depois a opção entre duas maneiras essenciais de explorar o local do ponto mais próximo ao mais longínquo. Uma era o próprio cais e a outra uma via principal, mais afastada da água.

— Para que lado? — perguntou Griezman.

— Pela porta dos fundos — respondeu Reacher.

Aqui e acolá, havia sinais de vida. Um tipo estava a soldar um carro desportivo numa garagem, com as portas escancaradas. E havia outro com uma loja de material eletrónico. Mas, de um modo geral, a maré já esvaziara. A distância entre o ponto mais próximo e o mais longínquo era de três quilómetros certos, podendo contar-se o número de empreendimentos pujantes pelos dedos de duas mãos.

— Acha que devíamos voltar e espreitar a parte do meio? — perguntou Griezman.

Reacher assentiu e disse:

— Acho que foi isso que o Wiley fez.

Griezman avançou com dificuldade por um espaço de cargas e descargas e atravessou outra vez o cais. Tecnicamente, a parte do meio teria mais de mil metros de comprimento. À volta de um quilómetro. E mais ou menos o mesmo de profundidade. Como a zona comercial de uma cidade com um tamanho razoável.

Wiley encontrava-se algures ali.

— Por onde prefere começar? — perguntou Griezman.

— Pense nisso do ponto de vista dele. O tipo tem de esconder uma carrinha. O que é que ele vê? Para onde vai?

Griezman abrandou e virou por entre dois armazéns, numa rua estreita que abria depois para um pátio, ladeado à esquerda e à

direita por armazéns com portas de madeira igualmente estreitas.

— Aqui, não — vaticinou Reacher. — Por alguma razão, ele alugou uma segunda carrinha. O que nos diz que tinha um sítio qualquer para a guardar. Por acidente ou de propósito, arrendou um sítio com espaço para duas. Portanto, não se trata de uma porta sólida, com um número para ligar a pedir informações preso com um pionés. São duas portas sólidas, com um número para ligar a pedir informações preso com um pionés a uma delas.

Coisa que havia em grande quantidade. Alguns avisos já eram antigos e estavam meio esbatidos. Não inspiravam confiança. Outros eram novos e continuavam perfeitamente nítidos. Mas tirando regressar ao gabinete e experimentá-los a todos, não havia maneira de saber quais desses números se encontravam ou não ativos. Reacher olhou em redor enquanto prosseguiam, visualizando o mapa que tinha visto, na mesa do gabinete de Griezman, na folha frágil proveniente dos arquivos, carregado de tinta e atafulhado de pormenores.

— O Wiley cresceu no Texas. Como se sentirá ele a guiar na Europa? — perguntou.

— Não muito bem — respondeu Sinclair. — É tudo estreito e estranho e as curvas são muito apertadas.

— Devíamos acrescentar essa sensação à nossa lista. Ele tinha de estar a manobrar um veículo comercial. Não se queria sentir preso nem encurralado. Acho que arrendou qualquer coisa numa das ruas mais largas.

Das quais havia um número significativo. Repetiam-se, como numa planta arquitetónica. E também havia ruas secundárias largas. Para os camiões mais pesados, com cargas maiores. Griezman parou numa. E desabafou:

— Isto pode demorar uma eternidade.

— E nós temos uma eternidade. Desde que o seu polícia de trânsito se mantenha acordado — retorquiu Reacher.

— Esteja descansado.

— Mas podíamos acrescentar um último fator. Acho que ele trocou as fechaduras. Ou juntou-lhes umas novas. Isto era um assunto muito importante.

E assim Griezman voltou a arrancar, lentamente, vasculhando a zona, com as quatro pessoas que iam no carro a esticar o pescoço, à procura de umas portas duplas sólidas, com um número de telefone plausível lá preso, espaço para manobrar à entrada e fechaduras novas.

A mensageira encontrava-se uma vez mais na fila da imigração, no aeroporto de Hamburgo. Estavam a funcionar as quatro cabinas anteriores, duas à mesma para a União Europeia, mais outras duas para fora dela. Estava a usar o mesmo passaporte paquistanês. Só que, dessa vez, vinha vestida de preto e trazia o cabelo arranjado. Viu o seu próprio reflexo no vidro. Tinham-lhe dito para não se preocupar caso lhe calhasse o mesmo tipo. Ele não se iria lembrar. Via um milhão de pessoas todos os dias.

Avançou, passando da terceira para a segunda da fila.

Do banco de trás, Reacher viu uma cabina telefónica numa esquina. E disse:

— Preciso de fazer uma chamada.

Griezman encostou e Reacher saiu do carro. Ligou para o número da sala do consulado. Vanderbilt atendeu. Reacher perguntou-lhe se Orozco já tinha chegado. Vanderbilt respondeu que sim e pô-lo em linha.

— Estou a postos para entrar em ação, chefe — disse Orozco.

E Reacher respondeu:

— Então o melhor é tratares já do assunto. Temos um bloqueio de estrada ativo deste lado. De uma maneira ou de outra, o negócio não vai acontecer. Eles vão perceber isso mais cedo ou mais tarde.

— Já o encontraram?

— Estamos perto.

— Para já, tudo em alta. É como estar a voar.

— Podes crer — retorquiu Reacher.

Desligou o telefone e ficou parado em silêncio. Ouviu o *Mercedes* de Griezman atrás dele, na berma, com o motor a roncar. Ouviu uma ténue penumbra de ruído da cidade, a um quilómetro e meio, e a buzina de um navio, mais adiante no rio. Mais perto, ouviu um compressor a trabalhar algures. Talvez estivesse alguém a pintar qualquer coisa com um aerossol. Em segundo plano, ouviam-se ruídos ocasionais de motores, como se estivessem a transportar coisas de um lado para o outro.

Aquilo não estava totalmente morto.

Wiley estava algures por ali.

Reacher voltou para junto do carro e disse:

— Eu e a sargento Neagley vamos continuar a pé.

A mensageira atravessou a zona de recolha de bagagens e entrou no terminal das chegadas. Esquivou-se de abraços e balões,

conseguindo chegar à rua. Que, no fundo, era um pouco subterrânea. As partidas ficavam por cima dela. Tinham-lhe dito que iria encontrar quem procurava na ponta esquerda daquela parte coberta. Perto de uma espécie de curral cheio de carrinhos com três rodas.

Viu-os ao aproximar-se, eram exatamente como os tinham descrito. Homens pequenos, secos e duros, com barba, cabelo escuro e pele morena. Traziam fatos-macaco abertos até à cintura, com camisas interiores por baixo, protetores para os ouvidos pendurados ao pescoço, protetores para os cotovelos nos cotovelos e protetores para os joelhos nos joelhos, mais umas capinhas de identificação transparentes à volta do bíceps, sendo que tudo isso se encontrava bem preso com correias elásticas grossas. As identificações eram do aeroporto. Os dois carregadores trabalhavam para uma transportadora conhecida por gozar de excelente relacionamento com as divisões de carga de muitas companhias aéreas soberanas do Médio Oriente.

— Deram o nome da filha de um cliente à Mercedes-Benz — atirou a mensageira.

— És uma mulher — retorquiu o tipo da esquerda.

— Isto é um assunto sério. Que melhor disfarce haveria?

— E sabes o que estás a fazer?

— E vocês sabem?

— A ideia era seres tu a dizer-nos.

— Então, é melhor confiarem em mim. Vamos apanhar um táxi para as docas antigas. Um homem vai entregar-nos uma carrinha de distribuição, com uma distância grande entre os eixos. E vocês vão trazer a carrinha para aqui para o aeroporto e carregá-la para dentro do avião. Entendido?

Os dois tipos assentiram. Era basicamente aquilo com que contavam. Carregavam coisas para dentro de aviões e tinham crachás que lhes davam entrada em qualquer portão de aeroporto. O seu a seu dono. Não estavam a contar serem chamados ao hospital para se ocuparem de uma operação ao cérebro.

Reacher e Neagley avançaram, cada um do seu lado do passeio, verificando portas e espreitando às esquinas. Tentaram ver o que viam como uma versão em câmara lenta do próprio Wiley, inspecionando a área, parando no final de cada quarteirão, sondando, escolhendo, esquerda, direita ou sempre em frente, a opção que lhe parecesse melhor, além de mais segura, secreta e isolada.

Por essa altura, já se encontravam bem no centro da parte do meio. E, por uma circunstância feliz, os sítios que pareciam melhores tinham todos o mesmo número de telefone. Avisos perfeitamente nítidos e laminados. Razoavelmente recentes. Wiley tê-los-ia apreciado. Ter-lhe-iam dado confiança. Referiam uma pequena imobiliária. Fiável. Profissional. E ele seria apenas mais um inquilino entre muitos. Não daria nas vistas.

— Já há uns trinta quarteirões que ando a ver o mesmo número — soltou Neagley. — Este tipo comprou um grande pedaço de terreno.

— Se calhar, quer construir um prédio de apartamentos.

Prosseguiram, parando no final de cada quarteirão, sondando, escolhendo, esquerda, direita ou sempre em frente. Reacher parou numa esquina. E olhou para a esquerda. Viu umas portas duplas. Sólidas. Verde-escuras. Desgastadas pelo tempo, mas não

corroídas. Um número de telefone. A porta da esquerda tinha descaído um pouquinho, e estava entreaberta. Havia cadeados abertos pendurados de esguelha em ferrolhos e num fecho. E a porta da direita estava toda escancarada. Um pequeno armazém. Escuro lá dentro, em contraste com a luz forte do dia.

Reacher aproximou-se.

Ouviu um som lá dentro. Uma respiração rápida e ofegante, murmurante e gorgolejante, terminando sempre com um ligeiríssimo arquejo ou gemido. O som de um tipo a esforçar-se para respirar, com as costelas partidas e sangue na garganta. Reacher sacou o *Colt* do bolso. Soltou a patilha de segurança. E pôs o dedo no gatilho. Não se afastou da parede, tentando espreitar pela nesga da dobradiça. Uma massa grande e escura.

Seguiu o ângulo da porta esquerda e encostou-se todo à parte final dela. Neagley esperou a um metro de distância. Substitui-lo-ia quando ele avançasse.

Escutou a respiração.

Um gemido ofegante e murmurante.

Afastou-se da porta e espreitou pelo canto.

Viu um espaço que dava para duas carrinhas. Uma das metades estava cheia e a outra metade, vazia. Na metade cheia, encontrava-se uma velha carrinha de distribuição, cheia de pó e com os pneus a ficar vazios. Tinha a palavra *Möbel* escrita de lado. Que em alemão queria dizer mobiliário. E a porta de trás subida. Lá dentro, estava um caixote de madeira sem nada. Talvez com uns quatro metros de comprimento e perto de dois de altura e largura, em madeira velha, dura e castanho-amarelada como se fosse metal.

A metade do espaço que estava vazia tinha um tipo no chão.

Estava deitado num lago de sangue, cada vez maior.

O cabelo, a testa, as maçãs do rosto. Os olhos encovados. Era Horace Wiley.

40

Wiley tinha o nariz, parecido com uma lâmina, partido, bem como um dos braços, pensou Reacher, pela forma como estava agarrado a ele. E a outra mão estava a pressionar o estômago com força. Sangue vermelho-vivo jorrava-lhe por entre os dedos. Estava a fitar o vazio, algures no horizonte longínquo, com uma expressão de tragédia estampada no olhar. Havia ali mais espanto e angústia do que Reacher já tinha visto. Mais desilusão extrema e dilacerante, mais dor, mais sentimento de traição, mais incredulidade boquiaberta perante as maneiras improváveis como o mundo pode esmagar uma pessoa.

Reacher aproximou-se dele.

E perguntou:

— Que aconteceu?

Wiley soltou um arquejo gorgolejante, com a voz a sair-lhe baixinha e titubeante.

Disse:

— Roubaram-me a carrinha. Esfaquearam-me. Partiram-me o braço.

— Quem?

— Alemães.

— Como?

— Eu estava aqui à espera. E apareceram dois homens. Esfaquearam-me e roubaram-me a carrinha.

— Estavas à espera de quê?

— De uns tipos que vinham buscar a carrinha. Fazia parte do acordo.

— Quando?

— Preciso de um médico, meu. Vou morrer.

— Ai podes ter a certeza — retorquiu Reacher. — Traição dá direito à pena de morte.

— Dói muito.

— Ainda bem — respondeu Reacher.

A seguir, ouviu um carro. Espreitou pela porta aberta. Eram Griezman e Sinclair, no *Mercedes* da polícia.

Sinclair ajoelhou-se junto de Wiley, falando, ouvindo, prometendo um médico em troca de colaboração, tentando arrancar informações com toda a pressa do mundo. Neagley olhou para o caixote vazio na carrinha da casa de móveis. Ao cruzar o olhar com o de Reacher, apontou para o recetáculo do dossiê secreto. Contraplacado fino, com uma meia-lua escavada para enfiar os dedos. A parte que o aprendiz tinha feito, onze vezes. A seguir, Reacher voltou com Griezman para a ponte de ferro, para ver o que o polícia de trânsito tinha capturado. Uma carrinha de distribuição, presumivelmente. Mas, não. Quando lá chegaram, o polícia de trânsito jurou que não tinha passado por lá nada. Carrinhas, carros, pessoas, nada de nada.

Reacher e Griezman regressaram ao armazém. Saíram do carro e não ouviram um pio. Sinclair e Neagley estavam no meio da escuridão, paradas e em silêncio. O lago de sangue no chão era agora maior. Mas já não estava a aumentar.

Wiley tinha-se esvaído em sangue.

Estava morto.

— Não passou nada pela ponte — anunciou Griezman.

Silêncio.

Foi então que Reacher ouviu outro carro.

Deu um passo para fora do armazém. Um táxi. Três passageiros. Uma mulher, com a cabeça para baixo, a tirar dinheiro da carteira. A pagar a corrida. E dois homens, a saírem do táxi, pequenos, secos e duros, morenos e barbudos, com roupa de trabalho e equipamento de proteção, olhando em redor, vendo Reacher, fitando-o olhos nos olhos e fazendo que sim com a cabeça de forma cautelosa. Como se estivessem a contar vê-lo ali. O que até estavam, imaginou. De modo genérico. Sabiam que um homem lhes ia entregar uma carrinha de distribuição. Tinham vindo buscá-la. Fazia parte do acordo.

Reacher pôs a mão em cima da pistola que tinha no bolso e avançou até à luz do sol. A mulher estava a enfiar a carteira na mala. E o táxi a arrancar. A mulher levantou a cabeça. Viu Reacher e pareceu momentaneamente baralhada. Reacher não era quem ela estava a contar ver. Tinha vinte e poucos anos, cabelo preto como o azeviche e pele cor de azeitona. Era muito bonita. Podia muito bem ser turca ou italiana.

Era a mensageira.

Os dois homens que a acompanhavam estavam a aguardar pacientemente, de forma estoica e tranquila, como trabalhadores

prestes a realizar tarefas rotineiras. Eram empregados de aeroporto, pensou Reacher. Recordou-se de dizer a Sinclair que Wiley escolhera Hamburgo por ser um porto. O segundo maior da Europa. A porta de entrada para o mundo. Talvez em tempos. Mas o plano tinha-se alterado. Agora, calculava que pretendessem enfiar a carrinha nas entranhas de um avião de carga. E, se calhar, fazê-la viajar até Adém, que era um porto bem diferente. Na costa do Iémen. Onde dez navios de carga sem rota fixa se encontrariam à espera para completar as respetivas entregas, após várias semanas no mar. Diretamente para Nova Iorque, D.C., Londres, Los Angeles ou São Francisco. Todas as grandes cidades do mundo tinham portos próximos. Lembrou-se de Neagley dizer que o raio letal era de um quilómetro e meio, e a bola de fogo teria três quilómetros de alcance. Tudo multiplicado por dez. Dez milhões de mortos e depois o colapso completo. Os cem anos seguintes na Idade das Trevas.

— Sim? — exclamou a mensageira.

Não era turca nem italiana. Pashtun, provavelmente, da fronteira noroeste. Uma tribo de tempos imemoriais. Cartógrafos obedientes desenhavam linhas e escreviam Índia, Paquistão ou Afeganistão, com os pashtuns a sorrir educadamente e a seguir o seu caminho eterno.

— Quem é o senhor? — perguntou a mensageira.

Reacher apontou com a cabeça para dentro da porta meio aberta e disse:

— O senhor Wiley está aqui dentro.

Os homens deixaram-se ficar para trás, para que a mensageira fosse à frente. Reacher observou-lhes os rostos. Viu-os a aperceberem-se da realidade. Um espaço vazio. Um homem morto

no chão. Um lago de sangue a ressequir. Três figuras por explicar paradas um pouco atrás dele.

Alguma coisa errada.

Reacher sacou da pistola.

Os dois homens e a mulher viraram-se para trás.

— Estão presos — afirmou Reacher.

As reações divergiram consoante o sexo. Reacher observou uma sucessão de conclusões antigas e desesperadas nos olhos dos dois homens. Eram trabalhadores temporários num país estrangeiro. Não possuíam estatuto, poder, influência, direitos ou expectativas. Não havia ninguém mais abaixo. Eram carne para canhão.

Não tinham nada a perder.

Enfiaram a mão no bolso. Puseram-se às apalpadelas no tecido pregueado, agarrando e dobrando, enterrando as mãos até ao fundo e puxando-as para fora. Reacher gritou, primeiro «*não!*» e depois «*nein!*», mas eles não pararam. Tinham uns revólveres pequeninos e esquisitos, de cano serrado. Aço claro, punhos de pinho claro. Canos minúsculos, como cotos. Reacher achou que Washington D.C., Nova Iorque e Londres estariam no topo da lista. A seguir, talvez Telavive, Amesterdão e Madrid. Depois, Los Angeles e São Francisco. Se calhar, a própria Golden Gate Bridge. Como Helmsworth tinha dito. *As ordens que tinham eram afixá-la ao suporte de uma ponte, ligar o temporizador e desatar a correr dali para fora*.

Disparou para o meio do corpo deles, dois tiros rápidos, dados um a seguir ao outro, da esquerda para a direita, e quando caíram ao chão, voltou a disparar, para a cabeça e à mesma distância, para garantir a coisa a cem por cento. O estrondo inicial esmoreceu e deu lugar a um apito estridente, de furar os tímpanos. Na parte

lateral da carrinha vazia e avariada da casa de móveis, a palavra *Möbel* ficou salpicada de sangue.

Reacher apontou para a cara da mensageira.

A mensageira levantou as mãos.

E disse:

— Rendo-me.

Ninguém respondeu.

E ela insistiu:

— Tenho boas informações. Sei as contas bancárias deles. Posso dar-lhes o dinheiro deles.

Sinclair assumiu o comando. Afinal de contas, era a oficial superior, numa lógica à NATO. De uma perspetiva municipal, Griezman até aceitou isso com alguma resignação, possivelmente por razões de *Realpolitik*, que era uma palavra alemã que significava saber quando não temos hipóteses. Ela disse-lhe que, se ele achasse que a carrinha ainda não atravessara a ponte, então devia retirar todos os homens que tinha adstritos ao gabinete do presidente da câmara para formar um perímetro compacto. Mandou Neagley ir à cabina telefónica para chamar Bishop, White e Vanderbilt. Waterman e Landry podiam ficar onde estavam, a cuidar do forte.

No espaço de uns minutos, Griezman já tinha dois carros na ponte. Agradeceram ao polícia de trânsito e mandaram-no para casa. A seguir, chegaram mais dois carros. Atravessaram a barricada, a conta-gotas, e instalaram-se à frente dos edifícios mais próximos. Uma simples questão de números. Uma carrinha de distribuição era uma coisa considerável. Uma fila comprida de

homens colocados lado a lado dificilmente a deixaria passar despercebida.

Reacher olhou para Wiley e depois para Sinclair.

— Ele explicou como tinha descoberto o caixote? — perguntou-lhe.

— Foi uma coisa que o tio Arnold lhe contou — respondeu ela.

— Que tipo de coisa?

— Tudo acerca das bombas atómicas. Até o tio Arnold achava aquilo uma loucura. Mesmo sendo um paraquedista militar, em que, basicamente, tudo aquilo para que foi treinado correspondia a uma missão suicida. Ia fazer parte da primeira vaga na maior batalha terrestre da história. Mas, ainda assim, havia qualquer coisa esquisita com as bombas atómicas. Demasiado poder para uma só pessoa. E, a seguir, contou-lhe a história do caixote desaparecido. Toda a gente acreditava que era verdade. Instalou-se o pânico nos bastidores. Demasiado, se fosse apenas uma questão de proteger o próprio couro. O tio Arnold pressupôs que, com as várias voltas e reviravoltas naturais da coisa, aquilo terminasse num armazém específico. Tinha a certeza. Mas não estava lá. E, pelos vistos, ele tomou isso como uma lição de humildade.

— E o Wiley tomou-o como quê?

— Uma lição de uma coisa mal identificada.

— E como foi que ele chegou a essa conclusão?

— Foi outra coisa que o tio Arnold lhe contou. Um assunto completamente diferente. O Arnold veio para cá muito cedo. A Alemanha ainda estava em ruínas. As pessoas passavam fome. E o exército empregava civis das diversas zonas. Sobretudo mulheres, já que era basicamente tudo o que havia. Uma espécie de Segurança Social, e assim escusava-se de destacar recrutas para

estenografar e escrever à máquina. E o Wiley juntou isso a outra coisa que o Arnold disse. As alemãs estavam dispostas a tudo para receberem dinheiro. Qualquer coisa por uma tablete de chocolate ou um maço de *Lucky Strike*. O Arnold aproveitou que se desunhou. E houve uma vez uma rapariga que lhe deu a morada da irmã. Que também alinhava. Só que ele não conseguiu encontrar a casa certa. A rapariga tinha escrito 11 e ele julgou que fosse 77. Por causa da letra dela. Os europeus põem um risco comprido à frente do um. Como o contrário de uma cauda. E o um parece um sete. E põem uma barrinha transversal no sete, para lhe dar um aspeto diferente. O Wiley acabou por se interrogar sobre o que aconteceria se um funcionário alemão escrevesse uma nota à mão e, a seguir, um funcionário americano a passasse à máquina. Ou vice-versa. Imaginou que pudesse haver enganos.

— Foi assim tão simples?

— Achou que o exército pensaria nisso. Achou que eles fariam gráficos e tabelas e que trocariam os uns por setes e os setes por uns. Mas, ao que parece, as histórias do tio Arnold eram uma loucura. Havia uma burocracia desenfreada. E o Wiley acabou por se interrogar então sobre o que aconteceria se um número passasse por três fases e não duas. Ou seja, suponhamos que um funcionário americano escrevia uma nota à mão, que, a seguir, um funcionário americano a passava à máquina e que, por fim, outro funcionário alemão escrevesse outra nota à mão, a partir da página passada à máquina. Ou ao contrário. A começar tanto pelos uns como pelos setes. Pôs-se a fazer ele gráficos e tabelas. E concluiu que isso seria um passo que o exército não daria. Concluiu que o exército não teria consciência das falhas do próprio sistema. E tinha

razão. O caixote estivera sempre ali. Encontrou-o à terceira tentativa.

Reacher ficou calado. Limitou-se a assentir e a afastar-se. A mensageira cruzou o olhar com o dele. E disse:

— Eu posso ajudar.

— Não quero o teu dinheiro — respondeu ele.

E ela retorquiu:

— É outra coisa. O gordo está enganado. Uma carrinha atravessou mesmo a ponte. Estava a ir-se embora quando nós chegámos.

41

Neagley levou a mala para junto do porta-bagagens do carro de Griezman, pousou-a em cima da tampa e abriu-a. Reacher chamou Griezman e pediu-lhe para a revistar.

— E porquê eu? — perguntou Griezman.

— Gostava que me desse a sua opinião — respondeu Reacher.

Griezman comportou-se como Reacher já esperava. Como um veterano perante um teste. Experiente, mas subitamente prudente. Como se soubesse que aquilo tinha de trazer água no bico. Uma armadilha. Estariam a avaliar a rapidez com que encontraria a coisa? O que estaria em jogo? Não sabia.

Ao fim e ao cabo, só três objetos se revelaram dignos de nota. Em primeiro lugar, o novo passaporte de Wiley, com o nome Isaac Herbert Kempner, por ser uma verdadeira beleza. Era completa, absoluta e inteiramente autêntico. Em segundo lugar, o mapa que tinham visto na cozinha dele, agora muito bem dobrado, pois tinha uma utilidade cartográfica limitada e, por conseguinte, potencial valor sentimental, o que talvez pudesse ajudar a explicar o estado de espírito dele.

O terceiro objeto era uma chave da Mercedes-Benz.

Provavelmente, não era de um *sedan*. Um bocadinho grande de mais. Demasiado plástico. Demasiado banal. Era o género de chave que, um dia, ficaria encardida. O género de chave que vinha com uma carrinha de distribuição.

Griezman concordou.

— É possível pôr um *Mercedes-Benz* novinho em folha a trabalhar sem chave? — perguntou Reacher.

— Não — respondeu Griezman.

— Então, a carrinha foi roubada com um duplicado.

— Sim — retorquiu Griezman.

— O que é difícil de arranjar.

— Sim.

— O seu departamento tem sido bastante impressionante. Desde o primeiro momento. O vosso desempenho tem sido excelente. Não acha?

— A modéstia não mo permite dizer.

— Estou a falar a sério.

— Mais uma vez, não posso comentar.

— Só houve um ponto fraco. A vigilância a sul de Hanôver nunca chegou a acontecer.

— Isso foi a divisão de trânsito.

— E foram eles que puseram o carro na ponte a nosso pedido.

— O que está a dizer?

— Estou a dizer que uma sequência de acontecimentos pode ser explicada de uma grande diversidade de maneiras.

— Indique-me uma, por exemplo.

— É tudo uma coincidência muito estranha.

— Indique-me outra maneira.

— A polícia deixa passar informação pela divisão de trânsito.

— Deixa passar informação a quem?

— A uma espécie de comunidade mafiosa. Mas não tem que ver com Itália. Tem que ver com alemães nostálgicos. Com membros, subdivisões, regras e cenas de toda a espécie. Mais ambições e objetivos. Foi o que ouvimos dizer.

Griezman ficou calado.

— Peço desculpa — continuou Reacher. — Estamos a esconder segredos e a cuscar os vossos.

— E, de um modo geral, tem alguma teoria?

— Só há duas possibilidades. A primeira é que roubaram a carrinha de uma garagem e a esconderam noutra, a uns três quarteirões de distância. Para quê? Por que razão possível e imaginável? Estarão a planear infiltrarem-se outra vez aqui à noite para a virem buscar? Será um *bluff* duplo? Será um *bluff* triplo? Fica tudo uma coisa muito esquisita e complexa. Prefiro a segunda possibilidade.

— Que é?

— O polícia da ponte estava a mentir.

— Isso é uma coisa grave para se dizer em voz alta.

— Eles roubaram a carrinha e foram-se embora nela. Com o tipo da ponte a fazer vista grossa. São coisas que acontecem. Não vale a pena stressar com isso. É o que implica haver uma cena mafiosa. Estamos a falar de um porto. Tem de ajustar o seu pensamento.

Griezman não respondeu.

— Faria sentido, tendo em conta o que a mensageira acabou de me dizer — insistiu Reacher.

— Que não é propriamente uma testemunha fiável.

— Concordo.

— E o que tem a carrinha lá dentro? — perguntou Griezman.

— O que mais detestaria que fosse?

— Uma série de coisas.

— É pior do que qualquer uma delas. Acredite. Por isso mesmo, temos de questionar tudo. Para podermos perceber onde procurar.

— Bom, suponho que um polícia de trânsito corrupto seja uma possibilidade teórica — retorquiu Griezman.

— Você conhece aquela gente. Disse-me que tinha de esperar pelo momento certo. Disse-me que não os podia prender por crimes pensados. Disse-me que precisava de crimes concretos.

Griezman ficou calado por uns segundos.

E depois disse:

— Falei com o chefe deles hoje de manhã. E, por acaso, até foi ele a última pessoa a ver o falsificador vivo. Queria saber o novo nome do Wiley. E tinha uma cópia do retrato-robô. O tipo chama-se Dremmler. Importa sapatos do Brasil. Tive de ir ao escritório dele. Não lhe podia pedir para vir ter ao meu gabinete. Disse-me que tinha pessoas em lugares que me surpreenderiam. Disse-me que eu tinha pela frente uma força poderosa, que dentro em breve ficaria ainda mais poderosa.

— Temos de ir fazer uma visitinha ao senhor Dremmler.

Griezman levou-os no carro para uma rua de uso misto, a cerca de quatro quarteirões do bar com a fachada de madeira envernizada. Aparentemente, era permitido utilizar néons naquela parte da cidade. O sítio de Dremmler era um prédio estreito de quatro andares, que fazia parte da reconstrução da década de 50 e possuía um letreiro iluminado, que percorria de um lado ao outro o espaço entre as janelas do último andar e a valeta para a água da

chuva. Estava escrito a vermelho, com uma caligrafia bonita e complexa, como se fosse uma marca famosa. À maneira de um letreiro americano à moda antiga da Coca-Cola. Dizia Schuhe Dremmler, que Reacher imaginou que quisesse dizer Sapatos Dremmler.

O elevador era lento. E o tipo não estava. A secretária explicou que o patrão atendera uma chamada e saíra. Não fazia ideia de onde ele teria ido. Nem fazia ideia de quando regressaria.

Voltaram para o consulado. Convidaram Griezman a entrar. Os outros já lá se encontravam. O cadáver de Wiley estava a caminho da morgue do hospital militar americano, em Landstuhl, num carro fúnebre pedido por Orozco. A mensageira estava trancada numa sala na cave, à espera de um U.S. Marshal, de umas algemas e de um avião para Dulles. E o iraniano estava sentado numa cadeira à janela. Orozco e o sargento dele tinham-no trazido. Fácil e tranquilo. Sem danos colaterais. Felizmente, fora o próprio iraniano a abrir a porta do apartamento. Depois, tinha-se seguido um rapto bastante simples. O tipo estava com um ar inseguro. A vida antiga dele terminara. E a nova estava prestes a começar, num sítio que ele nunca tinha visto. Orozco explicou que ninguém tinha ficado chateado. Disse que Bishop afirmara que, de qualquer forma, já iria dar essa ordem. O relatório pós-ação refletiria isso mesmo. Mas Orozco também disse que Bishop lhe tinha agradecido posteriormente, por, no mínimo, lhe ter poupado tempo. White estava contente. Importava-se com os agentes no terreno. Vanderbilt estava com um ar mais sorumbático. Disse que a CIA ficara cega em Hamburgo.

Foi então que Sinclair tomou a palavra. Falara com Ratcliffe e com o presidente. Tinha sido aberta uma série de canais secretos. A NATO e a União Europeia estavam em *standby*. Para algo ainda por especificar. O passo seguinte era preencher os espaços em branco. Os EUA respirariam fundo e admitiriam que, quarenta anos antes, tinham perdido o rasto a um caixote com armas nucleares. E a Alemanha respiraria fundo e admitiria que tinha gangues neonazis suficientemente poderosos para roubar um caixote dessa natureza. Um passo que os EUA e a Alemanha não queriam verdadeiramente dar. Partia-se do pressuposto de que nenhuma dessas admissões fosse inspirar admiração generalizada. Tomar-se-ia uma decisão final em breve.

— Eles querem que nós lhes tratemos do assunto — afirmou Sinclair. — Antes que em breve passe a agora.

— E disseram isso com todas as letrinhas? — retorquiu Reacher.

— As pistas foram bastante evidentes.

— Gostava de ter a certeza absoluta.

— Acho que, no fundo, há perguntas a que é melhor responder depois.

— E quanto tempo temos?

— Eles não podem ficar à espera eternamente.

Do outro lado da janela, estava a escurecer. Latitude norte, final da tarde.

— Aquilo dos Sapatos Dremmler é uma coisa muito importante? — perguntou Reacher.

— Ele gaba-se de um milhão de pares por semana. Cinquenta milhões por ano. Provavelmente, é treta, mas mesmo assim, de certeza que é um número grande.

— Portanto, o escritório que vimos deve ser só administrativo. Encomendas, faturas e esse género de coisas. O trabalho pesado deve ser feito noutro sítio.

— Nas docas — retorquiu Griezman. — O tipo é dono de parte de um cais.

— E tem pessoas em lugares que o surpreenderiam.

— Estamos a falar de uma jogada de último recurso? — perguntou Sinclair.

— Não, minha senhora — respondeu Reacher. — Estamos a falar de um palpite marado.

— Relacionado com o tipo dos sapatos?

— Primeiro, só como exemplo teórico. Imaginemos que ele é o grão-mestre de qualquer coisa. Tem membros espalhados por todo o lado. Inclusive na polícia. E, por isso mesmo, tem-nos acompanhado desde sempre. Ouviu falar do negócio logo no início. E depois resolveu apoderar-se da coisa. Para a glória máxima de seja lá o que for de que ele é grão-mestre. Aproveitou-se da nossa investigação. E funcionou. Conseguiu sacar a carrinha. Mas foi uma corrida desenfreada. O tempo esteve sempre a fugir-lhe. O tipo esteve sempre a tentar reagir ao que ia acontecendo. Não podia planear nada. A ideia era apenas tirá-la dali. E agora não sabe o que fazer com aquilo. Nem sequer sabe o que está lá dentro. Nunca deixaram passar essa informação. Acho que ele escondeu a carrinha num sítio qualquer perto. Temporariamente. Precisa de respirar fundo. Precisa de perceber o que se passa.

— É plausível — respondeu Sinclair. — Mas também o são outras cem possibilidades.

— Cem, não — retorquiu Reacher. — Dez, se calhar. Mas esta bate certo com o que sabemos. O Dremmler perguntou ao

falsificador qual era o novo nome do Wiley. E isso não pode ser uma coincidência. Além disso, o homem é dono de um cais. Um milhão de pares de sapatos por semana. São muitas carrinhas. Ninguém iria notar se houvesse mais uma.

— Só temos uma hipótese de acertar.

Ele lembrou-se de se servir da outra mão, da mesma maneira, quase não tocando na testa dela, enterrando bem os dedos e puxando-lhe o cabelo para trás. Dessa vez, tinha deixado ficar a mão esquerda onde tinha ido parar, colada à nuca dela. Que se lembrava de ser esguia e estar quente.

Nessa altura, tinha arriscado.

— A decisão é sua — disse.

— Não tem opinião?

— Eu vou, seja como for. Só por via das dúvidas. Porque se for este o tipo, também é o tipo que ficou a bater mal do ego quando lhe derrotaram a equipa júnior. Desde então, tem andado a atiçar pessoal contra mim. E eu mandei dizer que ele devia vir ter comigo em pessoa. Disse-lhe que podíamos dar uma volta ao quarteirão e discutir o assunto. Se calhar, está na altura de fazer com que isso aconteça.

42

Esperaram até que escurecesse por completo e o trânsito da hora de ponta esmorecesse. E toda uma série de discussões diplomáticas terminasse. Bishop afirmou que teria de lá estar. Levaria White e Vanderbilt no carro dele. Sinclair declarou que iria com eles. Griezman considerou que devia observar, em representação do município. E revelou todo o gosto em convidar Waterman e Landry para irem com ele de carro. Afinal de contas, eram do FBI. Seria uma honra.

Reacher e Neagley acompanhariam Orozco, no carro deste, conduzido pelo seu sargento, que era um tipo chamado Hooper. Era mais alto do que Neagley, mas não era enorme. Ele e Orozco tinham *Berettas* do exército. Reacher tinha um carregador novo no *Colt*. Por já ter gasto quatro balas.

Griezman encabeçou a comitiva. Era quem conhecia a zona. Levou-os pelo percurso mais pitoresco. A cidade foi adquirindo um aspeto mais sério à medida que as docas se aproximavam. Foi ficando mais rápida, eficiente e a trabalhar no duro, intensamente iluminada e repleta de movimento. Havia uma imensidão de contentores empilhados e de guindastes e atrelados em fila. Havia barracões de metal enormes, uns a seguir aos outros, nuns casos,

com nomes que Reacher conhecia, e, noutros, não. Avançaram e, quilómetro atrás de quilómetro, foram vendo o mesmo género de coisas repetidamente.

Foi então que viram outro barracão de metal enorme, grande e volumoso como as coisas modernas, com um letreiro em néon vermelho flamejante, à moda antiga, no telhado, numa estrutura de ferro também à moda antiga, bem lá no alto, escrito com uma caligrafia bonita, à maneira de um letreiro da Coca-Cola da velha guarda. Dizia Schuhe Dremmler, que queria dizer Sapatos Dremmler.

Griezman abrandou e passaram por lá devagar. O sítio parecia um estádio de tão iluminado. Do outro lado do barracão, ficava o cais. Presumivelmente, os sapatos saíam dos navios, entravam no barracão pela parte mais longínqua, onde eram submetidos a uma espécie de sistema de empacotamento, embalamento ou inventário, e iam parar à berma da estrada, onde se carregavam as carrinhas para a posterior distribuição. Um milhão de pares por semana. O que implicava evidentemente um turno da tarde. Mas talvez não um contingente inteiro. O sítio aparentava estar a funcionar a metade da capacidade. Talvez um pouquinho mais.

— Tens a certeza de que aquilo está ali dentro? — perguntou Orozco.

— Que parte não percebeste quando eu disse palpite marado? — retorquiu Reacher.

— Vamos esperar até mais daqui a bocado?

— Eles são capazes de ficar a trabalhar a noite inteira.

— E são capazes de estar lá dentro umas cinquenta pessoas.

— Todas com tarefas para fazer. Podemos estar a cem metros de distância. Não nos vão prestar atenção. A carrinha é capaz de ter

alguns guardas. Mas nós somos quatro. É trigo limpo.

— Se aquilo estiver lá dentro.

Pararam os carros duas portas à frente e saíram para o húmido ar noturno.

— Os objetos desaparecidos serão facilmente reconhecíveis? — perguntou Sinclair.

— Nunca vi nenhum — respondeu Reacher. — Mas pelo que o Helmsworth nos contou, estamos a falar de cilindros de metal com vinte e cinco quilos e enfiados em mochilas de lona. Podem parecer qualquer coisa.

— E terão alguma coisa escrita?

— De certeza que terão códigos para o número de série e a data de fabrico. Mas não vai ser como na parte de trás de um carro. Não vão dizer do que se trata.

— E é por isso que aqueles tipos ainda não entraram em pânico.

— A não ser que tenham encontrado o livro dos códigos. Isso é capaz de lhes dar uma pista.

— Só que está em código.

— É como disse o outro. Há que pensar no Dia D. De certeza que aquilo é fácil de compreender.

— Estamos a falar de um armazém cheio de sapatos. Acho que o teu palpite saiu furado. Isto é surreal.

— Tal como é afixar uma bomba atómica ao suporte de uma ponte e desatar a correr dali para fora.

— Isso era dantes.

— Eles não sabem o que têm. Estavam com esperanças de que fossem metralhadoras. Granadas, se calhar. Estão ali dentro a coçar a cabeça.

— É uma possibilidade. Mas só temos uma hipótese de acertar.

— Então é melhor esperar que seja a possibilidade certa.

— Mas será?

— Vamos perguntar a opinião do Griezman — disse Reacher.

Griezman encolheu os ombros. Na opinião dele, Dremmler era um arrojado e ambicioso instigador e demagogo. O homem adorava História, movimentos e causas, e o poder acumulado por grandes homens que atacam no momento certo. Griezman achava que, um dia, era possível que ele se revelasse muito perigoso. Mas, até então, era só garganta. Ou seja, não possuía experiência. Ou seja, era provável que se visse assoberbado com o primeiro projeto importante. Nunca se fazem planos para o que vem a seguir. Portanto, era plausível que ele parasse para respirar um pouco. Num local seguro. Por isso mesmo, era plausível que escolhesse as instalações dele. Aliás, era mais do que plausível. Era praticamente uma certeza. Ali estaria a comandar as coisas. Era a natureza humana.

— Se for ele — afirmou Sinclair.

— Só há uma maneira de ter a certeza — retorquiu Reacher.

Não valia a pena tentar ocultar nada. A estrada das docas estava intensamente iluminada. As zonas de carregamento das carrinhas estavam intensamente iluminadas. Os barracões de metal estavam intensamente iluminados. E, a seguir a estes, o cais estava intensamente iluminado. A única escuridão era a da água. Deram meia-volta na estrada e recomeçaram a dirigir-se para o barracão dos Sapatos Dremmler. Primeiro Griezman e depois Bishop abrandaram e pararam junto à berma. Hooper, o homem de Orozco,

ultrapassou-os e seguiu. De frente para o letreiro em néon vermelho. Aproximando-se do portão principal.

Entrou.

Visto de perto, o barracão era gigantesco. De um qualquer tipo de metal galvanizado e brilhante. Sem aberturas, janelas ou escotilhas. O telhado era maior do que as paredes. Todo inchado e volumoso, como um pão caseiro. Como um penteado ripado. Era estriado, galvanizado e fisicamente complexo. Por baixo dele, as paredes pareciam pequenas. A parede virada para a estrada tinha à volta de cinquenta entradas para veículos. Com portas que subiam, como nas garagens dos subúrbios, mas maiores, com cores primárias e escotilhas de plástico. A luz irrompia de lá. Talvez estivessem umas trinta portas abertas, numa linha sem interrupções, a contar da esquerda, terminando já depois do meio. Havia movimento nas primeiras vinte, aproximadamente. Carrinhas a entrar e a sair. A seguir, estavam mais dez portas abertas, mas, ao que tudo indicava, sem que nada lá se passasse. À direita, as últimas vinte encontravam-se completamente fechadas. O turno da tarde. Talvez só lidasse com encomendas urgentes.

Aproximaram-se ainda mais.

O interior do barracão tinha o tamanho de um estádio de futebol. Havia tapetes rolantes em movimento, pilhas de caixas que se elevavam até alturas imensas e empilhadoras de garfo a deslocarem-se de um lado para o outro. E barulho, pelos vistos. Os tipos que estavam lá dentro usavam grandes protetores amarelos para os ouvidos.

O que era capaz de ajudar.

Reacher disse:

— Estamos a falar de armas para os paraquedistas militares. Contava-se com combate terrestre imediato. Logo, devem ter previsto que balas perdidas atravessassem as mochilas. Portanto, provavelmente não explodem devido a isso. Quase de certeza que não. Mas, se possível, preferia não testar essa teoria.

— Se aquilo ali estiver — respondeu Orozco.

— Vamos lá descobrir.

Hooper entrou pela última das portas abertas mas não usadas e virou à direita, afastando-se da ponta movimentada do armazém, em direção à mais tranquila, por um canal para veículos assinalado com fitas. Pôs-se atrás da fila de portas fechadas, travou e parou, com Neagley a sair do carro. A seguir, voltou a arrancar e a travar, com Orozco a sair também. Por fim, arrancou de novo e travou pela terceira vez, e Reacher foi o último a sair.

Reacher ficou parado a ver Hooper afastar-se. A primeira coisa que notou foi o barulho. Os tapetes uivavam, chiavam e chocalhavam. E as empilhadoras zoavam e apitavam. A segunda coisa foi o cheiro. Um milhão de pares de sapatos novos. Como uma recordação de infância. Como numa sapataria na Main Street, só que mil vezes mais forte.

Nenhuma das carrinhas atrás dele era de distribuição. E, à frente, não havia nada a mexer-se. Não havia nada estacionado. Não havia veículos visíveis. Conseguia ver até ao cais. Uma distância grande, mas uma vista desimpedida. As luzes brilhavam com intensidade. Não havia ali nada.

Mas havia montanhas de caixas. Muitos sítios diferentes. A mais pequena ultrapassava o Kansas. E a maior era gigantesca. E

escarpada, a lembrar as montanhas Rochosas, ao longe. Uma paisagem que se estendia da esquerda para a direita. Perto da parede dos fundos. Mas não na parede dos fundos. Havia ali espaço por trás. Visualmente, não parecia ser muito, por comparação com toda a imensidão em volta. Mas, de perto e a uma escala humana, talvez fosse um pedaço útil. Talvez desse até para um veículo.

Reacher olhou para trás. Talvez estivessem uns cinquenta tipos a trabalhar. Equipados como se fossem jogadores de futebol americano, com macacões de alta visibilidade, capacetes e protetores para os ouvidos, mais outros arredondados a cobrirem-lhes os joelhos e os cotovelos, como os empregados do aeroporto. A maioria estava atarefada. Havia uns quantos parados a olhar. Hesitantes. Reacher acenou-lhes. E eles retribuíram-lhe o aceno, voltando-lhe depois costas. Uma velha lição. *Agir como se aquele fosse o nosso lugar*. Como se tivéssemos acabado de comprar metade da empresa. Venham conhecer o novo patrão.

Reacher deu meia-volta. Hooper tinha parado cinquenta metros à frente. Estava à espera. Orozco chegou-se ao pé de Reacher. E depois Sinclair. Tiveram de falar alto, por causa do barulho.

— Se não estiver escondida atrás das caixas, não está aqui, ponto final — afirmou Orozco.

— Não me digas, Sherlock.

— Um argumento em contrário seria que aquilo são imensas caixas para estar a empilhar à última hora.

— Acho que são permanentes — retorquiu Neagley. — Acho que o escritório deve ser lá atrás. Não vejo outra hipótese. Os tipos isolaram-se. Paz, sossego e lugares para estacionar.

Aproximaram-se mais. O cheiro era fortíssimo. Parecia que estavam a entrar num grande armazém comercial. A cadeia

montanhosa de caixas estava encostada, com a ponta para a frente, à penúltima das portas de subir, obstruindo-a por completo. O que queria dizer que precisamente a última porta de subir servia de caminho de acesso privado ao pessoal do escritório. Tal e qual como no exército.

Fizeram um desvio até à porta quarenta e sete, para perceber como funcionava. A boa notícia era que podia ser comandada manualmente. Um botão para subir e outro para descer. Ambos de plástico, com cores vivas e do tamanho de um pires. Como os primeiros cogumelos mágicos de uma pessoa. A má notícia era que se encontravam num painel na parte esquerda da porta. Do lado mais distante. Que correspondia ao canto de trás do tal espaço requisitado para uso próprio.

Orozco disse:

— Pode estar estacionada de frente para nós. Como um carro dos bombeiros. Pode sair daqui de um momento para o outro. Se se mexer, disparem contra os pneus.

E Reacher retorquiu:

— Se se mexer, disparem contra o condutor. Os *Davy Crocketts* medem pouco mais de meio metro. Se dispararem contra a cabeça do tipo, deve ser tranquilo.

— Se aquilo estiver lá dentro.

Reacher lembrou-se da mão de Sinclair no peito dele. Um sinal de *stop*. Mas, não. Um juízo e, a seguir, uma conclusão. Nada que se parecesse minimamente com confiança, ou sequer convicção, ou grande interesse, antes um puro risco. Valia a pena apostar nele.

— Sim — respondeu. — Se aquilo estiver lá dentro.

43

Estava. Reacher espreitou pelo canto final da cadeia montanhosa, com um olho apenas, e viu a carrinha de distribuição, que já não era branca, tendo sido repintada toscamente, a imitar um grafíti, com letras que pareciam balões, um W e um H, um S e um L. Estava estacionada de frente. Com a porta de trás subida. Lá dentro, estavam bolsas de lona robustas, repletas de alças, almofadadas e redondas, com cores de camuflagem que continuavam escuras e fortes. Nunca tinham visto a luz do dia.

À esquerda da carrinha, havia uma parede de janelas, que davam para uma sala grande mas vazia. E, à direita, ficava a parte de trás da cadeia montanhosa. Talvez um metro de distância para um lado e para o outro da carrinha. O espaço não era nada apertado. Assim de perto, parecia uma área abundante.

Não havia pessoas à vista. Nenhum guarda.

Reacher retrocedeu e verificou o outro lado. Estavam outros dois funcionários parados a olhar. Voltou para o sítio onde Orozco e Neagley se encontravam à espera. Hooper também já lá estava. Contou-lhes as novidades. Os três deram, um a um, a sua espreitadela, igualmente com um olho apenas. Orozco deu um passo atrás e disse:

— O escritório deve ter duas salas. Eles devem estar na dos fundos.

E Reacher respondeu:

— Ou então foram comprar piza e um jarro de cerveja. Para quê estar a montar guarda a umas quantas latas? Não sabem o que aqui têm.

— A prioridade principal é a carrinha. Não é o pessoal.

— De acordo — retorquiu Reacher.

— Por isso, vamos mas é roubá-la agora nós. Temos uma chave. Vai ser como arrancar do passeio enquanto o dono está dentro de casa a ver a bola.

Reacher assentiu. Em tempos, tinha passado por uma escola de combate do exército, onde o instrutor mais duro gostava de dizer que os melhores combates são os combates que não se têm. Não há risco de derrota nem de lesões. Por mais ligeiras ou improváveis que pudessem ser. Além disso, naquele caso, havia também uma dimensão política. Se a carrinha desaparecesse simplesmente, quem poderia dizer que ela tinha sequer existido? Era sempre útil poder negar uma coisa. Assentaria bem na narrativa. Qual caixote?

Claramente, o elemento mais ruidoso seria ter de subir a porta do armazém. Era comandada por um motor elétrico, por meio de correntes. Uma coisa lenta e demorada. Seria necessário que abrisse por completo. Estava em causa uma carrinha com um tejadilho alto. Trinta segundos, provavelmente. A ranger, a chocalhar e a arrastar-se para cima. Um som muito característico. Seria o mesmo que pôr um anúncio no jornal. Eles viriam logo a correr.

O melhor era sair de marcha-atrás. Pelo outro lado. Executar a manobra com cuidado, bem em direção ao centro do barracão, até onde fosse possível, e depois virar a carrinha para a frente e fugir

pela parte principal do armazém. Pela porta aberta que se encontrasse mais próxima. Tal como Hooper tinha entrado.

Agora a setenta metros de distância, estavam quatro funcionários parados a olhar.

— Muito bem, vamos lá a isso. Quem quer guiar? — perguntou Reacher.

— Vou eu — respondeu Neagley.

— Se eles ouvirem o motor, vão aproximar-se do teu lado. Portanto, vais precisar de cobertura. Mas não do banco do passageiro. Ainda podias apanhar com um tiro na cara. Vou acompanhar o carro a pé, do lado contrário. E quando parares de fazer marcha-atrás, salto lá para dentro e tu podes arrancar. A seguir, o Hooper e o Orozco podem vir logo atrás.

— Estou a contar fazer marcha-atrás bem mais depressa do que tu consegues andar. Estamos a falar de armas de paraquedistas militares. Aguentam uns quantos encontrõezinhos. Senta-te no banco do passageiro. Só não faças é aquela parte de me espetar um tiro na cara. Não é complicado.

Reacher olhou para o outro lado. Continuavam quatro funcionários a observar.

— Depressa — atirou. — Mas sem ser à maluca. Faz com que pareça uma coisa normal. A carrinha entrou e agora está a voltar a sair.

Espreitou pelo canto, uma última vez. Com os dois olhos. As janelas, vazias. A carrinha, à espera. Mais nada. Ninguém.

Entretanto, já estavam seis funcionários a olhar. Tinham avançado um passo, formando uma espécie de ponta de flecha. O tipo mais próximo encontrava-se a sessenta metros. Isolado pela distância e pelo barulho, mas a olhar fixamente.

Reacher deu a chave a Neagley.

E disse:

— Força.

Orozco e Hooper voltaram para o *Opel* azul. Entraram no carro e deslocaram-no para um ponto onde pudessem ver, de esguelha, a reentrância escondida, para efeitos de apoio, mas onde não obstruíssem a marcha-atrás de Neagley. Deixaram-lhe espaço para recuar e pôr-se ao lado deles. Depois, ela iria arrancar com o volante completamente virado e cortaria mesmo à frente deles, afastando-se. E eles segui-la-iam bem coladinhos, fazendo uma curva igual.

Neagley verificou o que tinha pela frente, respirou fundo e entrou na reentrância escondida. Reacher foi atrás. Ela percorreu o lado oculto da carrinha, até à porta do passageiro. E ele parou ao pé da porta da mala. E observou as janelas do escritório. Ela experimentou a porta do passageiro. Não estava trancada. Abriu-a por completo e subiu para o lugar do condutor. E ele esticou-se todo, pegando na correia e começando a descer a porta de trás muito lentamente. *Estamos a falar de armas de paraquedistas militares. Aguentam uns quantos encontrõezinhos.* Ainda assim. Não queria que se soltassem durante uma manobra violenta. Não as queria ver a rebolar e aos saltos numa esquina de Hamburgo.

Deu um puxão na correia e a porta desceu silenciosa, devagar e suavemente, zunindo e deslizando nos rolamentos de *nylon*. Trinta centímetros. Quarenta e cinco centímetros. Sessenta centímetros.

Reacher parou.

Merda.

Cruzou o olhar com o de Neagley no retrovisor e fez o gesto de cortar o pescoço com o cutelo da mão.

Abortar.

Já.

Neagley saiu da carrinha pelo lado do passageiro. Pela respetiva porta. Percorrendo o flanco pintado. E seguindo Reacher até um ponto seguro.

Orozco e Hooper voltaram do carro.

Na direção contrária, já havia uma dúzia de funcionários a observar. Um autêntico grupo. Continuando a formar a mesma ponta de flecha indefinida. A cinquenta metros de distância. Acercando-se pesadamente.

— O que se passou? — perguntou Neagley.

— Deviam estar dez bombas na carrinha — respondeu Reacher. — Mas só contei nove.

Hooper e Reacher nunca se tinham visto antes, por isso Reacher tinha a certeza de que Hooper não ia dizer nada. Nem Orozco. Cortesia do velho mundo a mais. Seria Neagley a dizê-lo. Iria juntar uma dezena de teorias alternativas, a começar por navios de regresso ao Brasil ou por carrinhas a seguir para Berlim. E depois a terminar, das duas uma, em resoluções bem-sucedidas ou em zonas de explosão, bolas de fogo e um milhão de mortos. Dependia tudo de uma pergunta crucial.

Que ela iria fazer.

— Tens a certeza de que contaste bem? — soltou.

Ele sorriu.

— Vamos usar a regra das duas pessoas — disse. — Uma salvaguarda nuclear básica. O Hooper devia ir lá ver. Mal me conhece. Continua a ser um observador imparcial.

E Hooper foi lá ver. Espreitou pelo canto, com um olho, muito cautelosamente, e, a seguir, entrou na reentrância escondida. Reacher ocupou o lugar dele no canto, espreitou com um olho e viu-o junto à porta da mala. O tipo era demasiado pequeno. À altura da zona de carga somava-se cerca de um metro até ao cimo das mochilas, o que significava que ele só estava a olhar para a fila da frente.

Foi então que Reacher viu um homem no canto do escritório. À direita. Bem lá ao fundo. Numa perfeita diagonal em relação ao ponto onde Reacher se encontrava. O que implicava que o tipo não conseguia ver Hooper. Ainda não. Não era o ângulo certo. Tinha o canto da carrinha à frente.

O homem do escritório mexeu-se. Estava à procura de qualquer coisa. Passava de secretária em secretária, a abrir gavetas, remexendo com o dedo grosso e avançando. Era grande. Parecia competente.

Hooper deu um passo atrás e pôs-se em bicos de pés.

O outro avançou, o equivalente a uma secretária.

E agora o ângulo já era o certo.

Havia muito barulho. Coisas a uivar, a chiar e a chocalhar. A zoar e a apitar.

— Hooper, entre na carrinha! — gritou Reacher.

Esperou que suficientemente alto para ser ouvido por um e não pelo outro. Hooper ficou paralisado por um milésimo de segundo e, a seguir, saltou lá para dentro com as palmas das mãos abertas, trepando apressadamente pelas mochilas e desaparecendo nas sombras.

O homem do escritório olhou pela janela.

E avançou mais um passo.

Observou a carrinha. E observou o espaço por trás da carrinha.

Fê-lo durante uns instantes.

E depois deu meia-volta e afastou-se, voltando para o canto lá mais ao fundo e passando por uma porta, em direção à parte escondida do escritório.

Reacher esperou.

O homem não regressou. Não o fez passado um minuto. Nem passados dois. Coisa que teria feito se tivesse ouvido. A natureza humana. Teria ido buscar as armas e os companheiros e regressado logo a correr.

Não ouvira.

— A costa está livre, Hooper! — gritou Reacher.

Nenhuma resposta.

Coisas a uivar, a chiar e a chocalhar.

Reacher gritou novamente, dessa vez mais alto:

— Hooper, a costa está livre!

Hooper esticou a cabeça para fora, na parte de trás da carrinha. A seguir, saltou para o chão, endireitou-se como uma mola e voltou para junto de Reacher.

— Nove bombas — disse. — E o livro dos códigos também desapareceu.

44

Na direção contrária, o grupo já tinha aumentado para cerca de vinte pessoas, que se encontravam a quarenta metros de distância. Continuava a ser uma coisa diminuta, no meio daquela vastidão industrial. Nada de ameaçador. Mas Reacher achou que o oposto já seria verdade. Os tipos estavam a fazer frente, solidários, ao que consideravam ser uma ameaça aos chefes que se encontravam no escritório. Estavam a preparar-se para cerrar fileiras face aos intrusos. Eram funcionários leais. Ou mais do que isso. Talvez alguns fossem mesmo membros de pouca monta da causa. Talvez fosse assim que um tipo chegava a capataz na Schuhe Dremmler.

— Que tal é o seu alemão? — perguntou Reacher a Hooper.

— Bastante bom — respondeu Hooper. — É por isso que cá trabalho.

— Vá dizer-lhes para terem calminha e voltar ao trabalho.

— E quer que eu diga isso de alguma forma específica?

— Diga-lhes que somos da polícia militar americana, que estamos aqui em representação da polícia militar brasileira, a efetuar uma vistoria de rotina relacionada com sapatos, e que, se formos obrigados a relatar uma receção hostil, o escrutínio será bem mais pesado.

— E eles vão acreditar em mim?

— Depende se for ou não capaz de ser convincente.

Ficaram a vê-lo, a quarenta metros de distância, cara a cara com o tipo que se encontrava na ponta da flecha. Ia utilizando frases compridas e falando de forma serena. O grupo não estava a ir na conversa.

— Preparem-se para o ir resgatar — afirmou Orozco.

— Mas não lhes deem pontapés nos joelhos — retorquiu Reacher.

— Porquê?

— Porque eles têm protetores.

Hooper continuou a falar. E a falar. O grupo começou a deixar de avançar. Até que parou. Mas sem ficar convencido. Hooper regressou lá de longe. E explicou:

— Dei o meu melhor.

— Eles vão chamar a polícia? — perguntou Reacher.

— Não lhes cabe fazer isso. Estão só confusos. E preocupados. Isto é um negócio de família.

— Então é melhor despacharmo-nos.

— E por onde começamos?

— Pelas informações. O que equivale ao escritório. E ao tipo que está lá dentro.

— Regras de combate?

— Pensamos em qualquer coisa depois.

Não repetiram as espreitadelas com um olho apenas. Escrutínio a mais. Não batia certo. Limitaram-se a contornar a pilha de caixas, de forma enérgica e rotineira, e a entrar na reentrância escondida,

como se precisassem simplesmente de uma assinatura para a papelada, de uma resposta a uma pergunta suplementar ou de uma cópia de um documento. Sacaram das pistolas assim que desapareceram de vista. A entrada para o escritório correspondia a uma porta no canto mais ao fundo do espaço, a seguir à carrinha, perto do painel manual que comandava a porta. Esta dava para a primeira sala, que possuía uma porta igual, também no canto mais ao fundo, pela qual se podia prosseguir, para onde quer que o tipo tivesse ido. Presumivelmente, para a sala de trás do escritório. Território desconhecido.

Ao abrirem a porta, foram invadidos por um ruído fabril vibrante, por isso entraram rapidamente e espalharam-se, a postos. Hooper foi andando de costas. Tinha como missão vigiar-lhes a retaguarda sem interrupções. Essencial para a confiança. Não havia nada pior do que não saber o que se encontrava atrás. O grupo podia ficar outra vez inquieto. Podiam aparecer reforços. O turno da noite, a chegar mais cedo. Ou especialistas, para darem uma opinião. Talvez veteranos do exército alemão, chamados de propósito para responder a uma pergunta simples: que raio são estas coisas?

Eles não sabiam o que ali tinham.

Avançaram, em direção à porta seguinte. Era estreita. Afunilava. Ideal para uma granada de atordoamento. Mas não tinham nenhuma. A porta estava aberta uma nesga. Reacher espreitou. E não viu nada. Apenas uma porção vazia de sala. Encostou o ouvido à abertura. E ouviu gente a falar alemão. Vozes masculinas. Perguntas e respostas. A denunciar frustração, mas não irritação. Perplexidade, mas também calma. Estavam a tentar perceber algo. Três tipos a conversar, pensou Reacher. Será que havia outros, mas calados? O som vinha mais da esquerda e possuía um tom

enclausurado e vítreo. Como se estivessem numa espécie de gabinete central e isolado, no canto esquerdo. E que ele não conseguia ver.

Recuou um passo. E olhou pela janela. Não tinham ninguém a segui-los. Ainda não. Indicou com gestos que havia, no mínimo, três pessoas, que se encontravam mais para a esquerda, no canto. Mediram o percurso a passo, costas com costas, do respetivo lado da parede divisória. A distância não era a mais conveniente. Demasiado grande, por dois passos, para permitir um efeito de completa surpresa. Hooper ficaria de guarda à porta, de costas para eles, com Neagley, Reacher e Orozco a avançarem, à vez, e a espalharem-se, dividindo os alvos, possibilitando três linhas de mira. À mínima brincadeira, despachariam todos, menos um.

Puseram-se a postos e nas posições correspondentes para aquela operação, primeiro Neagley, depois Reacher e por fim Orozco, com Hooper de costas. Neagley irrompeu pela porta dentro, dirigindo-se para a terceira base. Reacher ficou com a segunda. E Orozco parou na primeira. Onde deveria ser a quarta base, encontrava-se um cubículo envidraçado. Que funcionava como um escritório dentro de outro escritório. Estavam lá dois homens, cada um do seu lado de uma secretária. Um era o homem que Reacher já tinha visto. Um tipo grande e competente. E o outro era parecido.

Instalado numa cadeira, à frente da secretária, encontrava-se o décimo *Davy Crockett*. Como se fosse uma visita. Como se fosse um suspeito numa esquadra. Tinha a bolsa de lona aberta e puxada para baixo. O cilindro era verde baço. Tinha letras em branco. E um painel atarraxado ao topo, com seis botõezinhos de seta, mais três interruptores basculantes igualmente pequenos.

Atrás da secretária, sentado numa cadeira, estava um homem que Reacher presumiu ser Dremmler. Tinha ar de patrão de qualquer coisa. Parecia um chefe. Tinha à volta de quarenta e cinco anos. Um indivíduo imponente. Era loiro, mas o cabelo estava a adquirir uns tons cinzentos, e tinha uma cara vermelha, a ficar também cinzenta. Trazia um fato, com uma lapela larga. Um estilo alemão antigo. Tinha os cotovelos apoiados na secretária. E as pontas dos dedos unidas, pensativamente. Estava a estudar o dossiê secreto. Ou estivera. Naquele momento, estava a fitar Reacher. Ou o *Colt* governamental. Que estava apontado à cara dele.

«*Hände hoch*», disse Reacher.

Como num filme antigo a preto-e-branco.

Mãos ao ar.

Dremmler não se mexeu. Os homens que o ladeavam optaram pela versão própria de um durão, a aguardar pelo momento certo, com as mãos a subirem só até meio, dedos esticados, num movimento tenso e especulativo. Um cessar-fogo, mas não uma rendição.

Reacher aproximou-se.

E perguntou:

— Fala inglês?

— Sim — respondeu Dremmler.

— Está preso.

— Com que autoridade?

— A do exército americano.

Dremmler olhou para baixo, na direção da lona com cores de camuflagem e amarrotada.

— Andou a mexer nessa coisa? — perguntou Reacher.

— Ainda não — respondeu Dremmler. — Não sabemos o que é.

— Não é nada de interessante.

— Carregámos um bocadinho nos botões. No fundo, para ver como funcionavam.

— E os interruptores?

— Ligámo-los e desligámo-los um par de vezes.

— E agora está a estudar o dossiê. A tentar decifrá-lo.

— E o que é isto ao certo?

— Saiam cá para fora, um de cada vez — retorquiu Reacher.

O primeiro saiu de lá. O homem que Reacher já tinha visto. Avançou de forma alerta, tenso e a postos, a aguardar pelo momento certo. E, a seguir, saiu o segundo homem, exatamente da mesma maneira.

— Você fica aí — ordenou Reacher a Dremmler.

Dremmler deixou-se ficar à secretária, continuando com as pontas dos dedos unidas.

Reacher explicou aos dois homens:

— Estão sob detenção do Exército dos Estados Unidos. Por lei, sou obrigado a informá-los de que, se se meterem connosco, vamos lixá-los a valer.

Os dois homens ficaram quietos.

Reacher disse a Orozco:

— Vai com o Hooper levar estes tipos ao Griezman. E manda a Neagley ir vigiar a carrinha. A nova hora de partida é daqui a quinze minutos.

— Porquê?

— O tipo andou a mexer nos interruptores.

— Tem de ser preciso mais do que isso.

— Espero bem que sim. Mas gostava de confirmar. E o senhor Dremmler pode ajudar-me. Ele até tem o dossiê e tudo.

45

Dremmler manteve-se à secretária e Reacher sentou-se numa cadeira vaga, ao lado do *Davy Crockett*. Como um anfitrião e dois convidados. Uma conversa a três. Três pontos de vista. Mas em que nada foi dito. Pelo menos, durante os primeiros e vários minutos. Reacher tirou o dossiê de cima da secretária e tentou perceber o que lá dizia. Introduzia-se um código de seis dígitos rodando os botões de seta. Oficialmente, uma pessoa tratava de três dígitos e ligava o interruptor de ativação que lhe cabia, a segunda pessoa tratava dos outros três e ligava igualmente o respetivo interruptor de ativação. O interruptor do meio ficava desligado. Para que serviria? O dossiê não explicava.

Vinham elencados dez códigos de seis dígitos. Indexados a dez números de série. Prontos para o pau de giz de um armeiro.

— Que coisa é essa? — perguntou Dremmler.

— O que estava a contar que fosse? — retorquiu Reacher.

— Não sei do que está a falar.

— Para ajudar a sua causa a marcar uma posição.

— É melhor ir-se embora imediatamente — afirmou Dremmler. — Esta conversa chegou ao fim.

— Ai sim? — retorquiu Reacher.

— Você não possui nenhuma autoridade aqui. Isto é um simples mal-entendido. Nem sequer sei o que aquela coisa é.

— É uma bomba. E você roubou-a. Depois de andar a perguntar qual era o novo nome do Horace Wiley.

— O Griezman teria grandes dificuldades em avançar juridicamente contra mim.

— Por você ter pessoas em lugares que são capazes de o surpreender?

— Centenas e centenas de pessoas.

— E você é o chefe delas?

— Tenho essa honra.

— E está a chefiá-las para onde?

— Querem o país delas de volta. E eu vou certificar-me de que o têm. E mais do que isso. Vou certificar-me de que têm o país que merecem. Novamente forte. Com propósitos puros. Toda a gente a remar para o mesmo lado. Chega de inúteis. Chega de interferências exteriores. Não será tolerado nada desse género. A Alemanha será dos alemães.

Reacher ficou calado durante um longo momento.

E a seguir perguntou:

— O que sabe você da história do seu país?

— Da verdade ou das mentiras?

— Do terror, do sofrimento e dos oitenta milhões de mortos. Aprendemos isso nas aulas. E depois, à noite, púnhamo-nos na converseta e alguém falava de uma máquina do tempo, que permitiria que voltássemos atrás e eliminássemos o tipo. O que faríamos?

— E qual era a sua opinião?

— Eu era todo a favor. Mas era uma pergunta estúpida. Não existem máquinas do tempo. E, retrospetivamente, as coisas são sempre fáceis de analisar. Eu achei que o verdadeiro desafio era fazer a pergunta ao contrário. Começando no aqui e agora. Olhando para o futuro. Antecipando. O que é o oposto de uma máquina do tempo. Haveria algum tipo que pudéssemos eliminar hoje, para que amanhã ninguém precisasse de sonhar com máquinas do tempo? E, se houvesse, seríamos capazes de fazer isso? Imaginemos que nos enganávamos. Mas imaginemos que acertávamos. Oitenta milhões de vidas por uma.

O relógio mental de Reacher indicou-lhe que os quinze minutos já tinham passado. A bomba estava ótima. Andar a rodar e a carregar aleatoriamente não produzia nenhum efeito. O que fazia sentido. Uma má aterragem de paraquedas poderia ter sido pior.

Continuou:

— Tratava-se de uma questão moral, pura e dura. Alguns respondiam que não, já que o tipo não tinha violado lei nenhuma. Ainda não. Mas o mesmo se aplicava, num determinado momento, a todos eles. Se fôssemos capazes de voltar atrás numa máquina do tempo para fazer isso, porque não o havíamos de fazer logo? Outros mostravam-se preocupados com graus de certeza. E se só tivéssemos noventa por cento de certeza? E outros diziam que mais valia prevenir do que remediar. O que, por lógica, implicaria tudo o que fosse melhor do que cinquenta por cento. Mas, no fundo, não. Tudo o que fosse superior a um por cento já poderia valer a pena. Uma hipótese em cem de salvar oitenta milhões de pessoas do terror e do sofrimento? Tem alguma opinião, senhor Dremmler?

Dremmler não respondeu.

E Reacher prosseguiu:

— Ainda não tínhamos terminado o curso. West Point é uma faculdade. Era o género de coisa de que se falava na altura. Seria a sério? Não interessava. Não havia maneira de provar que faríamos o que tínhamos dito. Ou que não faríamos. Mas a vida é tramada. Agora tenho a oportunidade de responder a essa pergunta na vida real. Será que o que eu disse há uma série de anos era tudo uma treta?

Disparou contra o coração de Dremmler e, quando este deixou de se mexer, voltou a disparar, para a cabeça e à mesma distância, para ter a certeza absoluta. A seguir, guardou a pistola no bolso, enfiou o dossiê dentro da mochila camuflada, pôs o *Davy Crockett* ao ombro e dirigiu-se para a carrinha. Deu um passo para o lado, carregou no cogumelo mágico verde, para abrir a porta, e depois abriu a da carrinha, para largar a mochila junto das outras nove irmãs. Fechou a porta e trancou-a bem.

Entrou para o lugar do passageiro.

— Estás bem? — perguntou Neagley.

— Melhor do que nunca.

— De certeza?

— Mas és a minha mãe ou quê?

A porta subiu por completo.

— Arranca — disse Reacher.

O NSC executou um protocolo de emergência pelo qual os participantes foram dispersos de imediato, para reduzir o risco de identificação visual e, consequentemente, o risco de intimações judiciais. Em dezasseis horas, Reacher já estava no Japão. Ouviu dizer que uma empresa de recuperação nuclear tinha sido chamada

para descarregar a carrinha. Os tipos tinham um veículo à moda antiga, dos tempos em que mísseis com ogivas nucleares caíam dos aviões e aterravam nos campos. Mais tarde, soube que White e Vanderbilt tinham seguido diretamente para Zurique, com a mensageira. Tinham esvaziado uma conta e enchido outra. A CIA ganhara seiscentos milhões. O iraniano recebera um apartamento em Century City. Passada uma semana, já tinha emprego na indústria cinematográfica. Os sauditas foram mandados regressar ao Iémen. Depois disso, não houve mais rasto deles. Wiley foi enterrado num cemitério com valas comuns, na berma de uma autoestrada alemã, sem lápide nem placa.

Reacher viu Sinclair uma última vez mais ou menos dois meses depois, quando o chamaram a Washington. Para receber uma medalha. Ela enviou-lhe um bilhete a convidá-lo para jantar. Na noite anterior à cerimónia. Em casa dela. Uma moradia suburbana, em Alexandria. Ele usou as calças dos fuzileiros e a *t-shirt* preta de Hamburgo, ambas lavadas e dobradas por uma lavandaria japonesa. Sem blusão, pois estava calor. Tinha cortado o cabelo, tomara duche e fizera a barba. Ela trazia um vestido preto. Com diamantes, em vez de pérolas. Comeram numa mesa do tamanho de um barco. Velas tremeluziam. E os diamantes cintilavam. Ela disse-lhe que tinha boas notícias. Os mauzões estavam a penar. Tinham sofrido um revés financeiro significativo. Seiscentos milhões eram uns trocos valentes. Hamburgo estava fora de questão para transporte aéreo. Porque os dois tipos tinham sido cruciais. A mensageira revelara-se útil. Identificara uma estrutura qualquer no mapa. E eles tinham preenchido uns quantos espaços em branco.

Mas também havia más notícias. Wiley não fizera testamento e, para já, continuava a ser dono do rancho na Argentina. Não conseguiam encontrar o fio à meada. Ainda havia muita coisa que não sabiam. Continuavam a andar num caos constante, a tentar perceber o que se passava.

A seguir ao jantar, fizeram uma tentativa muito pouco convicta de levantar a mesa, mas acabaram entalados junto um do outro à entrada da cozinha. Ele sentiu o cheiro do perfume dela. Estava novamente nervoso.

— Faz como fizeste da outra vez — disse ela.

Ele levantou a mão, tocando-lhe ao de leve na testa, com a ponta dos dedos, e enfiando-lhe os dedos no cabelo. Puxou-o todo para trás, deixando uma parte presa atrás da orelha dela e outra solta.

Ficava-lhe bem.

Tirou a mão.

— Agora faz isso do outro lado — pediu ela.

Ele serviu-se da outra mão, da mesma maneira, quase não lhe tocando na testa, enterrando bem os dedos. Deixou ficar a mão esquerda onde esta foi parar, colada à nuca dela. Que era esguia. E estava quente. Ela encostou a mão aberta ao peito dele. E depois enfiou-a na nuca dele. Puxou-o para baixo e ele puxou-a para cima. Beijaram-se, sentindo-se de repente outra vez à vontade. Ele descobriu-lhe a pecinha de metal, em forma de lágrima, nas costas do vestido. Fê-la deslizar lentamente e passar-lhe pelo meio das omoplatas e pela região lombar.

— Vamos lá para cima — disse ela.

Foram para o quarto, onde ela se pôs em cima dele. Montou-o como se fosse uma vaqueira, mas virada outra vez para ele, com as

ancas para a frente, os ombros para trás, a cabeça levantada e os olhos fechados. Os diamantes iam-se agitando e baloiçando. Tinha os braços para trás, como da primeira vez, esticados e afastados do corpo, com os pulsos dobrados e as mãos abertas, as palmas perto da cama, a pairar, planando numa almofada de ar invisível, como se se estivesse a equilibrar. E estava mesmo. Como anteriormente. Estava a equilibrar-se num determinado ponto, apoiando o peso inteiro nele, balançando-se para trás e para a frente, desviando-se ligeiramente para um lado e para o outro, como que perseguindo uma sensação, encontrando-a, perdendo-a e encontrando-a de novo, até ao final ofegante.

Na manhã seguinte, Reacher chegou cedo a Belvoir. A mesma sala interior. A mesma mobília dourada e o mesmo punhado de bandeiras. O chefe do estado-maior a presidir. O que era simpático. Havia quatro condecorações para atribuir. As primeiras quatro correspondiam a Medalhas de Louvor do Exército. Não eram tão bonitas como a Legião de Mérito. Mas também não eram a pior coisa que ele já tinha visto. Um hexágono em bronze, com uma águia esculpida. A fita era de um verde fresco, da cor da murta, com risquinhas e barras brancas. O equivalente a uma Estrela de Bronze, só que não na guerra.

Fica com a bugiganga e não abras a boca.

A quinta condecoração era uma Estrela de Prata para o major-general Wilson T. Helmsworth.

Seguiram-se umas andanças de um lado para o outro, umas conversas de circunstância e uns apertos de mão. Reacher foi-se

aproximando da porta. Ninguém o deteve. Entrou no corredor. Não lhe apareceu nenhum sargento. Tinha o resto do dia só para si.